UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"PERSPECTIVA ARQUETÍPICA E
HOLÍSTICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
FUNDAMENTO, VIVÊNCIA E PRÁTICA"

Candidata: KAZUE MATSUSHIMA

Orientadora: Profa Associada Yolanda Cintrão Forghieri

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia,
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Doutor
em Psicologia - área de concentração
PSICOLOGIA ESCOLAR.

COMISSÃO JULGADORA

Profo. Associado Sérgio de Almeida Rodrigues

Senhor Carlos Amadeu Botelho Byington

Profa Dra Elizabeth Ranier Martins do Valle

Profo Drº Raymundo Manno Vieira

Profa Associada Yolanda Cintrão Forghieri

Defesa - 1992

'A Harumasa, meu pai, **in memoriam**.

Sincrônico ao seu falecimento, uma árvore enorme e sã secou subitamente. Este fato ficou sempre impresso na minha memória como símbolo do sentimento da natureza para com aquele que lhe tinha enorme respeito e amor.

SUMARIO

Agradecimentos.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
RESUME.....	8
 CAPITULO I. INTRODUÇÃO METODOLÓGICA.....	 9
1.História do percurso de uma "aventura arquetípica".....	9
Da perspectiva multi e interdisciplinar `a arquetípica	
2. A propósito do Sujeito e do Objeto na Ciência.....	63
 CAPITULO II. COSMOVISÃO E ECOLOGIA.....	 78
A unidade entre a Natureza,o Homem e a Cultura	
1.Preliminares.....	79
2.O plano da realidade atemporal, isento de dualidade.....	81
3. A descida da energia original ao domínio temporal.....	86
4.Da potencialidade latente`a forma manifesta.....	89
5.O masculino e o feminino, o mais arcaico par de opostos complementares.....	95
6.Função transcendente,mutação e epigenesia: princípios básicos do desenvolvimento.....	101
7.A plenificação da singularidade: sucessão ecológica e individuação.....	108
8.Reciclagem e retorno `a origem: a chave do desdobramento da vida a partir da mesma quantidade de energia e matéria.....	120
9."Consciência" o dado mais recente da vida.....	140
10.Imagens dos minúsculos ciclos de transmutações.....	158

CAPITULO III. DILEMA CONTEMPORANEO E EDUCACAO AMBIENTAL.....174

1.Preliminares.....	175
2.Universo humano de miragens e conceito de Educação Ambiental.....	177
3.O "lugar" a partir do qual "fala" o Homem moderno e o "lugar" a partir do qual se propõe a fazer Educação Ambiental.....	188
4.Individuação como contraponto ao dilema contemporâneo e Educação Ambiental.....	195
5.Aspectos do dilema contemporâneo e referências básicas em Educação Ambiental.....	204

CAPITULO IV. VIVENCIA E PRATICA DE UMA CONCEPCAO TEORICO-FILOSOFICA.217

proposta de um sistema de trabalho de formação em Educação Ambiental

1.Preliminares.....	218
2.O sistema de trabalho.....	221
2.1.Ideia global.....	221
2.2.Carga horária total e por sequência de atividade.....	225
3.Desenvolvimento das etapas e processos de trabalho de formação em Educação Ambiental.....	227
3.1.O trabalho preliminar:estabelecimento de ambiente e relacionamentos baseados em confiança e não assentados em autoritarismo e poder.....	227
3.2.Dinâmica 1: Formação teórico-filosófica: A passagem da perspectiva multidisciplinar à arquetípica e holística; O papel do Sujeito e do Objeto na Ciência; Cosmovisão e Ecologia;Dilema Contemporâneo e Concepção de Educação Ambiental.....	234
3.3.Dinâmica 2: Atividades de aquecimento,percepção sensorial,corporal e ambiental.....	255
3.4.Dinâmica 3: Atividades de conhecimento,expressão e transformação do meio.....	276
3.5.Dinâmica 4: O trabalho Final:exposição de trabalhos individuais e síntese avaliativa do processo de trabalho.....	303

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....315

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....320

Agradecimentos

Durante a vida recebi inúmeras ajudas. Muitas delas chegaram-me por vias e formas "estranhas", por isso, não as compreendi bem na ocasião em que elas se apresentaram. Ao longo deste trabalho, ao tentar integrar os dados que fui colhendo no âmbito da vida, do trabalho e da formação acadêmica, percebi o quanto essas "estranhas" ajudas estavam preñes de significados e interligadas umas às outras. Sem elas este trabalho não teria se realizado: sou grata ao Alto, à Vida e aos meus Ancestrais.

Agradeço de modo particular à minha orientadora, Yolanda Cintrão Forghieri. Não fosse o seu acolhimento e a sua natureza aberta, firme, paciente, cuidadosa, amiga e, especialmente, a sua capacidade de permitir aos outros a liberdade de serem eles mesmos, este trabalho não teria tido ocasião de seguir o seu rumo, tampouco de ter-se revelado.

O meu interesse e ingresso na área de Meio Ambiente foram, em muito, propiciados pelo amigo e professor Raul Ximenes Galvão, *in memoriam*. Era um privilégio contar com a sua visão antecipada, alegre e brilhante da questão ambiental e, sobretudo, da vida.

Pela minha formação em Aikido, cujo conhecimento em muito participa da produção deste, sou grata ao Sensei Kenzei Ono. Ele nos tem passado, sem reservas, um precioso saber. Agradeço também aos professores e colegas da Associação Pesquisa de Aikido com os quais tenho aprendido muito durante os treinos.

Agradeço aos alunos, vivos interlocutores, que participaram dos diversos cursos de Educação Ambiental que ministrei entre 1986 e 1991. Eles me ajudaram a encontrar o modo de trabalhar que ora apresento.

Serge Caschetto representa a pessoa que, pelo bem estar que emanava a sua capacidade de ser sempre ele mesmo, inoculou-me a suspeita de que o fato mais essencial da vida reside na busca daquilo que nos pertence de modo único. Este trabalho representa uma parte do percurso realizado em direção à essa busca.

O início da compreensão da linguagem que só se comunica simbolicamente e o de mim mesma devo a Maria S. Galante e a Heloisa H. Marton. As suas contribuições estão aqui permeadas.

A escuta sempre disponível, atenciosa, amiga e profissional de Rosicler Martins Rodrigues sou muito grata. Dela recebi as primeiras opiniões e comentários sobre este trabalho. Eles me foram extremamente valiosos.

François T.M.V. Van Sebreeck conduziu-me gentilmente pelas matas de sua antiga cultura de bananas e permitiu-me fotografá-las e publicá-las. Aqui vai o meu obrigado.

Agradeço a participação cuidadosa de Arlete A. Betini da revisão final do original.

Sou grata às aquelas afetuosas ajudas que me foram propiciadas em determinados momentos do trabalho pela Maria, Vera, Daniela, Noronha, Neide, Linda, Mônica, Roberto, Geraldo, Terrence.

Ao CNPq, agradeço o apoio e a confiança em mim depositada.

Matsushima K. Perspectiva Arquetípica e Holística em Educação Ambiental: Fundamento, Vivência e Prática, São Paulo, 1992, 330p. .

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Resumo

A idéia nuclear e essencial do trabalho é a questão, de um lado, da tendência humana básica à cisão, à unilateralidade e a sua dificuldade em integrar as partes à unidade e, de outro lado, dos arcaicos motivos de recondução das partes à unidade.

Em vista da constatação da existência de uma estreita relação entre essas questões e os diversos problemas de ordem humana e os distúrbios causados à natureza, considerou-se que em torno delas residia a questão fundamental do homem moderno e, portanto, da civilização e do ambiente.

O desenvolvimento do trabalho ocorre a partir da tentativa de compreensão dessas questões, a qual foi se revelando no decorrer de um longo e concomitante processo de vivência, reflexão e verificação na prática de ensino de Educação Ambiental e acabou por conduzir à formulação de uma visão de mundo e de educação ambiental de caráter arquetípico e holístico.

Os dados básicos de Ecologia e a leitura do problema fundamental contemporâneo, bem como a formulação de uma concepção de Educação Ambiental e de uma proposta de um sistema de trabalho teórico-filosófico e prático-vivencial são elaborados a partir dessa perspectiva.

Matsushima K. **Archetypical and Holistic Outlook in Environmental Education: Fundamentals and Lived-out experiences**, São Paulo, 1992, 330p. Doctorate thesis presented in the Institute of Psychology of the University of São Paulo.

Abstract

The central idea of this work is, on the one hand, the problem of the basic human tendency to division, to one-sidedness and the difficulty in integrating the parts to unity and, on the other hand, the archaic reasons for bringing the parts back to unity.

In view of the existence of a direct relationship among these points and the many problems of human life and of disfigured nature, it was considered that here exists the fundamental question of modern man and, therefore, of civilization and of the environment.

This work evolved out of an attempt to understand these questions, and was the result of a long period of simultaneous experience, reflection and concrete living-out in practice of the teaching of Environmental Education. This led finally to the formulation of an archetypical and holistic view of the world and of Environmental Education.

The basic data of Ecology and the reading of the fundamental contemporary question, the formulation of a concept of Environmental Education and a proposal for a theoretical, philosophical and practical system of work are developed from this perspective.

Matsushima K. **Perspective Archétypique et Holistique en Education pour l'Environnement: Fondements, Expérience Vécue et Pratique**, São Paulo, 1992, 330p. These de Doctorat présentée à l'Institut de Psychologie de l' Université de São Paulo.

Résumé

L'idée principale et essentielle de cet ouvrage est d'une part la question de la tendance humaine de base à la fragmentation et à la polarisation ainsi qu'à la difficulté d'intégrer les parties à l'unité et, d'autre part des motifs archaïques de reconduction des fragments à l'ensemble.

Vu la constatation de l'existence d'un étroit rapport entre ces questions et les différents problèmes d'ordre humain et les troubles occasionnés à la nature, on a considéré que la question fondamentale de l'homme moderne se situait autour d'elles, ainsi que celles de la civilisation et de l'environnement.

L'ouvrage se développe à partir d'essai de la compréhension de ces questions, qui s'est déroulé au cours d'un long processus concomitant d'expérience vécue, réflexion et vérification en pratique d'enseignement d'Education pour l'Environnement.

Ce processus a abouti à la formulation d'une vision de monde et d'éducation pour l'environnement de caractère archétypique et holistique.

A partir de cette optique, on a fait la lecture des données de base d'Ecologie et du problème fondamental contemporain ainsi que la formulation d'une conception d'Education pour l'Environnement et la proposition d'un système de travail théorique, philosophique, pratique et d'expérience vécue.

CAPITULO I

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

1.História do percurso de uma "aventura arquetípica" (1) Da perspectiva multi e interdisciplinar `a arquetípica

"Todo indivíduo que teve uma experiência com o mistério sabe que há uma dimensão do universo que não corresponde `aquela avaliável pelos sentidos.....As pessoas que vivem no mundo da natureza experimentam isso todos os dias.Elas experimentam o reconhecimento de algo muito maior do que a dimensão humana."
(Campbell, 1990, p.217)

Este trabalho é uma tentativa,de um lado, de exprimir uma determinada visão de mundo,de vida e de educação ambiental que foi se formando ao longo de um processo de vivência, pesquisa, estudo,reflexão e verificação na prática de ensino, e de outro, de exprimir um modo de vivenciar essa visão,na prática,o qual acabou por se configurar,no decorrer de inúmeros

(1)Expressão usada por Campbell(1990)para a jornada mitológica pela qual passa o homem no processo de transformação de um estado de consciência para outro.

ensaios empreendidos para a sua busca, numa proposta de um sistema de trabalho de formação em Educação Ambiental dotado de aspectos teórico-filosóficos e prático-vivenciais.

Ele emergiu do meu campo de atividade com Educação Ambiental, entretanto, a ocorrência de um fato alheio ao processo de trabalho propriamente dito, ao qual estarei me referindo reflexivamente ao longo desta introdução e, o meu envolvimento com ele acabaram definindo tanto, o sentido tomado por este, como a natureza do seu caráter.

Em 1985, ao concluir a versão preliminar de um livro de Educação Ambiental destinado ao ensino de I e II Graus, preparava a sua avaliação nas escolas, quando cópia daquela me foi expropriada, sem qualquer explicação ou solicitação prévia. A ocorrência desse fato veio a constituir-se num problema crucial para a execução das diversas etapas do trabalho que deveriam levar à sua versão final, de acordo com a concepção que eu havia criado para ele. Ao mesmo tempo, despontou em mim uma necessidade quase imperiosa de compreender a essência subjacente ao fato ocorrido e à natureza do trabalho que vinha empreendendo. A intuição me dizia que havia uma estreita relação entre estas duas últimas questões. Compreendê-las transformou-se no motivo central de minha ocupação, o suficiente para ingressar no programa de pós-graduação em Psicologia, a fim de destinar tempo de estudo, pesquisa, reflexão e avaliação que me permitissem tentar encontrar respostas para essas questões, que demonstravam ser complexas e profundas. Contudo, isso não significava distanciar-me da área e objeto de meu trabalho. Necessitava compreender, antes de mais nada, a natureza da essência subjacente ao fato ocorrido, pois, suspeitava que, em seu eixo, estaria girando a questão fundamental do Homem de hoje e, portanto, a da civilização e do ambiente. Retornaria ao meu objeto de trabalho, a Educação Ambiental, após chegar a compreendê-las, mesmo porque acreditava que eu só poderia vir a formular o meu fundamento teórico-filosófico e metodológico em Educação Ambiental, a partir dessa compreensão.

O referido trabalho teve início em 1984, na Cetesb, Companhia de

Tecnologia e Saneamento Ambiental, com o projeto intitulado "Educação Ambiental para o Ensino de 1 Grau"(2), cujo intuito era a criação de um material didático destinado a professores, de caráter multi e interdisciplinar, não só entre as diversas áreas do conhecimento mas também entre a escola, a comunidade e o meio. Especificamente consistia na tentativa de trabalhar uma série de tendências que fui aprofundando concomitante ao desenvolvimento do projeto e que havia constatado na ocasião em que realizei uma apreciação geral, de um lado, das informações sobre Meio Ambiente, Ecologia, Educação Ambiental, e de outro lado, do conteúdo curricular do ensino de 1 Grau do Município e do Estado de São Paulo e a forma de organização e a estrutura nas quais esse ensino ocorria.

Constatei que essas tendências eram reproduzidas na grande maioria dos trabalhos de Educação Ambiental, tanto teóricos como práticos, tanto naqueles realizados na esfera informal da educação como nos realizados na esfera institucionalizada, eram, portanto, dominantes e, pela natureza do seu caráter, considerei-as, suscetíveis de críticas. Detive-me, particularmente, naquelas que tinham relação com a esfera institucionalizada da educação, dado que esta constituía a realidade objeto de meu trabalho. Dentre essas tendências(3), figuravam como as mais significativas:

- predomínio na Educação Ambiental, de uma visão centrada em Biologia;
- criação de uma disciplina de Educação Ambiental independente das outras ou inserção da mesma na disciplina de Biologia ou, indistintamente, na área de Ciências Físicas e Biológicas;
- dissociação entre a escola, o meio físico e a comunidade;
- defasagem entre o amplo discurso de caráter multi e interdisciplinar e a generalizada prática disciplinar de organizar e transmitir as

(2) Matsushima K., Projeto Educação Ambiental para o Ensino de 1 Grau, publicação apostilada, Cetesb, São Paulo, 1984.

(3) Matsushima K. et al. (1987) Matrizes curriculares do ensino de 1º grau.

informações de forma compartimentada demonstrando uma frágil conexão com os dados das diversas áreas do conhecimento;

- preponderância das linguagens técnica e científica,ao lado da ausência ou tênue integração de linguagens e instrumentos tais como: intuição, percepção sensorial,emoções;

- preconização de uma educação amplamente voltada para o ambiente, ao lado da escassez e do difícil acesso,para os professores e a grande maioria da população,`as informações sobre Meio Ambiente,Ecologia e Educação Ambiental;

- reprodução da compartimentação na própria dinâmica, organização e estrutura onde ocorre o ensino;

- sobrecarga para a escola e os professores de projetos extracurriculares em detrimento do exercício essencial do ofício de cada professor;

- subutilização da estrutura curricular como instrumento perfeito `a prática de Educação Ambiental,a partir do seu conteúdo programático.

Tomei-as como referência básica e procurei trabalhá-las no sentido de elaborar o conteúdo e a forma do livro de tal modo que estes pudessem constituir-se em uma tentativa metodológica de produzir tendências que não reproduzissem aquelas.

Aos poucos,fui percebendo que aquelas tendências dominantes constituíam desdobramentos de uma tendência básica do homem moderno: a cisão entre o pensamento,a fala e o gesto. Todo um conjunto de contradições,parecia,em última instância, estar relacionado a ela. Contradições entre o discurso multidisciplinar e o gesto disciplinar; entre a recomendação constitucional de promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a ausência de informações, estrutura e espaço(físico e temporal) mínimo voltados `a formação dos educadores na área; entre o discurso interdisciplinar e a forma de organização e socialização das informações de modo compartimentado e sem grandes articulações com as

diferentes áreas do conhecimento; entre o conhecimento adquirido mediante a própria vida e aquele que é adquirido através da ciência; entre a racionalidade e a intuição; entre o mundo natural e o criado pelo homem. Estas e tantas outras contradições, constituíam, no fundo, desdobramentos daquela tendência básica.

Definições como:

"A educação ambiental é o processo que consiste em reconhecer valores e definir conceitos com objetivo de fomentar as aptidões e atitudes necessárias para compreender e apreciar as inter-relações entre o homem, sua cultura, e seu meio biofísico. A educação ambiental inclui também a prática na tomada de decisões e na própria elaboração de um código de comportamento com relação às questões relativas à qualidade do meio ambiente" (Unesco, 1970, p.27) (4),

pareceram-me formulações teóricas, adotadas e reproduzidas em discursos que não se traduziam efetivamente em atos, ou seja, em transformação concreta da realidade. O que tinha sido criado para nortear os trabalhos práticos parecia permanecer no mesmo estado da não vivência da idéia ou do conceito, e deste não saindo para se transmutar em gestos. Essas formulações conceituais desconectadas de uma vivência e de uma realidade específica eram novamente reproduzidas por instâncias, onde o indivíduo parecia alheio à necessidade da simultaneidade da intenção e do gesto na transformação de qualquer realidade. A intenção presente nos conceitos e discursos não se transferia do papel e das palavras para os gestos, passando a idéia de que o discurso em si já encerrava o ato transformador. Por outro lado, grande parte dos trabalhos, de caráter essencialmente prático, restringia-se às atividades vivenciais e de campo (trilhas, eventos, construção de herbários e aquários) sem grande vínculo com o significado mais amplo das abstrações conceituais ou com as reflexões que propiciassem compreensão dos fatos.

(4) Definição tirada na Reunião Internacional sobre Educação Ambiental nos Planos de Estudos Escolares, organizada pela UNESCO.

Ambas as categorias de trabalho ,tanto as dos conceitos como as das práticas,constituíam,em última análise,expressões de um mesmo fenômeno: o da tendência do ser humano de separar o pensamento, a fala e o gesto. No entanto,essa constatação não encerrava qualquer interesse em estabelecer oposição ou prioridade a uma ou a outra.O que me interessava e me motivava `a investigação era compreender por que essa tendência `a cisão se reproduzia como um fato tão natural na sociedade, nas pessoas e no trabalho em geral.

Para mim as contradições entre a inocuidade das idéias,reuniões, ^x encontros, slogans e discursos pela defesa da natureza e o inexorável prosseguimento do curso da tendência depredadora; entre o amplo discurso de mudar a sociedade e o descuido para com o entorno mais próximo,palpável e exequível como o quarto, a casa, o quarteirão, a sala de aula;entre a percepção e a intenção de transformar uma determinada realidade e a sua efetiva transformação, entre inúmeras outras, refletiam,também,a natureza daquela tendência básica referida anteriormente.

Movida pela percepção,na ocasião apenas intuída,de residir no fenômeno da cisão,a existência de algo fundamental, centrei minha atenção na tentativa de encontrar um modo de superar as repercussões daquela tendência básica,ao menos no âmbito da Educação Ambiental.

A ótica multidisciplinar e integradora inerente `a Educação Ambiental apresentava-se propícia `a consecução dessa intenção. Assim,a idéia de conceber um livro de Educação Ambiental com um enfoque interdisciplinar não só entre as diversas áreas do conhecimento,mas também entre as séries,as disciplinas,a escola,o meio e a comunidade,e com um método de trabalho que permitisse integrar em uma só unidade a teoria e a prática, expressava essa tentativa.

Entretanto, uma questão inicial nada fácil colocava-se diante de mim. Tratava-se de encontrar uma maneira de conciliar em um livro, um modo de trabalhar que me permitisse tomar integração e unidade,como princípio para

ensino, e sem lançar mão do argumento de que para trabalhar essa ótica seria necessário modificar primeiro a estrutura.

Tanto a estrutura e a forma de organização do ensino, como o conteúdo e a disposição do conteúdo curricular apresentavam caráter extremamente estanque, e, por isso, eram desprovidas de chances mínimas de intercâmbio entre os professores e as diferentes disciplinas. O desenvolvimento dos conteúdos curriculares tendia, na prática, a fazê-los acabarem isolados uns dos outros. A própria estrutura de ensino enquadrava os docentes num esquema de intervalo entre as aulas apenas o suficiente para deslocamento e acomodação de uma sala para outra. Tampouco contavam com um espaço específico onde pudessem realizar intercâmbio de experiências. O espaço destinado ao planejamento escolar que ocorre no início do ano letivo parecia ser o único momento adequado para esses encontros, no entanto esse espaço tinha uma destinação específica, diferente daquela a que eu me referi anteriormente. Nesse contexto era difícil pensar num sistema de integração, mesmo que fosse apenas entre as diferentes disciplinas.

Detive-me longamente na análise daquelas tendências dominantes e na da realidade do ensino e comecei a delinear certas qualidades das quais o material didático poderia se revestir, a fim de que a natureza dessas tendências pudesse, efetivamente, ser trabalhada.

Comecei a idealizar um material didático que pudesse, segundo a natureza do seu conteúdo, estrutura e método de utilização, reunir numa só unidade, as qualidades de (5):

- formar uma referência básica e homogênea em Meio Ambiente e Ecologia entre todos os professores de uma unidade escolar, independente de série ou disciplina, através da transmissão de um mínimo (porém consistente e confiável) de informações elaboradas a partir de uma perspectiva interdisciplinar, capaz de criar uma base a

partir da qual a solicitação de inserir a questão ambiental nas atividades regulares de ensino fosse viável;

- dispor essas informações básicas de tal modo que permitisse, de um lado, integrar os dados das diferentes disciplinas e áreas do conhecimento; a teoria e a prática; as séries; a escola, a comunidade, o meio físico; e as linguagens que ultrapassam as fronteiras da técnica e da ciência(como a poesia,a música,o desenho...),e de outro lado, dificultar a reprodução da tendência fragmentária;
- servir de referência e instrumento de apoio à prática de Educação Ambiental,com base em qualquer uma das disciplinas regulares do ensino de I Grau, prestando-se como apoio a atividades extraclasse e até mesmo atividades extracurriculares;
- adequar as atividades de Educação Ambiental ao conteúdo programático do currículo regular do ensino oficial de tal modo que ficassem isentas do caráter de obrigatoriedade ou de um projeto adicional,de interferência na independência e no modo específico de cada professor exercer o seu ofício,de sobrecarga de trabalho ou de alteração do planejado ;
- trabalhar o princípio integrador,dentro da própria estrutura e dinâmica compartimentada;
- constituir referência básica de informações e atividades aos professores, a partir da qual cada usuário complementaria as informações e criaria novas atividades segundo a potencialidade inerente a cada indivíduo;
- dispor de um método capaz de conduzir os treinandos à reflexão e à expressão do seu saber vivenciado e ao relacionamento deste com o saber científico.

Num processo paulatino,a intenção começou a tornar-se idéia de um material didático que contivesse em sua estrutura,conteúdo e dinâmica,um princípio capaz de tocar todos esses pressupostos de uma só vez.e. ao

mesmo tempo,perfeitamente adaptável à dinâmica da própria estrutura compartimentada.

Encontrar uma condição que permitisse integrar e desenvolver todos esses pressupostos,junto aos educadores e dentro de uma estrutura compartimentada, era uma outra solução a ser encontrada.Um treinamento inicial reunindo todos os educadores de uma unidade escolar,independente de série ou disciplina,e,se possível os demais membros da escola,como o diretor e o pessoal da administração e manutenção (6) , equacionaria essa questão e seria,pois, a única condição inicial necessária e imprescindível ao desenvolvimento de um trabalho congregando a natureza de todos aqueles pressupostos.Para isso bastava apenas um espaço de tempo de 4 a 5 dias integrais(7).

Desse modo, o material didático começou a ser elaborado a partir da idéia de fornecimento de informações ambientais.

A necessidade de formar uma base inicial homogênea em informações, método e instrumentos de trabalho, para que os professores pudessem começar a inserir a questão ambiental nas suas atividades regulares,foi resolvida mediante a elaboração de um conjunto de textos básicos de Meio Ambiente e Ecologia Humana.De acordo com outros pressupostos referidos anteriormente,esses textos foram constituídos de informações básicas, porém consistentes,compostos a partir da perspectiva,tanto das ciências exatas e biológicas como das humanas, decodificados numa linguagem acessível a todos os professores,independente do seu grau de conhecimento em Ecologia, e com o intuito de servir de mero roteiro para posteriores aprofundamentos e ampliações individuais(8).

Os textos receberam uma disposição circular e seqüencial, de tal modo que as informações pudessem ser trabalhadas numa seqüência evolutiva e não compartimentada ou isoladas umas das outras.O conteúdo de cada tema/

texto foi composto com a função de preparar a introdução do seguinte, a fim de propiciar a conexão de cada tema ao tema subsequente.

Assim, a ampliação, o aprofundamento e o amadurecimento do conhecimento nessa área poderiam ocorrer, paulatina e evolutivamente, tal como o princípio que rege o crescimento das coisas na natureza. Ao término do último texto, as informações básicas em Ecologia e Meio Ambiente teriam, dentro do seu intuito, transmitido uma visão global e não compartimentada (9).

A idéia de unir a teoria à prática curricular foi equacionada com a elaboração de um conjunto de atividades práticas acompanhando cada um dos temas/texto, as quais foram elaboradas de acordo com a série e com a área do conhecimento. (10) A grande parte dos conteúdos dessas atividades em si, não tiveram, na ocasião, a oportunidade de receber um tratamento especificamente integrador, contudo, só o fato de apresentá-los unidos à cada conteúdo temático de caráter teórico, considerei o suficiente.

A unidade entre a teoria, a técnica e a vivência foi resolvida pela inserção de um conjunto de técnicas de comunicação e expressão, destinado a apoiar e propiciar a vivência dessas atividades (11).

A idéia de minimizar o fosso existente entre a escola, o meio e a comunidade foi tocada mediante a elaboração de uma série de atividades práticas (estudo do meio, memória dos antigos, estudo de caso) com vista a favorecer a aproximação entre a escola, o meio e a comunidade (12).

A integração entre o individual e o coletivo, os dados da vivência e os da ciência foi tratada através da elaboração do modo de trabalhar o processo de formação de idéias descrito a seguir. No início de cada tema/texto, foi anexada uma prancha interrogativa com o título alusivo a cada tema, por exemplo, "O QUE ENTENDE POR MEIO AMBIENTE?", a fim de propiciar a cada educador, na ocasião do treinamento, reflexão, formulação e expressão de

conceitos a partir da vivência e do ritmo singular de cada um. As informações constantes nos textos seriam ampliadas e completadas com informações de diversas outras fontes e idéias oriundas da vivência de cada um dos componentes do grupo de treinamento. Caso houvesse discrepância entre o que era vivenciado e os conhecimentos científicos, estes seriam retomados através de discussões orientadas, ampliadas e esclarecidas com o apoio de diversos outros textos e de audiovisuais pertinentes. (13)

A fim de integrar a linguagem que extrapola os limites da ciência e da técnica, foi reservado um capítulo para a coletânea de textos extraídos de música, poesia, depoimentos a serem utilizados na compreensão e no trabalho da questão ambiental. (14)

O respeito à individualidade foi expresso pela indicação do caráter não impositivo, não obrigatório, não rígido do material e pela recomendação de utilização do material apenas como fonte de consulta e referência para a criação de novos textos e atividades, segundo a capacidade criativa que cada usuário porta em si de maneira original. (15)

A concretização dessa concepção de trabalho integrando esse conjunto de pressupostos e soluções numa só unidade, em forma de um material didático, começou a contar com a participação de uma equipe que foi se formando aos poucos, pois o espaço à Educação Ambiental, na Cetesb, havia sido aberto há apenas alguns meses e não contávamos com técnicos, na equipe, com experiência anterior nessa atividade.

Em 1985, quando essa concepção configurou-se concretamente em forma de um livro em sua versão preliminar e providenciávamos a sua verificação nas escolas, a fim de testá-la, corrigi-la, revisá-la e colocá-la na sua versão definitiva para depois ser amplamente socializada, passei, então, a me haver com um movimento de caráter fragmentário. Nesta ocasião, sincrônico à concretização e fortalecimento da concepção

unitária, representada por essa versão preliminar que se preparava para ir ao mundo, colocou-se um problema que, como disse inicialmente, se tornaria crucial para a continuidade do trabalho: sem que me tivessem dado qualquer tipo de conhecimento, explicação, ou solicitação de autorização expressa, verbal ou escrita, cópia dessa versão me foi expropriada na própria instância institucional onde o projeto estava sendo desenvolvido e eu, alocada num outro órgão de trabalho, a antiga SOMA, Secretaria de Obras e de Meio Ambiente, e privada daquela equipe, o que me lançou numa dificuldade sem limites.

Como desdobramento desse ato, cópia dessa versão preliminar, sem qualquer verificação em campo, foi mutilada em forma de fascículos estanques(16), destituídos de qualquer significado ou relação entre um e outro, com prejuízo à unidade de estrutura, conteúdo e seqüência não partíveis, na sua origem, por expressarem uma metodologia e filosofia unitária e integradora de trabalho. Consoante a esse gesto fragmentário, trechos de diversos outros textos constantes em outros documentos por mim elaborados(17), sofreram a mesma fragmentação para serem compostos na introdução desses fascículos.

Esse procedimento só foi interrompido depois que eu consegui percorrer, de modo solitário e destituída de um mínimo de condições para a sua consecução, toda a trajetória prevista no projeto e editar o material, na

(16) As publicações desses fascículos, elaborados a partir da reprodução da versão preliminar daquele material, ainda não editada por carecer de dados de verificação nas escolas, receberam respectivamente, os títulos de "Educação e Participação: material de apoio à educação ambiental" e "Conhecendo o Meio Ambiente: material de apoio à educação ambiental". O primeiro publicado em abril de 1986, com sucessivas reedições em junho de 1986 e maio de 1987, é reprodução simples do Capítulo II daquela versão preliminar. O segundo, publicado em sucessivas edições, sendo a última em fevereiro de 1987, consiste de 28 atividades pinçadas dentre centenas de atividades que acompanham cada um dos temas/texto do Capítulo I daquele material de concepção não partível.

(17) Refiro-me a trechos de documentos de minha autoria, "Propostas Alternativas de Projetos de Educação Ambiental nas Escolas", publicação apostilada, Cetesb, São Paulo, 1984; e "Projeto de Educação Ambiental para o ensino de 1º Grau", publicação apostilada, Cetesb, São Paulo, 1984.

íntegra de sua concepção unitária original(18),por ocasião da mudança administrativa.

As etapas previstas no projeto como condição necessária à sua consecução consistiam,basicamente,na aplicação da versão preliminar do material ,em caráter experimental, em 10(dez) unidades escolares situadas em diversas e diferentes realidades;acompanhamento e verificação da validade e adequação do método e instrumento de trabalho daquela concepção; revisão e modificação do material segundo a natureza dos dados provenientes dessa verificação.

Apliquei o material, experimentalmente, em 11(onze) escolas públicas de 1º e 2º Graus do Estado de São Paulo e do Paraná: 5(cinco) pertencentes à capital de São Paulo, 1(uma) ao município de Ubatuba/SP,4(quatro)ao município de São Sebastião/SP e 1(uma) ao município de Araucária no estado do Paraná.Tal aplicação,pôde ser realizado,graças ao apoio da SOMA/SP, SEE/DRECAP-1/SP, SUREHMA/PR, PMUBATUBA/SP e PMSSEBASTIÃO/ SP, num período de aproximadamente 2 (dois) anos,entre 1985 e 1987.A revisão crítica e a necessária modificação da versão preliminar para a sua forma definitiva,foi realizada dentro dos limites das condições em que pôde ser desenvolvida.

Ao final da trajetória,o material emergiu íntegro na sua concepção unitária original e,paradoxalmente,editado pela própria Instituição onde a cópia de sua versão preliminar fora fragmentada.Este tomou a feição final de um material didático de orientação multi e interdisciplinar ,teórico e

(18) A versão final,decorrente do desenvolvimento de todas as etapas previstas no projeto,foi editada na íntegra de sua concepção original(apenas alterada quanto à sua destinação que se estendeu também ao ensino de II graus,pelo fato de ele ter-se mostrado válido também para esse grau de ensino),em 1987, pela SMA/Cetesb,sob a denominação Matsushima,K. et al,"Educação Ambiental:guia do professor de I e II Graus". Em vista do seu fundamento metodológico e filosófico requerer melhor explicitação,ele foi publicado como edição piloto, para que o mesmo fosse complementado posteriormente. Dada a sua natureza profunda e complexa ele requeria instância e tempo adequados a sua formulação.A procura do curso de pós-graduação procurou atender a essa necessidade.

prático,destinado a apoiar os professores que quisessem trabalhar a questão ambiental em suas aulas regulares,sem alterar a sua programação normal e obrigatória,portanto,isento do caráter de proposta de uma disciplina especial, de um programa obrigatório ou de uma atividade adicional, sendo aplicável em qualquer uma das disciplinas que compõem o programa oficial, e de modo a reservar a cada professor,autonomia e independência, no seu trabalho de Educação Ambiental.(19)

Estruturalmente,os conteúdos ,a dinâmica e as intenções inerentes `a concepção do material didático,ficaram dispostos numa estrutura composta de 3(três) partes distintas, porém interligadas e inseparáveis entre si por constituírem uma só unidade filosófica , metodológica e técnica. Esse caráter unitário e seqüencial teve como intenção a tentativa de impedir ou dificultar o curso da tendência `a cisão,compartimentação e dissociação e estabelecer uma coerência entre o pensamento e o ato, ou seja,entre o que a Educação Ambiental preconiza como interdisciplinar e a sua fiel tradução na prática. Assim,o livro emergiu comportando no:

- capítulo I,uma série de 19 temas de Ecologia ,Ecologia Humana e Meio Ambiente, tratados de maneira multi e interdisciplinar, e dispostos de tal modo que um tema se presta de "gancho" ao tema seguinte,numa seqüência de informações que vai se ampliando e completando na medida em que os textos vão sendo desenvolvidos.A cada um dos temas foi conectada uma série de sugestões de atividades práticas com as respectivas técnicas para serem aplicadas e indicação das possíveis série e áreas de conhecimento nas quais podem ser trabalhadas;

- capítulo II,um conjunto de atividades voltadas a propiciar a realização da interface entre a escola,o meio e a comunidade e a colaborar para diminuir o fosso existente entre essas esferas, na nossa sociedade ;

- capítulo III, uma série de técnicas de Comunicação e de Expressão para auxiliar no trabalho de vivência das atividades, de modo a aproximar o conhecimento da vivência, o pensamento do gesto.

- um capítulo reservado à coletânea de textos de poesia, música e depoimentos, pelo curto espaço de tempo de que dispúnhamos para a publicação do material, não pôde estar apto a ser composto na ocasião. No entanto, esse pormenor pode ser resolvido pela iniciativa de cada professor em pesquisá-los e reuni-los. (20)

A trajetória que passei a percorrer, a partir daquelas circunstâncias, na tentativa de resgatar a idéia e o material que me haviam sido expropriados e restituir a eles o sentido para o qual foram criados, tomou-me anos de esforço.

Desconhecia, até então, ao menos vivencialmente, a força com que a tendência fragmentária, dominante na sociedade em que vivemos, se expressava. Desconhecia, igualmente, o grau de tensão e reação que o surgimento efetivo de um pólo de tendência contrário ao seu, podia provocar.

Sem que eu tivesse tido consciência prévia, havia enveredado por uma ótica de trabalho cuja essência representava o polo contrário à essência da natureza da instância em que me encontrava, ou seja, a do Estado, de caráter tipicamente reprodutora e mantenedora da tendência à compartimentação e massificação. A esse propósito e ao da sua influência no indivíduo, encontrei uma colocação de Jung (1974), a qual se refere à natureza do Estado, da seguinte maneira:

"O sentido e a finalidade da vida individual (a única vida real) não repousam mais sobre o desenvolvimento individual mas sobre uma razão de Estado, imposta de fora para dentro do homem, ou seja, na objetivação de um conceito abstrato cuja tendência é colocar-se como a única instância de vida. A decisão moral e a

conduta de vida são, progressivamente, retiradas do indivíduo que, encarado como unidade social, passa a ser administrado, nutrido, formado(...) segundo a satisfação da massa." (p.60).

Pude reconhecer essa tendência sendo reproduzida pelo indivíduo, permeando as instituições e toda a sociedade. Só passei a senti-la, vivê-la e avaliá-la, ao aliar-me efetivamente à tendência unitária. E defrontei-me concretamente com ela, quando a tendência unitária se fortalecera, sem defasagem entre o pensamento e o gesto, transmutou-se em forma de material didático e preparava-se para afirmar-se amplamente.

Embora o gesto fragmentário tivesse vindo revestido de uma série de argumentos ocultando a sua natureza essencial, o fato é que, ao final do percurso, ficou configurada a tendência nitidamente fragmentária nas publicações fragmentadas e a tendência à unidade, materializada na publicação editada na íntegra de sua concepção, como resultado da trajetória de natureza arquetípica empreendida.

Ocorrência em si à parte, à qual dei, mais tarde, destinação adequada (21), a minha atenção dirigia-se, sem deixar de ignorar o aspecto ético em questão, à essência subjacente ao fato ocorrido.

Chamava-me, particularmente a atenção, a persistência com que essa tendência era reproduzida pelo ser humano e permeava toda a cultura, instituição e sociedade, a ponto de reagir contra qualquer tendência integradora, com tenacidade e até mesmo violência, para permanecer de modo irredutível como tendência dominante.

Assim, passei a refletir sobre os diversos dados apreendidos durante essa vivência e sobre as inúmeras variáveis de referência que fui

(21) Recentemente (agosto/1991), em vista do interesse na reedição do livro elaborei, enfim, uma notificação relatando o processo de acontecimentos ocorridos, a fim de requerer um termo a essa série de irregularidades e evitar que as mesmas pudessem vir a ser novamente repetidas e a encaminhei às autoridades e instâncias competentes.

reservando e integrando no decorrer do processo de trabalho, as quais, aos poucos, foram convergindo numa única variável nuclear, capaz de integrar, de uma só vez, todas as demais.

Constatei, inicialmente, que os problemas humanos estavam, em última instância, relacionados ao fenômeno humano de uma tendência `a cisão, mais especificamente, `a polarização. Essa tendência acabava se reproduzindo no viver consigo próprio, com os seus semelhantes e com o entorno. Era a fala que não coincidia com o pensamento, o discurso que não se relacionava com os atos, as intenções que não tinham qualquer coerência com o discurso... Mais tarde, percebi, relacionada a essa tendência, a incompreensível dificuldade do Homem em integrar as diferenças e singularidades, em compor os pares de opostos em uma só unidade. Na realidade, parecia que nessas constatações residiam a origem e a essência dos problemas fundamentais do Homem moderno e, portanto, da civilização e do ambiente atual.

Com isso, chegara enfim a um núcleo essencial e julguei que, se eu aprofundasse e ampliasse o trabalho nesses pontos, estaria, por extensão, abrangendo os demais aspectos que compõem o campo da Educação Ambiental, com a qual me ocupava. Entretanto, sabia que a questão da cisão, unilateralidade e dificuldade do Homem em integrar as partes cindidas estava muito além dessa manifestação aparente.

O acesso `a sua compreensão para além da aparência foi propiciado, inicialmente, por uma apreensão intuitiva, global. Foi por intermédio dela que a concepção de integrar as partes compartimentadas numa unidade única e impedir a reprodução da cisão, ao menos na instância de trabalho com Educação Ambiental, foi idealizada e traduzida em forma de um livro com conteúdo, forma e dinâmica coerente com essa idéia. Portanto, a forma como a estrutura e o conteúdo do livro acabaram se configurando já trazia implícita a questão do problema essencial do Homem, mas o seu fundamento explicitado requeria a decodificação do que fora intuído. Isto significava formular uma determinada visão de mundo de vida e de Educação Ambiental.

em cuja base estava a necessária realização de estudos e reflexões acerca da questão que passei a considerar fundamental.

Na ocasião da edição do livro, não dispunha de dados suficientes de estudo e reflexão para a sua clara explicitação, tampouco era o caso de realizá-la num curto prazo de tempo. Em vista disso, a primeira edição do livro recebeu a denominação de edição piloto. Acreditava que a natureza inerente à concepção do livro, bem como a dos fatos ocorridos durante a sua elaboração e a trajetória percorrida pelo resgate do material, estavam prenhes de significados intimamente relacionados à compreensão da questão para além da aparência manifesta. Por sua natureza complexa e profunda, a questão requeria longos estudos e detida reflexão. Necessitava de uma instância e um tempo adequados à sua formulação explicitada; o meu ingresso no curso de pós graduação em Psicologia, como já disse, foi uma tentativa de suprir essa necessidade.

Assim, comecei o meu percurso em direção à compreensão mais aprofundada acerca da cisão, unilateralidade e dificuldade do Homem em integrar as partes à unidade.

Reconheci, inicialmente, que os atos fragmentários e unilaterais, constituíam representações da cisão interna existente no Homem, entre o inconsciente e o consciente. Pude confirmar esse reconhecimento numa das colocações de Jung (1988a):

"A cisão entre fé e saber é um sintoma da cisão da consciência que caracteriza o estado de perturbação espiritual da época moderna. E como se duas pessoas diferentes professassem afirmações sobre um mesmo fato, cada um sob o seu próprio prisma, ou então como se uma mesma pessoa projetasse uma imagem de sua experiência em dois estados psíquicos diferentes. Se colocarmos em lugar de uma pessoa a sociedade moderna geral, ela sofrerá de dissociação psíquica, isto é, de um distúrbio neurótico(...) Sabemos há mais de meio século que existe um inconsciente o qual se opõe à consciência(...) pensamos e agimos, antes e depois da descoberta, como se possuíssemos apenas um lado e não dois(...)" (pp34-38)

Compreendi que a configuração das tendências, uma pela unidade, outra pela fragmentação, as quais foram ficando cada vez mais nítidas no decorrer dos acontecimentos, estavam representando, externamente, a oposição existente a nível da psique, entre o inconsciente e o consciente. Em outras palavras, entre a "consciência objetiva" (22) e a "consciência subjetiva", expressa na unilateralidade do Homem decorrente do distanciamento e perda da raiz que o derivou e da adoção da "fala" (23) que se faz a partir da

(22) Da mesma forma como Jung se referiu às emoções, sentimentos, fantasias, ou impulsos, oriundos do inconsciente, como objetivas formas de expressão, Campbell (1990), dotou as plantas e animais de uma consciência extremamente objetiva. Análoga compreensão ocorreu-me quando assisti a um vídeo intitulado "Os bichos são gente boa" que discorre sobre certos aspectos da dinâmica da vida, extremamente pungente, de um oásis do deserto da Pré-Namíbia que se forma temporariamente após a estação das chuvas. Nele, determinado pássaro "ajuda" um animal de carapaça dura, semelhante a um ouriço, a encontrar o alimento, indicando-lhe o percurso que leva à fonte do alimento, o favo de mel. O pássaro, apesar de conhecer o caminho da fonte não detém em si o recurso de extrair o favo isento de ferroadas das abelhas. O "ouriço", apesar de desconhecer a fonte, detém em si esse recurso. Uma cooperação em torno de uma necessidade comum passa a se estabelecer. Nessa associação, tanto um como o outro, "sabe" de antemão a parte que lhe cabe "fazer" ou "usufruir". Uma vez extraído o alimento, o "ouriço" se beneficia do grosso do mel e deixa o resto para o pássaro que passa a se alimentar daquilo que lhe foi deixado. O mesmo ocorre com o mundo das plantas: determinadas plantas noturnas, ao exalarem odor, atraem o seu polinizador noturno, e este por sua vez se orienta pelo odor que elas exalam e se alimenta do seu néctar.

Portanto, ao falar em 'consciência objetiva' estarei me referindo àquela realidade subjacente à forma manifesta, portadora de princípios extremamente sutis, harmônicos e objetivos que determinam a relação e o curso das coisas. Refiro-me ao universo onde o dar e o receber constituem aspectos de um só princípio, o qual, por sua vez, encontra-se conectado a um sentido maior, a natureza como um todo. Nele, a manifestação e a afirmação das potencialidades virtuais constituem o fundamento da existência e da evolução do universo e do indivíduo, cujo centro diretor é a **Energia Primordial**, manancial da vida e território livre de polaridade, em nós, o Self, a unidade essencial última, livre de unilateralidades, que contém em si, tanto o universo objetivo como o subjetivo. Este último é comumente denominado de consciência, à qual me referirei como 'consciência subjetiva', em cujo centro reside o Ego. A diferença da 'consciência objetiva', esta não abarca a totalidade da consciência e encontra-se sob o domínio dual, espacial, temporal. Por ter despontado do grande e obscuro oceano, base de toda a vida, adquiriu a capacidade de começar a "ver" de fora, diferenciando-se de animais e plantas, ainda submersos no obscuro oceano, mas passou a ignorar que ela mesma constitui apenas uma ínfima parte desse oceano e só pode existir e fluir a partir dele.

"consciência subjetiva", em cujo centro e orientando-a, reside o **ego**. Acontece, entretanto, que este constitui apenas um irrisório derivado da ancestral "consciência objetiva", una e livre de polaridade, em cujo centro reside o **self**, regendo todos os processos objetivos. Esta última, também denominada Energia Primordial, Tao, Deus, Ki, Brahman, Espírito, Eternidade, porta em si tanto os princípios e processos que propiciam e garantem a existência e a continuidade da vida, como o sentido para o qual caminha o universo. Se tentarmos compreender o sentido implícito nas "máscaras" (24) pelas quais esse universo se faz comunicar, poderemos até conhecer a sua natureza, mas da natureza última de sua realidade, jamais teremos condições humanas de saber.

Essa constatação me proporcionara resposta a indagações básicas, tais como "onde reside", "de onde procede" o fenômeno da tendência humana à cisão, ao menos, para as quais havia encontrado o "fio da meada", o núcleo inicial a partir do qual poderia caminhar para a sua compreensão mais profunda.

Faltavam, entretanto, respostas a uma série de perguntas que eu me fazia em relação a outro aspecto da questão, ou seja, o do fenômeno da dificuldade humana (pelo caráter de sua insuperabilidade, poderíamos até nomeá-la "tragédia") em trazer as partes compartimentadas à unidade, ou seja, em integrar ambas as esferas da psique numa só unidade. Faltavam-me respostas a indagações tais como "o porque dessa dificuldade", "como

(24) Emprestei esse termo de Campbell (1990) ao me referir à forma como a realidade última se faz comunicar, conectar, isto é, através de "máscaras", nunca de modo direto. Os arquétipos, os mitos, a poesia, as metáforas, os símbolos constituem essas máscaras, a penúltima verdade, "penúltima, porque a última não pode ser transposta em palavras. Está além das palavras, além das imagens, além da borda limitadora da Roda do Devir dos budistas. A mitologia lança a mente para além dessa borda, para aquilo que pode ser conhecido mas não contado" (p. 173). Essa verdade última tem o mesmo sentido da ETERNIDADE expressa por Jorge Luis Borges (s/d): "A eternidade é um mero hoje, é o fruir imediato e lúcido das coisas infinitas" (p. 23), portanto o viver o aqui e o agora, isento de polaridade, que integra tudo o que pertence àquela fração de momento, íntegro e livre do domínio temporal e espacial.

superá-la". Necessitava chegar, também, a um termo em relação a estas para que eu pudesse, a partir dele, caminhar em direção à sua compreensão. Entender este aspecto da questão me parecia ainda mais essencial do que a compreensão do aspecto da cisão e unilateralidade. Reduzi-lo a um termo explicitado de compreensão era fundamental para o aprofundamento da questão como um todo. Sabia que ambas as questões, cisão e dificuldade de integração, estavam inextricavelmente ligadas uma à outra. Aprofundando-me na questão da dificuldade humana em integrar as partes cindidas à unidade, estaria englobando automaticamente a questão da cisão. Desse modo fui ao encaixe daquela.

Intuí que chegaria a ela, centrando-me na compreensão do significado dos aspectos mais relevantes relacionados ao fato que dera início à jornada empreendida pelo resgate do material que me fora expropriado e dos eventos nela ocorridos. Julguei que eles me levariam à compreensão da questão como um todo (cisão, unilateralidade, dificuldade de integração) e à formulação do amplo fundamento que eu buscava.

Eventos de caráter incomum que concorreram sem a intervenção de qualquer vontade consciente e determinaram o curso dos acontecimentos em direção à realização da trajetória, levaram-me a constatar que a mesma não se tratava de uma trajetória ordinária, e, não obstante os obstáculos, as pressões, a ausência das mínimas condições externas concretas de realização, comparando-se ao empenho da outra parte (guarnecida de toda a retaguarda institucional, pessoal, material e logística), acabou prevalecendo e selando o seu término com a edição do material, na íntegra de sua concepção unitária.

A trajetória pelo resgate do material fora constituída de uma experiência extraordinária! Nos momentos mais cruciais do percurso, acorreram-me auxílios na medida exata do necessário, sem que tivesse sido desencadeado qualquer movimento que os acarretasse. Emergiam de lugares, circunstâncias, momentos e de modo mais inesperado, de um campo espacial

da relação de causa e efeito, no entanto ocorriam sincronicamente para formar um coro harmônico, como "milagres" em direção à realização da finalidade da trajetória.

Pela natureza dos acontecimentos, pude verificar, mais tarde, que se tratava de uma trajetória, por um lado, revestida de caráter numinoso, tal como aponta Campbell (1990) como um dos atributos da manifestação mítica:

"Uma coisa que se revela nos mitos é que, no fundo do abismo, desponta a voz da salvação. O momento crucial é aquele em que a verdadeira mensagem de transformação está prestes a surgir. No momento mais sombrio surge a luz (p41).;

por outro lado, pela finalidade inerente a ela, fora revestida de caráter arquetípico. O intuito de resgatar algo que me fora expropriado estava representando um arcaico motivo da recondução das partes cindidas à região livre de polaridade, a fonte da vida, sobre o qual, Campbell (1990) assim se expressa:

"A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno" (p131)

Foi por essa razão que, na ocasião, por mais que eu tivesse tentado compreender, racional e logicamente, o significado do conjunto dos acontecimentos, ele me escapava ao esforço desse gênero de apreensão, permanecia inatingível ao entendimento. Encontrava-me, assim, destituída de meios para explicitar o vivenciado. Dessa natureza de experiência, ficamos, no sentido absoluto, apenas com a experiência. A sua comunicação só poderia ser viabilizada, no sentido relativo, por intermédio de certas formas de apreensão e expressão como a intuição, a imagem, as parábolas, a poesia, os

que portam em si a capacidade de serem seus ecos,mas nunca a sua tradução rigorosa; e também por certas áreas e formas de apreender um conhecimento mediante integração dos dados oriundos tanto dos processos psíquicos conscientes como inconscientes,como a psicologia , a mitologia e o saber oriental. Foi com o apoio dessas formas de apreensão e comunicação que iniciei o exercício de explicitar a experiência para além da mera vivência,dado básico para a formulação do amplo fundamento que buscava.

Comecei a refletir sobre os dados vivenciados e integrá-los aos conhecimentos já teorizados e/ou generalizados,a fim de transformar aqueles dados em formulações generalizáveis dotadas de fundamento,de tal modo que os diversos aspectos da realidade experienciada e intuída, pudessem vir a ser comunicados,dentro dos limites que ela permitia ser apreendida e comunicada.

A primeira formulação foi a existência de um outro plano da realidade, subjacente ao mundo manifesto. Um universo como uma mega estrutura invisível,viva,objettiva,arcaicamente pré-existente e ao mesmo tempo flexível ao aqui e agora ,destituída de dualidade e do domínio espacial e temporal,`a semelhança da idéia junguiana de arquétipo(25);e do universo

(25) O sentido mais imediato que nos ocorre com o emprego da palavra arquétipo vem do grego *arché*, de 'princípio',de 'origem', de 'arcaico', e da compreensão vinculada `a colocação feita por C.G. Jung, como potencialidades inatas virtuais presentes em formas de imagens (estruturas)primordiais que nos foram legadas desde os tempos primitivos na forma de imagens mnemônicas e que "só aparecem na matéria formada como princípios reguladores de sua formação;quer dizer, somente por conclusão,após o término da obra de arte,consegue-se reconstruir o projeto primitivo da imagem primordial"(Jung,1987, p69). Nesta citação aproveito para embutir a necessária distinção que Jung sempre fez entre o arquétipo em si e as manifestações arquetípicas:"Um arquétipo em si não é bom, nem mau.É um *numem* moralmente indiferente.Só através de sua confrontação com o consciente torna-se uma coisa ou outra, ou então uma dualidade de opostos. Esta inflexão para o bem ou para o mal é determinada consciente ou inconscientemente pela atitude humana."(Jung,1987,p92)

No contexto em que estarei empregando o termo arquétipo,uma outra colocação , ao lado daquelas já expostas,se faz necessária para complementá-lo.Refiro-me `a realidade última,invisível e não manifesta mas fonte de todo o manifesto,`a fonte mais antiga doadora da vida,ao vazio pleno por vir a ser. Refiro-me

mitológico como representações da natureza dessa realidade; a de Energia Primordial, Espírito, Brahman, Ki, e `a de Tao da cosmovisão chinesa, que assim o denomina:

"O Tao é o que move e mantém em interação essas forças. Como este "algo" significa apenas uma direção invisível e de todo incorpórea, os chineses escolheram para designá-lo a palavra Tao, cujo significado -caminho, curso-, mesmo não sendo algo em si, coordena todos os movimentos(...) o curso de todas as coisas, o princípio Uno no interior do múltiplo. Para que possa tornar-se manifesto é necessário uma decisão, um postulado fundamental. Este postulado é o "Grande princípio primordial" de tudo o que existe, "t'ai chi"- que no sentido original significa "viga mestra"(...) Segundo essa concepção, t'ai chi era representado por um círculo dividido em luz e escuridão, yang ying(...) Ele afirma apenas a viga mestra, a linha. Com essa linha, que em si mesma representa a unidade, a dualidade, surge o mundo, pois a linha determina ao mesmo tempo, o acima e abaixo, a direita e a esquerda, adiante e atrás- em suma o mundo dos opostos. (Ching, 1982, pp228-9)

Ao me referir ao arquétipo em si, estarei me referindo também `a realidade, ao que é reconhecido, no Oriente, como a "Grande Lei", o Tao (Lao-Tsé, s/d), "o suporte da imensidade" (Normand, s/d, p.137), cuja designação remonta a épocas imemoráveis. Esta permeia e constitui, sob diversas

(cont. da nota(25) `a mesma compreensão a que chegaram o Oriente, através do misticismo, e o Ocidente, através da Física: O NADA que é o TUDO. É o TAO de Lao Tsé, como sendo o VAZIO que encerra em si todas as possibilidades virtuais de tudo o que existiu, existe e existirá de modo visível e manifesto, expressando essa realidade quintessencial, a partir de onde emerge todas as manifestações arquetípicas. Estarei falando também da mesma realidade paradoxal com a qual depararam os físicos, ao chegarem `a dinâmica da menor unidade subatômica da matéria. Ela era uma entidade extremamente abstrata e não sólida e indestrutível, como se acreditava, e dotada de um aspecto dual, aparecendo ora como uma partícula, ora como uma onda, dependendo da forma como era abordada. Portanto capaz de ser matéria e luz ao mesmo tempo, ambígua, exata, arcaica, tal como as linguagens (as parábolas, os paradoxos, os símbolos, os mitos) inerentes ao Eterno, e pelas quais Ele se faz comunicar ou conectar. Refiro-me, afinal, ao "Insaisible" (inescrutável) que "não pode ser objeto de raciocínio ou de conhecimento demonstrável" (Cane 1984, p. 31) cuja expressão mais pura encontramos em toda a extensão da natureza

formas, a base de toda a cultura oriental. Buda, há 2500 anos, denominou-a "Dharma"- a Lei que rege todo o Universo e cada um dos elementos que dele faz parte. O seu ensinamento varia milênios e consiste na difusão do conhecimento dos princípios inerentes a essa realidade, sobre a qual o Ocidente, por intermédio de uma outra forma de apreensão, discorre atualmente através da Física moderna, da Fenomenologia, de certas vertentes da Psicologia.

Reconheci, igualmente, a existência de um outro universo de princípios: objetivo e impessoal, distinto daquele estabelecido pela razão humana, a reger, em última instância, todo o universo, "rumo ao sentido apontado pela natureza" (Campbell, 1990).

O fenômeno da sincronicidade (26) constituía apenas uma de suas manifestações.

Passei a vislumbrar, desde então, o conjunto da vida manifesta como expressão do mundo das potencialidades virtuais, quero dizer, da "consciência objetiva". Sustentada pela "Grande Lei", o desabrochamento dessas potencialidades significa o espetáculo tornado visível, audível e palpável em forma de movimento, luz, cor, volume, forma, som, do qual participamos em vida, da mesma forma que o desabrochamento das nossas virtuais potencialidades corresponde à expressão dos conteúdos existentes de modo latente no inconsciente.

Os conteúdos latentes no inconsciente (consciência objetiva) vêm à forma manifesta à medida que os vamos discriminando e trazendo à luz da consciência (consciência subjetiva).

(26) Para fazer entender esse conceito, com a menor margem de incompreensão, Jung (1988c) o abordou de diferentes maneiras. Primeiramente, tomou-o como sendo uma diferenciação moderna dos conceitos obsoletos de correspondência, simpatia e harmonia, mas distinguiu-o deles por basear-se não em pressupostos filosóficos, mas na experiência concreta e na experimentação. (p.94) Depois, a escolha desse nome foi atribuída à simultaneidade de seu caráter, "para designar um fator hipotético de explicação equivalente à causalidade" (p.14) Feita essa distinção, caracterizou o fenômeno da sincronicidade como a

A esse processo de plenificação, de trazer, cada vez mais, os conteúdos latentes à luz (no sentido de desvelar ou tornar-se aquilo que de fato somos; de conhecermos a nós mesmos), Jung denominou individuação (27). A função, denominada por Jung transcendente (28), pelo seu caráter isento de polaridade, promove a realização desse processo. O acordo entre os pares de opostos possibilita a passagem das formas latentes às manifestas, mediante a síntese das diferenças em oposição e complementares.

Portanto, em nós, enquanto indivíduos, as possibilidades de revelação do nosso caráter essencial, residem e provêm daquele campo cuja natureza é idêntica à do plano da realidade isento de dualidade e do domínio espacial e temporal, ao qual acabo de me referir como consciência objetiva. Sob a

(27) Ao empregar o termo individuação estarei me referindo à idéia atribuída por Jung (1990), que "significa tornar-se único, na medida em que por 'individualidade' entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos *tornamos o nosso próprio si-mesmo*. Podemos, pois, traduzir 'individuação' como 'tornar-se si-mesmo' (Verselbstung) ou 'realizar-se do si-mesmo' (Selbstverwirklichung).", e não atribuir a ele o sentido, muitas vezes confundido, com o do individualismo, que "significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas". Portanto, queremos significar com individuação, a "realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social" (p.49). Portanto estamos nos referindo ao desenvolvimento à base de integração dos pares de opostos, que ocorre no eixo sélfico, e não àquele que ocorre na linha do eixo egóico que, por ser unilateral, não pode promover o desabrochar das potencialidades virtuais condicionado à integração dos pares de opostos. A integração dos pares de opostos denominamos função transcendente, atributo da consciência objetiva. Esta idéia está relacionada, nada mais nada menos, ao princípio básico que propicia o funcionamento harmônico do conjunto natureza, em que ocorre a base de complementação, cooperação, comensalismo e mutualismo, possibilitado pela capacidade que tem cada coisa de ser na natureza de expressar e afirmar a sua especificidade. As diferenças e singularidades, longe de constituírem ameaça, tal como ocorre numa sociedade massificadora, constituem a base que possibilita criação, reprodução, manutenção, evolução, enriquecimento e continuidade da vida. Pois que a vida só pode prosseguir na instância isenta de polaridade, naquela que integra todos os elementos que naquele aqui e agora estiverem implicados.

(28) Jung disse que "por função transcendente não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer supra-sensível ou metafísico, mas uma função que, por natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e "transcendente" resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes". (1984a, p.69)

regência de seus princípios,o ser humano teria condições de iniciar o processo para entrar em acordo consigo próprio e com a natureza.O indivíduo (e portanto,a cultura)e o cosmo poderiam, enfim,conectar-se harmonicamente, sob os mesmo princípios.

A recondução do indivíduo dividido e desconectado com a fonte a partir da qual a vida flui (Tao,Ki,Energia Primordial,Espírito, Brahman),para o estado de renascido como um outro ser humano, não mais dividido,mas conectado a esse manancial,passa,pois,necessariamente pela vivência de processos inerentes a esse plano de realidade.Os mitos, símbolos, ritos, trazem implícitos o modo,o significado e o sentido através dos quais,junto com a consciência,procede-se a integração dos conteúdos inconscientes e conscientes. Em outras palavras,revela as virtuais potencialidades,já que o tornar-se forma manifesta constitui dado básico da vida,da sua existência, manutenção e continuidade rumo ao sentido imanente a cada coisa e ao universo como um todo,cuja compreensão escapa ao esforço de natureza racional.

A partir destas reflexões, pude compreender o significado de certos motivos mitológicos e ritualísticos,da união dos pares de opostos bem como do processo de individuação:eles traduzem o modo e o processo a partir dos quais transcorre a trajetória para o encontro de si-mesmo, daquela unidade singular indivisível, de natureza idêntica `a essência subjacente ao universo manifesto e,por isso ,possível de conexão com a dinâmica inerente a essa realidade, da qual somos parte integrante e,sem cuja conexão,a seiva vida em nós não pode continuar fluindo.

Sendo inerente `a natureza desse universo o "não se mostrar diretamente", os seus conteúdos apresentam-se ,como diz Campbell (1990), através de "máscaras".Estas são constituídas de imagens,parábolas, símbolos, motivos dos arcaicos mitos (por exemplo:deuses,fadas,heróis,mãe boa, mãe má) e ritos. A sua compreensão nos revela o que elas trazem velados. Entretanto,da natureza da "verdade última"(Campbell,1990)a partir da qual emergem essas imagens ,jamais teremos conhecimento.Ela é a

nomeada Eternidade, Ki, Tao, Energia primordial, Brahman.

As "máscaras", como suas representações, portam em si conteúdos preñhes de significados, sentido e possibilidades capazes de operar processos restauradores de encontro do caminho `a nossa essência indivisível. A mesma essência sobre a qual fala Heidegger (1972), ao se referir ao "coração inconcusso do desvelamento" (29), a partir da idéia de *'Aletheías*, de Parmênides, como desvelamento. À mesma realidade perseguida nos treinos do Aikido (30), cuja meta suprema consiste em

(29) Sem a pretensão de enveredar pela profunda e complexa reflexão de Heidegger a esse propósito, a intenção aqui se restringe, tão somente, a registrar um aspecto da reflexão cuja referência é análoga ao que estou tentando expressar: sobre a última unidade essencial, tanto do ser como do universo, de natureza indivisível e pela qual se estabelece a conexão harmônica entre ambos, entre o micro e o macrocosmo. Heidegger, a partir da idéia de *'Aletheías* presente no poema filosófico de Parmênides:

...chréo dé se pánta puthésthai

emen Aletheías eukykléos atremes `etor

ede broton dócsas, tais ouk éni pístis alethés. Fragmento I, 28 sgs

...tu, porém, deves aprender tudo:

tanto o coração inconcusso do desvelamento

em sua esfericidade perfeita

como a opinião dos mortais a que falta

a confiança no desvelado" (in, Heidegger, 1972, p. 33)

vislumbra a natureza daquela unidade essencial última, sempre presente, mas agora desvelada, como de natureza incorrutível, inabalável, firme, e diz: "Aqui é nomeada a Alétheia, o desvelamento. Ela é chamada de perfeitamente esférica porque girando na pura circularidade do círculo, na qual, em cada ponto, começo e fim coincidem. Desta rotação fica excluída toda possibilidade de desvio, de deformação e de ocultação" (idem)

(30) O Aikido é uma arte marcial cujo desenvolvimento teve início na primeira metade deste século, no Japão, pelo O Sensei Morihei Ueshiba. De acordo com o sentido etimológico da palavra, *Ai*, isoladamente, significa união, confluência, encontro; *Ki*, energia, vibração, a essência da vida e do espírito; o conjunto *AIKI* quer dizer reunir a força, tornar-se UM com a energia do universo, com o princípio vital que a tudo e a todos rege (Sensei Saotome, 1985); e *DO*, o caminho, a via. Portanto, o caminho que conduz `a harmonização entre a energia micro e macrocósmica. "To unify mind and body and become one with the universe is the ultimate purpose of my study", expresso pelo Mestre Koichi Tohei (in Ki Sayings, 1973, p. 1) sintetiza bem o espírito que norteia a prática de Aikido. O Aikido tem a sua base fundada nos princípios que regem a natureza: "ele exprime e reflete a evolução constante do Universo" (Sensei Saotome). O Sensei Morihei Ueshiba deixou clara essa relação com a Natureza, ao expressar: "O meu dojo (lugar onde se fazem

alcançar um estado de espírito semelhante ao da realidade indivisível, isenta de polaridade, que se alcança com o constante treino pela conexão do nosso "Ki", situado aproximadamente três dedos abaixo do umbigo, com o "KI" do Universo, ambos de natureza idêntica, a fonte original a partir da qual flui a energia, a vida. A mesma realidade à qual se referiram os físicos ao depararem com a natureza inerente à menor unidade subatômica da matéria que aparece ora como uma partícula (matéria), ora como uma onda (luz), dependendo da forma como é abordada, portanto sem ser uma coisa ou outra, ou seja, sem a unilateralidade fixa, típica do universo humano. Ou ainda a mesma natureza insondável, Una, indivisível do TAO, descrita pela cosmovisão chinesa.

A forma como esse plano da realidade, arcaico e atualíssimo ao mesmo tempo, se faz comunicar é, também, extremamente arcaica (mitos, parábolas, poesia, imagens) e atual (não se deixa fixar nem por uma fração de segundo, presentifica-se no aqui e agora segundo a forma como é "tocado", tal como a natureza inerente à menor unidade subatômica da matéria que "aparece ora como partícula ora como onda segundo a forma como é abordada" (Capra, 1984). Portanto, trata-se de conteúdos pré-existentes, atuais e íntegros, isto é, isentos de dualidade.

O mito prepara, pois, o indivíduo que se distanciou dessa trama invisível para alargar a sua consciência a voltar acrescido, para a raiz de onde ele foi derivado. Campbell (1990) afirma que "todos os mitos lidam justamente com a transformação da consciência de um tipo ou de outro (...) tudo gira em torno de provações e iluminações" (p. 134). Isto significa que, para nos tornarmos capazes de participar e contribuir para a evolução, continuidade e manutenção da vida, temos, necessariamente, que passar por transformações nada fáceis. Isto

(cont. da nota (30)) os treinamentos) é a natureza, ele é o Universo. É um templo construído por Kami (o Criador). Se vocês olharem com o coração, o que mostra a verdade científica e espiritual, chegarão ao conhecimento. As leis da natureza provêm do amor e da harmonia absoluta da criação. É essencial que aqueles que trilham a via do Aikido guardem esses princípios de modo precioso no fundo de seu coração *

pressupõe a superação da diferença de tensões provocada pela afirmação dos polos de contrários que implica a necessária integração e síntese das partes. Em outros termos, significa a morte de um estado para o nascimento de um outro, tal como a filha que, durante o processo de gerar um novo ser, passa pelo processo de morte da condição em que se encontra para dar lugar ao nascimento da nova condição de mãe (Campbell, 1990). Assim, trata-se de um radical processo de transformação, que poucos se encontram dispostos ou decididos a vivenciar, aptos a suportar ou detendo sabedoria suficiente para levar a cabo a tarefa.

Ao observar, durante um certo período, diversos processos de metamorfose de borboletas, pude fazer um paralelo destes com aqueles do ser humano em transformação da consciência. Durante a passagem de pupas para borboletas, ou seja, para o florescimento do ser que são, observei ocorrer uma transmutação tão radical no interior das primeiras que, em várias ocasiões, presenciei a sua completa aniquilação: derretiam, literalmente.

No ser humano, esse estado limite pode ser observado no processo de transformação da consciência, no fato psicológico mais importante do seu desenvolvimento: a possibilidade de evoluir de uma posição psicológica imatura para a de auto-responsabilidade e confiança. Isto é, o de morrer para a sua personalidade e psique infantis (dependente, submisso, esperando e recebendo punições e recompensas), e retornar como adulto responsável por seus atos, sem transferi-los a terceiros (mãe, pai, "padrinhos", Estado, instituições, dogmas, partidos).

Fig. 1: pupa / sequela K.M. / 89

Essa decisão exige a coragem de morrer para um estado indiferenciado, sem responsabilidade, para revelar a sua essência singular, para a responsabilidade de seus atos: a da transmutação

da pupa paralisada em borboleta que sai em vôo livre, deixando para trás apenas a casca como testemunho de sua antiga condição.(figuras:1,2,3). Entretanto, o indivíduo restituído `a sua singularidade,apropria-se da possibilidade de conexão com os mesmos princípios que regem a natureza, pode-se colocar em acordo consigo próprio, com os outros e com a natureza.

Fig.2: passagem da pupa `a borboleta /aquarela K.M./89

Talvez por isso,o trabalho de tornar-se Um, capaz de constituir-se função útil no Todo, consista numa das mais árduas tarefas que um indivíduo possa vir a conhecer. A expressão e a afirmação da especificidade de cada elemento da natureza constituem um dos fundamentos que propicia a conexão com a fonte da energia primordial e o

Fig.3:borboleta em vôo livre/aquarela K.M./89

estabelecimento de relações de forma recíproca, complementar e cooperativa. A individuação, ou seja, o florescimento e a afirmação das potencialidades inerentes a cada indivíduo, teria a mesma função e sentido, caso a cultura pudesse ser expressão dos mesmos princípios que regem a natureza, tal como era na sua origem. A desordem, falta de fundamento e princípios estabelecedores de relações harmônicas da atualidade têm estreita relação com a perda da ligação da cultura e do indivíduo com a raiz que os derivou. Acerca dessa perda, Jung (1988a) expressou-se da seguinte forma:

"A perda de consciência em nosso mundo provém, fundamentalmente, da perda do instinto e tem sua razão de ser no desenvolvimento mental da humanidade ao longo das eras passadas. Quanto mais o homem conseguiu dominar a natureza, mais lhe subiu à cabeça o orgulho de seu saber e poder, e mais profundo o seu desprezo por tudo que é apenas natural e casual, isto é, pelos dados irracionais, inclusive a própria psique objetiva que não é a consciência." (p.39).

Desse modo, o reconectar-se com a fonte da vida, com o que propicia a transformação e a manutenção da vida em permanente vida renovada, com o mesmo princípio que rege o mundo natural de infinitos ciclos de materiais e de energia, de integrações e sínteses de pares de opostos propiciando a vida, despontou como uma das tarefas mais importantes que se pode ter em vida. E o indivíduo, ao vir à luz, já traz consigo a possibilidade dessa realização, como contraparte necessária ao conjunto da existência de todas as coisas.

O nascimento, o amadurecimento e a morte de qualquer Ser, Planeta, Universo, Cosmo, segue um curso natural do qual somos parte integrante. Nele temos uma função específica tão imprescindível como tem cada célula no conjunto de um corpo. A natureza parece bastante dócil e harmônica com relação ao sentido para o qual caminha o universo, os animais mantêm uma clara conexão com este, os povos das sociedades não tecnológicas a mantêm

Por isso, as comunidades portadoras de uma cosmovisão integradora, ou melhor, conectadas aos princípios inerentes à realidade subjacente ao mundo manifesto, conferem enorme importância a atividades que lidam com a transformação da consciência (espiritual) e conexão com os princípios que regem o mundo natural.

Por se tratar de transformação de caráter energético, o processo que conduz à transformação é propiciado por princípios, dinâmica e ritmo muito precisos. Não é por acaso que, nessas sociedades de fundamento cosmológico, a questão "espiritual" diz respeito, unicamente, a autoridades espirituais (que têm o conhecimento e domínio da dinâmica do plano da realidade que não se mostra diretamente) e constitui motivo de maior cuidado, culto e rigorosa observação das prescrições que envolvem os mitos e ritos. Estes têm o poder de encerrar em si a possibilidade da existência e continuidade da vida de toda uma coletividade, ou seja, de harmonizar o mundo natural e a cultura, cada qual com a sua natureza específica, num só código transcendente. Em vista disso, ouvimos amiúde falar que os indígenas ocupam a maior parte do seu tempo com "festas" e não com o "trabalho". Na realidade, eles estão ocupados com assunto de maior importância para a VIDA: o da conexão com a fonte da vida, com o princípio que a tudo rege e mantém a vida em permanente renovação e continuidade. Eles só podem efetivar essa conexão de modo essencial, isto é, simbolicamente, através da linguagem do campo da consciência objetiva, ao qual pertencem os mitos e os ritos. Pelo modo como os mitos e os ritos são integrados e vividos e pelo modo como os seus membros são educados, podemos dizer que nessas culturas, o Homem, a Cultura e a Natureza encontram-se inextricavelmente integrados. A sua cultura é extensão do universo que propicia a transformação necessária do Homem e a sua conexão com a raiz a partir da qual a vida flui. Os ritos de transformação da infância para a adultez, ou seja, os de preparar indivíduos úteis e aptos para conviver em comunidade, por exemplo, integram, naturalmente a cultura: a própria sociedade que os traz ao mundo prepara-os para o mundo.

Na moderna sociedade, caracteristicamente unilateral, excludente, pessoal, individualista, essa compreensão parece que foi perdida no tempo. Extinguiram-se os símbolos, mitos e ritos, expressões desse universo, fonte original da vida, e com essa perda, estão se extinguindo cada vez mais as possibilidades de nos mantermos conectados com o que nos permite a vida. Nesta sociedade destituída de um sentido cosmológico, esse fato psicológico de importância primordial não tem significação. A singularidade, aí, não encontra qualquer sentido, pelo contrário, é motivo de feroz oposição, dado que constitui ameaça à própria base sobre a qual ela se encontra assentada. Assim, promove a massificação pela qual se impõe através dos instrumentos com os quais conta, a saber, o Estado, as Instituições, a Ciência de fundamento unilateral e os próprios indivíduos que reproduzem essa ordenação. Não é por acaso que a humanidade, hoje dessacralizada e carente de símbolos, encontra-se tão confusa e carente daquilo que, em última instância, lhe confere sentido próprio e vida. E, por se tratar de uma vivência de caráter energético, e portanto necessária, a própria vida, preta de significados, muitas vezes se encarrega de conduzir as pessoas a essa vivência. Certos espaços terapêuticos, aos quais uma ínfima parcela da sociedade tem acesso, propiciam a vivência de ritos iniciáticos de atualização dos conteúdos inconscientes e o desvelamento da essência singular do indivíduo. Determinados aspectos da cultura oriental, como algumas artes marciais, enquanto práticas fundadas na harmonização do indivíduo com a sua unidade essencial, o Ki, de caráter energético, e com o Ki universal, também propiciam esse gênero de vivência. A concepção e a prática budista que também tratam dessa vivência têm, na sua base, o conhecimento para o deslocamento do indivíduo do campo **egóico** para o campo **sélfico**, isto é, para a harmonização com o princípio que rege o cosmos, o qual cada indivíduo porta em sua unidade essencial.

O fato de a sociedade e a cultura da qual participamos estarem destituídas dessa orientação significa que nos encontramos despojados de apoio para a realização da necessária transformação. Isto implica um

redobrado esforço de cada indivíduo, na tarefa que, em si, já não é nada fácil. O processo de individuação, de conhecer-se a si próprio, nessa sociedade, constitui, portanto, um verdadeiro feito heróico. Significa a coragem e a vontade de iniciar a jornada rumo a nossa essência indivisível, durante a qual nos defrontamos com todos os "demônios" e "anjos" que existem nesse caminho. No entanto, é somente com a vivência dele que podemos nos tornar UM, função útil no Todo, onde o ato de dar e receber constituem unidades de uma só função.

A propósito dessa tarefa de transformação da consciência, na nossa sociedade, Jung (1988a) assinalou muito oportunamente:

"somente aquele que se encontra tão organizado em sua individualidade quanto a massa, pode opor-lhe resistência" (pp27-8),

e acrescentou que estava

"...inteiramente convencido de que essa afirmação parece incompreensível para o homem de hoje. De há muito que a visão medieval tão salutar do homem como microcosmo, como um diminutivo, por assim dizer, do grande cosmo, se tornou obsoleta, embora a longa distância da psique enquanto instância de apreensão do mundo e dele dependente, pudesse ter desenvolvido ainda melhor essa visão. Enquanto essência psíquica, o homem não só traz impressa dentro de si a visão do macrocosmo, como possui, de modo inerente, a capacidade de recriá-la sempre de novo numa medida mais abrangente" (p28).

Ao enveredar por este caminho, numa área de trabalho como a de Ecologia e Meio Ambiente, as quais, segundo a sua definição mais corrente (31), estão voltadas, preponderantemente, para os fatos externos,

(31) Segundo Odum, a palavra Ecologia, derivada da raiz grega *oikos*, designando 'casa', significa literalmente "o estudo das 'casas', ou por extensão, 'ambientes'. Devido ao fato de que a Ecologia se ocupa especialmente com a Biologia de grupos de organismos e com os processos funcionais, na terra, nos oceanos e nas águas doces, estará mais de acordo com a moderna ênfase definir a Ecologia como *o estudo da estrutura e função da natureza*. In Ecologia, São Paulo, Pioneira, 3ª ed. 1977, trad. Kurt G. Hell.

além de partilhar da mesma sensação, não pude deixar de ficar profundamente tocada por essas formulações.

A perspectiva pela qual enveredei, não foi decorrência de uma escolha intencional, prévia. Ela brotou em mim, de fora e de dentro ao mesmo tempo. Veio e se instalou, inarredável, num mudo pedido, para que eu a tomasse em mãos. Nela embarquei como numa viagem sem volta, e não me ocorre, ao menos na instância deste trabalho, desviar-me, mudar ou dela desistir. Ela me permite, de um lado, realizar a necessária conexão entre o Indivíduo, a Cultura e a Natureza, e de outro, retomar o sentido inerente à união das partes cindidas, como a base da restituição do sentido e função do indivíduo no Todo.

Depois de circunscrever nesses termos, a questão da dificuldade humana em trazer as partes cindidas à unidade, os fenômenos ocorridos durante a trajetória percorrida pelo resgate do material que me fora expropriado e dos eventos nela ocorridos foram ficando mais claros, compreensíveis e dotados de sentido e significado. Como compreensão primordial, chegou-me a clareza de que o processo que propicia a integração das partes cindidas à unidade é constituído de fenômenos arquetípicos e, como tal, acessível somente através de linguagens, processos e ritmos a eles pertinentes.

A necessidade anteriormente pontuada de estabelecer um marco a partir de onde eu pudesse aprofundar a compreensão do fenômeno em torno do qual julgava residir o problema essencial da atualidade e constituir com ele o fundamento de um trabalho unitário, tinha chegado a um termo. A questão era muito mais profunda e complexa do que a simples tentativa de integração das diversas áreas de conhecimento presente na intenção inicial daquele projeto. Aquela poderia ser realizada com "relativa facilidade", no entanto, deixar de realizar uma leitura compreensível dos significados implícitos aos fatos que traziam inerentes a questão da cisão, unilateralidade e dificuldade em integrar as partes compartimentadas, me deixaria numa condição semelhante à do construtor de castelos de areia que presencia, sem nada poder fazer, o desmanchar do produto de seu esforço

a cada avalanche da maré.

Tendo eleito como eixo principal do trabalho a questão da cisão humana, unilateralidade e dificuldade em integrar as partes cindidas, tornou-se necessário, em primeiro lugar, compreender e traduzir os processos inerentes à recondução das partes cindidas à unidade, os quais estavam referidos àquele outro plano da realidade. A compreensão conjunta desses aspectos me levaria à elaboração de um fundamento de trabalho, isto é, à formulação de uma visão de mundo, de vida e de educação ambiental, à leitura dos dados básicos de ecologia e à elaboração de uma concepção de Educação Ambiental decorrente dessa visão.

Como tarefa preliminar, comecei a estudar, pesquisar, refletir e aprofundar a compreensão da natureza desse outro plano de realidade. Por este nunca se mostrar diretamente, conforme já foi dito, o seu conhecimento só poderia se dar através dos fenômenos que constituíam suas expressões. Mesmo a apreensão e compreensão destes, por serem de natureza arquetípica, energética, da qual fazem parte os ritos de caráter iniciático, não poderiam ser promovidas por nenhum recurso da lógica e do raciocínio em si. Eles requeriam ser apreendidos mediante a compreensão das linguagens que os representavam, ou seja, os símbolos, imagens.

Um outro dado é que se tratava de fenômenos de natureza energética, portanto dotados de caráter finalístico e, como tal, a sua realização era fadada a ocorrer de uma forma ou de outra, sob princípios precisos, como ocorre no mundo natural das leis da Física. Tratava-se ainda de manifestação das formas pré-existentes, latentes e sem conteúdo (32) as quais, para virem à forma manifesta dotada de conteúdo, fluíam para o seu análogo, matéria, através dos símbolos (33) capazes de representá-las essencialmente. Desse

(32) Acerca dessa questão veja nota (25)

(33) Segundo Jacobi (s/d), na sua vasta revisão bibliográfica acerca da palavra símbolo: "A palavra símbolo (*symbolon*), formada a partir do verbo grego *symbollo*, sempre teve que admitir as mais variadas definições e interpretação, no entanto todas elas concordavam no ponto em que, dessa forma, se queria designar algo que, por trás do sentido objetivo e visível, oculta um sentido invisível e mais profundo." Os

modo a essência, forma sem conteúdo, vinha à forma manifesta plena de conteúdo e sem perda do seu caráter essencial. O que estou tentando expressar aqui é o que o I Ching(s/d) quer significar dizendo que a

"matéria constitui a forma, a vida de todos os seres no céu e na terra, mas é sempre a energia que a mantém em movimento...que a matéria é produto da energia...que o importante é manter a ligação com essas diversas forças de luz" (p261),

que o

"TAO aqui significa uma entelúquia que a tudo abrange. Está além do universo espacial, mas atua sobre o que é visível através de imagens, de idéias que lhe são inerentes(.....) e as coisas então vêm a ser. A coisa é espacial, isto é, define-se por seus limites corpóreos. Mas não pode ser compreendida sem o conhecimento do TAO, que lhe serve de base" (p247).

Os símbolos da arcaica cultura e a sua vivência têm, na verdade, a

(cont. nota 33) símbolos são parábolas do imperecível, apresentadas em manifestações do perecível; ambos estão 'jogados juntos' neles e fundidos numa unidade de sentido", diz Doering. Também Bachofen diz, de maneira semelhante: "O símbolo evoca a intuição; a linguagem sabe apenas explicar... O símbolo estende as suas raízes até o fundo mais recôndito da alma; a linguagem roça, como uma brisa leve, a superfície da compreensão... Só o símbolo consegue unir o mais diversificado no sentido de uma única impressão global... As palavras fazem o infinito finito, os símbolos arrebatam o espírito para além dos limites do finito e mortal até o reino do ser infinito. Eles estimulam intuições, são signos do inefável, inesgotável, como estes..." E, da mesma maneira, Creutzer: "o símbolo" é capaz de, em certo sentido, tornar visível até o divino... Com irresistível força, ele atrai o homem que o contempla e, imprescindível como o próprio espírito do mundo, toca a nossa alma. Ele é fonte exuberante de idéias, que nele se movem; e o que o bom senso, unido ao raciocínio, aspira em sucessivas compreensões, ele ganha aqui, unido ao sentido, de maneira total e de uma só vez... Essas manifestações da capacidade formativa de símbolos... é próprio dessa espécie... o momentâneo, o totalitário, o inescrutável da sua origem, o urgente. Com uma única expressão designa-se nele a cisão do divino e a apoteose da imagem terrena". Em relação a isso, citamos ainda Goethe: "O simbolismo transforma o fenômeno em idéia, a idéia em imagem, de tal modo que a idéia permanece sempre infinitamente ativa e inatingível na imagem e, mesmo expressa em todas as línguas, permaneceria indizível" (in *Complexo, Arquétipo, Símbolo*, (tradução de Margit Martincic), Cultrix, SP, p75)

função de propiciar a enformação dessas formas sem conteúdos. Esses conteúdos requerem, dado o seu caráter energético, ser realizados de uma forma ou de outra. Por isso, na falta de uma cultura incapaz de tutelar o vínculo com essa fonte original da vida, a própria vida, prenhe de símbolos, muitas vezes se encarrega de levar o indivíduo, inconscientemente, a esse gênero de vivências. Realiza-se de modo objetivo e independente de nossa intenção ou vontade consciente. Neste sentido, onde ocorre uma configuração simbólica constituindo "gancho" para a manifestação e realização dos fenômenos de caráter arquetípico, ela se faz inevitavelmente.

São inúmeras as vias pelas quais chegamos à vivência dos fenômenos e processos dessa natureza. Campbell (1990) disse numa de suas entrevistas que ele chegou à sua "bem aventurança" (34) por intermédio de livros; o espaço terapêutico e as artes marciais, como já disse, propiciam-na de modo mais formalizado; muitas vezes o choque de um acidente remete o indivíduo a uma vivência extraordinária, no sentido de rever-se. Cada um dos eventos composto por um conjunto de símbolos indica o caminho da bem aventurança, e coloca o indivíduo numa trajetória que podemos denominar de arquetípica, de caráter finalístico e interligado a uma trama e um sentido maior, cujo significado último reside naquela dimensão nomeada Energia Primordial, Espírito, Deus, Tao, Eternidade, Brahman, Ki, a qual, enquanto essência última, nenhuma compreensão humana é capaz de desvendar.

O meu envolvimento e empenho pela realização do caráter integrador daquele projeto propiciou que o arcaico motivo da integração das partes cindidas à unidade pudesse ali estar representado, constituindo aquele "gancho" que a vida nos oferece para a vivência de uma aventura arquetípica. Isto me foi confirmado pela natureza arquetípica dos fenômenos ocorridos durante a trajetória pelo resgate do que me fora expropriado.

(34) Ao usar a expressão "bem aventurança", Campbell (1990) se referia a busca da coisa mais preciosa

Quando estabeleci o objetivo de elaborar ,para uma realidade extremamente compartimentada como a do ensino de I Grau,um material didático de Educação Ambiental de concepção unitária, de tal modo que a sua natureza integradora pudesse transitar imune a essa compartimentação e ao mesmo tempo propiciasse,sem alterar a estrutura do ensino e do currículo escolar,a integração das partes compartimentadas e desconectadas entre si, estava, na realidade,buscando um fator que transcendesse a dualidade típica do nosso mundo temporal.Na realidade,a intenção inerente ao trabalho, favoreceu a configuração simbólica da vivência do processo de elaboração da síntese dos pares de opostos `a unidade indivisível e a conexão com os fenômenos do outro plano da realidade.

O mundo natural,por um lado,como expressão mais direta desse universo isento de polaridade, portador de princípios propiciadores da permanente renovação e evolução da vida,me oferecia um inesgotável material de trabalho sob esse prisma; por outro lado,o campo da Educação Ambiental, pela possibilidade de nele trabalhar de modo interdisciplinar e holístico (35) havia se apresentado favorável`a sua fermentação. Tanto que o sentido mais profundo daquela concepção de trabalho havia se dirigido para o encontro de um fator que superasse a dualidade,mesmo antes de eu saber que era por seu intermédio,função transcendente,que ocorria o processo de integração dos pares de opostos, no nível da psique,entre os conteúdos conscientes e inconscientes.

Na verdade,na ocasião em que iniciei a elaboração daquela concepção de material didático, não tinha nem intenção e clareza e nem pretensão de dotá-la de um fator de natureza transcendente, entretanto, implícita em sua

(cont.nota(34))potencialidade que a ele unicamente pertence,a expressão das suas potencialidades virtuais,e o que lhe permite manter-se conectado com as mesmas leis que regem o Cosmo (1990).

(35)Conforme o dicionário Hollanda,A.B., Holismo em Filosofia, significa: "tendência que se supõe seja referência ao universo e a estatísticas unidades em totalidades organizadas."

essência e sentido, configurara-se, essencialmente, o intuito da superação da unilateralidade e a integração de suas partes à unidade, motivo dos arcaicos mitos pela individuação.

A estrutura circular do trabalho, solução decorrente da tentativa de

Figura 4: mandala

criar uma maneira de trabalhar a totalidade não partível face à estrutura que nos remetia à fragmentação, era um atributo da linguagem inconsciente. Como se sabe, a representação mais universal da totalidade psíquica são as formas circulares, o mandala⁽³⁶⁾ (figura: 4), sobre a qual Jung tratou largamente em diversas obras. Também símbolo do transcendente, o além da dualidade

manifesta neste mundo, o terreno livre de polaridade.

A estrutura seqüencial que adotara na ordenação dos textos como um

(36) "mandala" é a palavra sânscrita para "círculo", mas um círculo que é montado ou desenhado simbolicamente, o que lhe permite adquirir um significado de ordem cósmica. Ao compor mandalas, você está tentando coordenar seu círculo pessoal com o universal" (Campbell, 1990, p. 227). Ou ainda, segundo von Franz, M.L. (in Jung, 1987), o círculo (ou esfera) é um símbolo do self, e como tal expressa a "totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre o homem e a natureza (...). ele indica sempre o mais importante aspecto da vida - sua extrema e integral totalização." Ou ainda segundo Jung, "a mandala representa a unidade e a totalidade da psique ou self, de que fazem parte tanto o consciente quanto o inconsciente (...). É uma projeção da imagem arquetípica do interior do inconsciente humano sobre o mundo exterior" (Jung, 1987, pp. 240/243).

todo, a fim de que os conteúdos de cada texto pudessem servir de base ao texto subsequente e possibilitar a passagem de informações, num crescendo, em direção a uma totalidade não compartimentada e mais completa possível de informações, era atributo de um dos princípios que rege a natureza, o nosso desenvolvimento biológico e psicológico (37).

A integração de linguagens ultrapassando a mera técnica tentava estabelecer a unidade entre o saber vivenciado e o conhecimento científico e técnico.

A proposta de adaptar o material didático à singularidade de cada usuário, ao trazer implícita a referência à valorização da unidade essencial de cada indivíduo, relacionava-se também ao arcaico motivo da união dos pares de opostos. Este constituía o princípio básico da vida, da continuidade e evolução de todas as coisas rumo ao florescimento dos seus conteúdos latentes e a realização do seu imanente sentido. Era a partir da vivência dos processos inerentes a esse princípio que a singularidade individual, entendida como resultado de processos de união dos pares de opostos, vinha à forma manifesta, plenificava-se. Este princípio era inerente àquele outro plano da realidade. Princípio de natureza idêntica tinha sido eleito como referência ao trabalho de concepção integradora. Assim, um ponto daquela outra dimensão temporal passou a estar aqui representado e a desdobrar-se

(37) Em Fisiologia há um termo interessante para se referir ao processo de desenvolvimento e constituição dos seres ou tecidos através de sucessivas seqüências, cuja etapa anterior prepara a etapa subsequente. É a epigenesia. Segundo o dicionário Holanda, A.B. é "a teoria segundo a qual a constituição dos seres se inicia a partir da célula sem estrutura e se faz mediante sucessiva formação e adição de novas partes que, previamente, não existem no ovo fecundado", ou segundo Brachet: "Em embriologia, deve-se ter sempre presente no espírito o valor real da palavra desenvolvimento; ela significa que todas as formas e todos os órgãos se constroem por uma série lenta e progressiva de complicações, que se encadeiam estreitamente e só pára quando o estado adulto é alcançado" (La vie créative des
nes, Alcan, (1927) p 171, in Piaget, A formação do símbolo na Criança, São Paulo, Zahar, 1978, p 20.)

numa série de eventos típicos daquele universo.

Este dado, ao lado da intenção de eu não mais querer continuar reproduzindo a separação, primeiramente em mim, entre a intenção e o gesto, ou de não mais querer continuar fazendo de conta que basta o discurso para que ocorra a integração entre o conceito e a vivência; entre a teoria e a prática; entre a vontade e o ato; entre a intenção, a palavra e o gesto, remetia-me à estreita brecha propiciadora de vivências que levam à integração dos conteúdos inconscientes e conscientes, ou seja a vivências iniciáticas que conduzem a psique dividida à unidade. Ou seja, passava necessariamente pelo confronto com o próprio inconsciente e pela integração de ambas as esferas da psique.

Assim, quando a intenção tomou forma concreta de uma versão unitária preliminar de trabalho, teve início o confronto com a força oposta, representado pela apropriação de sua cópia para fins de fragmentação. Para além da sua ocorrência concreta, esse fato externo representava simbolicamente a dualidade interna, em confronto. E como tal, lançava-me numa trajetória, cuja finalidade (resgate do que me fora expropriado) trazia implícito um arcaico motivo pela recondução das partes cindidas à unidade, à fonte da vida, à qual Campbell denominou "aventura arquetípica".

Como já disse, pela essência da intenção, o trabalho se conectava aos princípios e atributos do universo não dual, sendo o seu curso, conseqüentemente, remetido ao seu campo e eixo e trazendo junto, o simbólico rito de iniciação, de união dos pares de opostos, o qual envolve, inexoravelmente, um caminho crucial tão intenso que é impossível não sair dele acompanhado de uma radical transformação interna. Não foi por acaso que a trajetória foi revestida de numinosidade e marcada por tantas dificuldades a superar. Nela estava implícita a vivência do arcaico símbolo da recondução das partes cindidas à unidade propiciada por ritos de caráter iniciático. Esta, na acepção mais atual entendida como vivência dos processos que levam à atualização e integração dos conteúdos inconscientes e conscientes a partir de uma instância isenta de polaridade: "função

transcendente", na acepção junguiana ou "caminho do meio", na acepção budista, isto é, que traz à luz os conteúdos da latente potencialidade.

Uma trajetória arquetípica não é isenta de dificuldades, provas e revelações, mesmo porque sem elas não haveria meio de se provocar aquela diferença substancial de tensões capaz de operar uma transformação tão grande quanto a transformação da consciência. A esse propósito, Campbell (1990), em relação ao rito de iniciação entre os aborígenes, disse que

"Nos primitivos rituais de iniciação, o menino é arrancado da infância, e seu corpo é marcado com cicatrizes. Então ele passa a ter o corpo de um homem. Não há como voltar à infância, depois de um espetáculo desses!" (p86).

Enveredar por esse caminho significava o necessário encontro e a passagem pelo estreito caminho, segundo a idéia do 'estrito caminho que conduz à vida e poucos encontram', expresso em Mateus 7.v.14.

Quando falamos em aventura heróica, não estamos nos referindo a um ato de embate físico. Que seja ele um símbolo, mas a referência aqui é quanto à sua significação essencial. Campbell (1990), numa de suas colocações, diz que o fato de dar à luz um novo ser, de ser mãe, consiste numa proeza heróica que envolve muitos riscos e transformações, tão radical e sem volta, como a de filha para mãe, a de criança para adulto. E que também é um atributo dessa jornada heróica trazer-se alguma coisa ao mundo em seu retorno, tal como a mãe retorna com a criança. (pp32-34).

Da trajetória pela qual enveredei, fazia parte o trazer aquilo que me fora expropriado. Neste ato, estava também representado o resgate da minha própria singularidade.

A trajetória e a vivência de caráter iniciático não foram propiciadas apenas pela intenção de me fazer encontrar um modo de trabalho isento de polaridade. A ocorrência sincrônica de outros eventos veio a reafirmar a natureza arquetípica do conjunto de fenômenos ocorridos e vivenciados.

Posso dizer que a minha iniciação foi propiciada pela vida.

Pontualmente foi marcada pelo início do percurso daquela "aventura arquetípica". Esse processo, no entanto, foi preparado por vários outros acontecimentos, que relato abaixo, que se transformaram em fatores indispensáveis na composição do enredo, rumo à minha "bem aventurança". Nessa mesma época, havia iniciado os meus treinos em Aikido, tivera um sonho de caráter nitidamente iniciático que me chamara muita atenção, iniciara a minha aproximação com o pensamento e a prática budista, e também tivera início a minha análise, ora em curso.

Em 1983, foi iniciada a minha prática em Aikido(38), cuja meta suprema, como já coloquei anteriormente, reside em estabelecer, mediante treinamentos disciplinados e sistemáticos, conexão com o nosso centro energético, o Ki, e a harmonização deste com o centro de energia macrocósmica, o Ki universal. Em outras palavras, em estabelecer conexão com a região livre de polaridade (o Ki). Essencialmente, princípios de natureza idêntica inerentes àquêle outro plano da realidade estavam representados na busca de ambas as esferas de atividade, ou seja, tanto no Aikido como na intenção daquele trabalho.

Em 1984, a ocorrência de um sonho de natureza iniciática(39), o qual representei por um desenho na ocasião (fig.5), selava simbolicamente o início da sagrada trajetória.

(38) Referências na nota (30).

(39) "Uma multidão aglomerada em fila, num clima de névoa, sem sol, húmido, escuro, sombrio (obscuro mar do inconsciente), espera numa espera indefinida, dias e noites. É uma espera por algo que se encontra lá na frente, por uma espécie de objetivo que está lá na frente, mas que eu não consigo vê-lo de modo claro. De repente, emerge o comando de uma pessoa (como se faz às vezes no Aikido ao se indicar o parceiro para o treino) para eu ficar de par com uma outra pessoa. Não identifico muito bem quem é o meu parceiro. Pelo meu contentamento, parece ser o Jérôme (*), mas pelo seu aspecto físico parece ser o Amiel (*)."

(Na realidade são duas pessoas pelas quais tenho profunda consideração e gratidão por terem se constituído, no decorrer de minha vida, em modelos de pessoas que fizeram uma trajetória em direção a si mesmos. Cada um a sua maneira parece ter levado a cabo o processo de individuação. Mesmo que na ocasião eu não tivesse conhecimento disso, pude reconhecer o bem-estar que essas pessoas proporcionavam aos

Figura 5: Imagem de um sonho iniciático/Desenho,K.M./1984

Em 1985, iniciou-se em mim um processo de aproximação com o pensamento e a prática budista, dos quais, até então, nunca tinha me aproximado. Por essa via, inconscientemente, tinha-me me conectado 'a

(cont.da nota(39))O primeiro estava simbolizando a pessoa que me fez suspeitar da existência de um estágio superior de espírito humano.Mais tarde vim a saber que o nascimento dessa qualidade estava intimamente relacionado a vivência do processo de individuação.Sem nunca ter-me dito esse nome , apenas pela sua conduta,manifesta pela coerência entre a intenção, a fala e o gesto inculou-me de modo definitivo a certeza da existência de um modo de ser e existir orientado por um outro princípio.Somente muitos anos mais tarde vim a ter conhecimento de que o bem-estar que essa pessoa me transmitia era fruto de um longo ,árduo e difícil processo de confronto,atualização e integração dos conteúdos inconscientes e conscientes. A segunda pessoa, a que me introduziu no Aikido,sem nunca ter-me feito qualquer discurso sobre essa arte marcial,passou -me a certeza de que o saber que ele havia adquirido no decorrer dos treinos de Aikido estava na base do seu modo integrado de ser e viver,que tornava o seu gesto tão sincrônico quanto a situação em que se encontrava a cada instante. Mais tarde, ao começar a me desenvolver em Aikido, vim a saber que a sua meta residia em harmonizar-se com o princípio que rege o

minha ancestral raiz. Desembocara no budismo esotérico remanescente da remota vertente Shingon. Certifiquei-me, somente anos depois, que por um lado, ela tinha sido a religião de toda a linhagem do meu ancestral materno; e por outro lado, que o Shingon integrava como suprema meta a prática de um conhecimento plenamente integrado: "Shugeishuchi(40) quer dizer: reunir todas as disciplinas e artes numa síntese integral e implantar a perfeita sabedoria" (Kukai Daishozu(Kôbo Daishi), 15º dia do 12º mês do 5º ano da Era Tencho, in Gonçalves(org.)-Textos budistas e Zen budistas, São Paulo, Cultrix, 2ªed, s/d ,p.214). Uma vez mais, a busca e a vivência de realidades inerentes `aquele outro plano de existência, tal como buscava naquele trabalho, se encontravam no motivo da volta `a raiz e da integração das partes numa só unidade .

Reconheci, desse modo, que todo um conjunto de acontecimentos que ocorreram em torno da trajetória pelo resgate do expropriado, estava referido a uma experiência arcaica. Ao quisermos transmiti-la, pelos meios de que dispomos para comunicar o vivenciado, nos termos exatos de sua experiência e apreensão, ficamos fadados ao fracasso ,por ser ela uma

(cont.da nota(39)Retomando o sonho, de repente estou de pé e, sentado `a minha frente de costas, está esse meu parceiro Jérôme/Amiel. Percebo que há uma grande mosca(símbolo dos conteúdos inconscientes)pousada no topo da cabeça dessa figura .Era uma mosca verde reluzente, tipo varejeira.Eu quero tirá-la, mas não acho muito próprio tirá-la com a mão: posso esmagá-la. Então pego a faixa branca(símbolo do início nas artes marciais,símbolo da iniciação) de Aikido(na ocasião havia passado para a faixa amarela).Pego a mosca com a faixa e dou-a para essa figura Jérôme/Amiel.Quando ela a pega ,a mosca já não é mais uma mosca.Na sua mão ela se transformara num outro inseto,um inseto verde de carapaça dura(aquele do símbolo popular de boa sorte,semelhante a um escaravelho,o qual na mitologia egípcia está intimamente relacionado ao processo de renascimento do Homem).A figura Jérôme/Amiel ata o fogo no inseto, com uma chama de fósforo (símbolo de aquecimento da função transcendente e o processo de integração de ambas as esferas da psique). As pessoas que lá estavam `a espera, sentadas e imóveis ao nosso redor, algumas mulheres,outras que não distingo muito bem, começam a se levantar e a se mexer lentamente(símbolo da mobilização dos conteúdos adormecidos).

(*) Por questões de norma ética os nomes são pseudônimos)

(40)A suprema autoridade(Kôbo Daishi) do budismo esotérico Shingon,Kukai,Daishozu, no ideal de reunir todas as disciplinas numa síntese harmônica ,instalou , na Era Tencho(824/834D.C.) uma escola,com essa intenção, denominada Shugeishuchi. (in,Gonçalves R.M.(Org.) Textos budistas e zen-budistas,São Paulo,

vivência do campo do Sagrado, portanto impossível de ser compartilhada a não ser por aqueles que passaram por uma experiência análoga. Como se sabe

"Todo indivíduo que teve uma experiência com o mistério sabe que há uma dimensão do universo que não corresponde àquela avaliável pelos sentidos As pessoas que vivem no mundo da natureza experimentam isso todos os dias. Elas experimentam o reconhecimento de algo muito maior do que a dimensão humana. A tendência do homem, contudo, é personificar essas experiências para antropomorfizar forças naturais. Em nosso mundo ocidental de pensar, Deus é visto como fonte última ou causa das energias e do mistério do universo. Mas na maior parte do pensamento oriental, e também do pensamento primitivo, os deuses são manifestações e provimento de uma energia que é, na verdade, impessoal. Eles não são a fonte dessa energia. São o veículo dela. E a força ou qualidade da energia por eles representada determina o caráter e a função do deus. Há deuses da violência, há deuses da compaixão, há deuses que unem os mundos do invisível e do visível e há deuses que simplesmente são os protetores de reis ou nações em suas campanhas de guerra. São personificações da energia posta em jogo. Mas a fonte última da energia permanece um mistério. (Campbell, 1990, pp. 217-8)

Essa compreensão foi-me chegando aos poucos. Brotou da experiência vivida, muitas vezes extremamente dolorosa e muito diferente daquelas advindas da racionalidade intelectual ou técnica. Foi amadurecendo e se esclarecendo na medida em que eu ia simultaneamente sentindo, intuindo, confrontando-me com esses problemas e superando-os, pesquisando, estudando, refletindo e percebendo a natureza deles.

No curso desses acontecimentos plenos de representações simbólicas, emergiu o reconhecimento da existência de um universo, isento de dualidade, subjacente ao mundo manifesto, com princípios sutis, precisos e flexíveis ao aqui e agora, e que regia, em última instância, todo o universo de coisas existentes, inclusive o nosso desenvolvimento psicológico. Nele, o modo de trabalhar também foi sofrendo radicais transformações. Independente de o caráter interdisciplinar de Educação Ambiental abranger amplas questões e, por isso mesmo, exigir um campo maior de compreensão

do universo do qual acabava tratando, a defasagem entre a intenção, a fala e o gesto, nessa nova configuração, já não tinha mais lugar. Assim, o centro de referência e fundamento do trabalho tinha que se deslocar para aquela realidade isenta de polaridade, caso contrário o trabalho acabaria por se reduzir, novamente, em discurso ou práticas pragmáticas destituídas de unidade, sentido e significado. As idéias, conceitos e definições, depois dessa trajetória, já não poderiam mais ficar, efetivamente, apenas em discursos. O ideal inicial de superação da compartimentação e fragmentação mediante perspectiva interdisciplinar e unitária, ao trazer em seu seio o germe da busca do princípio da integração dos pares de opostos, dirigiu-se ao endereço adequado, isto é, ao plano da realidade isento de dualidade. Assim, a idéia inicial, destituída de conteúdo, foi tomando consistência e requerendo a elaboração do seu fundamento.

Nesse sentido, a forma como essa apreensão inicial intuitiva global ficou disposta no material resgatado, selando o retorno da trajetória arquetípica, encerrava, de certo modo, o compromisso com uma visão multi e interdisciplinar, e a abertura deixada pela nota "edição piloto" pontuando a sua necessária complementação, selava o compromisso de formular a nova perspectiva, a arquetípica.

Por um lado, isso significava a necessária constituição de uma cosmovisão dentro dessa nova perspectiva, a fim de formular amplos e profundos princípios capazes de nortear tanto a leitura dos dados básicos de ecologia, como a elaboração do conceito e a prática de Educação Ambiental, o que implicava resgatar e integrar os conteúdos daquela apreensão intuitiva inicial, bem como aqueles que foram se configurando ao longo da trajetória de natureza arquetípica, dos estudos, insight e reflexões.

Por outro lado, sendo a questão da integração das partes à unidade um dos princípios-base dessa perspectiva, a constituição de um método capaz de traduzir a sua concepção teórico-filosófica de trabalho, numa vivência prática, representava a outra parte necessária desse fundamento. Isso implicava resgatar e explicitar o método de trabalho prático-vivencial que

foi se destilando, ao longo de diversas buscas e do desenvolvimento de inúmeros cursos de Educação Ambiental, como a tradução mais aproximada dessa ampla concepção.

As inúmeras experiências processadas no decorrer do desenvolvimento de cursos de Educação Ambiental contribuíram para que um método viesse, enfim, a se constituir em tradução aproximada de seu fundamento teórico-filosófico. O germe desse modo de trabalhar teve sua origem mais remota naquele trabalho que antecedeu este e, ao mesmo tempo, o derivou: refiro-me àquele material de Educação Ambiental(41), que verifiquei nas escolas, entre 1985 e 1986(42). E, nas inúmeras buscas paralelas que realizei em direção ao encontro de formas que pudessem se adequar ao trabalho prático-vivencial de integração corpo e pensamento, intuição e razão, sensações e gestos (43), cujos resultados vieram a completar uma parte importante deste método de trabalho. Depois, seguiu-se uma série de oportunidades através das quais fui chegando cada vez mais a um sistema próprio de trabalho próximo daquele capaz de favorecer a integração da teoria e da prática à vivência. A convivência com inúmeras pessoas com as quais tive ocasião de interagir nos cursos, palestras e encontros dos quais participei, proporcionou-me, igualmente, oportunidades para ir confirmando, refletindo, revendo, modificando e reunindo idéias e referências. Dentre essas oportunidades, figuram as que tive de ministrar cursos de Educação Ambiental em: 1986, no "I Curso de Especialização em Educação Ambiental", promovido pela Secretaria Especial do Meio Ambiente e Universidade Federal de Brasília; 1987, no "II Curso de Especialização em Educação Ambiental", promovido pela Secretaria Especial do Meio Ambiente e Universidade Federal

(41) Conforme citado na nota(18)

(42) Conforme me referi na página 21.

(43) O ingresso no curso de Especialização em Teatro e Dança da ECA/USP - 1988/89 representou uma dessas buscas. Os exercícios de pintura, bem como os treinos em Aikido que vinha realizando ao longo de anos apoiaram enormemente essa busca. Eles constituíram a base para que eu pudesse vir a elaborar as

de Brasília;1987,no "II Curso de Planejamento de Recursos Ambientais Para América Latina e Caribe",promovido pela Coordenação de Recursos Ambientais e Universidade Federal da Bahia;1988,no Curso de Educação Ambiental para o Ensino de I e II Graus, promovido pela Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental;1989,no "Curso de Especialização em Saúde Pública",promovido pelo Departamento de Medicina Preventiva e Social,da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Neles,tive a ocasião de ir desenvolvendo,verificando e me aproximando de uma prática e vivência de educação ambiental cada vez mais próxima da concepção teórico-filosófica que buscava. Finalmente,após sucessivas verificações, revisões, aprofundamentos e modificações, ao ministrar,em 1990,o curso de Extensão Universitária, intitulado "Teoria e Vivência em Educação Ambiental:sistema e filosofia de trabalho de abordagem holística",no Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo; em janeiro de 1991,o de "Educação Ambiental:alternativas metodológicas" no curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino da Geografia,promovido pelo Departamento de Geociências,do Instituto de Ciências Exatas e Geociências ,da Universidade de Passo Fundo/RS; e,de modo parcial,em novembro de 1991,ao ministrar aulas de Educação Ambiental no "Curso de Especialização em Saúde Pública",do Departamento de Medicina Preventiva e Social,da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas;pude reconhecer o que passei a considerar a tradução mais aproximada,em vivência teórica e prática,da ampla concepção filosófica, metodológica e técnica de Educação Ambiental.

Assim,o que fora começando pela suspeita de que a questão fundamental do Homem e da Civilização de hoje residia na cisão , na percepção distorcida da realidade e no deslocamento da potencialidade de cada indivíduo do seu centro,acabou por compor uma Cosmovisão e uma Concepção de Educação Ambiental sob essa perspectiva,ou seja,centradas no indivíduo e na realidade

princípio que rege a natureza: a integração dos pares de opostos como a base do florescimento das potencialidades inerentes a cada coisa. A sua formulação teórico-filosófica acabou por integrar a experiência vivida, sentida e intuída, as reflexões e formulações teóricas, os conhecimentos da ciência e a sabedoria de alguns de nossos muito antigos e sábios antepassados; e a sua tradução na prática vivencial procurou integrar os resultados das inúmeras buscas, trocas e averiguações efetivadas junto a cursos de Educação Ambiental. Entretanto a teoria e a prática foram se configurando à medida em que o conhecimento que ia-se fazendo ia também sendo transferido, vivenciado, verificado, reformulado, ampliado e aprofundado, numa dinâmica de uma ir produzindo reciprocamente a outra. Ambas, portanto, constituem aspectos interdependentes e complementares de uma só unidade, tanto que a feição final do trabalho resultou numa unidade composta de aspectos teórico-filosóficos e prático-vivenciais.

Dada a complexidade e a profundidade da tarefa que precisava ser empreendida, esta requeria instância e tempo adequados para vir a ser enunciada de tal modo que eu pudesse me dar por satisfeita, dentro do possível.

Ao procurar o curso de pós-graduação em Psicologia, procurava essa instância adequada. Escolhi a Psicologia por achar que a questão central, objeto de meu trabalho estava a ela referida e por senti-la como o regaço mais apropriado para acolher e nutrir uma proposta que enveredou por um percurso nada regular na busca de um caminho. E a Psicologia Escolar, por estar implicada com a Educação.

Não sou psicóloga, tampouco sou especialista em mitologia ou mistérios esotéricos, no entanto essa questão brotou da vida e se colocou de modo inarredável, num mudo pedido, para ser desvendada e me pôs em movimento para compreendê-la. Iniciei o percurso, integrando os recursos de que dispunha a minha pessoa e os que o mundo me proporcionava para apoiar a realização.

Reconheço que a temática é extremamente complexa, profunda e ampla.

Além do que, ao partir no encalço da compreensão do que a motivou, verifiquei que ela percorre uma trajetória que extrapola os limites da ciência, do acadêmico e do profissional e envereda pela vida.

Reconheço, igualmente, que é um projeto exageradamente pretensioso e audacioso. E tenho certeza, dadas as minhas limitações como pessoa, como profissional e como intelectual, que não terei condições de realizá-lo de modo que possa expô-lo como completo ou acabado.

Em vista disso tentei, em primeiro lugar, estabelecer algumas referências a partir das quais eu nortearia e limitaria o trabalho. Uma delas foi a idéia de circunscrever e não de esgotar a temática em questão. Esta atitude teve a finalidade de me permitir situar-me dentro daquela margem onde eu pudesse reconhecer o trabalho, pela sua complexidade, como não esgotado, tanto quanto a sua extensão como quanto a sua profundidade.

Em relação ao caráter da temática que extrapola os diversos limites nos quais, "normalmente", se insere um trabalho acadêmico, houve a necessidade de articulação dos diversos dados das diferentes áreas e formas de apreensão e sistematização de conhecimentos, sobretudo das vivências.

A outra - referência diz respeito à complexidade, profundidade e extensão da temática em questão. Assim, tentei reduzir a ampla temática a unidades nucleares capazes de abranger a totalidade a partir da menor unidade essencial. Inicialmente, pela intuição de que algo de essencial residia em torno dos fenômenos de tendência fragmentária e unilateral, cheguei à compreensão de que estas constituíam expressões de uma tendência básica do Homem à cisão e unilateralidade em torno da qual, parecia residir a questão fundamental do Homem de hoje e, portanto, do ambiente e da sociedade. Tendo reconhecido que a cisão e a unilateralidade constituíam partes de uma só unidade e encontravam-se estreitamente relacionadas entre si, de tal modo que a compreensão de uma me conduzia inevitavelmente à da outra, tentei encontrar uma unidade nuclear essencial capaz de tocar de uma só vez a essência de ambas. Esse esforço me levou à

questão da dificuldade humana em trazer as partes cindidas à unidade como a menor unidade focal norteadora do trabalho de pesquisa, estudo, reflexão, averiguação, compreensão. Necessitava, então, de uma pista para iniciar o percurso à compreensão aprofundada dessa unidade nuclear. Ocorria-me haver uma estreita relação entre essa questão e a série de eventos extraordinários ocorridos durante a trajetória pelo resgate do material que me fora expropriado. Assim, acabei chegando à trajetória arquetípica, constituída de arcaicos motivos da união dos pares de opostos. Esta integrava, enfim, tanto a questão da cisão e da unilateralidade como a dificuldade humana de integrar as partes separadas e a vivência dos processos que conduziam à integração das partes divididas, acabou por se constituir no núcleo e eixo, junto com as outras referências, em torno e a partir dos quais se desenvolveria a temática da tese.

E, por fim, mesmo que a natureza do tema deste trabalho e da trajetória por ele percorrida, já traga em si um determinado método de trabalho, julguei necessário explicitar o campo de referência metodológica, no qual e a partir do qual ele se desenvolve. Tratando-se de uma questão nada simples, reservei um espaço específico a esta colocação, a qual constitui o tema do item seguinte, intitulado "A Propósito do Sujeito e do Objeto na Ciência".

2. A propósito do sujeito e do objeto na Ciência

"o símbolo mais transcendente que existe é a verdade"(Byington, 1987, p.5)

Ao discorrermos sobre as produções que se realizam nos marcos da ciência e do acadêmico e nelas nos determos no modo como circunscrevem a questão da inextricável participação do sujeito que produz com o seu objeto de estudo, defrontar-nos-emos, de ordinário, com um problema de ordem epistemológica nada confortável, do qual esta não escapa, ao contrário constitui a sua primeira dificuldade. Não se trata de uma questão de ordem pessoal. Trata-se de um processo de trabalho que encontra embaraços ao transcorrer num quadro de dissociação subjetivo-objetiva da ciência, derivado, como disse Byington, de uma "dissociação patológica do self cultural europeu"(1987, p.6). E atinge o autor de modo pessoal, durante todo o percurso de seu trabalho, atingindo-o, mais ainda, no momento em que ele se dispõe a organizar, selecionar, destilar e integrar todo o manancial de dados e vivências, sob a mira dos princípios do rigor e da objetividade científica, e se vê na impossibilidade de excluir parte do seu Ser que se presentifica de modo inseparável, tal como a consciência é inseparável do inconsciente.

Reconhecendo essa realidade e considerando o percurso e o método nada regulares, dentro dos quadros da racionalidade científica, pelos quais enveredou este trabalho, vieram, concomitantemente, a necessária explicitação das referências a partir das quais este se desenvolve, bem como a necessidade de situá-lo sob um parâmetro capaz de colocar em acordo a natureza específica, tanto deste trabalho como da ciência. Em outras palavras, foi necessário encontrar um parâmetro com qualidade capaz de dignificá-los no sentido de permitir a cada qual conservar a sua especificidade, sem prevalência de um ou de outro. Um parâmetro, portanto,

A idéia: "o símbolo mais transcendente que existe é a verdade", expressa por Byington(44), constituiu a pista que me conduziu a reconhecer a verdade como atributo da ciência, o dado inicial `a formulação do campo de referências. O seu reconhecimento me levou a retomar o significado da palavra "verdade" como primeira tarefa.

De acordo com a natureza do trabalho, essa retomada caminhou para o sentido conferido `a verdade, no momento de sua criação, `a sua origem etimológica, levando-me `a noção grega da verdade (*Alétheia*) como desvelamento, `as complexas reflexões de Martin Heidegger(1972) em torno da natureza e da idéia do desvelamento/desvelado, a partir da reapropriação da palavra Alétheia como desocultação(45). E, `as reflexões de Jaa Torrano (1986) em torno da verdade, realizadas a partir da noção grega de verdade e das reflexões de Heidegger, cujo modo de abordá-la veio a apoiar diretamente a explicitação da referência que eu procurava constituir. Assim, diz ele:

"Como desocultação é que os gregos antigos tiveram a experiência fundamental da Verdade. A palavra grega alétheia, que a nomeia, indica-a como não esquecimento, no sentido em que eles experimentaram o Esquecimento não como fato psicológico, mas como uma força numinosa de ocultação, de encobrimento. Desde as reflexões de Martin Heidegger estamos afeitos a traduzir alétheia por re-velação, des-ocultação, ou ainda não esquecimento. Isto porque a experiência que originariamente os gregos tiveram da Verdade é radicalmente distinta e diversa da noção comum hodierna que esta nossa palavra veicula. (...) ...devemos evitar a mera contraposição de verdade e mentira e ainda mais evitar entender verdade e mentira como adequação (ou não) do intelecto `a coisa ou como confirmação (ou não) que a verificação empírica traz ao que a palavra afirma" (pp.26-7)

(44) Esta expressão constitui vinheta do trabalho do autor intitulado "A Ciência Simbólica, Epistemologia e Arquétipo: uma síntese holística da busca do conhecimento objetivo e esotérico", in *Junguiana*, 5, 1987, pp5-23.

Ao reapropriar o significado da palavra "verdade", no sentido de "desvelamento" e não como "adequação (ou não) do intelecto à coisa ou como a confirmação (ou não) do que a verificação empírica traz ao que a palavra afirma"(46),e tomando-a,como uma das características fundamentais da Ciência,fica colocado aquele ponto de referência capaz de representar ambas as naturezas, a deste trabalho e a da Ciência, e colocá-las em acordo.

Quero, com isso,expressar que a jornada da Ciência é como a da Arte na busca da expressão da essência oculta sob o invólucro dos seres, das coisas e do tempo, cujo desvelamento traz à luz o seu espírito,o espírito arquetípico da época ou mesmo a sua antecipação(47).Que essência e matéria

(46)Hesíodo:Teogonia:A Origem dos Deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano,SP,Roswitha Kempf,1986.

(47)Recentemente tive a rara ocasião de estar em contato com o Venerável Lama tibetano,Ganchen Rimpoche,quando estive em São Paulo entre março e abril de 1991,e numa de suas palestras ele falou sobre o ciclo de sucessivas aparições de Budas na Terra, ao todo 1.000(mil). Segundo ele,o Buda Shakyamuni, nascido há 2.500 anos,foi o 4º Buda e veio realizar a passagem de uma época à outra.Entretanto sabia-se de antemão que essa Era, caracterizada principalmente pela obtusidade, inflexibilidade e dureza dos seres humanos,seria um dos mais difíceis e penosos períodos a serem superados. A aparição de um Buda na Terra,nessa Era corresponderia a trazer à luz a compreensão da essência da realidade última e o modo como se se poderia conectar a seus princípios, como forma de eliminar a raiz do sofrimento humano. Shakyamuni foi o único,dentre os outros Budas, que se dispôs a encará-lo .E foi o que Ele ensinou, durante toda a sua vida,após a sua iluminação.O Dharma, a lei do Universo, representa esse ensinamento. O Buda vindouro,o que sucederá ao Buda Shakyamuni,é o Buda Maytreia ,o que aguarda(pronto para descer,com os dois pés já tocando o solo -é a única imagem que se diferencia das demais que se encontram em posição de lótus) a fase anterior ser completada e representa o amor e a compaixão.Ao escutar isso,percebi com enorme lucidez que Rimpoche estava se referindo aos arquétipos correspondentes a cada período da Humanidade, do Universo, cuja revelação os poetas, os artistas, os profetas fazem ! Por isso é atribuída a esses a qualidade de antenas da civilização.Também pude entender o fenômeno cada vez mais abrangente da compreensão da essência da realidade última, derivando daí a base para a construção de uma relação mais compreensiva, afetiva(atributo do Buda Maytreia!) Portanto coincide com o desenvolvimento da difícilíssima tarefa do Buda Shakyamuni que tem preparado o terreno para possibilitar a chegada do novo Arquétipo, do Buda Maytreia, marcando uma época de maior compreensão. O budismo não tem só o conhecimento do espírito arquetípico desta ou da Era vindoura, mas de todos os ciclos que governarão o nosso Universo.

formam uma unidade inextricável e a busca da Ciência e da Arte está referida à compreensão daquela essência subjacente ao mundo aparente e manifesto, ao qual pertencem atributos, princípios e mecanismos próprios.

O "ver" dos místicos orientais, relacionado ao caráter empírico do seu conhecimento (a percepção direta das formas manifestas), para, ao mesmo tempo, transcendê-lo a uma experiência não-sensorial da realidade, refere-se à apreensão do fenômeno na sua unidade, ou seja, da matéria e da essência (Capra, 1984). Procedimento semelhante, segundo Capra, é adotado pela Física, na sua fase experimental. Por outro lado, Von Franz (1987) lembra a inextricável conexão existente entre o inconsciente e a matéria, no processo alquímico pela obtenção de um resultado a partir da fusão da imaginação com a matéria sobre a qual trabalha. Em torno dessa questão, ela diz que

"não sabemos como o inconsciente está ligado à matéria mas apenas que está, e que ele tem conhecimento de tais coisas; como, não sabemos, pois o nosso conhecimento científico a esse respeito chegou a seu término, por enquanto" (p.63).

Ela nos ilustra com exemplos de vivências, de como a produção de uma coisa material, de início, apenas constituída e originada de uma idéia de ordem racional, aos poucos, sob um princípio que atua independente de nossa vontade (sincronicidade), vão-se misturando, formando, desenvolvendo e tornando realidade concreta. Tanto as associações e fantasias (imaginação ativa) como a formação concreta daquilo que de início era apenas uma idéia vão-se desenvolvendo num processo de catalisações entre fantasia e matéria, num claro indício da existência da "inextricável ligação entre o inconsciente e a consciência, a matéria e o espírito (energia), e constituem partes integrantes do processo de descoberta, da formação de um pensamento.

Esses processos estão nos comunicando a inextricável participação da consciência objetiva (inconsciente) na obtenção de um determinado resultado. De tal modo que a linguagem reta, clara, pré-conhecida, compartimentada, especializada e controlada da consciência subjetiva, pode

ser um instrumento, mas, diante da inevitável participação da outra dinâmica, mostra-se incompleta. Seria, pois, um equívoco enquadrar o processo de descoberta dentro de um padrão unilateral, ou seja, unicamente dentro do ponto de vista da racionalidade objetiva.

O caminho que nos conduz à descoberta do que buscamos se apresenta de modo tortuoso e surpreendente. Trata-se da constatação, como diz Byington (1987), de que a "busca da verdade se faz dentro de um todo imenso e desconhecido". O objeto da busca pode aparecer, inicialmente, como o desejo de decifrar um problema, de captar uma beleza plástica, de executar um movimento de dança, de aproximar a leitura de uma realidade à sua essência. Um sinal interno nos leva a ter fé em encontrar algo de grandioso, verdadeiro e essencial subjacente a esse objeto, e passamos a persegui-lo, destituídos de interesse pessoal. A suspeita de que ali reside algo de valioso coloca-nos no encalço do seu encontro. Uma motivação nos magnetiza e nos dá força para trilhar um caminho que requer perseverança. Durante o percurso em sua direção, passamos a nos conectar com outros princípios, que parecem vir da insondável profundidade da consciência objetiva.

Grande parte do percurso realiza-se sem apoio de qualquer retaguarda segura, e somos, muitas vezes, guiados pelos indizíveis "toques" que pertencem ao domínio do irracional, do inconsciente. Portanto, se se escolhe a priori um percurso já conhecido, já revelado, pode-se estar fadado à falência, enquanto descobrimento, desvelamento, criação.

No decorrer do processo da descoberta ou, se quisermos, do desvelamento, defrontamo-nos com fenômenos incompreensíveis para a nossa racionalidade objetiva, para no fim depararmos com revelações inesperadas, mas intensamente procuradas. Trata-se inclusive de uma questão de paciência e de confiança, pois o percurso que nos leva a resultados só poderá ser relatado após a vivência de todo o processo, quando é possível oferecermos um produto livre de todas as escórias que foram sendo limpas no processo de desvelamento. É desse processo que a Alquimia trata o tempo todo ao se referir à transformação do metal ordinário cheio

de impurezas em metal nobre, livre de qualquer escória, o ouro.

Existe uma realidade subjacente onde os princípios a ela inerentes são anteriores aos fenômenos manifestos, mas extremamente atuais e presentes, a nos conduzir num compasso harmônico de dança até a finalização da melodia, durante o qual as coisas acontecem e os resultados nos vêm de modo inesperado. A esse princípio Jung denominou princípio de sincronicidade, onde eventos "surgem, pipocam, caem", sem que tenha sido provocado intencionalmente o surgimento deles, para se encaixarem como que para formar um mosaico pré-conhecido daquilo que ainda estamos tentando desvendar, dotando-nos de uma certa concentração e direcionamento energético (48).

Essa potência de caráter autônomo, absolutamente não enquadrável em esquemas experimentais de causa e efeito controláveis, certamente não pertence à racionalidade objetiva.

Contudo isso não significa que estamos querendo invalidar ou tirar da ciência os seus valores, méritos e conhecimentos já conquistados, tampouco ignorar os avanços que tem aportado à humanidade. Mesmo porque, como disse Jung, "grande parte de nossos processos psíquicos são constituídos de reflexões, dúvidas, experimentos" (1984, p.405). Trata-se, por um lado, de integrar, também, os processos psíquicos, constituídos de imagens, intuições, símbolos, emoções, os quais ocorrem independente da intervenção consciente, e por outro, de retomar de modo coerente a proposta unitária do trabalho feita anteriormente, a partir da idéia de que o problema fundamental do Homem de hoje e, portanto, da civilização e do ambiente atual, encontra-se na sua origem, na cisão entre a consciência e o inconsciente; em outras palavras, entre a "consciência objetiva" e a "consciência subjetiva" (49). Tal problema é derivado do fato de o Homem

(48) Referências na nota (26)

(49) Referências na nota (22)

ter-se distanciado da raiz a partir da qual emergiu, da consciência objetiva, em cujo centro reside o *self*, a reger todos os processos inconscientes, abrangendo a totalidade da psique e expresso na unilateralidade típica do Homem moderno, que "fala" a partir de um único lado, a consciência subjetiva, em cujo centro reside o *ego*.

Trata-se, pois, de reconhecer e dignificar o que deriva de ambas as funções da psique, as quais concorrem, cada uma a sua maneira, com dados que resultam em complementação e cooperação mútuas, indispensáveis na realização de um trabalho.

Segundo Jung (1984b), apesar de a ciência não ser um instrumento perfeito, não se trata de renegar o que foi desenvolvido na base da cultura européia. Ela constitui um

"utensílio excelente e inestimável, que só causa dano quando é tomado como um fim em si mesmo. A ciência deve servir e erra somente quando pretende usurpar o trono. Deve inclusive servir às ciências adjuntas, pois devido a sua insuficiência, e por isso mesmo, necessita de apoio das demais. A ciência é um instrumento do espírito ocidental e com ela se abrem mais portas do que com as mãos vazias. É a modalidade de nossa compreensão e só obscurece a vista quando reivindica para si o privilégio de constituir a única maneira adequada de apreender as coisas. O Oriente nos ensina outra forma de compreensão, mais ampla, mais alta e profunda - a compreensão mediante a vida" (p24)

Com isto, estou querendo dizer que os dados de ordem espiritual (plano da realidade subjacente à matéria) parecem estranhos ao processo de conhecimento, ou seja, neste, não se cogita a sua integração. Mesmo que a Ecologia encerre em si a possibilidade de se constituir um ramo da ciência essencialmente holística, suas informações acabam sendo dispostas de forma unilateral, em conceitos especializados, tais como biosfera, cadeia alimentar, fotossíntese, ciclos biogeoquímicos, poluição, energia, e impermeáveis às diversas articulações tais como entre a ciência e a vida, a sabedoria e as leis que regem o mundo natural. Em vista disso e da forma

como o percurso deste trabalho foi-se configurando, há, aqui, uma tentativa de retomar e situar algumas unidades básicas de estudo da Ecologia, sob uma perspectiva integradora, articulando-as às diferentes formas e fontes de conhecimento e ao universo dos significados. Por isso, considero arquetípicos tanto a perspectiva como o método aqui adotado.

A Cultura, o Homem e a Natureza em nossa sociedade, há muito encontram-se dissociados, mas constituem uma só unidade. Essa dissociação deixa escorrer a possibilidade de a cultura constituir uma extensão das leis que regem o universo, do qual somos uma ínfima parte. O sentido que a descoberta traz consigo permanece dissociado da realidade do indivíduo, da sociedade e de seus componentes, como o Estado e as Instituições. A obtenção, a organização e a socialização do conhecimento técnico-científico parecem dissociadas daquele que o produz, bem como daqueles que dele usufruem. Se assim não fosse, excluindo-se a influência exercida pelos interesses materiais e monetários, o conhecimento da nocividade de determinadas ações antrópicas poderia estar evitando as consequências nefastas das mesmas.

Mas no bojo dessa configuração já se fazem presentes inúmeras vozes, movimentos e descobertas que têm aberto frestas por entre as quais a possibilidade de afirmação da unidade tem emergido e se ampliado a cada dia, de tal forma que não se pode mais ignorá-los ou negá-los. São os inúmeros estudos, teses, pesquisas, trabalhos e reflexões que emergem nessa confluência: é a Física que se aproxima da Metafísica; a Psicologia que não passa necessariamente pela mensuração dos seus conteúdos; a Psicanálise que se aproxima do Zen-budismo; a intuição que é reconhecida no processo das descobertas científicas; o modo de pensar intuitivo do Oriente que converge com o modo racional do pensar Ocidental... Mesmo assim, o que se instalou secularmente não cede tão docilmente e a regra geral continua sendo aquela das normas que oferecem uma certa ilusão de certeza prévia fornecida pela unilateralidade, a especialidade, a técnica. Isto destitui os dados desvelados de alma, dotando-os de uma certa frieza,

distância, pois que o calor , a vida e o sentido pertencem ao campo banido da Ciência, a consciência objetiva, sede das dúvidas, emoções, sensações, intuições. A esse propósito, assim se referiu Jung(1984a):

"Tudo aquilo que em nós está ligado `a natureza tem pavor de qualquer problema, porque seu nome é dúvida e onde impera a dúvida aí se enquadra a incerteza e a possibilidade de caminhos divergentes. Mas nos afastamos da guia segura dos instintos e ficamos entregues ao medo(...) porque a consciência agora é chamada a fazer tudo aquilo que a natureza sempre fez em favor de seus filhos, a saber: tomar decisões seguras, inquestionáveis e inequívocas"(p406)

Os dados da engenharia, da tecnologia, da ciência, constituídos de fundamentos comprovados por A mais B têm o seu devido valor , mas não posso deixar de tomá-los como parciais e unilaterais, falta-lhes a capacidade de dotá-los de uma significação que dê sentido `a existência de cada coisa. Falta-lhes a nominação da posição correta na escala cósmica, que os sábios apreendem empírica e intuitivamente .

Reconhecemos que a Ciência aporta valiosos conhecimentos. Ela lança ✕ uma luz no universo do desconhecido, nos instrumenta para que não fiquemos tão frágeis diante da natureza a fim de que possamos conviver com ela de modo mais harmônico. No entanto, embora a falta de informações e conhecimentos acerca dos mecanismos que regem a natureza e das conseqüências advindas de ações antrópicas inadequadas , e dos instrumentos de combate `a nocividade (que são muitos na atualidade) constituam, sem sombra de dúvida, dados que favorecem a compreensão da existência de relações inadequadas entre o Homem e a Natureza, estes parecem insuficientes para provocar modificações substanciais no ✕ comportamento do Homem em relação `a apropriação dos recursos da natureza e `a ocupação espacial. Novamente vê-se aí configurada a cisão entre o conhecimento e o gesto, onde este aparece dissociado do nível de conhecimento ou de informação que se possui.

conhecimento obtido pela objetividade racional da Ciência,mas significa que,dentro desse enfoque , tornou-se impossível ficar unicamente com os dados obtidos pela ótica unilateral da racionalidade científica, com a estruturação e organização compartimentada, estanque e desconectada entre si e demais informações e formas de conhecimento, tal como o mundo natural separado do Homem; a consciência do inconsciente; a matéria do princípio vital (espírito,energia); a razão da intuição.Em decorrência disso,a leitura de um dado meio natural ou construído, passa a solicitar uma outra apreensão: a de não negar,mas tentar compreender e, se possível, integrar os dados da realidade que transcende a dualidade temporal,a qual,em última instância,rege todo o universo.Isto passa pelo reconhecimento e integração da existência de um plano da realidade subjacente ao mundo manifesto,cuja natureza mais profunda permanece, para o entendimento humano, sempre inescrutável, e que é dotado de um princípio vital, preciso e flexível na configuração que se faz a cada milionésimo de segundo,regendo todas as coisas(do micro ao macrocosmo) existentes,alheio a qualquer natureza de esforço da vontade humana em contrariá-lo.

Dessa colocação decorre a minha tentativa de tomar as informações básicas de Ecologia acumuladas pela Ciência,sob uma perspectiva onde eu possa reapropriá-las na sua totalidade,articulando-as a informações de diversas outras fontes e formas de conhecimento,e integrando parâmetros tais como os do masculino(céu)e do feminino(terra); da vida e da morte; da matéria e do espírito; do saber e da vida; da racionalidade científica e da intuição; da razão e da emoção; da sabedoria e do conhecimento; da compreensão e da explicação; da análise e da meditação; da espontaneidade e do rigor científico; do pensamento da fala e do gesto, de forma a dotá-las de sentido e significado.

Ao presenciar a estreita inter-relação,interdependência e harmonia entre tudo o que existe na dinâmica da natureza,ocorreu-me abordar as informações básicas de ecologia a partir de uma idéia inicial da energia e da matéria e dos princípios masculino(céu) e feminino(terra).pois.se todas

as coisas encontram-se inter-relacionadas entre si, qualquer ponto de partida me levaria `a compreensão do todo e das partes a ele relacionadas. A idéia aqui não é a de tratar profunda e extensamente cada unidade básica de estudo da Ecologia , mas a de articular a cada conceito tudo aquilo que possa estar a ele relacionado, a fim de compor a trama da qual os dados iniciais participam, dotando assim cada conceito ecológico de caráter interdisciplinar, circular e holístico, como lhe cabe. E também a de tentar compreender a relação, o sentido , a direção e o significado inerente a cada um dos dados conceituais tratados. Para isso, será feita a tentativa de integrar dados provenientes da ciência, de parábolas, da sabedoria, de vivências, etc., como apoio para fazer configurar o dado inicial de modo o mais íntegro possível ou para expressar o significado de cada um dos dados que vierem a se associar.

Dessas colocações depreende-se a necessária referência `a uma determinada história de vida e `a conjuntura na qual ela se desenrolou, que participaram, inevitavelmente, da definição da natureza do processo, do conteúdo e da forma do presente trabalho. Este emerge como fruto de uma longa e profunda jornada empreendida pelo mundo interior e exterior, pelo campo científico e religioso, artístico e filosófico, em forma de uma visão de mundo, de vida e de educação ambiental. Assim, dela participa, inevitavelmente, o conhecimento adquirido no decorrer da vida; dos estudos realizados no Magistério, continuados na Sociologia, Ciências do Meio Ambiente e na Psicologia); das atividades que venho desenvolvendo em educação ambiental, desde 1980; e, finalmente o saber que venho adquirindo, desde 1983, com os treinos de Aikido, e desde 1974 com a pintura de aquarelas, os quais favorecem o perceber, o sentir e o olhar para a essência do que se esconde por detrás da forma aparente. E, principalmente, o fato de eu ser portadora, ao mesmo tempo, de duas culturas distintas: uma oriental, por descendência e herança , e outra ocidental, por nascimento e vivência no Brasil, que me imprimem duas formas distintas de pensar, obter

preponderantemente intuitivo, associada à religiosidade e fundada sobre um pensamento que concebe a vida e o mundo constituídos de coisas e fenômenos e estes, como partes de um todo orgânico em constante inter-relação e interdependência mútua, e manifestações de uma realidade última (Tao, Ki). E a ocidental, de modo preponderantemente racional, associada à Ciência e à Técnica, com forte herança do pensamento cartesiano do século XVII, que de certo modo dilui as bases do pensamento unitário mais remoto de raiz grega, dando origem à concepção dualista do universo, dividido em matéria e espírito, objeto e sujeito. (Capra, 1984)

Situada na confluência de duas culturas distintas, adquiri um "olhar" (50) peculiar, típico de quem está, ao mesmo tempo, fora e dentro de uma situação, tal como Mezan (1983) observou acerca do judeu europeu:

"...o surgimento do intelectual judeu de língua alemã. O exemplo clássico desta nova estirpe é o poeta Heinrich Heine, e sua vida testemunha toda a ambiguidade do fenômeno; atraídos pela cultura européia, pela filosofia, pela música e pela literatura, estes intelectuais abandonam o mundo cultural judeu; mas festejados e rejeitados ao mesmo tempo, trazem para seu novo ambiente um olhar penetrante, próprio de quem está simultaneamente dentro e fora. Esta relativa excentricidade do ponto de vista permite captar certos aspectos da vida social que permanecem ocultos, pelo próprio fato de serem óbvios, para aqueles que sempre viveram imersos numa determinada atmosfera cultural." (p.29)

Com esse dado peculiar, ao confrontar-me, durante o processo de

(50) Quando Capra (1984, p.35) fez a analogia entre o olhar dos místicos orientais voltados à percepção direta relacionado ao caráter empírico do seu conhecimento, e a percepção típica dos físicos na fase experimental da pesquisa, precedendo a fase da generalização abstrata que transcende a realidade específica observada, achei interessante fazer uma nota acerca do que se encontra implícito no "olhar" que emprego no texto. Com ele estou me referindo à "percepção que pode incluir a percepção visual mas que sempre é essencialmente transcende-a para se tornar uma experiência não-sensorial da realidade", portanto estarei me referindo àquele "Sentir de forma impessoal, sem sujeito pensante e objeto pensado; e não ao Ser visto que corresponde ao Eu vejo do conhecer egóico" (Bono, 1982, p.41).

trabalho ,com uma realidade compartimentada e unilateral ,pude estar, ao mesmo tempo,dentro e fora dela e abstraí-la a partir do "olhar" que pressente a existência da unidade na base de todas as coisas.E foi fundamental na forma como se constituíram o enfoque e a trajetória de natureza arquetípica de volta `a unidade mais remota,os quais se uniram `a busca de uma visão integradora em Educação Ambiental que eu vinha procurando há longo tempo.

Mas,ao tentarmos uma tradução rigorosa do apreendido durante a trajetória vivenciada ou da compreensão dessa realidade,deparamos com a carência de meios para comunicá-la,pois refere-se a uma experiência arcaica,cuja vivência e compreensão, ao querermos transmiti-las pelos meios de comunicação de que dispomos, nos deixam a priori fadados ao fracasso ,por constituir ela uma vivência do Sagrado.Dela ficamos ,no sentido absoluto, com a experiência apenas campartilhável por aqueles que passaram por experiência ou compreensão análoga. Podemos experienciá-la nas milionésimas frações de segundos do aqui e agora, em que ocorre a vivência,no entanto cada fração vivida não pode jamais ser traduzida no vigor de sua vivência,porque ao tentarmos fazê-lo já estaremos na fração seguinte... na seguinte...na seguinte,pois ela nunca se deixar fixar.No sentido relativo,podemos,quando muito, descrever o seu campo, os seus atributos.O seu relato ou a sua aproximação só são viabilizadas por intermédio de linguagens que de certa forma têm a capacidade de serem seus ecos,e propiciam uma comunicação mais aproximada dessa experiência.

Algumas formas de expressão ou escrita,tais como as parábolas e o ideograma,permitem-nos aproximarmo-nos desse manancial,ou ainda têm a capacidade de conservar ,varando milênios,o sentido e o significado para o qual foram destinadas no momento de sua criação.Estas formas,tal como a natureza essencial dessa realidade última,que só se mostra por intermédio de "máscaras", não nos permitem captar o seu sentido e significado numa leitura literal,mas sim metafórica,decodificada para a essência que se esconde para além daquilo que se mostra.Assim é a linguagem poética:

"Poesia significa deixar ressoar atrás da palavras a palavra primordial"(Hauptman, G. ,in Jung,1987,p68)

A essa questão vincula-se um problema crucial de tradução na linguagem de que dispomos ,daquilo que não constitui objeto de raciocínio ou de experimentos verificáveis.Assinalo de antemão ,de um lado, a incapacidade de comunicar o apreendido no decorrer da vivência,dos estudos,das sensações,das intuições,das reflexões, em termos que correspondam ao que foi experienciado e compreendido, e de outro, o recurso `as formas e linguagens não usuais `a racionalidade científica, como forma de aproximação ao que aquela realidade,subjacente `a forma manifesta, tentou comunicar. O esforço para a sua compreensão e explicitação caminha, igualmente,no sentido de realizar o maior número possível de articulações, entre os dados das diferentes áreas e formas de conhecimento,extrapolando o campo da racionalidade objetiva, a fim de tornar a idéia que procuro expressar , o mais clara e compreensível possível.

A intenção é a de uma apreensão única.Se ela emerge separada,é apenas para facilitar a sua organização e expressão.Assim,o trabalho como um todo acabou por ser constituído de 4(cinco)capítulos,entretanto cada um deles encontra-se em estreita relação com os demais.A compreensão de cada parte e do todo é propiciada pela leitura de cada uma das partes em conexão com as outras.

O **primeiro capítulo** ,Introdução Metodológica,consiste no relato do percurso e do processo pelos quais passou o trabalho como um todo, e na passagem da perspectiva multidisciplinar `a arquetípica,bem como na constituição de um campo de referência metodológica a partir da qual e na qual ele se constituiu,como necessária colocação,em vista dos processos pelos quais passou este trabalho.

O **segundo capítulo**,Cosmovisão e Ecologia,apresenta uma visão de mundo e de vida,dentro de uma perspectiva tecida a partir das vivências, buscas, estudos e reflexões realizados no sentido de tentar compreender o fenômeno universal da cisão e união dos pares de opostos, o da existência de

um plano da realidade isento de dualidade e o da dificuldade humana em integrar as partes à unidade. E considerações em torno do caráter da relação entre a Natureza, Cultura e Homem, bem como a leitura dos dados básicos de ecologia a partir dessa perspectiva, como desdobramentos da formulação de uma Cosmovisão que traz Cosmo e Homem integrados numa só unidade.

O terceiro capítulo, Dilema Contemporâneo e Educação Ambiental, consiste na leitura do problema fundamental contemporâneo e na elaboração de uma concepção de Educação Ambiental dentro daquela perspectiva delineada no capítulo anterior. E na formulação de pressupostos básicos de Educação Ambiental como referência norteadora à vivência teórica e prática dessa ampla concepção.

O quarto capítulo, Vivência e Prática de uma Concepção Teórico-Filosófica, constitui um sistema e método de trabalho de Educação Ambiental que consiste na tentativa de tradução mais próxima da ampla concepção teórico-filosófica, na vivência prática.

Finalmente, as Considerações Finais consistem em, reafirmar algumas idéias que se destilaram como essenciais no decorrer do processo de trabalho.

CAPITULO II

COSMOVISÃO E ECOLOGIA

a unidade entre a natureza, o Homem e a Cultura

"...cosmo e homem, no fundo, obedecem às mesmas leis; o homem é um cosmo em miniatura, não estando separado do macrocosmo por barreiras intransponíveis. São regidos pelas mesmas leis e há uma passagem ligando uma situação à outra. Psique e cosmo comportam-se como mundo interior e mundo ambiente. Portanto, o homem participa por sua natureza de todo acontecimento cósmico e está entretecido a ele, interna e externamente.(...)O Tao, *o sentido do mundo*, o Caminho, domina pois o homem, do mesmo modo que a natureza invisível e visível (céu e terra). O sinal que designa o Tao em sua forma originária consiste em uma "cabeça", que deve ser interpretada como "começo", e em um sinal para "ir" (ou andar), precisamente em seu duplo significado que implica também o de "trilho"; além disso, ainda um sinal para "deter-se", que desaparece na grafia posterior. O significado originário é assim o de "um trilho que sendo estável em si mesmo conduz diretamente de um começo até a meta". O pensamento subjacente é o de que ele, mesmo sendo imóvel, transmite todos os movimentos, outorgando-lhes a lei. Os caminhos do céu são aqueles através dos quais os astros se movimentam; o caminho do homem é a via pela qual ele deve andar" (Jung/ Wilhelm, 1984b, pp. 91-92)

1. Preliminares

Os primeiros indícios que me levaram a reconhecer a existência de um plano da realidade atemporal subjacente ao mundo manifesto e isento de dualidades, foram, de um lado, a observação e o confronto com os fenômenos contrários à natureza dos atributos daquela realidade, isto é, com o universo dual, típico do mundo temporal, e com a unilateralidade, típica do universo humano; e de outro lado, a vivência dos fenômenos constituídos de arcaicos motivos de recondução dos pares de opostos à unidade, representantes do universo isento de polaridades. Depois, essas observações, confrontos e vivências foram sendo confirmados por leituras diversas, como as de Jung e as de Campbell figurando como as mais importantes, e pela minha reaproximação com a milenar cultura oriental, cuja tradição repousa no conhecimento tanto da realidade atemporal e temporal como das práticas que conduzem as partes cindidas à unidade.

Abordar um assunto como este provoca-me uma inquietação que escapa ao fato meramente acadêmico, científico ou metodológico. Significa entrar num território além do qual nada mais existe e que só é reconhecível, no instante em que nos colocamos à semelhança de sua natureza, ou seja, íntegros, no aqui e agora que não corresponde nem ao ontem e nem ao amanhã (1). É o deixar-se ser tomado pela eternidade que se presentifica num continuum de frações de segundos que a intuição capta sem nada perder, mas de cujo regresso ficamos apenas com a vivência, não o seu relato, pois ela não é redutível a nenhuma forma de comunicação de que dispomos. Quando muito

(1) *Aeternitas est merum hodie est immediata et ludia fruitio rerum infinitarum* (a eternidade é um mero hoje, é o fruir imediato e lúcido das coisas infinitas-N.do t.), in Borges, J.L., "História da Eternidade" ,Rj, Globo, 3ª ed,s/d,p22.

podemos nos aproximar dela ou traduzi-la através das formas com que ela se faz apreender ou comunicar, as quais Campbell denominou de "máscaras" (2). Sobre o que se encontra oculto, por trás delas, enquanto realidade última, transcende qualquer esforço humano de compreensão, mas sabe-se ser o manancial de todas as coisas existentes. Contém as potencialidades virtuais bem como o princípio que as trazem às formas manifestas. Para o além do dizível, fica o reconhecimento da existência de algo anterior à fala ou a qualquer outra coisa que possa ser pensada a não ser ela mesma.

A afirmação de Campbell (1990) dizendo acreditar "existir um nível de sabedoria, para além dos conflitos entre a ilusão e a verdade, através do qual as vidas podem voltar a ser irmanadas. Encontrar esse nível é a questão fundamental dessa época", veio confirmar a certeza que vinha tendo, mediante vivência, estudo e reflexões, da existência de um plano de realidade transcendente ao mundo temporal, bem como de que a essência do problema contemporâneo deriva da tendência humana à unilateralidade (3).

Início a incursão a partir desse território, para tentar circunscrever, encontrar respostas e estabelecer alguma compreensão acerca da origem e natureza da cissiparidade, do fenômeno da tendência humana à unilateralidade e da dificuldade do Homem em integrar as partes. Dentro dessa perspectiva, os dados básicos de ecologia são retomados e o conceito e a prática de Educação Ambiental são formulados.

(2) Cf. nota (24) do Capítulo I

(3) Refiro-me a pensamentos, falas, intenções e gestos que se fazem situados a partir de um único lado, a partir de um dos lados do par de opostos. Portanto, não sendo de sua natureza o propiciar a integração, síntese e mutação dos conteúdos de ambos os pólos.

2.0 plano da realidade atemporal, isento de dualidade

"Havia algo de Indeterminado
 Antes do nascimento do Céu-Terra,
 Sem fala nem limite(silencioso,isolado)
 Era independente e inalterável(que permanecia só,que não se alterava)
 Circulando eternamente,sem afrouxar
 Se se deseja,a Mãe do Mundo"(de todas as coisas)(Lao Tsé)(4)

Denominam-no Energia Primordial, Tao,Ki, Eternidade, Deus, Espírito, Brahman, Atman, Grande,Consciência Objetiva,Arquétipo em si.A sua natureza é descrita de diversas formas,em diferentes épocas e culturas,mas todas elas o designam da mesma maneira.

Na arcaica cultura Indu,corresponde `a descrição do Brahman dos Upanishades:

"É aquilo que se não pode descrever com palavras,mas por meio do qual as palavras são faladas : sabeis que só pode ser Brahman, o Espírito; e não o que as pessoas aqui adoram .É aquilo que não pode ser pensado com a mente ,mas por meio do qual a mente pensa...É aquilo que não pode ser visto com os olhos ,mas por meio do qual os olhos vêem....É aquilo que não pode ser ouvido com os ouvidos, mas por meio do qual os ouvidos ouvem...É aquilo que não pode ser inalado com a respiração,mas por meio do qual a respiração inala:...(....)Aí não vão nem os olhos,nem as palavras ,nem a mente.Não sabemos,não podemos compreender como poderá ser explicado:ele está acima do conhecido e está acima do desconhecido.Assim nos foi dito pelos antigos sábios que nos explicaram esta verdade."(Upanishades,Kena,1ª parte)(5).

(4)Tao Te Ching,cap.XXV,in Normand,H. Os Mestres do Tao (tradução de Maria Stela Gonçalves),São Paulo,Pensamento,s/d.(p.76)

(5)In,Os Upanishades(tradução da versão inglesa de Ines Busse),Portugal,ed.Europa-América,s/d.(p.19)

Na milenar cultura chinesa, corresponde `a descrição do Tao,o Insondável, a origem de todas as coisas:

"Teu olho não poderia vê-lo
Seu nome é: invisível.
Teu ouvido não poderia escutá-lo
Seu nome é: inaudível
Tua mão não poderia pegá-lo
Seu nome é: impalpável.
Tríplice qualidade insondável
Que se funde na unidade
Sua face superior não é absolutamente iluminada,
Nem sua face inferior é obscura.
Perpétuo,ele não pode ser nomeado,
Dessa forma, pertence ao reino das sem-coisas.
Forma sem forma, imagem sem imagem
Ele é fugidio e inapreensível.
Acolhendo-o, não vês a sua cabeça,
Seguindo-o, não distingues as suas costas" (Lao Tsé)(6)

Invisível,profundo, insondável, duradouro, inesgotável, isento de dualidade, espacialidade ou temporalidade,portador do princípio que rege todas as coisas do universo,cuja origem ninguém sabe,mas com certeza,é anterior a qualquer coisa que possa ser pensada a não ser ele mesmo.

Ao procurá-lo entre os dados do moderno conhecimento,encontrei descrições análogas `a da natureza da Eternidade,expressa por Borges(7),ou `a de Tao e de Brahman,`a idéia do Arquétipo,largamente desenvolvida por Jung(8); e `a descrição da natureza da menor partícula subatômica da matéria , com a qual depararam os físicos modernos e que Capra (1984)descreveu como entidade extremamente abstrata,não sólida e indestrutível como se acreditava e dotadas de um aspecto dual, aparecendo ora como uma partícula,

(6) Tao Te Ching, cap.XIV,p.73 da mesma fonte citada na nota (4).

(7)Idem a nota(1)

(8)Cf. nota(25) do Capítulo I

ora como uma onda, dependendo da forma como se a aborda.

O mesmo paralelo ocorre quanto à dinâmica inerente a essa realidade atemporal. A apreensão taoísta mesmo separada por milênios da moderna apreensão, dá a energia original, o mesmo significado dado à energia pela Física(9). Se, de um lado, a primeira lei da termodinâmica, pelo princípio da conservação, enuncia que a "quantidade de energia contida no universo é constante" (10), isto é, que a energia total existente não diminui e nem aumenta; e pelo princípio da equivalência que a energia não pode ser criada ou destruída, apenas transformada de uma forma à outra, ou que "para qualquer quantidade de energia utilizada em um ponto qualquer, para se produzir uma determinada condição, surge em outro ponto igual quantidade dessa mesma ou de outra forma de energia"(11), a apreensão taoísta diz que Ele permanece sempre inalterado, não aumenta e nem diminui, mas que os seus conteúdos não cessam de vir às formas manifestas:

"O TAO é como um recipiente oco
quanto mais produz, mais difícil é de esgotar
Parece o manancial de todas as coisas

(9) Jung, a partir de Busse, distingue, a primeira lei da termodinâmica, em princípio da equivalência e em princípio da constância. Segundo essa distinção o princípio da constância, indica "que a energia total permanece sempre igual a si mesma, sendo, por conseguinte, incapaz de aumentar ou de diminuir". E o princípio da equivalência indica que "para qualquer quantidade de energia utilizada em um ponto qualquer, para se produzir uma determinada condição, surge em outro ponto igual quantidade dessa mesma ou de outra forma de energia". (In, A Dinâmica do Inconsciente, vol. VIII, Obras completas, Petrópolis, Vozes, 1984a, Cap. 1, p 17) Ou ainda, segundo Dicionário A.B., Energia, no sentido da Física, significa a propriedade de um sistema que lhe permite realizar trabalho [a energia pode ter várias formas (calorífica, cinética, elétrica, eletromagnética, mecânica, potencial, química, radiante) transformáveis umas nas outras, e cada uma capaz de provocar fenômenos bem determinados e característicos nos sistemas físicos. Em todas as transformações de energia há completa conservação dela, i.e., a energia não pode ser criada mas apenas transformada (primeiro princípio da termodinâmica). A massa de um corpo pode-se transformar em energia e a energia sob forma radiante pode transformar-se em um corpúsculo com massa] (Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2ª ed.).

(10) Isaac Asimov, "In the Game of Energy and Thermodynamics You can't Even Break Even", Smithsonian, August 1970, p 9, in Jeremy Rifkin, "Entropy", USA, Bantam Books, 1981, pp 33-34.

(11) Idem a nota (9)

Em suas profundezas permanece inalterado,eternamente...",(Lao Tsé)(12)

OU

"O Espírito do Vale nunca morre

Forma a Mãe Misteriosa

Seu Ventre é a Porta da origem do Céu e da Terra

Continua e permanece,

Realiza sem consumir-se, jamais..."(Lao Tsé)(13)

A sua grandeza é tão superior a qualquer coisa que possa existir ou ser pensada, que o nosso ser nem de longe chega à ínfima parte de seu sopro.No entanto, é o que habita em nós e nos anima,da mesma forma que habita e anima todo o universo:"Encerrado no coração de todos os seres está o Atman, o Espírito, o Eu; mais pequeno que o mais pequeno átomo, maior que os vastos espaços"(Upanishades, Katha, 2ª parte)(14) .E desse modo, traz todas as coisas sob um mesmo princípio numa mega trama cósmica, em direção ao sentido a ele imanente,segundo expressão de Campbell (1990),em "direção ao rumo apontado pela natureza".

Confirmando a existência de uma realidade objetiva e universal que transcende qualquer especificidade regional ou histórica,encontramos,nos mais diferentes pontos geográficos e épocas históricas,descrições designando para esse plano da realidade o mesmo significado.

A apreensão do caráter, dinâmica e princípios dessa realidade é inerente a um tempo em que a memória não alcança mais,a todas as sociedades fundadas numa cosmovisão que integra Homem e Cosmo numa só unidade (sociedades de culturas não tecnológicas e de arcaicas tradições). Em termos contemporâneos, coincide com o desenvolvimento de uma determinada área de interesse da moderna Física,de uma vertente da Psicologia, da Fenomenologia, as quais trazem aspectos da realidade ,sobre os quais estamos nos referindo,em certos postulados,descobertas,dados e conclusões.

(12)in.Tao-Te-King,O livro do sentido e da vida,São Paulo,Hemus,1987(p.25)

(13)P.29 da mesma fonte citada na nota (12)

(14)P.28 da mesma fonte citada na nota(5)

O Oriente, com base nesse conhecimento, erigiu a cultura desde os primórdios, como expressão e prolongamento da "insondável origem de todas as coisas" (Lao Tsé) (15). Decodificou, sistematizou, fixou e integrou esses princípios na cultura, em forma de sabedoria, como modelos de ordenação social dotados de sentido e significado e portanto capazes de orientar a relação entre os indivíduos. Consolidou, dessa forma, uma cultura potencialmente capaz de conferir correta dimensão e posição do homem na sociedade e na imensidão cósmica, nesta última, como uma ínfima partícula, não como o seu detentor.

Os chineses, por exemplo, decodificaram com precisão os princípios inerentes a esse plano da realidade e os fixaram em forma de cultura (sabedoria) conservando íntegro e vívido aquilo que é impossível de ser retido: tiveram a capacidade de trazer a eternidade, em linguagem inteligível e de modo tão vivo que a mesma se presentifica na configuração do aqui e agora. Refiro-me ao I Ching (16), o livro das mutações, a expressão decodificada e sistematizada, dessa realidade, para a compreensão e uso da ampla humanidade. O conjunto dos 64 hexagramas encerra a totalidade viva das leis, os princípios que regem todas as coisas existentes. A semelhança de em um sistema de computador, cada um dos códigos vivos e atuantes do universo nele se encontra integrado, de forma viva, atual e presente de modo que cosmo e indivíduo, encontram-se perfeitamente sincronizados à configuração do momento.

(15) P. 75 da mesma fonte citada na nota (4)

(16) Gustavo Alberto Corrêa Pinto, ao introduzir o livro I Ching - o livro das mutações, São Paulo, Pensamento, traduzido do chinês para o alemão por Richard Wilhelm (1956), e do alemão para o português, por Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto, diz que a "observação do mundo em torno de si e a observação do mundo em seu próprio interior levaram o homem chinês à constatação de um fluir contínuo do qual nada escapa.", cujos dados levaram à constituição do Livro das Mutações, utilizado como oráculo desde a Antiguidade. E salienta que não se deve confundir a idéia de mutação com a idéia budista de impermanência, que "não há o que mude, não há quem mude, pois só há o mudar. Supor que algo ou alguém muda é supor esse algo fora da mutação, sofrendo-lhe então a ação". Essa compreensão é anterior à dinastia Chou (1.150-249 a.C.). (pp XI-XIII)

3.A descida da energia original ao domínio temporal

"Assim que ingressa no campo do tempo,essa energia se rompe em pares de opostos,o um se torna dois"(Campbell,1990,p.28).

A forma como a energia primordial,isenta de dualidade, passa do potencial ao manifesto, é expressa de diferentes formas em diversas culturas,mas todas elas trazem a descrição do fato de forma idêntica: a unidade indivisível,enquanto residente no campo atemporal,ao descer ao vasto campo temporal,rompe-se em pares de opostos estabelecendo,assim,a base para que as virtuais potencialidades venham `as formas.

Acerca do surgimento das coisas no universo a partir da energia original, um dos versos de Lao Tsé diz:

"O Tao gera o Um.

O Um gera o Dois.

O Dois gera o Três.

O Três gera os dez mil seres"(Lao Tsé)(17)

Em dados de fontes totalmente diferentes,encontramos a respeito o mesmo gênero de descrição.Campbell (1990) encontrou numa das interpretações do triângulo composto de dez pontos,símbolo primário da filosofia pitagórica, a descrição da descida da energia originária transcendente para dentro do campo temporal.A energia transcendente,antes unidade indivisível,ao irromper do ápice(o ponto zero depois do nove), rompe-se em pares de opostos e, assim,todas as coisas no universo surgem e vêm `as formas manifestas. Campbell,complementarmente, chama a atenção para as pirâmides como construções de caráter eminentemente sagrado, bem como para a concepção navaja de habitação,na qual a lareira é localizada no centro,de tal forma que a fumaça sobe direto para um buraco aberto no teto para que o aroma do incenso vá em direção ao Céu.Essas concepções ,

(17) Tao Te Ching,cap.XLII,p.79 da mesma fonte citada na nota(4).

certamente, portam, no seu fundamento, o conhecimento desse princípio.

Faço a mesma analogia em relação ao totem como símbolo de conexão com a energia original. Assim procedem mítica e ritualisticamente os povos que estabelecem com esses símbolos uma relação de ordem espiritual (18), sagrada.

A virtual potência, anterior à existência do Céu e da Terra, onde a "mutação ainda não se manifesta" (Lie Tzu) (19), ao irromper ao domínio temporal (material) divide-se em pares de opostos.

A descrição da passagem do estado isento de polaridade ao domínio temporal é idêntica tanto para a chegada da energia primordial em si como para o nascimento do Homem. Jung (1984b), ao interpretar o texto chinês Hui Ming Ging, O Livro da Consciência e da Vida, traz à luz a presença do mesmo fenômeno cósmico na escala humana: a sua divisão em pares de opostos ao chegar a este mundo. Essa realidade é assim descrita:

"Antes de nosso corpo ter nascido dos pais, no momento da concepção, esse ponto é gerado em primeiro lugar, e ser e vida nele habitam. Ambos estão misturados, formando uma unidade: inseparavelmente misturados como a semente-fogo no crisol, espécie de conexão da harmonia originária e do código celeste. Por isso se diz: 'No estado anterior à manifestação, há um alento inesgotável'. Mais adiante se diz: 'Antes que os pais gerassem a criança, o alento vital é pleno e o fruto corpóreo perfeito'. Mas quando o corpo se move e dilacera a vesícula do fruto, é como quando se perde o chão sob os pés no alto da montanha: com um grito, o homem se precipita sobre a terra, e ser e vida se dividem a partir desse momento. Daí em diante, o ser não pode mais ver a vida, nem a vida, o ser. Então, o destino começa seu curso: da juventude se passa à maturidade, da maturidade à velhice e da velhice ao ai de mim." (Liu Hua Yang, s/d)

(18) Ao empregar o termo "espiritual", estarei me referindo ao princípio que a partir de sua invisibilidade rege e anima tudo que existe, aquela realidade subjacente à matéria, ao arquétipo

(19) Lie Tzu, Livro I cap. II, p. 94 da mesma fonte citada na nota (4).

Portanto ,Homem e Cosmo são regidos pelos mesmos princípios e participam do mesmo sentido e caminham para uma mesma direção,aquela 'apontada pela natureza'.

4. Da potencialidade latente `a forma manifesta

"O começo de todas as coisas jaz, por assim dizer, no além, na condição de idéias que estão ainda por se realizar. Mas o Criativo tem também o poder de dar forma a esses arquétipos das idéias" (I Ching, hex. I. p. 29)

Segundo algumas idéias expressas no I Ching e nos versos taoístas, bem como nos princípios básicos da termodinâmica, determinados aspectos do mundo material, como a quantidade fixa de matéria existente no Planeta, são idênticos aos da energia expressa na primeira lei da termodinâmica. Assim, em princípio, cada potencialidade energética tem um correspondente material que lhe dá corporeidade, isto é, encontra representada, no mundo material, matéria de natureza análoga `a da sua, bem como o seu par oposto e complementar.

A partir do advento, a este mundo, da energia originária, cada potencialidade energética, dotada de forma e energia e destituída de corporeidade, flui para a matéria "inerte", que porta na sua essência a representação da sua natureza e, dota-a de "vida". Do mesmo modo, a matéria "inerte", ao acolher a essência energética análoga `a da sua natureza, dá conteúdo `a forma antes destituída de corpo e dotada do princípio vital e, a traz animada e visível em forma, volume, cor, movimento e som. As potencialidades constituídas de "força" e forma sem corporeidade, com a participação da matéria, são tornadas palpáveis, visíveis e audíveis em forma, cor, volume, movimento e som. Desse modo, de um lado, energia e forma destituída de corporeidade, e de outro, a matéria destituída de "vida", juntas formam a matéria animada de "vida". Uma dispõe de matéria para dar corpo para a outra existir no mundo, outra dispõe de energia e forma para a matéria "inerte" pulsar em vida. O conjunto de manifestação de cada uma das formas compõe um exuberante espetáculo coreográfico de formas e

conteúdos dotados de vida, do qual somos parte integrante. Assim, todas as coisas vêm à vida manifesta, a partir da energia e da matéria. Numa perspectiva ecológica, a fotossíntese (20) expressa o mesmo fenômeno.

Do ponto de vista da Ciência, pode ser que o processo fotossintético expresse um mero conjunto de reações eletromagnéticas e bioquímicas. Mas do ponto de vista da inseparabilidade da matéria e do espírito, significa o "milagre" da vivificação da matéria antes "inerte", a partir da união da energia e da matéria, propiciada pelo princípio masculino (Céu/ criativo/ ativo), representado pela energia, e pelo feminino (Terra/ receptivo/ passivo), representado pela matéria.

(20) O processo fotossintético, expresso sob a forma:

$n\text{CO}_2 + 2n\text{H}_2\text{X} + \text{energia luminosa/clorofila/outros pigm} = n[(\text{CH}_2\text{O})] + n\text{X}_2 + \text{H}_2\text{X}$,
(Ramade, 1976, p.11) significa a realização, pelos organismos clorofilados, da síntese de todas as substâncias orgânicas indispensáveis à vida, a partir do gás carbônico e de água (com os sais minerais), e da concorrência de uma fonte de energia exógena (solar). Se se toma n como sendo 6, e x como sendo o oxigênio, teremos a seguinte equação fotossintética:

$6\text{CO}_2 + 12\text{H}_2\text{O} + 673\text{kcal clorofila/luz} \longrightarrow \text{C}_6\text{H}_{12}\text{O}_6 + 6\text{O}_2 + 6\text{H}_2\text{O}$ (Idem, p.14)
(gás carb., água, en. luminosa) (glicose, frutose, oxigênio)

Essa equação pode ser lida da seguinte maneira:

1. absorção de água pelas raízes dos vegetais. Dissolvidos nessa água estão os sais minerais de fósforo, de enxofre, de potássio.... Essa seiva percorre todos os vasos condutores e chega até as folhas;
2. o gás carbônico existente no ar penetra nas folhas através de milhares de microscópicas aberturas chamadas estômatos;
3. a energia solar absorvida pela clorofila desencadeia uma reação química entre a água e o gás carbônico, resultando outros produtos primários: glicose, frutose, oxigênio e água;
4. o oxigênio e a água elaborados durante o processo são liberados pelas folhas através de seus estômatos para a atmosfera ou para a água, caso a planta seja aquática;
5. da glicose produzida, uma parte é consumida na respiração e na manutenção do próprio produtor; outra parte é convertida em amido e celulose que ficam armazenados nas raízes, caules e folhas para uso futuro ou na produção dos frutos; o restante é utilizado para a síntese de gorduras, proteínas, carboidratos, vitaminas e hormônios". Isto significa que, os diversos organismos clorofilados (plantas verdes e algas) através da utilização da energia luminosa, irradiada pelo sol, sintetizam e convertem, a partir do gás carbônico e da água (e elementos minerais), todas as substâncias orgânicas indispensáveis à vida." (Matsushima K. et al, 1987, p.77)

A emergência de toda a vida inter-relacionada e auto-regulada tem na sua origem o fenômeno da conversão da energia luminosa em energia bioquímica, cujo processo denomina-se fotossíntese. Isto é, diversos organismos clorofilados, através da utilização da energia luminosa, do gás carbônico e da água (e elementos minerais) promovem a síntese de todas as substâncias orgânicas indispensáveis à vida, mediante a conversão da matéria mineral "inerte" em matéria orgânica "viva". Em outras palavras, transformam potássio, ferro, cálcio, nitrogênio, carbono.... em feijão, milho, nozes, frutas, óleos, açúcares...; convertem elementos inorgânicos não assimiláveis diretamente pelos seres vivos em elementos orgânicos assimiláveis, promovendo e assegurando o desencadear, o existir e a continuidade de vida em toda a extensão do Planeta.

Na ausência desse processo, essa matéria permanece "inerte". E, a virtual potencialidade energética, sem a matéria, não emerge para o mundo das formas manifestas. Aquele que não encontra a contraparte que lhe dê forma visível, não pode, portanto, estar presente no espetáculo tornado visível.

Sendo inerente à essência energética o ininterrupto fluir, a energia procura incessantemente uma forma ou outra de realizar a sua natureza. O símbolo, sendo capaz de representar a essência das coisas, propicia o fluir da energia, por representação, a matéria em cuja essência esteja simbolizada a de sua natureza. Cada virtual potencialidade, não encontrando disponível a contraparte que lhe permita realizar a sua natureza, flui (de imediato ou após latência) para a matéria que porta o análogo de sua essência (21), quero dizer,

(21) A título de ilustrar o fluir da energia enquanto forma sem conteúdo para a matéria, cuja forma traz implícita a contraparte necessária à essência dessa energia, farei um breve relato de um caso: "A senhora D.A., ao se mudar para o novo apartamento, surpreendia-se, não raramente, ao tomar banho de sol no terraço, sendo observada pelo seu vizinho E.I. do andar superior, a ponto de praticamente abandonar esse hábito de tomar sol. Depois de um certo tempo, começou a ocorrência de sucessivos vazamentos de água no apartamento da senhora D.A.. Estes decorriam da enchente no terraço do andar superior que acabava se infiltrando pelo teto do apartamento da senhora D.A.. O senhor E.I., ao manter a tubulação que escoava a

emerge quando e onde aparece a oportunidade simbólica(22)para a sua realização. O potencial latente,não encontrando condições adequadas (de

(cont.da nota(21)) água do seu terraço,sem ralo,ocasionava o seu entupimento e conseqüente enchente e infiltração.Um fato,`a primeira vista, extremamente simples começou a se arrastar sem nenhuma solução e os vazamentos se intensificavam a cada chuva.Ele poderia tentar minimizar o problema atendendo ao pedido da senhora de colocar uma tela ou um ralo na tubulação do seu terraço. Entretanto, o problema não se resolvia,sob alegações diversas como imputar a causa da enchente ao andar superior ao seu.A outra sugestão tinha sido a de impermeabilizar o chão,para a qual alegava falta de dinheiro, no entanto dispunha dele para construir uma área contígua `aquela que provocava os vazamentos,e continuava a não resolver um problema aparentemente claro e simples.Mesmo depois de inúmeros avisos ,reclamações,exposição dos locais dos vazamentos e dos estragos que vinham provocando,o caso se arrastava sem que ele se dispusesse a sanar o problema.A senhora D.A.,depois de inúmeras frustradas tentativas,chegara a recorrer diversas vezes ao síndico, e mesmo assim a situação se arrastava sem qualquer solução.Até que a senhora D.A. comunicou que recorreria `a justiça e deu-lhe um prazo de solução.Com essa advertência, houve, enfim,um acordo e promessa de impermeabilização do chão e escoamento de sua água.As tubulações,tanto do apartamento da senhora D.A como a s do apartamento do senhor E.I. e do andar superior ao deste,seriam conectadas `a tubulação externa do prédio,que escoava a água em direção ao destino final,portanto,sem qualquer ligação direta entre as tubulações do apartamento do senhor E.I. e as do apartamento da senhora D.A..Entretanto,ao começar a obra, o pedreiro havia recebido ordens do senhor E.I. de direcionar a extremidade final da tubulação do seu terraço ao ralo do apartamento da senhora D.A..de modo a tornar ali o ponto de lançamento final de sua água,e não como fora combinado.Intrigada,impediu que isso ocorresse e, mediante nova conversação, as tubulações foram,enfim,conectadas conforme havia sido combinado.

Existe neste caso uma clara alusão `a presença de símbolos fálicos,representados pelo cano e pelo buraco sob o ralo. Queria com este exemplo dizer que,na ausência de uma possibilidade efetiva, concreta de realização de um determinado conteúdo energético,este flui através de uma análoga que seja capaz de representá-lo essencialmente,portanto simbolicamente.Isto é,o conteúdo energético que impulsiona a um desejo sexual,ao não encontrar possibilidade concreta de realização,procura inconscientemente sua realização, através de um análogo capaz de representar a realização do seu conteúdo.A partir dessa ótica passava a ser compreensível porque o senhor E.I. não compreendia,racionalmente,que estava equivocado , que deveria consertar o vazamento e insistia em continuar jogando água da tubulação do seu terraço no ralo do apartamento da senhora D.A.. Insistia no absurdo da situação porque ali estava representada a realização simbólica de seu desejo inconsciente. A libido,para ter seu curso livre,fazia-o surdo a qualquer ato que o afastasse dessa conjuntura,porque esta, simbolicamente,realizava o seu desejo mais essencial.A essência de cada conteúdo latente,ao não encontrar a sua contraparte para vir `a sua forma plena de conteúdo,procura realizar-se através de um análogo que o represente essencialmente, simbolicamente. Parece ser esse o mecanismo da energia,potencialidade virtual ou forma sem conteúdo, realizar-se, vir à forma ou desabrochar,de uma forma ou outra, rumo ao seu inexorável sentido.

(22)Referências na nota (33) do capítulo I.

tempo, espaço, matéria), a sua enformação, reaparece, mesmo de modo inadequado, em qualquer outro invólucro onde a sua essência esteja representada. Talvez aí resida o princípio do desequilíbrio. Desequilíbrio provocado pela ausência de condições adequadas (material disposto em quantidade, qualidade, espaço e forma aptos à enformação da virtual potencialidade) para a potencialidade energética seguir transformando-se de uma forma à outra. De imediato flui, mesmo desvirtuando-se de sua real contraparte, para qualquer contraparte onde a sua natureza estiver representada. Ao permancer latente, é natural que se forme um grande complexo energético, bloqueando o fluir dos outros conteúdos, cuja manifestação depende da realização dos conteúdos anteriores, tal como um indivíduo não pode passar para a adultez se os conteúdos das etapas anteriores do seu desenvolvimento não tiverem sido plenificados. Mesmo ocorrendo a oportunidade simbólica de a potencialidade energética vir à forma manifesta, isso ocorre de forma catastrófica, dada a incapacidade de escoar de uma só vez todo um reservatório de conteúdos represados e desatualizados, à semelhança de quando um dique é rompido. (23) Em termos do inconsciente coletivo, por exemplo, Jung (1988b) toma o exemplo do movimento social nacionalista alemão. A essência subjacente ao caráter dessa configuração social serviu de contraparte e "gancho" para que o arquétipo Wotan (24), reprimido há séculos, pudesse ter ocasião de manifestar-se, com toda a fúria de uma energia represada há séculos.

As sociedades portadoras de uma cosmovisão que integra Homem e Cosmo numa só unidade interdependente detinham o conhecimento desse princípio e utilizavam-no a seu favor. Um exemplo de conhecimento e

(23) Referências na nota (37) do Capítulo I.

(24) Segundo Jung (1988b), o arquétipo Wotan, "simplesmente desapareceu quando os tempos se voltaram contra ele, conforme o seu modo de ser, permanecendo invisível por mais de 1000 anos, ou seja, mantendo-se ativo de maneira anônima e indireta. Na verdade, os arquétipos são como leitos de

utilização simbólica dessa dinâmica energética é ilustrado por Campbell (1990), quando ele descreve o rito indígena para caça dos animais:

"Antes de sair para matar, o caçador desenha no topo da colina, uma figura do animal que está disposto a matar. E essa colina deve estar numa posição tal que os primeiros raios do sol nascente a atinjam. Quando o sol nasce, o caçador está lá, esperando, na companhia de algumas pessoas, para representar seus ritos. Quando a luz atinge a figura do animal, a flecha do caçador voa exatamente no caminho aberto pelo raio da luz e toca o desenho do animal, e a mulher que está presente para ajudar o caçador, ergue as mãos e grita. Aí o matador sai e mata o animal. E a flecha estará exatamente onde estava o desenho. Na manhã seguinte, quando o sol se ergue, o caçador apaga o desenho. Isso é feito por ele em nome da ordem natural, não em nome das intenções pessoais" (p. 79).

(cont. da nota (24)) rios, abandonados pelas águas mas aguardando sempre a possibilidade de retornar depois de um certo tempo(...) E quanto mais tempo tenham seguido uma determinada direção, mais provável que para lá regressem. Enquanto a vida do indivíduo é regulada pela sociedade à semelhança de um canal retensor de águas, sobretudo no âmbito do Estado, a vida dos povos se mostra como o curso de uma torrente do qual ninguém é senhor, ao menos nenhum homem, a não ser aquele Um que foi sempre mais forte do que os homens" (p. 12)". O arquétipo Wotan, reaparece enganchado na essência subjacente ao caráter do movimento social nacionalista alemão, da época de Hitler, análoga à sua natureza, descrito, a partir de Martin Ninck, como o "homem-fera, deus da tempestade, andarilho, errante, lutador, deus do desejo e do amor, senhor dos mortos e dos guerreiros, conhecedor do oculto, mago e deus dos poetas" (p. 11). Ainda, acrescenta Jung, que "nesse sentido, podemos falar de um arquétipo "Wotan" que, enquanto fator psíquico autônomo, produz efeitos coletivos que significam a projeção do quadro de sua própria natureza" (p. 10). E chama a atenção para o fenômeno da unilateralidade humana, sobre a qual já vimos falando, como condição necessária para que se tivesse desenvolvido tal degeneração favorecendo a ocorrência de catástrofe daquela envergadura: "É necessário sobretudo que massas inteiras sejam deslocadas de seu solo e concentradas nas cidades e indústrias, sufocando-se numa ocupação unilateral de modo a perderem todos os instintos sadios, mesmo o de autopreservação. O nível do instinto de autopreservação cai na proporção em que aumentam as esperanças no Estado, o que é um mau sintoma(...) É preciso que se tente preservar ao máximo o instinto de autoconservação do cidadão, pois separado da raiz nutricia de seus instintos o homem se converte num brinquedo de todos os ventos; nesse caso, ele não passa de um animal doente, desmoralizado e degenerado cuja sanidade só poderá ser restituída mediante uma catástrofe" (p. 23)

5. O masculino e o feminino

o mais arcaico par de opostos complementares

"O Receptivo designa a realidade espacial em contraste com a potencialidade espiritual do Criativo. O potencial torna-se real e o espiritual torna-se espacial, através de uma definição especificamente qualificativa que limita e individualiza(...). É apenas porque a natureza, em suas incontáveis formas, corresponde aos incontáveis impulsos do Criativo, que ela pode realizá-los. A riqueza da natureza jaz em seu poder de alimentar todos os seres, e sua grandeza em seu poder de lhes conceder beleza e esplendor. Assim ela faz prosperar tudo que vive. Enquanto o Criativo gera os seres, estes são partejados pelo Receptivo. Aplicado ao âmbito humano o hexagrama indica que se deve agir em conformidade com a situação..." (I Ching, hexagrama II, p.34)

A base que propicia a existência, o desenvolvimento e a continuidade de toda a vida manifesta repousa no fato de cada potencialidade energética, dividida em pares de opostos, encontrar o seu correspondente material de natureza análoga à sua, bem como em encontrar o seu par oposto e complementar.

A mais primitiva e universal divisão em pares de opostos complementares é a separação da energia sexual, antes integrada (símbolo do hermafrodita), em masculino e feminino, expressa pela imagem do falus e do orifício. Representando esses dois princípios, estão os dois hexagramas iniciais, o Criativo e o Receptivo, do conjunto de 64 hexagramas do I Ching, como base a partir dos quais todo o universo das formas manifestas é gerado. O primeiro corresponde ao princípio masculino, ativo, criativo:

1. CH'IEN/O CRIATIVO

Acima CH'IEN, O Criativo, o Céu

_____ Abaixo CH'IEN, O Criativo, o Céu

"O primeiro hexagrama se compõe de seis linhas inteiras. Essas linhas correspondem à energia quem, em sua forma primordial, é luminosa, forte, espiritual, ativa. O hexagrama é integralmente forte em sua natureza e, por estar livre de toda fraqueza, tem como essência a energia. Sua imagem é o céu. Sua força nunca é limitada por condições determinadas no espaço e por isso é concebida como movimento. O tempo é a base desse movimento. Portanto, o hexagrama inclui também o poder do tempo e o poder de persistir no tempo, ou seja a duração. O poder representado pelo hexagrama deve ser interpretado em dois sentidos: em termos de uma ação no universo e de sua ação no mundo dos homens. Em relação ao universo o hexagrama expressa a atividade criativa e poderosa da Divindade. Aplicado ao mundo dos homens ele representa a ação criativa dos santos e dos sábios, dos que governam e conduzem a humanidade e que através de sua força, despertam e desenvolvem a natureza mais elevada dos seres humanos" (p.29) (25)

E, o segundo o princípio femenino, passivo, receptivo:

2. K'UN/O RECEPTIVO

_____ Acima K'UN, o Receptivo, Terra

_____ Abaixo K'UN, o Receptivo, Terra

"Este hexagrama se compõe de seis linhas abertas. A linha aberta representa o poder primordial obscuro, maleável e receptivo de Yin. O atributo do hexagrama é a devoção e sua imagem, a terra. É o perfeito complemento do Criativo, a contraparte, não seu oposto, pois o Receptivo não combate o Criativo, mas o completa. Representa a natureza em contraste com o espírito, a terra em

contraste com o céu, o espaço em contraste com o tempo e o feminino-maternal em contraste com o masculino-paternal. Aplicado ao âmbito humano o princípio dessa relação complementar encontra-se tanto nas relações entre homem e mulher, quanto entre príncipe e ministro, e entre pai e filho. Mesmo no interior do indivíduo esta realidade aparece na coexistência do mundo espiritual com o mundo dos sentidos.

Não se deve, entretanto, ver aqui um real dualismo, pois existe entre os dois princípios um relacionamento claramente definido em termos hierárquicos. O Receptivo em si é, evidentemente, tão importante quanto o Criativo, mas o atributo da devoção define a posição desse poder primordial em relação ao Criativo. O Receptivo deve ser ativado e dirigido pelo Criativo, quando, então, produzirá resultados benéficos. Só quando abandona essa posição e tenta colocar-se ao lado do Criativo como um ser igual torna-se nefasto. A consequência seria, então, oposição e luta contra o Criativo, trazendo infortúnio para ambos" (p.33) (26)

Estes dois princípios, cada qual com a sua especificidade, constituem o fundamento para que os conteúdos latentes de cada singularidade venham à forma manifesta.

Cada potencialidade energética, sendo dotada de conteúdos específicos e interligada às demais potencialidades e ao todo, ao vir à forma manifesta, compõe, com as demais potencialidades, um exuberante mosaico inter-relacionado de vidas que afinal se traduz no universo constituído de formas, cores, sons, sabores...

O reconhecimento de que a fotossíntese consiste na produção (a partir da incidência da energia luminosa sobre o pigmento clorofilado presente nas plantas verdes e algas, e dos elementos retirados do solo, do ar e da água), de alimentos para si mesma e para todo o resto de vida incapaz de produzir alimento a partir de si mesmo, leva-nos a reconhecer que o emergir de cada

(26) Idem a nota (25)

potencialidade ocorre, igualmente, graças à atuação do princípio masculino (energia) e a receptividade do princípio feminino (matéria) que dá conteúdo às formas destituídas de corporeidade e dotadas de força/vida. A matéria, antes "inerte", é vivificada ao dar conteúdo às formas destituídas de corporeidade, constituindo assim, a base do desenvolvimento de todas as coisas existentes (estrela, animal, homem, árvore, planeta, universo). É a partir da energia (princípio ativo, masculino,) e da matéria (princípio receptivo, feminino), que todas as coisas vêm às formas manifestas, tal como expresso nos hexagramas I e II do I Ching. Este é o princípio que propicia a eclosão, a existência, a manutenção e a continuidade da vida rumo às formas cada vez mais "maduras".

Os inúmeros ritos praticados por certas comunidades tribais no sentido de canalizar a energia mediante manipulação simbólica desses princípios básicos, testemunham a existência desse conhecimento. Jung (1989, p. 138-9) descreve que, na primavera, a tribo australiana Watschandis, realiza o ritual sagrado de fertilização da terra, cavando um buraco no chão e cercando-o de arbustos, numa representação simbólica do genital feminino, e dançam a noite inteira à sua volta, cravando lanças dentro dele, numa representação simbólica do pênis, e clamando: "pulli nira, pulli nira, pulli nira, wataka" (non fossa, non fossa, non fossa, sed cunnus). Participam, desse rito, apenas homens, numa clara alusão ao papel masculino, ativo, na fecundação. Como respeito às prescrições, nenhum dos participantes olha, durante o ritual, para uma mulher. O ato de olhar para o objeto sexual reprodutivo real, implicava o risco da volta da energia sexual para este, interrompendo o fluxo da energia sendo canalizada, simbolicamente, para a fertilização da terra.

A falta de cuidado, nos ritos sagrados, implicava graves sanções: "Os preceitos rituais indus impõem penas graves àquele que prepara o fogo de modo incorreto" (Jung, 1973). Assim, os rituais eram acompanhados de rigorosas prescrições antes, durante e depois dos mesmos, bem como dos cuidados que deveriam

acompanhar essas realizações. A sua manipulação, pelo caráter sagrado, dizia respeito `aquele que detinha autoridade espiritual, e os ritos eram cercados de reverência, restrição, respeito e cuidado. A sua vivência constituía ato necessário da vida, como via para manter a conexão com os princípios que, em última instância, provia-os de vida.

Voltando `a questão dos princípio masculino e feminino, cada um deles promove, a partir da expressão e afirmação de suas naturezas específicas mas complementares, o nascimento das "dez mil coisas" (27).

O emergir de cada potencialidade ocorre graças a atuação do princípio ativo masculino (energia e forma sem corporeidade) e a receptividade do princípio feminino (matéria destituída do princípio vital). Do encontro, união e síntese dos pares de opostos complementares, simbolizado pelo encaixe do falus e do orifício, sucede a transformação de energia e matéria numa nova singularidade, dotada de forma, conteúdo e vida. Esta, por sua vez, ao nascer, rompe-se em pares de opostos como garantia da ocorrência de novos desdobramentos: "Esse um é o começo da transformação das formas" (Livro I, Cap. II de Lie Tsu) (28). A partir daí, sob o princípio das mutações, tem início a manifestação das "dez mil coisas": "Do Um sai o Dois - a força -, do Dois sai o três - a forma - e do Três jorra a matéria" (29), formando uma dança harmoniosa em direção ao sentido inerente `a energia original. A esse princípio, dinâmica e direção de caráter finalista os chineses denominaram Tao, cujo significado é representado pelo sinal de uma direção e mutação.

A alavanca inicial dessa profusão de vida, tal como a conhecemos, tem na sua base, cientificamente falando, a atividade dos organismos fotossintetizadores, os quais produzem o alimento para si mesmos (autótrofos) e para todo o elenco de outros seres vivos incapazes de realizar

(27) "Dez mil", significa "todos": "todos os seres", cf. p. 75 da mesma fonte citada na nota (4)

(28) P. 95 da mesma fonte citada na nota (4)

(29) P. 94 da mesma fonte citada na nota (4)

eles próprios essa produção.(30)

(30) Segundo Ramade(1976), as primeiras manifestações de vida após o nascimento dos continentes foi um fenômeno único . Acredita-se que começaram a se processar há aproximadamente 3.800.000.000 anos(in Rodrigues,1989) pela ação conjugada de diversos fatores(químicos,geofísicos,cósmicos).Primeiramente de caráter anaeróbico (que pode processar seu próprio alimento e viver na ausência do oxigênio) e só após um grande lapso de período é que começou a se verificar a segunda fase da manifestação de vida no Planeta:a de caráter aeróbico(microorganismos incapazes de viver na ausência de oxigênio) com a aparição de organismos clorofilados (plantas verdes e algas) e a fotossíntese.

O aparecimento de plantas clorofiladas sobre os continentes emergidos não causou apenas um efeito drástico na composição da atmosfera terrestre,mas acelerou consideravelmente o enriquecimento dela em oxigênio, bem como propiciou o aparecimento de organismos mais complexos como os animais no Planeta. (pp.10-14)

6. Função transcendente, mutação, epigenesia

princípios básicos do desenvolvimento

"O grande começo é a gênese da força. Da grande gênese nasceu a forma. A matéria jorra da grande criação original. É chamado de caos o estado no qual força, forma e matéria ainda não haviam sido separados. É denominado caos o estado no qual os dez mil seres estavam misturados e não haviam sido separados(...) Assim, Céu e Terra contêm os germes, os dez mil seres nasceram através de mutações"(Livro I, cap. II, de Lie Tsu)(31)

A expressão e afirmação de cada uma das partes cindidas tende naturalmente, a gerar uma tensão pela polarização das diferenças. De acordo com a natureza da energia, esse estado exige uma resolução, ou seja, a mutação para uma nova coisa pela integração e síntese dos conteúdos implicando tensão. Em outras palavras, implica integrar e conciliar, de uma só vez, as diferenças entre a energia e a matéria, o antigo e o novo, a igualdade e a diferença, a morte e o renascimento, o rompimento e a continuidade, além de trazer o novo, animado de vida, quer dizer, conectado à fonte original da vida. Tamanha amplitude de integração só pode ocorrer no campo das essências inerentes à energia primordial, destituídas de unilateralidades excludoras, típicas do universo temporal, lá onde a integração e a imparcialidade constituem princípios. A energia primordial, flui, neste mundo temporal, pela "linha de menor resistência"(I Ching, p. 71), tal como a água chega a seu termo, seguindo a linha da menor resistência. Vamos de encontro a ela, pelo caminho do meio budista; pela idéia da estreita porta que leva à vida; pelo 'fio da navalha' por onde escorre a seiva da vida; pela

(31) P. 94 da mesma fonte citada na nota (4)

estreita brecha,entre os pares de opostos, onde habitam juntos a morte e o renascimento: o centro(32) isento de polaridade.

Portanto,a mutação pela integração e síntese, é processada na estreita brecha onde a morte e o renascimento encontram-se inseparavelmente juntos.Nela,não há predomínio nem de um nem do outro,mas ambos encontram-se representados.Nesse território transcorre o processo de transmutação do velho e o nascimento do novo dotado de vida ,através da função transcendente(33),o princípio situado além da dualidade típica deste mundo.

Na integração e síntese das diferenças e no nascimento do novo pela superação das diferenças,a vida é impulsionada um pouco mais para diante. O desenvolvimento da vida,de um nível para outro,ocorre mediante o estabelecimento e a superação de um excepcional gradiente de tensão, tal como ocorre com a transformação de uma forma a outra de energia, pela superação da diferença de tensões. Nesse processo de resolução da tensão provocada pelas polaridades, matéria e energia se elaboram dando origem ao nascimento de novos estados,coisas ou seres.Estes,apesar de portadores de conteúdos dos pólos anteriores,já não os representam mais. Constituem uma nova diferença e,portanto,são geradores de novas tensões propiciadoras do nascimento de outras singularidades. Nisso reside a dinâmica que mantém a vida em permanente vida renovada,tal como expressa o I Ching:

"As mutações são concebidas aqui como um processo natural,praticamente idêntico à vida.A vida depende da polaridade entre a atividade e a receptividade .Assim é mantida a tensão que, em cada ajustamento em busca de equilíbrio , se manifesta como a mutação , o processar-se da vida.Se esse estado de tensão ,essa "diferença de nível", cessasse, não haveria mais nenhum padrão

(32)Do grego *Kentron*,significa,ponto para onde convergem as coisas,como para uma natural posição de repouso;fundo,interior;coisa ou pessoas a que muitos outros se acham ligados. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira,RJ,Nova Fronteira,2ªed,1990

(33)Referências na nota (28)do Capítulo I.

para a vida , que então não mais poderia se manifestar. Por outro lado essas oposições das polaridades, essas tensões, estão sendo constantemente geradas pelas mutações da vida. Se a vida cessasse de se manifestar , essas oposições se apagariam , em virtude de uma progressiva entropia, e o resultado seria a morte do mundo. (...)Essa passagem evidencia a condição transcendente das formas que constituem o mundo visível. O Tao aqui significa uma entelékia que a tudo abrange. Está além do universo espacial, mas atua sobre o que é visível -através de imagens , de idéias que lhe são inerentes , como se pode ver com maior precisão em outras passagens - e as coisas então vêm a ser. A coisa é espacial, isto é, define-se por seus limites corpóreos. Mas não pode ser compreendida sem o conhecimento do Tao, que lhe serve de base"(p.247)(34)

A mutação significa, pois, a realização dos conteúdos de cada potencialidade energética, seja ela em escala micro ou macro (átomo, célula, planta, animal, psique, ecossistema, planeta, cosmo). Ela constitui a própria base para que os conteúdos que lhes seguem numa seqüência evolutiva possam vir `as formas manifestas. Como se sabe, é inerente `a plenificação (amadurecimento, realização) de cada potencialidade latente, o desenvolvimento por sucessões. Neste, cada etapa que se realiza, significa a constituição da pré-condição para que a etapa seguinte possa vir a ser realizada. Assim, a mutação representa o fundamento para que as potencialidades latentes da semente Universo possam vir a ser plenificadas, cada vez mais.

A este desenvolvimento que ocorre por etapas, onde cada uma não pode emergir senão quando o seu caminho estiver preparado pela realização da etapa que lhe antecede, a embriologia denominou de **epigenesia** (35), a teoria, segundo a qual " a constituição dos seres se inicia a partir da célula sem estrutura e

(34) P.247 da mesma fonte citada na nota(25)

(35) Referências na nota(37) do capítulo I.

se faz mediante sucessivas formações e adições de novas partes que, previamente, não existem no ovo fecundado(Dicionário Holanda Ferreira ,A.B.)".Brachet,ao se referir a esse aspecto do desenvolvimento disse que: " Em embriologia, deve se ter sempre presente no espírito o valor real da palavra desenvolvimento; ela significa que todas as formas e todos os órgãos se constroem por uma série lenta e progressiva de complicações, que se encadeiam estreitamente e só pára quando o estado adulto é alcançado" (36).

No processo evolutivo de qualquer coisa, está implícito o processo que ocorre por uma seqüência sucessiva de evoluções ,onde o desenvolvimento efetivo e integrado ocorre mediante a realização de uma etapa que prepara o da etapa que lhe segue.

Natureza,Homem e Cosmo,estão sob o domínio dos mesmos princípios que regem o universo como um todo, delas não escapam as plantas, animais,ser humano ou planeta. O processo de desenvolvimento da psique,do ecossistema,do planeta estão também sujeitos aos princípios da mutação e da epigenesia.

Em Ecologia,por exemplo,Odum(1977)comparou os sucessivos estágios pelos quais passa o desenvolvimento de um ecossistema natural, aos da vida de um organismo,dizendo:

"Quando um campo de cultura é abandonado , na parte leste dos Estados Unidos,por exemplo, a floresta que originalmente ocupava a região volta somente depois que uma série de comunidades temporárias lhe preparam o caminho .Os estágios sucessivos podem ser inteiramente diferentes , em sua estrutura e função, da floresta que eventualmente se desenvolve no local.De uma certa forma, podemos imaginar estas comunidades temporárias como estágios da vida pelos quais muitos organismos passam antes de atingir a maturidade"(p.116).

O mesmo autor salienta que "a sucessão ecológica é *comunalmente controlada* ; cada conjunto de organismos altera o substrato físico e o microclima(condições locais de temperatura,luz,etc),tornando assim as condições favoráveis para outro conjunto de

organismos"(p.117).

O mesmo sucede com o ser humano. A cada segundo, no decorrer de sua vida,processam-se inúmeras passagens de uma fase `a outra de amadurecimento , impulsionando a vida para a sua derradeira destinação. Os conteúdos latentes de cada etapa do seu desenvolvimento são integrados e sintetizados, implicando contínuas mortes e renascimentos.

Os ritos de passagem nas sociedades portadoras de uma cosmovisão que traz unidos o Homem e o Cosmo constituem objeto de cuidados especiais. Os mitos, ritos e símbolos,apóiam as inúmeras passagens existentes no decorrer da vida,assegurando assim, um desenvolvimento que não pode ocorrer sem a realização das passagens. Algumas delas, como as da infância para a adultez,da vida para a morte,são cruciais. Na passagem da infância para a adultez,por exemplo, o ser humano só pode passar `a fase adulta, depois que tiver desenvolvido a etapa anterior infantil,ou seja, depois que esta tiver preparado o caminho para que os conteúdos subseqüentes emergjam. Sabemos,por exemplo, que determinados conteúdos psíquicos infantis não elaborados, reaparecem, inconscientemente,quando do indivíduo adulto,em situações, cuja configuração traz representada a possibilidade simbólica para que aqueles conteúdos reprimidos se manifestem.Tal dinâmica representa uma adequação `aquele potencial energético que exige ser realizado de um modo ou de outro,mas é inadequada `a realidade de uma psique adulta que não pode realizar os conteúdos inerentes `a sua idade, na medida em que os conteúdos anteriores os estiverem bloqueando. A passagem da infância `a adultez constitui uma das passagens mais decisivas da vida de um ser humano.Tão crucial quanto a passagem das pupas para borboletas, durante a qual muitas delas derretem,tamanha mudança.Em vista da ocorrência de atenção especial,nas arcaicas culturas,a essas passagens,estas parecem constituir uma das mais sérias tarefas que um ser humano possa ter em vida. Modernamente, Jung denominou individuação(37) a esse processo de

integração e síntese das polaridades complementares as quais são propiciadas pela função transcendente que, após sucessivas passagens resulta no desabrochar da nossa essência singular.

Sendo inexorável a sua realização, na ausência da vivência simbólica, a própria vida se encarrega de promovê-la. A vivência simbólica do rito de passagem é como se fosse uma "vacina", em cuja ausência, passamos pela doença de verdade. Assim, a dor provocada pela vivência simbólica, comparada à dor provocada pela vida que tece espontaneamente a vivência dessa passagem, é análoga à dor da doença simulada pela vacina, em comparação à dor da doença real. Algumas formas psicoterapêuticas prestam-se a um campo propiciador de realização dessas passagens mediante a integração e atualização dos conteúdos inconscientes; a vivência de situações trágicas parecem remeter à realização de certas passagens, durante as quais muitos não suportam ou as ignoram, deixando perpetuar os seus efeitos em forma de manifestações psicossomáticas ou outras.

A Mitologia, ao tratar da transformação espiritual de um estado para o outro mediante ritos de passagem; a Psicologia analítica, quando trata do processo da individuação; a Ecologia ao tentar decifrar a dinâmica que rege a natureza mediante a leitura da contínua reciclagem e redistribuição de energia e matéria através do processo da fotossíntese, das cadeias alimentares, dos ciclos biogeoquímicos; a Física moderna ao tentar decifrar a dinâmica imanente à menor partícula subatômica; a sabedoria oriental quando dirige a sua importância na decodificação da dinâmica subjacente à matéria....estão todas, no fundo, concentradas na compreensão desse fato essencial da vida. Na compreensão dos princípios que propiciam a realização da passagem e o retorno à origem, e o retorno a novas formas manifestas: base da garantia da ocorrência da constante eclosão, existência, manutenção e continuidade de vida para as formas cada vez mais desenvolvidas no Planeta, a partir da mesma quantidade de energia e matéria.

"Passagem" significa discriminação e plenificação das virtuais

potencialidades inerentes a cada singularidade e volta, acrescida de uma evolução, `a origem de onde foi derivada.

Portanto, participar da dança geral rumo `a direção apontada pela natureza consiste em cada um plenificar as suas potencialidades e retornar (depois de discriminado e desabrochado) `a fonte de onde saiu. Este é um dos grandes motivos da mitologia e dos ritos de iniciação. Significa a evolução a partir da integração e síntese das potencialidades inerentes aos pares de opostos, a transmutação dessas potencialidades para um novo estágio, acrescidas de uma evolução, e assim dotando a sua existência de sentido e significado e participando do rumo para o qual caminha o universo.

Reconheço que a ordenação procede do caos, assim como a luz provém da escuridão. Reconheço igualmente a existência de um certo ritmo, tempo e ciclos necessários para que ocorra a formação e transformação de todas as coisas.

A transformação rumo `as formas cada vez mais desenvolvidas se deve a esse processo de 'mutação'. Ele é expresso no Tao como o sentido básico da vida. O princípio que possibilita a constante eclosão, existência, mutação, reciclagem, manutenção e continuidade de vida, num processo de sucessivas etapas evolutivas; `as formas cada vez mais plenas no Planeta. Eis o milagre tão bem representado pela mitológica imagem do Uroboros, a serpente que engole a própria cauda em forma circular.

7. Plenificação da singularidade: sucessão ecológica e individuação

"...a verdadeira essência do homem, originalmente pura, é obscurecida pelo contato com a terra, sendo por isso necessária uma purificação para poder brilhar em sua luminosidade original" (I Ching, p. 119)

Cada uma das coisas que integra a imensidão porta em si a singularidade que lhe é inerente, isto é, só a ela pertence. A sua expressão e afirmação, decorrente do desenvolvimento por sucessivas mutações, propiciada pela função transcendente, é a contraparte necessária ao desenvolvimento do Todo. A plenificação da potencialidade de cada coisa significa a possibilidade de cada um afirmar a sua singularidade e, portanto, constituir-se função útil, complementar, cooperativa, interdependente e não parasitária no conjunto de todas as coisas existentes, e assim contribuir para o surgimento de novas formas de vida rumo a um sentido finalista imanente à "semente Universo". Este é o sentido da criação: a expressão da singularidade que cada um porta em si desde a sua origem. Assim, o tornar-se Um, diferenciado dos demais, constitui, em princípio, tarefa primordial de cada indivíduo ao vir ao mundo, contribuição necessária ao desenvolvimento do Universo rumo às formas cada vez mais plenas.

Da imensidão cósmica, somos apenas um ínfimo grão, mas significativo o suficiente para que a soma dos gestos inadequados individuais contrarie os princípios que governam o Universo e acarrete desequilíbrio ao conjunto e às partes que o compõem.

As sociedades portadoras de uma cosmovisão que não dissocia o Homem do Cosmo detinham essa compreensão, integravam esse conhecimento em suas culturas como extensão dos códigos que governam o universo, e colocavam os homens em harmonia com essas leis.

A nossa conexão com esses princípios ocorre naquele estreito território, isento de dualidade, por onde flui a energia originária neste mundo

temporal; naquele fio da navalha por onde flui a seiva da vida; no "caminho do meio"(Buda); na sabedoria ou no bom senso;ou ainda, pela linha de menor resistência,todos dificilmente reconhecíveis se estivermos tomados pela unilateralidade egóica,típica do universo humano. Segundo o I Ching,

:"...A inviolabilidade das leis naturais se deve a esse princípio de movimento pela linha de menor resistência.Essas leis não são externas `as coisas ,mas constituem a harmonia de movimento inerente `as mesmas.É por isso que os corpos celestes não se desviam de suas órbitas e que todos os fenômenos da natureza ocorrem com regularidade precisa.O mesmo ocorre na sociedade humana;prevalecem somente as leis enraizadas no sentimento do povo,enquanto que as leis que o contradizem provocam apenas ressentimentos."(p.71).

Na raiz de todo o processo que propicia o emergir da potencialidade energética e o desdobramento da vida `as formas cada vez mais plenas, encontra-se o processo da mutação e o da sucessão, propiciado pela função transcendente.

Tanto a potencialidade latente de um indivíduo como a de um ecossistema desabrocham sob a regência de princípios sutis e constantes. Requerem condições adequadas para a sua realização e configuram-se plenamente desabrochadas ,somente depois de inúmeros processos e sucessivas passagens de uma fase `a outra,que transcorrem ao longo de anos.

Tal como uma semente porta em potencial os conteúdos de uma gigantesca árvore,e estes desabrocham em sucessivas etapas de desenvolvimento segundo as condições de temperatura, umidade, qualidade do solo,luminosidade, pressão, PH, tornando aquela diferente das demais, cada indivíduo,cada ecossistema encerram em si conteúdos em potencial que lhes pertencem de modo exclusivo,conferindo singularidade a cada um. Na medida em que as virtuais potencialidades vêm `as formas manifestas, podemos perceber a singularidade,antes apenas uma potencialidade latente, inerente a cada organismo,indivíduo ou ecossistema.

Assim como uma gigantesca árvore se forma a partir de uma semente , o ecossistema se forma de um solo que parece nada conter. Verificamos o emergir inicial de inúmeras gramíneas e capoeiras, os quais recebem a colaboração de inúmeros organismos, com funções específicas e complementares em relação aos outros organismos e ao conjunto, e com isso participam ativamente da preparação das condições adequadas para que a fase subsequente possa ocorrer numa mútua cooperação entre plantas, animais e bactérias. É esta dinâmica que propicia o desenvolvimento dos estágios subsequentes até chegar à maturidade estacionária, quer dizer, ao equilíbrio dinâmico(38). Segundo Odum (1977) :

"Quando a região foi alterada tanto quanto possa ser por meio de um processo biológico, um estágio inalterado se desenvolve - pelo menos teoricamente. As espécies envolvidas, o tempo necessário e o grau de estabilidade atingido dependem da geografia, clima, substrato e outros fatores físicos, porém o processo da sucessão , em si, é biológico e não físico. Isto é, o ambiente físico determina o padrão da sucessão mas não é a sua causa." (pp.116-117).

Ao serem introduzidos determinados elementos em ecossistemas estranhos ao seu, a despeito de alguns que se adaptam, regra geral, esses elementos exóticos não cooperam, em função de múltiplos fatores, na formação conjunta de uma unidade funcional estável. Proliferam-se exageradamente, sobrepondo-se aos autóctones (como podemos observar com a

(38) Acerca da sucessão ecológica, diz Odum (1963): "A sucessão ecológica pode, então, ser definida nos termos dos três parâmetros que se seguem: 1) Ela é um processo ordenado de mudanças de comunidade; estas são direcionais e, portanto, previsíveis. 2) Ela é um resultado da modificação do ambiente físico pela comunidade. 3) Ela culmina no estabelecimento de um ecossistema tão estável quanto seja possível biologicamente, no lugar em questão. É importante salientar que a sucessão ecológica é *comunalmente controlada*; cada conjunto de organismos altera o substrato físico e o microclima (condições locais de temperatura, luz, etc.), tornando assim as condições favoráveis para outro conjunto de organismos." (pp.116-117)

propagação, na primeira fase de desenvolvimento das matas, da Maria-sem-vergonha, *Impatiens sultanii*, originária da África), ou não desencadeiam processos espontâneos de propagação (como ocorre quando em seu habitat de origem), ficando a sua existência alienada dos demais e do conjunto, e restrita à ação do Homem, como podemos observar com o eucalyptus, *Eucalyptus globulus* Labil, originário da Austrália e Tasmânia. Ou ainda, um elemento estranho ao ecossistema nativo não resiste à força do autóctone, quando a este são permitidas ou proporcionadas condições de prosseguir o seu curso natural de evolução; a sua potencialidade latente emerge com tamanha força e exuberância, que expulsa, naturalmente, os elementos estranhos a ele. Quanto a este último passarei ao relato da observação de um caso:

Há 15 (quinze) anos uma vasta área da Mata Atlântica, no Município de Ilha Bela, São Paulo, era ocupada pela cultura de bananas (*Musa sp*). Esta, devido a criação do Parque Estadual de Ilha Bela, através do Decreto 9414, de 20 de janeiro de 1977, ficou impedida de continuar sendo cultivada. A

área ficara, portanto, isenta de ações antrópicas. Em 1991 e no início de 1992, tive a oportunidade de observar parte dessa área, mais precisamente, a área pertencente à Fazenda da Toca. Verifiquei que, ao cabo de 15 anos, essa área, antes impedida de deixar desabrochar a sua potencialidade latente, reconstituíra, em sucessivas etapas a Mata Atlântica similar àquela do seu estado primitivo (Fotos: 1, 2, 3, 4). Com a oportunidade de seguir livremente o seu curso natural, os conteúdos inerentes à

Fig. 1: Ao fundo, a Mata Atlântica em seu estado original; no primeiro plano, a formação, no solo do antigo bananal, de elementos dos estágios pioneiros (herbáceas); a partir destes, a formação de arbustos e árvores; e a partir destes, de árvores, elementos de uma mata reconstituída. lugar a uma exuberante floresta,

Fig. 2: Agrupamento arbustivo, resquício do estágio pioneiro amadurecido e, formação inicial de arvoretos, elementos do estágio subsequente das sucessivas fases de desenvolvimento.

Fig. 3: Formação de arvoretos, elementos iniciais da mata secundária em reconstituição, decorrente do amadurecimento dos arbustos.

típica do lugar. Pude observar também que a reconstituição é muito mais lenta nos lugares onde o solo foi mais intenso e longamente explorado (Foto: 6) (39)

Esses dados merecem, aqui, uma atenção especial, porque neles reside a base do fato de que cada ecossistema, 'a semelhança de uma semente, porta em si, de modo original, conteúdos latentes que o inicial de caracterizam como tal, e cada um dos seus conteúdos possui uma função específica, além de possuir em si, função de complementação e cooperação com os demais, concorrendo, desse modo, para o funcionamento equilibrado e auto-suficiente do conjunto.

Todos os conteúdos latentes parciais

(39) Observações extraídas junto a François T.M.V. Van Sebroeck, agrônomo e proprietário da Fazenda da Toca no Município de Ilha Bela, Estado de São Paulo, e, classificação dos estágios baseados em Klein, 1980.

Fig. 4: Presença de árvores de grande porte, elementos inerentes a uma mata secundária reconstituída, decorrente do amadurecimento do estágio anterior de desenvolvimento

Fig. 5: Bananeira, resquício da antiga cultura, sendo "engolida" pelo desenvolvimento do potencial autóctone.

emergem para operar conjuntamente na formação de uma unidade funcional auto-suficiente e estável. A formação auto regulada e auto-suficien te de um ecossistema ou ecossistema clímax, tal como ocorre com o processo de individuação, sobrevém ao cabo de um processo de sucessivas evoluções que leva muitos anos (40). Um texto chinês, ao expor o caminho que leva o indivíduo à plenificação de si-mesmo, diz: "O que aqui revelei em uma palavra, é fruto de um esforço de dezenas de anos" (Mestre LÜ DSU) (41). Isso vale tanto para o desenvolvimento da psique, como para o de um organismo ou de um ecossistema.

(40) Referências na nota (37) do capítulo I.

(41) in, p. 130 de Jung, C.G. e Wilhelm, R.: O Segredo da Flor de Ouro: um livro de vida chinês, Petrópolis, 2ª ed., 1984b, 142p.

Fig.6:Reconstituição mais lenta da mata em solo cujo uso se deu de forma mais intensiva e prolongada

integrados. Todas as etapas são acompanhadas de uma infinidade de processos cíclicos de renovação e redistribuição de matéria e energia,num ininterrupto ciclo de morte, renascimento, transação e evolução.

Esse processo de infinitas passagens,onde a realização de cada etapa prepara a realização da etapa seguinte rumo `a plenificação de toda a potencialidade latente, mediante infinitos processos de integração e síntese dos pares de opostos complementares, propiciados pela função transcendente, corresponde,em termos da psique ,ao processo de desabrochamento de nossa essência singular,do potencial com o qual viemos ao nascer,isto é,ao processo de individuação.Em termos ecológicos, corresponde ao processo de desenvolvimento de um ecossistema(unidade básica de estudo da Ecologia),o qual ocorre mediante sucessivas etapas de evolução, constituído de passagens de inúmeros *estágios serais*,pelos quais passa até culminar no estágio final,constante como *clímax*(Odum, 1977,p.117). Corresponde também `a imagem de uma árvore que,no

A maior parte dos ecossistemas são formados através de um longo processo de adaptação entre o conjunto de populações de organismos e o meio.Nesse processo,cada etapa não pode se desenvolver,se a etapa anterior não tiver sido plenificada, isto é , se os virtuais conteúdos de cada fase não tiverem sido atualizados e

desabrochar de sua virtual potencialidade, traz visíveis os galhos, troncos, folhas, flores e frutos, que outrora estavam contidos numa semente que colocávamos na ponta do dedo.

Segundo Odum(1977) e Ramade(1976), o que define um ecossistema (42) não é a espessura ou a superfície (aquática ou terrestre) que ocupa, mas a

(42) Odum(1977) define um ecossistema, do ponto de vista estrutural (figura:7), como composto de 4 (quatro) constituintes básicas, a saber: "1. *Substâncias abióticas*, elementos básicos e compostos do meio;

Fig. 2-1 Comparação entre a estrutura geral de um ecossistema terrestre (campo) e um ecossistema aquático-aberto (de água doce ou marinho). As unidades necessárias para o seu funcionamento são: I. Substâncias abióticas (compostos inorgânicos e orgânicos essenciais); II. Produtores (vegetação na terra, fitoplâncton na água); III. Macroconsumidores ou animais: (A) herbívoros de ação direta ou pastadores (galunotos, ratos-do-campo, etc. na terra; zooplâncton, etc. na água); (B) consumidores indiretos ou comedores de detritos ou sapróvoros (invertebrados do solo na terra; invertebrados do fundo na água); (C) os carnívoros do "alto" (aguia e peixes grandes); IV. Decompositores, bactérias e fungos da degradação.

Fig.7: Modelo de estrutura de um ecossistema (Fonte: Odum, 1977, p.29)

principalmente as bactérias e fungos, que decompõem os componentes complexos do protoplasma morto, absorvem alguns dos produtos da decomposição e libertam substâncias simples utilizáveis pelos produtores" (p.28).

Ramade(1976), por sua vez, define um ecossistema como a "associação de uma comunidade viva (biocenose) a um meio físico-químico específico (biotopo)... que Tansley, definira em 1935 como sendo a seguinte relação: $\text{ecossistema} = \text{biotopo} + \text{biocenose}$ ". O ecossistema assim definido é composto de um lado pelo conjunto de população de organismos (Biocenose), onde cada comunidade apresenta um alto grau de organização nas relações entre indivíduos, populações e espécies que a compõem, e de outro lado, pelo conjunto de elementos minerais, energia eletromagnética e um estado do meio, que segundo a disposição de

2. *produtores*, os organismos autotróficos, principalmente as plantas verdes;
3. *os grandes consumidores ou macroconsumidores*, organismos heterotróficos, principalmente animais, que ingerem outros organismos ou determinada matéria orgânica;
4. *as decompositores ou microconsumidores* (também chamados saprófitas), organismos heterotróficos,

presença dos principais componentes e interação destes na formação de uma certa estabilidade funcional, conferindo àquela unidade auto-suficiência e homogeneidade de condições físico-químicas e biológicas. Segundo Odum (1977), como aquele que, ao plenificar as potencialidades virtuais, "Culminou no estabelecimento de um ecossistema tão estável quanto seja possível biologicamente, no lugar em questão" (p.116). Do ponto de vista da Psicologia, segundo Jung, corresponde 'a

(cont.nota(42)) cada um desses componentes (geografia, intensidade de fluxo de energia solar, vento, temperatura, correntes aquáticas, concentração de elementos minerais (sendo o CHNOPS os fundamentais na constituição de qualquer vida), higrometria) define um meio físico-químico e geográfico específico (biotopo). Entre as duas esferas e no interior de cada uma delas ocorre uma constante interação marcada pela incessante transferência de energia e de matéria e pela presença de interação das comunidades existentes entre si com o ambiente que as cerca. Os ecossistemas são, assim, unidades funcionais auto-suficientes dotadas de processos cíclicos de produção, distribuição consumo e decomposição da matéria em forma apta para virem novamente em formas animadas, propiciando e assegurando a existência de todas as formas de vida no Planeta, a partir do processo de transformação e integração incessante da mesma quantidade de energia e matéria. Os ecossistemas podem, assim, ser definidos como a principal unidade de estudo da Ecologia enquanto unidades funcionais auto-suficientes. A biosfera, como a parte do Planeta que contém o conjunto de seres vivos e reúne as condições indispensáveis (luz, temperatura, pressão, solo, umidade do ar, calor, salinidade, som...) ao surgimento, desenvolvimento, manutenção, reprodução e continuidade de vida, comporta vários ecossistemas, e estes constituem a sua unidade estrutural básica. Cada um deles ocupa uma superfície terrestre ou aquática cuja homogeneidade de condições (físico-química, biológica, geográfica) define a sua especificidade. Suas dimensões podem variar de metros quadrados a milhares de quilômetros quadrados; verticalmente, eles podem tomar alguns centímetros (solo desértico), dezenas de metros (florestas tropicais ou quilômetros (meio oceânico)). (pp.17/19)

Alguns autores os distinguem e classificam em: micro-ecossistema (p.ex. tronco de árvore caído e 'morto'); meso-ecossistema (um bosque, um lago, um estuário) e macro-ecossistema (um oceano, um maciço florestal, uma bacia hidrográfica) (in, Matsushima K. et al, 1987, p.141). Segundo diversos autores, e anotações do curso de pós-graduação em Lycence Spéciale Interfacultaire en Environnement, da Université Libre de Bruxelles, qualquer que seja a sua extensão ou a sua espessura, eles comportam invariavelmente: **1. elementos constitutivos** [autótrofos (aqueles que são capazes de "alimentar-se por si só, capazes de fixar energia luminosa e fabricar alimentos a partir de substâncias inorgânicas simples" (Odum, 1977, p.28); heterótrofos ("significa alimentar-se dos outros; que utiliza, rearranja e decompõe os materiais complexos sintetizados pelos autótrofos" - Odum, 1977, p.28); CHNOPS; energia eletromagnética; e compostos orgânicos], **em**

2. estados organizados e estruturados [elementos químicos, macromoléculas, tecidos animais e vegetais, órgãos, indivíduos], **com**

personalidade madura, plena, equilibrada ou individuada. Trechos de um texto iniciático chinês de Liu Hua Yang expressa imagetivamente a qualidade final de uma personalidade plenificada, fruto de um longo processo de trabalho:

"Fora do corpo há um corpo que se chama a imagem de Buda.

O pensamento que é poderoso, a ausência de pensamentos é Bodhi.

A flor de lótus de mil pétalas desabrocha, transformada pela força do alento.

Um brilho mil vezes desdobrado cintila através da cristalização do espírito.

Todo pensamento parcial se configura e se torna visível em cor e forma.

(cont. da nota(42)) **3. funções de troca de matéria e energia** [expressa como PB-RA +RH, ou seja a relação entre a produção (fotossíntese=PB) e a respiração ou oxidação ou redução da matéria orgânica (RA= respiração dos autótrofos + RH=respiração dos heterótrofos e plantas não clorofiladas)] e, coordenadas pelo

4. sistema de comunicação para assegurar a coordenação e a regulação das funções de troca [ondas eletromagnéticas (visíveis, infravermelho, elétrico); ondas mecânicas (ultrasom, som); substâncias químicas (substâncias tóxicas: autótrofos; esporos: heterótrofos; odores); cores, de

5. regulação de efetivo das populações [processo de nascimento, vida e morte; formas de associações entre as espécies (comensalismo= indivíduo de espécie diferente que habita a mesma área, faz o mesmo regime alimentar sem ser útil ou nocivo ao outro; mutualismo= associação entre plantas, ou entre estas e animais numa relação de benefício mútuo; parasitismo= que vive à custa do outro) que estabelecem sistemas de cooperação para sobreviver; lutas intraespecíficas e entre as populações (sistemas de devoração); relação trófica entre autótrofos e heterótrofos] **assegurando o**

6. ciclo da matéria e o fluxo de energia [expresso sob o esquema:

CHNOPS-----organismos autótrofos-----Organismos heterótrofos-----
-----detritívoros bioredutores-----CHNOPS] **que resulta em**

-crescimento da biomassa dos autótrofos

-crescimento da biomassa dos heterótrofos

-estocagem sob forma de humus, carvão, petróleo, o que em outras palavras significa o "milagre" do surgimento, manutenção, desenvolvimento e continuidade de vida, a partir da reciclagem, transformação e distribuição da matéria e energia cuja quantidade permanece sempre invariável; e a partir dos mecanismos e princípios inerentes aos ecossistemas, num perfeito sistema auto-regulado, integrado e harmônico onde a expressão e a afirmação da especificidade de cada elemento que os compõe assegura o funcionamento do todo.

A força anímica total desdobra suas marcas e se transforma no vazio.

Saindo do ser e entrando no não-ser se consoma o maravilhoso TAO. Todas as formas divididas aparecem como corpos, ligados a uma verdadeira Fonte.

As formas configuradas através do fogo-espírito são meras cores e formas.

A luz do ser brilha de volta para o originário, o verdadeiro.

O sinal impresso do coração patra no espaço, brilha puro o luar.

A canoa da vida chegou `a margem, clara cintila a luz do sol.

Sem começo, sem fim

Sem passado, sem futuro,

Um clarão é atravessado pelo brilho do coração celeste.

Apagam-se as nuvens no espaço azul; lúcidas, cintilam as montanhas.

A consciência se dissolve em contemplação.

Solitário, repousa o disco da lua" (Liu Hua Yang) (43)

Segundo o texto acima, as qualidades essenciais do si mesmo plenificado são análogas `as de um ecossistema clímax, tanto no que diz respeito ao processo de desenvolvimento como `a forma culminada. A serenidade, o equilíbrio, a paz o bem-estar e a estabilidade como qualidades de uma personalidade plenificada são similares `as daquelas que podem nos proporcionar um ecossistema maduro. De fato, ao adentrar um desses ecossistemas maduros, pode-se sentir o bem-estar que a profusão viva dos elementos ligados a uma verdadeira fonte de vida proporciona, o que permite associá-la `a imagem que o texto faz acerca de uma personalidade desabrochada , cujos conteúdos manifestos "aparecem como corpos, ligados a uma verdadeira Fonte".

A individuação como processo que leva `a plenificação das potencialidades singulares que cada um porta em si de modo original significa o processo através do qual o Homem se torna Um função útil no todo e, portanto, apto para colaborar e co-participar da trama universal, do rumo

para o qual caminha a natureza.

A expressão e afirmação da singularidade inerente a cada coisa é a contraparte necessária ao desenvolvimento desse Todo. Cada potencialidade energética manifesta que integra a imensidão emerge da Energia Primordial, semente de todo o existente e por vir a existir. Ao plenificar-se, volta ao manancial de origem, acrescida de uma transformação e disponível novamente para dar prosseguimento à etapa realizada anteriormente. Nisso parece residir a necessidade de cada potencialidade vir à forma manifesta, como contraparte indispensável à vida e ao sentido para o qual caminha a natureza.

Jung, com o seu conceito de individuação; a arcaica cultura com seus mitos e ritos de passagem; André Verdet (1952), ao dizer que "No contato com os objetos, é necessário saber guardar aquele frescor da infância, preservar aquela inocência. É preciso ser criança toda a vida, mesmo sendo o homem de vigor na existência das coisas - e não ter a imaginação castrada pelas existências das coisas" (44);

ou ainda Matisse (1953), ao complementar Verdet, quando expressa "É necessário olhar toda a vida como se fôssemos crianças", e que a perda dessa possibilidade vos exclui daquela de exprimir de modo original" (45) estão, certamente, se referindo à necessidade da plenificação de cada uma das potencialidades que o indivíduo traz consigo como bagagem, ao vir ao mundo, como requisito à vida. Estão nos comunicando que o sentido da vida reside na plenificação das potencialidades que cada indivíduo traz consigo ao nascer.

Nesse fato, em cuja base encontra-se o sistema cíclico de transformação e reciclagem da natureza, parece residir o fundamento do desenvolvimento dos conteúdos potencialmente existentes na "semente Universo", rumo à sua plenificação.

(44,45) In Propos recueillis par Régine Pernoud, Le Courrier de l'U.N.E.S.C.O., 1953, vol. VI, n° 10.

8. Reciclagem e retorno à origem: a chave do desdobramento da vida a partir da mesma quantidade de energia e matéria

"O retorno é o movimento do Tao.

Por fraqueza ele se manifesta.

Todas as coisas são originárias do Ser;

E o Ser é originário do Não-Ser"(Lao Tsé)(46)

Se a quantidade de energia e dos elementos materiais é fixa, e a vida ocorre a partir deles, é porque ela é propiciada pelo contínuo processo cíclico de reciclagem e redistribuição dessa mesma quantidade de matéria(47) e energia.

A matéria, uma vez vivificada pela energia, retorna, após transformação, acrescida de uma evolução, em forma novamente apta para continuar o estágio deixado pela etapa anterior.

A virtual potencialidade energética, por sua vez, depois de manifesta, retorna, acrescida de uma evolução, à fonte (energia original, atemporal, isenta de dualidade) de onde saiu e, ao voltar, dá prosseguimento ao estágio anterior de desenvolvimento, num incessante processo de manifestação, transformações e retornos.

A partir da mesma quantidade de energia e matéria, apenas renovada pelo seu contínuo processo de mutação e retorno, a vida prossegue evoluindo para as formas cada vez mais complexas. Nisso reside a alavanca do desenvolvimento da natureza, cuja dinâmica sempre foi apreendida sob diversas formas e em diferentes épocas da arcaica história da humanidade como princípios inerentes à Grande Lei(48), aquela que rege o universo. Na

(46) Tao Te Ching, cap. XL, p. 78 da mesma fonte citada na nota (4)

(47) Salvo acréscimo à massa da Terra ocasionado por "poeiras" cósmicas, dentre as quais, os meteoritos, in, Enciclopédia de Ecologia, São Paulo, EPU, 1979, pp. 14/16

(48) Conforme citado na pg. 32 do capítulo I.

arcaica cultura chinesa, o desenvolvimento a partir do mesmo manancial aparece na idéia de mutação inerente ao movimento do Tao:

"Essa "mutação" muda e torna um.

Esse um muda e se torna sete.

Do sete, transforma-se em nove.

Com nove, é suspensa a evolução.

Ele muda de novo, voltando a tornar-se um.

Esse um é o começo da transformação das formas"(Lie Tsu)(49).

A tendência humana de retorno `a origem, por volta da metade da vida, observada por Jung(1984b,p.31) levou-me a reconhecer a incidência da mesma dinâmica existente no mundo natural, a nível da psique. O retorno `a origem parece constituir princípio universal através do qual ocorre a renovação e continuidade da vida. Em Ecologia, sabemos que os ciclos biogeoquímicos de materiais(50) consistem no permanente processo de reciclagem, renovação e redistribuição dos elementos materiais. E este processo constitui a base para a ocorrência dos contínuos ciclos de vida, a partir da mesma quantidade de matéria. Como se sabe, a constituição de qualquer tecido vivo (preponderantemente de OCHN: Oxigênio=63% do peso, Carbono= 19%, Hidrogênio = 9%, Nitrogênio=5% e Outros=4%(Deligne, comunicação pessoal, 1978)), acompanha a composição de elementos materiais mais importantes para a vida, encontrada na Terra, isto é, a do conjunto CHNOPS (Carbono, Hidrogênio, Nitrogênio, Oxigênio, Fósforo e Enxofre) de elementos químicos. Em vista da existência, em quantidade limitada, desses elementos na Terra, os seus átomos circulam continuamente de um reservatório para outro, num

(49) Lie Tzu, Livro I. Cap. II, p.95 da mesma fonte citada na nota (4)

(50) Segundo Odum(1977,p.84) e Ramade(1976,pp.41-42) os ciclos biogeoquímicos de materiais referem-se a troca de materiais entre os componentes vivos(bióticos) e não vivos(abióticos), a repartição e transferência de elementos materiais de um compartimento a outro e de um ser para outro, a partir da mesma quantidade de materiais. A biogeoquímica é o estudo das trocas de materiais entre os componentes vivos(bióticos) e não vivos(abióticos), da repartição e transferência de elementos materiais de um compartimento a outro e de um ser para outro.

constante movimento e processo de transformação. Transformam-se, sucessivamente, de um estado para outro.

A passagem alternada dos elementos materiais entre o mundo mineral e o mundo orgânico ocorre tanto no nível local, no interior dos ecossistemas, como no nível planetário, na biosfera(51) como um todo. Ambos, em conjunto, concorrem para o estabelecimento dos mecanismos que promovem a emergência, a existência, manutenção, continuidade e evolução da vida.

O movimento local, que é denominado cadeia trófica ou alimentar (52), é caracterizado pela ocorrência da circulação dos materiais entre autótrofos e heterótrofos; o movimento planetário, pela ocorrência da circulação dos materiais em escala biosférica através dos grandes ciclos, é denominado ciclos biogeoquímicos.

Isso significa que o processo cíclico, no nível local, restitui a matéria inorgânica tornada viva, à sua forma inicial, isto é, mineral "inerte", apta a transformar-se novamente em matéria bioquímica, animada de vida. Em outras palavras, transfere energia e matéria, de um nível trófico a outro, garantindo, dessa maneira, a reprodução, a manutenção, a continuidade e a evolução da vida em toda a face habitável da Terra, a Biosfera. Esta cadeia de alimentos tem início, como já vimos, na fotossíntese, em cujo processo ocorre a primeira mutação, mediante integração e síntese de energia e matéria que resulta concretamente em plantas verdes: produtores do Planeta, sem os quais a vida, tal como a conhecemos hoje, se extinguiria.

(51) Segundo, Friedel, H. (1979) "A biosfera é simplesmente a esfera da vida, o conjunto de lugares onde é possível, pelo menos a algumas espécies, viver de modo permanente, alimentar-se, reproduzir-se"; in *As Grandes Leis da Biosfera*, Charbonneau J.P. et al, Enciclopédia de Ecologia, São Paulo, EPU, 1979, p.9.)

(52) As cadeias tróficas são, invariavelmente, formadas de uma sequência de produtores (autótrofos), consumidores (heterótrofos) e decompositores. Nesta última, os microorganismos decompositores restituem a matéria orgânica consumida à sua forma original (elementos minerais), de tal modo a torná-la apta a ser novamente transformada em matéria orgânica.

Segundo fontes diversas, qualquer cadeia alimentar é constituída de **duas fases** distintas: a primeira tem início com os vegetais, os quais servem de alimento aos herbívoros, e estes, por sua vez, aos carnívoros, portanto, voltada à plenificação das potencialidades latentes, mediante produção, distribuição e consumo daquilo que sustenta a existência e continuidade da vida; a segunda prossegue a partir da matéria animal ou vegetal em decomposição, a qual é consumida e decomposta pelos detritívoros (decompositores), em elementos minerais, assegurando assim o retorno da matéria orgânica ao mundo mineral, na forma apta para ser reutilizada pelos produtores, portanto, voltada ao processo de retorno à origem de onde foi derivada.

Qualquer cadeia alimentar, a começar pela **primeira fase**, tem como base, no início de sua seqüência, o **produtor**, isto é, os organismos autotróficos, constituídos, na Terra, de plantas verdes e na água, de algas microscópicas. Esses organismos têm a capacidade de produzir o seu próprio alimento a partir de elementos não orgânicos. Essa produção supre de alimento o próprio produtor e os demais organismos incapazes de realizar essa produção. O suprimento ocorre através de ligações que se dão pela ingestão de alimento de indivíduos numa cadeia seqüencial, onde cada um se alimenta daquele que o precede, ao mesmo tempo que cada um serve de alimento para aquele que o sucede na cadeia. Assim, cada ser vivo que dela participa depende da pré-existência do outro que lhe serve de alimento. Sucedendo os produtores, encontramos os organismos heterotróficos, ou seja, os **consumidores ou macroconsumidores**. Estes são constituídos de animais que ingerem alimentos vegetais (herbívoros) e animais (carnívoros). Subdivididos em primários, secundários e terciários, os consumidores primários, herbívoros alimentam-se diretamente dos produtores; são por exemplo, os insetos e várias espécies de aves e mamíferos (no meio terrestre) e crustáceos e moluscos de pequeno porte que vivem do

fitoplâncton (53), no meio aquático marinho e doce. Estes (herbívoros), são devorados por consumidores secundários, carnívoros. Tanto o herbívoro como o carnívoro são, por sua vez, devorados por consumidores terciários, carnívoros.

Numa **segunda fase**, encontramos os **decompositores ou microconsumidores** (também chamados de sapróbios ou saprófitas), constituídos de microorganismos ou organismos pluricelulares de pequeno porte (bactérias e cogumelos) que decompõem matéria orgânica morta ou excreta de animais, restituindo-a ao mundo mineral para ser reciclada e reutilizada pelos produtores, completando assim o elo da cadeia trófica: o resultado do último desemboca na restituição da matéria orgânica ao mundo mineral, recompondo, portanto, as condições requeridas para que um novo ciclo possa ocorrer (Ramade, 1976).

Na realidade, esse fenômeno apresenta um grau de complexidade bem maior: um animal que participa de uma cadeia alimentar participa de várias outras de acordo com suas necessidades e hábitos alimentares próprios. Pode, ao mesmo tempo, ser carnívoro e herbívoro e se colocar em diferentes cadeias e níveis tróficos. O conjunto desse entrelaçamento de cadeias alimentares, onde matéria e energia se escoam pelos diversos caminhos de alimentos, é denominado Teia Alimentar (Matsushima, K. et al, 1987)

Feita essa colocação e situando-a paralela à fala de Campbell (1990) que diz existir "um senso de culpabilidade no ato de matar", não há como não indagar: "o que dizer então do ato de uns comerem os outros, no qual encontra-se fundado todo o existir e prosseguir da vida heterotrófica na natureza?". Inicialmente,

(53) "Comunidade vegetal microscópica, que flutua livremente nas diversas camadas de água, estando sua distribuição vertical restrita ao interior da zona eufótica, onde graças à presença da energia luminosa, promove o processo fotossintético, responsável pela base da cadeia alimentar do meio aquático" (in, Glossário de Termos Usuais em Ecologia, São Paulo, ACIESP, 1ª ed., 1980, p.69)

o sentido de culpabilidade do qual fala Campbell(1990) está se referindo `aquele matar destituído de sentido,voltado unicamente para o benefício pessoal e que não contribui para o desenvolvimento do conjunto;`aquele matar que bloqueia o ciclo voltado `a promoção e garantia da vida, que não representa a relação de uns comerem os outros inerente ao mundo natural. Ao atentar para o modo como os seres na natureza se conectam numa cadeia alimentar,percebe-se que a relação devoradora que ali se estabelece é fundada no princípio de manutenção da própria vida que promove a vida do outro, e conectada `a direção imanente ao " rumo apontado pela natureza".Não é próprio da relação estabelecida numa cadeia alimentar o matar por matar,o matar para acumular, o devorar sem nada restituir ao Todo.O que ocorre é uma busca incessante de manutenção de cada unidade vivente como parte integrante do Todo,onde o ato que beneficia a si próprio, resulta também em benefício do outro,cuja dinâmica incessante resulta na cooperação do desenvolvimento do sentido para o qual está orientada a natureza.

A idéia geral é a de que cada indivíduo biológico procura incessantemente as substâncias indispensáveis ao seu crescimento,`a sua manutenção e `a sua reprodução, processam-nas em seu organismo e depois lançam no meio os produtos de seu metabolismo , em forma de dejetos orgânicos que,por sua vez,retornam ao seu estado mineral.Assim,as dezenas de substâncias químicas simples indispensáveis `a vida são incessantemente transformadas em substâncias bioquímicas para serem absorvidas por heterótrofos e novamente mineralizados por decompositores.

Cada um desses elementos materiais possui,em escala planetária, um movimento cíclico que lhe é característico.Uns têm movimentos pontuais e estacionários e não passam pela fase gasosa,como o Magnésio(Mg) e o Cálcio (Ca);outros já têm um percurso mais amplo,como o Carbono(C),o enxofre(S), e o Nitrogênio(N). A singularidade de cada movimento compõe, no conjunto,uma dinâmica interdependente e harmônica que promove a recomposição,a redistribuição e a manutenção da constância das taxas de diversos

elementos materiais em cada meio. Isto é, resulta nas condições que propiciam a ocorrência, manutenção, desenvolvimento e continuidade da vida. Essa dinâmica confere também à Biosfera um poder considerável de auto-regulação (ou homeostase) que assegura a perenidade dos ecossistemas (Ramade, 1976).

A água⁽⁵⁴⁾, por exemplo, constitui elemento essencial de todos os seres vivos, da vida: serve de veículo e permeia todo e qualquer ciclo biológico, garantindo assim a existência, manutenção e o desenvolvimento da vida. A nossa massa corporal é constituída de 63% de água. Em cogumelos e certas espécies de vegetais, ela representa respectivamente 80% e 90% do peso total. O nosso Planeta é totalmente envolvido por ela, e nesse elemento estivemos também mergulhados até virmos à luz. A nível planetário, o ciclo da água é movido sob o efeito do fluxo solar. Esta energia faz evaporar a água superficial dos oceanos, rios, lagos e superfícies úmidas do solo e provoca a evapotranspiração das folhas e corpos de outros organismos vivos. As

(54) Informações constituídas a partir da consulta a fontes diversas de dados:

1. Criteres de Qualité de l'Air et Indices Relatives aux Polluants de l'Atmosphere Urbaine, Geneve, OMS-Organisation Mondiale de la Santé, Rapport n°506, 1972.;
2. Enciclopédia de Ecologia (1977), J.P. Charbonneau et al. (diversos tradutores), São Paulo, EPU, 1979.;
3. Glossário de termos usuais em Ecologia, São Paulo, ACIESP n°24, 1.ed., 1980
4. Matsushima K. et al, Educação Ambiental: guia do professor de 1º e 2º graus, São Paulo, SMA/CETESB, 1987.;
5. ODUM, E.P., Ecologia (1963) (tradução de Kurt G. Hell, São Paulo, Pioneira, 1977, 3. ed.;
6. RAMADE, F. Eléments d'écologie appliquée, (1974), Paris, Mc Graw-Hill, 1976.;
7. RAMADE, F., Ecotoxicologie, Paris, Masson, 1977;
8. Recursos Naturais, Meio Ambiente e Poluição, Rio de Janeiro, SUPREN- Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente, 1977.;
9. Shimizu, G.Y., The Water, Die Wasser, L'Eau, L'Acqua, La Agua, A Agua, in, Informe Agro-ecológico, 1991, 2, 2-5
10. Apointamentos das disciplinas do curso de pós-graduação em Ciências do Meio Ambiente: Lycence Spéciale Interfacultaire en Environnement, Bruxelles, ULB- Université Libre de Bruxelles, 1977- 1979 (Matérias: Eléments Constitutifs de l'Environnement Physique (prof. Picciotto); Eléments Constituants d'Environnement Animal (prof. Deligne); Les Organismes-Evolution du Vivant (prof. Van Mol); Population (prof. Pastels); L'Ecosystème (prof. Galoux); Méthodes et Techniques de Combat et Prévention aux Polluants (prof. Wollast)

moléculas de água vão da superfície terrestre para a atmosfera. As massas de ar carregadas de vapor se deslocam junto com outros compostos moleculares, condensando-se em nuvens. Seu resfriamento precipita-as de volta à superfície terrestre em forma líquida (chuva) ou em forma sólida (neve, granizo). Quando a chuva atinge a superfície terrestre, a maior parte do seu volume (7/9) retorna aos oceanos. Do restante (2/9) uma parte é absorvida pelo solo e forma os lençóis subterrâneos, ou é absorvida pelas plantas e animais; outra parte constitui a água de escoamento, que se junta às nascentes e às fontes de lençóis freáticos para formar os lagos e os rios que alimentam os oceanos, fechando assim o ciclo da água e retomando as pré-condições para que aconteça um novo ciclo. Dados estatísticos indicam que os oceanos representam cerca de 97,25% da hidrosfera total (1,4 bilhões de quilômetros cúbicos). O restante (2,7222%) é constituído de gelo (2,1%), água de rios (0,0001%), lagos (0,01%), atmosfera (0,0001%), umidade do solo (0,005%) e águas subterrâneas (0,607%) (in, Shimizu, 1991). Esta ínfima parcela do líquido nos continentes é constante e repetidamente usada.

O **carbono(C)**(55) constitui elemento essencial na composição da matéria orgânica. Depois da água, é o elemento que existe em maior quantidade no mundo mineral. Pode-se dizer que seu ciclo é o mais completo dos ciclos biogeoquímicos: o carbono circula na atmosfera, entre os diversos meios inorgânicos e, pela cadeia alimentar, entre os seres vivos. Dentre os vários aspectos pertinentes a este ciclo, o mais relevante é o de sua ocorrência entre o gás carbônico (CO₂) e os seres vivos. Envolve um estágio gasoso e outro sólido. O estágio gasoso corresponde ao carbono em forma de dióxido de carbono (CO₂) presente na atmosfera como resultado da queima completa de combustíveis, de atividades vulcânicas, da respiração dos organismos vivos e da decomposição de organismos mortos. Nos vegetais o carbono entra na forma de CO₂ pelas folhas, através dos estômatos e ao passar pelo processo fotossintético, uma parte é liberada em forma de

oxigênio. Este, ao ser consumido pela respiração vegetal, animal e decompositora, é novamente liberado em forma de gás carbônico. A fotossíntese e a respiração constituem dois processos básicos que asseguram a circulação do carbono na biosfera. O estágio sólido corresponde ao carbono encerrado nas rochas (pedras calcárias) e nos combustíveis fósseis, como a hulha e o petróleo fixado pela fotossíntese durante milhões de anos.

O **oxigênio(O)**(56) como constituinte da matéria orgânica é mais importante em termos de quantidade. Representa cerca de 63,0% da massa do corpo humano, comparados à presença de 19% de carbono. Do ar atmosférico participa com cerca de 19,4%. É de vital importância para todos os seres vivos, quer para os seus processos energéticos quer para os respiratórios. O oxigênio é indispensável na queima de açúcares, liberação de energia química e transformação desta em energia mecânica e térmica. Os únicos elementos que convertem o gás carbônico em oxigênio são os vegetais clorofilados fotossintetizadores. O oxigênio livre produzido é absorvido pelos seres vivos, terrestres e aquáticos, no processo da respiração. Desse processo, uma parte é devolvida à atmosfera sob forma de gás carbônico e água (oxigênio composto), e a outra parte é dissolvida nas águas que possuem, também, oxigênio livre proveniente de atividade fotossintetizadora de algas e outras plantas aquáticas. O ciclo do oxigênio pode ser visto, em parte, como a imagem invertida do ciclo do carbono: os movimentos de um se realizando no sentido oposto aos dos do outro.

O ciclo do **enxofre(S)** (57) encerra uma fase sólida e outra gasosa, mas é predominantemente sedimentário. Vários fenômenos contribuem para constituir a biosfera de enxofre simples. Ele se realiza na água, solo e atmosfera. Os organismos, sobretudo os microorganismos que obtêm energia

(56) Idem a nota (54)

(57) Idem a nota (54)

a partir de oxidação química de compostos inorgânicos ,exercem papel fundamental .Processos geoquímicos e meteorológicos,tais como a erosão e a lixiviação (arraste por lençóis freáticos)e a ação das chuvas são também importantes na recuperação do enxofre dos sedimentos mais profundos.Outro fenômeno que introduz enxofre em abundância na biosfera é o vulcanismo.A principal fonte de enxofre disponível em forma assimilável pelos seres vivos é constituída de sulfato(SO_4),que se encontra em quantidade mais abundante nas águas.Os sulfatos de enxofre são reduzidos pelas plantas autotróficas e incorporado nas proteínas,sendo portanto o enxofre um dos integrantes essenciais de certos aminoácidos.As plantas e os animais,ao morrerem,são decompostos por microorganismos saprófitos aeróbicos e anaeróbicos,dos quais desprendem o gás sulfídrico (H_2S).Parte desse gás é reconvertido em sulfato por bactérias sulfurosas especializadas.A outra parte é transformada em enxofre simples(S) por certas bactérias que obtêm sua energia a partir dessa transformação química.

O **nitrogênio(N)**(58) é um dos elementos mais importantes na constituição das células,portanto dos seres vivos.Representa cerca de 79% do peso ou 80,2% do volume de nossa atmosfera.Nela reside a sua maior reserva.Participa obrigatoriamente das moléculas de proteínas(contêm aproximadamente 16% de nitrogênio) e de outros compostos orgânicos essenciais `a vida.Diferentemente do que ocorre no processo inerente ao ciclo do gás carbônico,os organismos vivos,excetuando-se um número restrito de bactérias e certas algas,no ciclo de nitrogênio,não conseguem fixá-lo diretamente tal como ele se encontra disponível na atmosfera.Para decompô-lo na forma que sua fixação pelas plantas seja permitida, intervém a ação dos relâmpagos,bem como das bactérias que vivem em simbiose com as raízes das plantas, sobretudo de tubérculos.A ação dos relâmpagos,por exemplo, pelo processo eletroquímico,desencadeia a decomposição de

nitrogênio (N_2) que, combinado com o oxigênio e a água da atmosfera, transforma-se em nitratos (NO_3) que se precipitam para o solo. As plantas dependem do nitrato contido no solo para o seu crescimento. Os resíduos nitrogenados na forma de ácido úrico eliminados durante a vida pelas aves, répteis e insetos; os restos nitrogenados na forma de uréia excretados pelos mamíferos; os compostos nitrogenados presentes na matéria morta desses seres e das plantas que fixaram o nitrogênio são decompostos em elementos simples, por alguns organismos denitrificadores que habitam o solo. As bactérias decompositoras agem liberando nitrogênio na forma de amônia (NH_3) que se transforma em nitritos (NO_2), e estes, em nitratos (NO_3) que tomam, novamente, forma apta para serem assimilados pelos vegetais ou, sob ação de outras bactérias, serem transformados em N_2 livres, que retornam à atmosfera, fechando assim o ciclo.

O ciclo do **fósforo(P)**(59) constitui um importante componente de substância viva e encontra-se intimamente ligado ao metabolismo respiratório e fotossintético, daí seu uso como adubo. Na natureza, é um elemento encontrado em pequena quantidade em relação às necessidades dos seres vivos e seu grande reservatório são as rochas fosfatadas. A erosão do solo pelas águas ou pelos ventos desagrega essas rochas e esse fósforo mineral é levado para os oceanos. Uma grande parte é sedimentada nas profundezas e não será aproveitada. A pequena parte aproveitada pelos seres marinhos, entre eles, certas aves marinhas, é restituída ao solo sob forma de "guano" (excremento produzido pelas aves no Peru), de onde pode, novamente ser aproveitado pelas plantas. O organismo animal entra no ciclo ao se alimentar desses vegetais. Após sua morte ou por excreções (fezes, urina) lançadas por esses organismos durante sua vida, os compostos contendo fósforo retornam ao solo onde são decompostos por bactérias e fungos, fechando assim seu ciclo.

Como resultado da atividade conjunta de ambos os níveis de ciclos (cadeia trófica e ciclos biogeoquímicos), ocorre a circulação da energia e a reciclagem, a recomposição e a redistribuição dos principais elementos materiais, indispensáveis às células vivas. Isto parece constituir a chave que proporciona a eclosão, o desenvolvimento, a manutenção e a continuidade da vida.

É oportuno lembrar aqui que essa dinâmica é proporcionada por aquela função que transcende a unilateralidade típica do ser humano e que a postura predominante do Homem atual encontra-se orientada pela unilateralidade egóica. Sabemos, por exemplo, que a poluição⁽⁶⁰⁾ e tudo que ela acarreta em termos de nocividade é originada a partir da alteração dos critérios que determinam o teor, a composição e a distribuição dos fluxos de energia, radiação e matéria que existem, normalmente, no Planeta, numa taxa regular de concentração. A nocividade decorre, portanto, da alteração que o ser humano provoca nos ciclos regulares da natureza voltados à garantia, existência e continuidade da vida, a partir da mesma quantidade de energia e matéria.

Assim, ao observarmos o nível de intervenção nos ciclos dos principais elementos materiais presentes na natureza (da água, do carbono, do nitrogênio, do enxofre, do hidrogênio, do fósforo, do oxigênio) encarregados de renovar e redistribuir os elementos materiais indispensáveis à continuidade e manutenção da vida, damos-nos conta do desequilíbrio provocado pelo Homem

(60) Etimologicamente, poluir, significa: profanar, sujar, corromper-se (Dicionário Holanda Ferreira, A.B., RJ, 2ª ed.).

Segundo definição técnica, elaborada pelo Comitê Científico Oficial da Casa Branca, e publicado num relatório intitulado "Para restaurar a qualidade de nosso Meio Ambiente", em 1965, Washington, Estados Unidos: "A poluição é uma modificação desfavorável do meio natural, que se apresenta no todo ou em parte como um subproduto da ação humana, através de efeitos diretos ou indiretos que vão alterar os critérios de distribuição dos fluxos de energia, dos níveis de radiação, da constituição físico-química do meio natural, da abundância das espécies vivas." in, Ramade, F., *Eléments d'écologie appliquée*, McGraw-Hill, Paris, 1976, p. 144)

a dinâmica regular que permite, enfim, existir e continuar a vida.

Desde 1850, com o advento e o incremento do uso de veículos automotores, máquinas a vapor, produtos derivados de petróleo, o ser humano vem utilizando combustíveis fósseis em larga escala. Isto tem ocasionado a liberação de cerca de 5 a 6 milhões de toneladas anuais, por exemplo, de gás carbônico na atmosfera, e de modo mais concentrado nas áreas urbano-industriais. Dentre os gases oriundos da queima de combustíveis contendo carbono, o monóxido de carbono (CO) é um dos mais tóxicos. Ele é derivado da combustão incompleta do carbono presente nos combustíveis, cigarros, aquecimentos domésticos, automotores, barcos a motor, indústrias. O carbono constitui elemento essencial na composição da matéria orgânica, mas quando a sua concentração natural é drasticamente alterada, efeitos nocivos à saúde se fazem presentes. Além destes, o efeito estufa é um dos fenômenos decorrentes do excesso de CO₂ na atmosfera, dado o seu alto poder de absorção e retenção de energia térmica. Segundo Relatório do Comitê de Especialistas da OMS - Organização Mundial da Saúde, intitulado "Critères de Qualité de l'Air et Indices Relatifs aux Polluants de l'Atmosphère Urbaine" ("Critérios de Qualidade do Ar e Índices Relativos aos Poluentes da Atmosfera Urbana"), publicado em Genebra, em 1972, o grau dos distúrbios provocados à saúde pelo monóxido de carbono mostra que eles se encontram em razão direta com o aumento da taxa de monóxido de carbono (CO), presente no ar, em quantidade natural a uma taxa de 0,03%. Dada a grande afinidade do monóxido de carbono (CO) com a hemoglobina, cuja função é a de transportar o oxigênio, ao ser inalado, juntos transformam-se em carboxihemoglobina (COHB), provocando a diminuição da capacidade do sangue de transportar o oxigênio dos pulmões aos tecidos. A taxa de carboxihemoglobina aumenta segundo o aumento da taxa de concentração e tempo de exposição do CO na atmosfera:

Relação entre a concentração e tempo de exposição de CO na atmosfera, e a taxa de concentração de carboxihemoglobina:

Concentração de CO		taxa de carboxihemoglobina(%)(COHB)	
mg/m ³	ppm	1 hora	8 horas
117	100	3,6	12,9
70	60	2,5	8,7
35	30	1,3	4,0
23	20	0,8	2,8
12	10	0,4	1,4

Fonte:OMS,Série: Rapports Techniques, 1972, nº506,p.21

Os distúrbios se agravam segundo o aumento da taxa de carboxihemoglobina:

20 a 30 % - náusea

30 a 40 % - náusea e vômito

40 a 50 % - síncope

50 a 60 % - convulsão

60 a 70 % - coma

80 % -morte(o suicídio a gás corresponde a 2/3 de COHB)

Fonte:Matsuhima K.et alii,p.190

A intervenção no ciclo do enxofre(S)(61),com as emissões industriais de dióxido de enxofre(SO₂) pela queima de combustíveis,tem alterado profundamente a repartição e o teor natural de enxofre existente na atmosfera,provocando distúrbios `a saúde, vegetação ,animais, materiais, visibilidade. O dióxido de enxofre(SO<sub>2</sub>) lançado na atmosfera,ao combinar-se com a água nela existente,dá origem `a formação do ácido sulfúrico (H₂SO₄). Este,ao se precipitar com as chuvas(chuvas ácidas)no solo e nas águas, altera

o seu PH,e além de comprometer a produtividade dos solos e das águas, provoca efeitos nocivos sobre os materiais,sobre a visibilidade e os seres vivos em geral,em particular a saúde humana. Segundo Relatório Técnico nº506 da OMS(1972),os efeitos sobre a saúde humana se agravam na medida em que as suas taxas de concentração na atmosfera aumentam:

Efeitos previsíveis da poluição atmosférica sobre a saúde(*)

Poluente	aumento mortalidade e hospitalização	agravamento das afecções pulmonares	sintomas respiratórios	efeitos sobre visibilidade e outros
SO ₂	500µg/m ³ (média diária)	500-250µg/m ³ (média diária)	100µg/m ³ (média aritm.anual)	80µg/m ³ (média geomét.anual)

Fonte:OMS,1972-Série de Rapports Techniques, nº506,p.18

(*) O aumento de casos e o agravamento dos sintomas é proporcional ao aumento do tempo de exposição e a certos grupos de população mais vulneráveis, tais como,portadores de doenças pulmonares e coronárias, crianças,idosos.

O nitrogênio(N)(62),como um dos elementos mais abundantes da composição atmosférica e um dos constituintes mais importantes das células vivas,tem sido extraído pelo ser humano com fins de incremento da produção agrícola de larga escala.A produção de fertilizantes através da fixação artificial do nitrogênio atmosférico tem alterado profundamente o movimento e as fases naturais desse ciclo que nós provê a vida. .

O oxigênio(O)(63),produzido,unicamente,pelos vegetais clorofilados fotossintetizadores é um dos mais importante constituintes da matéria orgânica,entretanto o descaso com esse produtor é expresso pela incomensurável

(62)Idem a nota (54)

(63)Idem a nota (54)

extensão dos desmatamentos, queimas e não reposição do estoque utilizado.

A água(64), como já vimos, é essencial à vida e disponível em ínfima e fixa quantidade nos continentes,entretanto o seu uso tem sido de modo esbanjador e negligente,como se ela fosse inesgotável.A contaminação por esgotos domésticos, industriais, hospitalares, por agrotóxicos e processamento de minérios, tem tornado a qualidade da água dos rios impraticáveis ao consumo,lazer,agricultura e pastagens.Os olhos d'água,os rios,os lagos têm sido profanados,extintos ou rarefeitos,pelo assoreamento decorrente das erosões provocadas pelos constantes e crescentes desmatamentos,queimadas e exploração de minérios

O fósforo(P)(65)é um importante componente da substância viva,mas o seu uso abusivo pelo ser humano como adubo tem alterado o curso natural de seu ciclo.

Dentre os metais pesados,o mercúrio(Hg)(66),por exemplo, é encontrado normalmente à proporção de 0,03ppb(parte por bilhão) no mar;0,01ppm(parte por milhão) no fitoplâncton;2µg/grama de peso seco nos consumidores primários e 5 µg/grama do peso seco no atum. O aumento da concentração acima de 0,3 mg/dia,para um adulto de 70 kg,já provoca efeitos,principalmente,sobre o sistema nervoso central,efeito de ação irreversível,afetando o embrião até a primeira geração, por constituir elemento de efeito cumulativo

O chumbo(Pb)(67),da mesma forma que o mercúrio,é um metal pesado de efeito cumulativo,para o uso do qual a norma recomenda como limite aconselhável a concentração de 35µg/ml e a máxima de 50µg/ml;e 200µg/m³, por uma semana de 40 horas,em ambientes de trabalho.O chumbo é

(64) Idem a nota(54)

(65) Idem a nota (54)

(66) Idem a nota(54)

(67) Idem a nota (54)

considerado o veneno do sangue, e sua ação, dentre inúmeras outras, recai sobre a síntese da hemoglobina provocando o saturnismo (anemia).

Assim, a maioria das conseqüências nefastas à saúde, ao material, à vegetação, aos animais e ao entorno em geral, estão relacionadas, na sua origem, com a intervenção nos ciclos regulares da natureza que sustentam a reciclagem, a disposição e a distribuição espacial e quantitativa de cada um dos elementos materiais disponíveis em quantidade e qualidade limitada na Terra. O modo como a matéria circula entre o biótopo e biocenose sob forma de substâncias alternadamente minerais e orgânicas propiciando a eclosão, a plenificação, a transformação, a volta à origem acrescida de uma evolução e o retorno para retomar a etapa anterior da evolução da vida rumo à "direção apontada pela natureza", constitui a base que permite a emergência, a reprodução, a manutenção, a continuidade e o desenvolvimento da vida. A regência dessa dinâmica regular e cíclica pertence ao princípio que transcende a unilateralidade dual, isto é, ao que promove a mutação e continuidade da vida a partir da mesma quantidade de energia e matéria. Interferir, bloquear, adulterar o seu curso regular é o mesmo que impedir a vida de existir e continuar. Segundo Friedel (in, Charbonneau, 1979):

"A vida é uma seqüência de acontecimentos, dos quais as formas são apenas a manifestação. Os acontecimentos, por sua vez, exprimem, todos, transformações de energia. Sabe-se porém, que as transformações da energia são sempre, pelo menos em parte, irreversíveis. Portanto, a vida só pode ser vivida dentro de uma corrente contínua de energia. (p. 18)".

Só as ações do ser humano parecem estar voltadas, unicamente, em benefício dele próprio, sem que ocorra a contribuição ao todo no sentido de que a vida possa continuar existindo. Ao analisarmos as ações humanas e relacionarmos com o fluxo, seja de energia, seja de materiais, constataremos que o ato de bloquear o ciclo que permite a vida a partir da mesma quantidade de energia e matéria, constitui o reflexo mais expressivo, da sua forma de existir. Em outras palavras, significa a conexão com o princípio da morte e

como não poderia ser de outro modo, constatamos no rastro das ações antrópicas as marcas da morte: dos rios, das terras, das matas, dos animais... Esse estado atual do ambiente parece apenas refletir o estado em que se encontra o Homem moderno (incapacidade de reconhecer o princípio que propicia a integração e síntese dos pares de opostos como princípio que conduz à evolução mediante o ciclo de mutação e retorno ao manancial de origem). Na base de toda a degradação ambiental reside um desequilíbrio nas regularidades cíclicas dos elementos da natureza; a poluição é reflexo do desequilíbrio desses ciclos, da mesma forma, como o é o desequilíbrio psíquico que reside no bloqueio dos conteúdos energéticos impedidos de seguir, livre, o seu curso. Como a energia não se cria nem destrói, apenas pode ser transformada, ela fica à espera da oportunidade de poder se atualizar. "Atualizar" significa desabrochar em forma manifesta os seus conteúdos latentes.

Ao tomarmos conhecimento das regularidades cíclicas de alguns elementos químicos e das consequências nefastas provocadas pela forma como o ser humano tem intervindo neles, podemos compreender o sentido das advertências presentes nas escrituras sagradas ou nas mitologias. Quer dizer, podemos compreender o sentido essencial presente nelas ao se referirem à necessidade do ser humano colocar-se sob aquele princípio que garante, mediante função transcendente, a mutação pela integração e síntese dos pares de opostos, o fluir da energia e da matéria para as formas cada vez mais desenvolvidas. O bloqueio dos ciclos decorre do ato humano centrado na unilateralidade egóica, num dos lados do par de opostos, que não permite a transmutação pela integração e síntese.

Concretamente, o bloqueio de energia fixada na matéria impede o curso natural da energia de fluir em direção à sua transformação e evolução. O montante de dejetos produzidos pela atividade humana, da maneira como é escoado ou disposto, não pode ser decomposto, redistribuído e restituído ao seu reservatório. Isto é, os elementos materiais são impedidos de novamente

poderem se prestar de invólucro às potencialidade energéticas para virem novamente à luz, em forma de plantas, animais, fungos, contrariando, portanto, as leis da natureza. Isto significa aliar-se ao princípio da morte que bloqueia o fluir da vida, e não daquela morte que dá origem ao nascimento do novo pela integração dos pares de opostos: ao primeiro correspondem regressão, bloqueio e morte e ao segundo, desenvolvimento, renovação e continuidade de vida:

"Assim como o poder luminoso representa a vida, o poder obscuro e sombrio representa a morte. No outono, quando cai a primeira geada, o poder da escuridão e do frio começa a manifestar-se. Depois dos primeiros indícios, os sinais da morte irão se multiplicando gradualmente, segundo leis imutáveis, até que chegue o rígido inverno com seu gelo. O mesmo acontece na vida. A decadência surge, ao início sugerida através de sinais apenas perceptíveis, para em seguida se avolumar até a chegada da dissolução final. Porém, na vida, podem se tomar precauções, se houver atenção aos primeiros sinais da decadência, evitando-a a tempo" (I Ching, p.35).

De acordo com Campbell (1990) e com a concepção oriental (a chinesa, por exemplo) de que a energia primordial e a matéria, ao retornarem, vêm acrescidas de uma evolução, cada um desses elementos materiais, ao voltar ao reservatório de onde saiu, volta acrescido de uma evolução e, ao retornar, prossegue a fase anterior. Assim, a reciclagem constitui uma das bases que permitem a plenificação das potencialidades inerentes a cada coisa, a existência e a continuidade da vida no mundo bio-físico-químico. Contudo, o fato de sermos parte integrante de um Todo não significa mantermos intactos os ciclos, mas sim estarmos de acordo com as leis que regem todas as coisas existentes. Isto é, de acordo com a natureza dos princípios que fluem pelo estreito caminho que leva à vida e têm o poder de realizar a síntese e a passagem das coisas, de um estado ao outro. Assim, bloquear, no sentido indicado pelo conceito e sentido etimológico da palavra "poluição", qualquer um dos ciclos que propicia a renovação da matéria e da

energia significa ir contra o fundamento sobre o qual repousa a vida, a nossa vida. O próprio termo "poluição" tem correspondência com o significado contrário ao sagrado, já que as leis que regem a existência do universo pertencem ao sagrado. E tal como "O que ocorre nas profundezas do ser, no inconsciente, não pode ser provocado nem impedido pelo consciente" (I Ching, p. 111), as leis que regem a natureza são objetivas e realizam-se inexoravelmente. Os desequilíbrios provocados pelas ações antrópicas certamente serão acompanhados de reações da natureza, no sentido de reestabelecer o seu equilíbrio. Mas, assim como os conteúdos inconscientes represados, muitas vezes atualizam-se à custa de uma consequência catastrófica, acredito que os movimentos irregulares e catastróficos da natureza estejam representando o processo através do qual ela se encontra atualizando e reequilibrando os conteúdos, os compassos, as seqüências bloqueados, adulterados, mal repartidos e desatualizados.

9. 'Consciência', o dado mais recente da vida

"A singular configuração plástica e acertada do pensamento é uma prerrogativa desse espírito natural e primitivo que vive em todos nós e que só pode ser obscurecido por uma consciência desenvolvida de modo unilateral"(Jung, 1990, p.59)

O prosseguimento das formas cada vez mais evoluídas, a partir da mesma quantidade de energia e matéria, parece estar fundado nos infundáveis processos de renovação e retorno das mesmas. Estes processos encontram-se de modo claro nas regularidades cíclicas inerentes à dinâmica da natureza. Desse processo de evolução por sucessivas mutações, o ser humano, portador de consciência, derivado das miríades de ciclos de evolução ocorridos por mutações e retornos, parece constituir o dado mais recente: derradeira manifestação na escala do desdobramento da semente universo rumo ao seu imanente sentido.

O ser humano passou, assim, a dispor de um dado a mais, a consciência, o ponto de luz na escuridão do inconsciente, a diferenciá-lo no mundo natural. O seu advento significou a aquisição da capacidade de dar-se conta de si próprio e do entorno; de apreender, conscientemente, a dinâmica da realidade subjacente à forma manifesta; de perceber as regularidades inerentes à natureza a partir de uma perspectiva de fora, mesmo estando nela mergulhado, portanto capaz de manipulá-la a seu favor, enfim, de dominar-se a si próprio. Uma façanha impossível para uma planta ou um animal que funciona de modo inextricável ao plano da realidade denominado Consciência Objetiva, e assim sendo, vive, respira e reproduz esse universo.

O Homem adquiriu a capacidade de apreender os princípios básicos a partir dos quais a vida se desdobra, bem como a de manipulá-los. O reconhecimento de que as formas destituídas de conteúdo e dotadas de energia vêm à forma manifesta mediante a união de Céu-masculino-energia,

e Terra- feminino- matéria, bem como de que o símbolo detém o poder de intermediação entre energia e matéria, constitui um desdobramento dessa aquisição que pertence unicamente ao Homem, ao menos aqui neste Planeta. O Homem adquiriu, enfim, o conhecimento do princípio básico que traz as virtuais potencialidades `as formas corpóreas, bem como o modo de manipulá-lo a seu favor, a ponto de ser capaz de redirecionar a tendência entrópica da energia, ou de manipular, por intermédio de símbolos e ritos, a energia sexual, por exemplo, para a fertilização da terra e a produção de alimentos.

Mas essa fenomenal aquisição trouxe, também, consigo um grande perigo. No seu bojo, veio também a cisão entre a consciência e o inconsciente, ou seja, o trilhar segundo os princípios da consciência objetiva e os da consciência subjetiva, mas isso acarretou o perigo de afastamento e perda de conexão com o primordial, com o princípio d'Aquele que o originou em última instância, e sem o qual a vida não pode continuar existindo. É como se houvesse despontado um princípio paralelo ao da psique objetiva, o ego, o centro diretor da consciência, um potente arsenal capaz de aniquilar o próprio Homem e, com isso a possibilidade do ser humano vir a estabelecer, de modo equivocado, -dado `a semelhança da consciência(fogo) com o poder divino(fogo), e a tendência do ego `a ilusão e `a inflação- autonomia com relação `Aquele que o originou e que governa, em última instância, todas as coisas existentes, inclusive a consciência.

A aquisição da inteligência(fogo) somada `a tendência do ego `a inflação (vaidade, orgulho), ao propiciar a ilusão sobre a sua real natureza, levou o Homem a sentir-se com qualidades semelhantes `as daquele que o originou (fogo, princípio masculino).

O desfiguramento e afastamento da natureza terrena, feminina, inerente ao Homem e a conseqüente perda de sua posição na ordenação cósmica, como complemento do princípio luminoso no desenvolvimento do curso do universo, encontra-se, certamente, relacionada a essa equivocada percepção da sua qualidade material como portadora do princípio luminoso. O

ego,fazendo-o supor que possui as mesmas qualidades d'Aquele que o derivou, leva-o a usurpar e adotar os atributos pertencentes ao princípio masculino, luminoso, como seu princípio diretor,fazendo-o afastar-se de sua natureza terrena, feminina , complemento daquele outro princípio.

Na provação,segundo Campbell(1990),o "sacrifício do ego em benefício da relação por meio da qual dois se tornam um"(p.7) está implícita o submeter-se ao princípio inerente `aquele outro plano da realidade no qual o ego não é o soberano.

A diferença básica entre o princípio egóico e aquele inerente ao plano da realidade a partir do qual todas coisas vêm `as formas manifestas reside em que as relações assentadas no primeiro orientam-se por uma referência unilateral,aquela que leva o ser humano a reverter tudo em benefício de si próprio,sem contribuir em nada com o Todo. Isto contraria a natureza da relações complementares, cooperativas e recíprocas,típica dos princípios inerentes `a Consciência Objetiva.

Na realidade,existe um conjunto de princípios subjacentes ao mundo manifesto que rege o curso do conjunto das coisas existentes.E como essa "realidade última" nunca se mostra diretamente,ela nos aparece em forma de imagens arcaicamente constituídas,os arquétipos. A esse propósito,diz, Campbell(1990):" Eu diria que esse é o motivo básico de toda mitologia: o de que existe um plano invisível sustentando o visível(...)"(p76).Esse plano invisível porta a capacidade de promover a vida num conjunto harmonioso de processos dinâmicos, integradores,regulares e inter-relacionados,mediante princípios precisos, sutis e flexíveis.

As imagens,parábolas, mitos e ritos, como expressões desse plano da realidade isento de polaridade,foram os meios de expressão através dos quais esse conhecimento foi sendo fixado e transmitido,de geração a geração, e se constituindo em dados capazes de orientar os pensamentos e ações a ficarem em harmonia com esses princípios.Segundo Campbell(1.990):

"Os mitos antigos foram concebidos para harmonizar a mente e o corpo.A mente pode divagar por caminhos estranhos ,querendo

coisas que o corpo não quer. Os mitos e ritos eram meios de colocar a mente em acordo com o corpo, e o rumo apontado pela natureza(...) Esses mitos primitivos ajudam a psique a participar, sem culpa ou receio, no ato necessário da vida."(pp.74-77)

A consequência do desacordo com esses princípios, como já assinalamos, é manifesta em forma de culpa e sofrimento. A sabedoria consiste na apreensão e decodificação da natureza desses princípios para o âmbito das relações humanas, e expressá-los em conhecimentos que orientam as condutas que podem evitar sofrimentos desnecessários. Nesse sentido, quanto maior a preponderância do ego, isto é, da unilateralidade, maior o sofrimento. O sábio é aquele que sabe discernir e situar-se na posição correta dentro da trama da vida regida pelos princípios isentos de unilateralidade.

O conjunto dos hexagramas presentes no I Ching corresponde a essa apreensão. Os dois hexagramas iniciais, por exemplo, constituem os princípios básicos, a partir dos quais a vida se desdobra. A compreensão da natureza específica de cada um deles bem como das consequências que decorrem do desacordo com eles, é clara:

"O Receptivo deve ser ativado e dirigido pelo Criativo, quando, então, produzirá resultados benéficos. Só quando abandona essa posição e tenta colocar-se ao lado do Criativo como um ser igual torna-se nefasto. A consequência seria, então, oposição e luta contra o Criativo, trazendo infortúnio para ambos(...) Aplicado ao âmbito humano o hexagrama indica que se deve agir em conformidade com a situação"(p.33-34).

Certos indicadores arcaicos de desacordo ou afastamento dos princípios que regem o universo conservam-se, até os dias de hoje, quer o

Homem atual compreenda ou não o seu significado, acate-o ou não. Dentre esses 'sinais' encontramos o significado do pecado e sofrimento presente nas escrituras sagradas. Campbell (1990) assinala que "Pecado é simplesmente a perda de contato com essa harmonia" (p. 11).

A advertência presente nos mitos traz à luz o alerta contra o perigo do ser humano afastar-se daquele princípio integrador que traz em si a promoção da vida, em decorrência da aquisição da consciência. O afastamento daquele princípio pode resultar na aniquilação do próprio Homem, já que a vida só pode fluir e se desdobrar a partir dele, e não a partir do princípio da unilateralidade egóica.

A esse propósito, Campbell (1990) assim se referiu :

"É o despertar da razão humana. A partir daí o homem não será mais modelado nem governado por poderes animais. Não será mais guiado pela analogia com a terra semeada, pelos cursos do planeta mas pela razão. (...) O caminho do homem. E, sem dúvida, o que destrói a razão é a paixão. A principal paixão em política é a ganância. Isso é o que empurra você para baixo" (p. 30)

O alerta contra esse perigo é um fato marcante nos mitos da gênese humana, tanto do Ocidente como do Oriente. O mito grego do Prometeu, por exemplo, o qual apresentarei com o resumo que Bruna (s/d) nos oferece ao introduzi-lo em sua nota prévia, traz de modo claro essa questão:

"Um filho de Jápeto, Prometeu, cujo nome significa providente, ou precavido, foi nessa guerra um aliado de Zeus. Ele tinha criado o homem com o limo da terra; como sua criatura fosse, entre os seres mortais, o mais indefeso, ensinou-lhe o necessário para a sobrevivência e ministrou-lhe o conhecimento das artes. Para o exercício destas era indispensável o fogo; ele roubou-o da forja de Hefesto, escondendo uma brasa no oco duma fôrula.

Orgulhosos de sua civilização, os homens passaram a julgar-se iguais aos deuses. Zeus, então, resolveu destruí-los pelo dilúvio e castigar Prometeu, protetor da Humanidade, mandando-o prender acorrentado no pico rochoso duma montanha deserta" (p. 17).

No final do Hexagrama 2-Terra-Receptivo, conforme citado na página anterior, o I Ching traz o mesmo gênero de advertência.

A passagem bíblica da transgressão da mulher (matéria, princípio

feminino) `a ordem do Senhor de não comer do fruto da árvore do meio do jardim traz uma clara alusão ao advento da consciência e do perigo que ele encerra. Ao comerem do fruto, diz o texto, "Abriram-se os olhos de ambos e viram que estavam nus". (Genesis) Em outras palavras, traz implícita a aquisição da capacidade de discriminar o bem e o mal (típica da unilateralidade humana); de dar-se conta de si mesmo e do entorno; de ver com o olhar de fora mesmo estando mergulhado no obscuro universo inconsciente; de governar-se a si próprio. A matéria vivificada a partir da introdução do princípio masculino, ao tomar consciência de ser dotada do princípio luminoso, envereda por uma equivocada idéia de ser dotada, em si, do princípio da vida. Entre a aquisição dessa nova qualidade e o sentir-se o próprio princípio que a originou, um tênue limite se coloca. Do equívoco quanto a sua natureza (de caráter feminino, inerente a todas as coisas corpóreas animadas pelo princípio masculino/luminoso, representada na Terra pela imagem da mulher), decorre a usurpação do papel pertinente ao princípio luminoso, vital ou masculino (representado na Terra pela imagem do Homem) e a conseqüente desconexão com o primordial, a raiz nutrícia, da qual depende a sua existência e continuidade. Ocorrem, assim, a geração e o desdobramento de toda sorte de conseqüências nefastas sobre as quais discorrem os mitos da gênese humana.

Nos primórdios, o Homem tinha claro reconhecimento daquele plano da realidade subjacente `a forma manifesta e dos princípios imanentes a ele, bem como o reconhecimento de sua condição humana e da necessidade de se colocar sob aqueles princípios. Podemos observar que grande parte das ocupações das sociedades de culturas não tecnológicas é destinada a atividades que levam `a conexão com os princípios isentos de dualidade. Os símbolos, mitos e ritos, sendo capazes de representar a essência dessa realidade, intermedeiam e estabelecem a conexão entre os dois planos da realidade. Isto é, permitem ao Homem preservar e ampliar a sua privilegiada aquisição, a consciência e, ao mesmo tempo, manter-se conectado e integrado `a trama geral do desenvolvimento, rumo `a direção apontada pela natureza.

O Homem despontou como o único ser dotado da capacidade de conhecer, apropriar e manipular o poder do fogo sagrado (energia, fonte da vida) através de uma representação simbólica, em benefício de si próprio, entretanto ele só poderia dele dispor sob regência do princípio sagrado, espiritual, e não sob a preponderância do princípio do mundo material, profano. A advertência presente nos mitos sobre a origem do Homem, dotado de uma ínfima parcela do poder equivalente ao dos deuses (Genesis, Prometeu), reside justamente na forma como o Homem poderia dispor desse conhecimento e poder.

Em quase toda a mitologia sobre a gênese humana, as advertências em função do advento da consciência (fogo) recaem sobre o perigo do distanciamento do princípio que vivifica a matéria (a contraparte espiritual), do equívoco sobre a natureza inerente às coisas que integram o mundo da matéria, as quais, por si só, são destituídas do princípio vital, e da inversão do papel decorrente desse equívoco.

A transgressão é invariavelmente expressa como pecado, a consequência como castigo e sofrimento. Portanto a advertência encontra-se voltada no sentido de fazer com que o Homem possa evitar o sofrimento e sintonizar-se com o desenvolvimento harmônico do universo.

Tanto no Oriente quanto no Ocidente, o sofrimento é consequência da perda da posição correta segundo a natureza correspondente a cada coisa, a qual leva ao distanciamento das leis que governam o universo, da fonte que processa a vida.

No budismo, por exemplo, o sofrimento é tomado como resultado das ações oriundas do campo das paixões egóicas. A eliminação da causa do sofrimento reside na extinção das paixões, em saber encontrar o caminho do meio, isento de dualidade e com ele se conectar.

A possibilidade de conservar, afirmar e ampliar a nova qualidade adquirida, a consciência, sem no entanto enredar pelos apelos egóicos, e sim manter-se sob o comando dos mesmos princípios que regem a natureza,

reside, portanto, no encontro do caminho do meio, do território isento de dualidade. Assim, entre um pólo e outro, o ser humano só pode conservar a recente aquisição, sem, no entanto, deixar-se governar pelo poder instintivo, se conseguir encontrar a brecha tão estreita quanto o fio da navalha, por onde a energia original flui imune à polarização típica do universo temporal.

A sabedoria, por exemplo, nasce dessa estreita brecha, na intersecção entre a cultura e a natureza. Assim, quando um antigo ditado oriental expressa que :

"Só merecerá o nome de homem e somente poderá contar com algo que foi preparado para ele, desde O Alto, aquele que tiver sabido adquirir os dados necessários para conservar indenes tanto o lobo como o cordeiro que foram confiados à sua guarda"(68);

ou quando Matheus, 7 versículo 14, diz:

"Entrai pela porta estreita, pois larga é a porta e espaçosa a senda que leva à perdição, e muitos os que por ela entram. Quão estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, e poucos são os que encontram";

ou , ainda, quando uma das referências que norteia a prática de Aikido encontra-se fundada na idéia da harmonização entre a cultura e a natureza, significa a busca ` dessa estreita brecha isenta de dualidade e o esforço de remeter e conectar a privilegiada vida humana `a essa instância.

Ao querer compor uma perspectiva contemporânea acerca desse fenômeno, encontrei, embora através de outras linguagens, referências similares acerca da mesma questão. Jaffé(s/d), ao se referir `a afirmação de Jung no sentido de que "Uma psicose deve ser entendida, essencialmente, como o sofrimento de uma alma que não descobriu o seu sentido.(p.14)"(69), traz implícita a

(68) in, Gurdjieff, G.I. Encontros com Homens Notáveis, São Paulo, Pensamento, s/d, p.14

(69) in, Jaffé A., O Mito do Significado (Tradução de Daniel Camarinha da Silva e Dulce Helena Pimentel da Silva), São Paulo, Cultrix, 1986, p.14.

existência de uma clara relação entre o sofrimento e o afastamento do ser humano do lugar que lhe corresponde na trama e direção para o qual dirige a natureza. Em Hillman (1981), encontrei o mesmo paralelo, com o significado arcaico do sentimento de culpa, quando ele afirma que :

"Se assumirmos que a psique se orienta para um sistema relativamente fechado de individuação, cujo modelo fundamental é o do Self como fluido circulante da vida psíquica dentro da pessoa, então teremos que admitir também que esse sistema é autocontrolado, autodirigido. A consciência é a experiência da função do *spiritus rector* do sistema auto-regulatório. Culpa na consciência significa inibição dessa função: a inibição da função é sentida como culpa na consciência. *A inibição é auto-imposta pela atividade auto-reguladora da psique*". (p. 130).

E, Byington (junho, 1991), ao enfatizar numa de suas palestras (Palas Athena, São Paulo) o resgate do arquétipo da Grande Mãe como a grande questão da atualidade, estava certamente se referindo ao resgate do princípio terra, feminino, ao qual o ser humano pertence mas que, por um equívoco tem-se revestido dos atributos do princípio luminoso, daquele que detém o princípio da vida.

Todas essas modernas colocações estão compondo a referida questão do mesmo modo como tem sido arcaicamente constituída. A cultura, nos primórdios, foi erigida com base nessa compreensão e de forma a refletir e manter vivos esses princípios na esfera das relações entre os homens e destes com a natureza. Os sábios e profetas representam os homens da mais elevada consciência, os que detêm a capacidade de identificar e decodificar essas leis para a ampla humanidade, no sentido de indicar o lugar correto que lhe corresponde na escala do universo. O I Ching assim se expressa acerca dessa questão: "A grande virtude do céu e da terra é conceder a vida. O grande tesouro dos santos e sábios é estar na posição correta" (p. 250)

Se observarmos as culturas fundadas com base no conhecimento intuitivo global do plano atemporal da realidade, ou seja, portadoras de uma cosmovisão integradora, verificaremos que cada um dos seus elementos

culturais é constituído de significados e traduz o sentido inerente `aquele universo transcendente, e assim facilmente chegaremos `a raiz a partir da qual elas foram derivadas. Nessas culturas, o ser humano constitui uma micro-representação do macrocosmo. Portam em si a mesma dinâmica imanente `a imensidão que governa o universo, e o ser humano é por elas orientado e, por discernir essa dinâmica, já não é mais governado por ela de modo cego. Determinadas culturas, por terem sido fixadas como expressão daquele universo que nunca se mostra diretamente (a Eternidade), têm o poder, mesmo varando milênios, de se manterem "eternamente" vivas e conectadas `a raiz a partir de onde foram derivadas. É o caso, por exemplo, do I Ching. Nele, Wilhelm nos traz `a luz o modo como a cultura foi sendo edificada a partir da apreensão das regularidades inerentes ao mundo natural, que passo aqui a reproduzir:

"Quando na mais remota antiguidade Pao Hi governava o mundo, ele levantou os olhos e contemplou as imagens no céu, e abaixou os olhos e contemplou os fenômenos na terra. Observou os sinais dos pássaros e dos animais, e sua adaptação a regiões. Ele procedia diretamente a partir de si mesmo, e indiretamente a partir das coisas. Inventou, assim, os oito trigramas, para entrar em contato com as virtudes dos deuses luminosos e para organizar as condições de todos os seres(...)... todas as criações da civilização apareceram como reproduções de imagens ideais arquetípicas. Essa idéia encerra uma verdade superior. Todo invento surge primeiro como imagem na mente do inventor, antes de aparecer como "utensílio", como "objeto acabado". Partindo da escola representada por Hsi Tz'u, para a qual os 64 hexagramas misteriosamente apresentam imagens paralelas `a natureza, aqui se procura deduzir as invenções humanas que conduziram ao desenvolvimento da civilização. Isso não deve ser interpretado no sentido de que os inventores tivessem simplesmente tomado os hexagramas do Livro e realizado a partir deles invenções, mas sim que as invenções tomaram forma na mente de seus autores a partir das tendências representadas nos hexagramas" (pp.251-152)(70)

(70) Esta passagem nos remete `a observação do olhar dos místicos orientais voltados `a percepção direta,

As escritas sagradas constituem outro exemplo. Mesmo depois de milênios, remetem-nos ao significado ao qual foram destinadas as palavras no momento de sua criação e permitem-nos a conexão com o universo daquele plano da realidade. A escrita ideogramática representa esse universo por intermédio de imagens; a hebraica, através da matemática; e a sânscrita por intermédio de sons (Normand, 1985). Cada uma delas, dada a sua origem, constelou uma cultura como extensão daquelas leis que regem o universo. Assim, nessas culturas, a ciência, a religião e a arte aparecem sempre integradas, como expressão das leis universais. O ideal de "reunir todas as disciplinas e artes numa síntese integral e implantar a perfeita sabedoria" (Kukai Daisozu (Kôbo Daishi), 15º dia do 12º mês do 5º ano da Era Tencho) (71), da escola denominada Shugeishuchi, do Budismo Esotérico Shingon, fundada no século IX, constitui uma dessas expressões. Representando a mesma idéia integradora, um dos ideogramas que expressa a idéia e a prática de Aikido significa a via para a integração da natureza e cultura.

A fenomenal ampliação da inteligência e das descobertas, mesmo que de modo unilateral, constitui reflexo da ampliação da consciência, como resultado do processo de catalisação de diversas centelhas (luz, consciência) que vão se constelando em torno dela e ampliando essa 'recente' aquisição humana, a cada geração, a cada nascimento de um novo ser. Entretanto, mesmo que a consciência, desde o seu advento, tenha se ampliado, comparada ao vasto inconsciente de onde ela foi derivada, é como se ainda hoje fosse apenas uma agulha despontada da incomensurável imensidão. E, na raiz de todo esse acontecimento, é aquela realidade última, denominada, pelos chineses de Tao, que continua residindo e regendo. Portanto, Homem e Cosmo são regidos pelo mesmo princípio e caminham para uma única direção, aquela apontada pela

(cont. nota (70)) semelhante ao dos físicos modernos na sua fase experimental precedendo a fase da generalização abstrata que transcende a realidade específica observada e permite a conexão com a dinâmica inerente 'aquele outro plano de realidade. Referências na nota (50) do capítulo I.

(71) Referências na nota (40) do capítulo I.

natureza.

Os antigos ou as arcaicas sociedades realizavam a leitura dessa dinâmica e procuravam ajustar-se a ela. Decodificaram as regularidades e as direções inerentes à natureza, erigiram as suas culturas e a elas procuravam se harmonizar. Fixavam e traduziam essas regularidades para a ampla humanidade em forma de princípios, normas e códigos de conduta, de tal forma que cada um pudesse reconhecer a sua especificidade e o Todo, para que a coletividade pudesse caminhar segundo o "movimento das estrelas". As leis que regiam a natureza constituíam fundamento e modelo de ordenação da sociedade.

A civilização na qual nos encontramos, há muito tempo sequer se lembra desse fundamento. Ao Homem cabe compreender a dinâmica imanente à natureza, à vida e saber se harmonizar com ela, sem deixar de afirmar a sua singularidade, mas a sua cultura não colabora para remetê-lo a esse manancial da vida. Mesmo que nela haja inúmeras informações científicas e técnicas sobre a dinâmica que rege a natureza, estas são apreendidas como se fossem independentes do sujeito pensante, isto porque, na base dessa leitura, encontra-se instalada a sua própria cisão entre a matéria e o espírito, impedindo o Homem de uma leitura integrada. A compreensão integrada encontra-se intimamente relacionada à compreensão de ordem espiritual, o processo através do qual o Homem conduz as partes cindidas à unidade, do qual o Homem moderno encontra-se alienado.

Tenho certeza de que, se não compreendermos essa questão como sendo a fundamental do Homem de hoje e, portanto, da civilização e do ambiente, de nada adianta bradarmos pelo ambiente. A essência da questão reside, pois, no eixo a partir do qual o Homem tem orientado as suas ações, ou seja, na inversão do princípio espiritual para o material, na exacerbada importância e preponderância deste sobre o primeiro. A tão séria advertência sobre as consequências advindas de o Homem situar-se à semelhança de Deus e governar a partir do seu centro diretor, o ego, foi esquecida no tempo e dela

só podemos sentir o efeito, sem qualquer ligação com a sua origem.

A civilização atual, especialmente a ocidental, deslocou o seu centro diretor para o centro da consciência, o ego. A manipulação da sagrada energia partindo desse centro significa o seu uso a partir da ótica pessoal e unilateral, que nada faz reverter para o coletivo ou para o rumo apontado pela natureza.

Como desdobramento das posturas orientadas a partir do princípio da matéria, temos a dessacralização, a unilateralidade humana, o extremo acúmulo de bens materiais bloqueados em benefício de uns e em detrimento de outros, o lucro, a propaganda, a apropriação e o acúmulo de bens provenientes da Terra, voltados para benefícios individuais. Coerente com a natureza desse princípio de orientação unilateral, temos em lugar de individuação o individualismo. As culturas arcaicas reconheciam o equívoco de atos orientados sob esse princípio. Temos conhecimento de costumes de certas comunidades tribais que destroem os seus excedentes de produção, como num ato de prevenção ao surgimento e enraizamento do princípio que estimula o individualismo. Na verdade, o bloqueio de bens materiais contraria o princípio que rege o universo e não poderia estar de acordo com uma cultura portadora de uma cosmovisão integradora e com a qual se harmoniza a vida cotidiana de seus membros. A sociedade centrada no eixo egóico, afastada desse significado e alheia à importância do fato mais importante da vida, encontra-se orientada para a massificação (propaganda, estado, valores, instituições) de seus membros. Estes, desconectados da fonte da vida e deslocados na trama mais ampla de inter-relações mútuas, onde a cultura é mera extensão da natureza, encontram-se destituídos de condições que lhes favoreçam a vivência de processos que conduzem à individuação. Pela tendência imprimida por essas sociedades, o indivíduo, inevitavelmente, encontra portas abertas à realização de uma função isolada, não cooperadora, não complementar e inútil no Todo.

Desconectadas da fonte que propicia a vida, essas pessoas, como diz

Campbell (1990), vivem como parasitas, não possuem identidade própria para estabelecer uma produtividade criativa autêntica: "Não há vida neles, nem doação. Eles apenas se grudam a você, se penduram em volta, e tentam sugar, de você, a vida de que necessitam" (p.159). Por onde há possibilidade de sorver vitalidade, o ser humano desconectado da seiva nutricia, serve-se da vida alheia, até as últimas gotas. Quando Bob Dylan (20/06/1991) declarou a Eduardo Bueno, do Jornal O Estado de São Paulo, que :

"O mundo é governado por vampiros. Onde quer que você olhe há vampiros. O mundo da música—quer dizer dos negócios ligados à música—é controlado basicamente por vampiros" (p.1, Caderno 2)

estava se referindo ao fenômeno contemporâneo ligado à essa questão. O "vampirismo", nesta sociedade, atuando sobre aqueles capazes de criar algo, por estarem conectados à seiva nutricia, é geral. A sociedade encontra-se repleta de indivíduos desconectados da fonte da vida ('vampiros', em outros termos), os quais, para se manterem vivos (não se trata de mera sobrevivência física, mas sim da necessidade de existirem na sociedade como entidades dotadas de identidade, criatividade e produtividade próprias), necessitam da vitalidade e da criatividade alheia.

O estado atual da natureza constitui reflexo dessa condição. O estado atual dos ecossistemas reflete, em última instância, o estado atual do Homem moderno. Visto dessa forma, o restabelecimento dos ecossistemas (principal unidade ecológica) passa necessariamente pelo restabelecimento e atualização da integridade de cada indivíduo. Este restabelecimento passa necessariamente pelo conhecimento e vivência da passagem de cada uma das fases que propiciam a evolução de um estágio a outro da vida. Quero dizer, é necessário que o indivíduo vivencie o processo que conduz à integração e à síntese dos conteúdos latentes em cada uma das etapas do seu desenvolvimento, rumo à plenificação daquilo que lhe confere identidade singular, diferenciada das demais e dotada de função útil no Todo. Esse processo só é possível de ser efetivado na estreita brecha onde residem, juntos, o princípio da morte e o do renascimento, os quais operam a passagem

de uma fase `a outra do desenvolvimento. A esse território pertencem a compreensão, a justiça, a verdade, a sabedoria, o bom senso, a integridade, a pureza, a equanimidade, o amor, a compaixão, a criação, a integração, a ética, os princípios antagônicos aos preconizados como "pecado" em todas as escrituras sagradas. Pertencem a ele, enfim, as posturas isentas de unilateralidade, aquelas capazes de integrar a totalidade dos aspectos implicados numa dada realidade.

Dessa colocação não escapa a leitura sobre o meio ambiente e o ser humano. Nesse sentido não posso deixar de lembrar a integridade do texto da carta elaborada pelo Chefe Seattle dirigido ao presidente do Estados Unidos, por volta de 1852, como resposta ao inquérito realizado sobre a aquisição de terras tribais para os imigrantes que chegavam ao país:

"O Presidente, em Washington, informa que deseja comprar nossa terra. Mas como é possível comprar ou vender o céu, ou a terra? A idéia nos é estranha. Se não possuímos o frescor do ar e a vivacidade da água, como vocês poderão comprá-los?

Cada parte desta terra é sagrada para meu povo. Cada arbusto brilhante do pinheiro, cada porção de praia, cada bruma na floresta escura, cada campina, cada inseto que zune. Todos são sagrados na memória e na experiência do meu povo.

Conhecemos a seiva que circula nas árvores, como conhecemos o sangue que circula em nossas veias. Somos parte da terra, e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O urso, o gamo e a grande águia são nossos irmãos. O topo das montanhas, o húmus das campinas, o calor do corpo do pônei, e o homem, pertencem todos `a mesma família.

A água brilhante que se move nos rios e riachos não é apenas água, mas o sangue de nossos ancestrais. Se lhes vendermos nossa terra, vocês deverão lembrar-se de que ela é sagrada. Cada reflexo espectral nas claras águas dos lagos fala de eventos e memórias na vida do meu povo. O murmúrio da água é a voz do pai do meu pai.

Os rios são nossos irmãos. Eles saciam nossa sede, conduzem nossas canoas e alimentam nossos filhos. Assim, é preciso dedicar aos rios a mesma bondade que se dedicaria a um irmão.

Se lhes vendermos nossa terra, lembrem-se de que o ar é precioso

para nós, o ar partilha seu espírito com toda a vida que ampara. O vento que deu ao nosso avô seu primeiro alento, também recebe seu último suspiro. O vento também dá às nossas crianças o espírito da vida. Assim, se lhes vendermos nossa terra, vocês deverão mantê-la à parte e sagrada, como um lugar onde o homem possa ir apreciar o vento, adocicado pelas flores da campina.

Ensinarão vocês às suas crianças o que ensinamos às nossas? Que a terra é nossa mãe? O que acontece à terra acontece a todos os filhos da terra.

O que sabemos é isto: a terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. Todas as coisas estão ligadas, assim como o sangue nos une a todos. O homem não teceu a rede da vida, é apenas um dos fios dela. O que quer que ele faça à rede, fará a si mesmo.

Uma coisa sabemos: nosso deus é também o seu deus. A terra é preciosa para ele e magoá-la é acumular contrariedades sobre o seu criador.

O destino de vocês é um mistério para nós. O que acontecerá quando os búfalos forem todos sacrificados? Os cavalos selvagens, todos domados? O que acontecerá quando os cantos secretos da floresta forem ocupados pelo odor de muitos homens e a vista dos montes floridos for bloqueada pelos fios que falam? Onde estarão as matas? Sumiram! Onde estará a águia? Desapareceu! E o que será dizer adeus ao pônei arisco e à caça? Será o fim da vida e o início da sobrevivência.

Quando o último pele-vermelha desaparecer, junto com sua vestidão selvagem, e a sua memória for apenas a sombra de uma nuvem se movendo sobre a planície... estas praias e estas florestas ainda estarão aí? Alguma coisa do espírito do meu povo ainda restará?

Amamos esta terra como o recém-nascido ama as batidas do coração da mãe. Assim, se lhes vendermos nossa terra, amem-na como a temos amado. Cuidem dela como temos cuidado. Gravem em suas mentes a memória da terra tal como estiver quando a receberem. Preservem a terra para todas as crianças e amem-na, como Deus ama a todos.

Assim como somos parte da terra, vocês também são parte da terra. Esta terra é preciosa para nós, também é preciosa para vocês. Uma coisa sabemos: existe apenas um Deus. Nenhum homem,

vermelho ou branco, pode viver `a parte. Afinal, somos irmãos."(72)

O texto traz intrincada numa só unidade a fraternidade interdependente existente entre tudo o que há no universo e o conhecimento das conseqüências que advêm de cada uma das ações, nessa trama inter-relacionada. Nele, a discriminação da natureza essencial de cada coisa que compõe o universo, o reconhecimento e respeito a cada uma das diferenças que lhe confere uma posição específica no Todo, numa relação dinâmica, mútua e interdependente, encontra-se representada, do mesmo modo como o moderno conhecimento ecológico tem procurado constituir as suas informações.

A sua forma de comunicação, como não poderia deixar de ser, corresponde `aquela forma de expressão que emerge do plano da realidade que transcende o mundo da dualidade temporal, isto é, corresponde `a forma da mitologia, da poética, da metáfora, da parábola, capazes de representar a realidade sobre a qual tratam, sem adulterar a integridade do seu sentido e essência. A síntese da razão e da alma está presente nela, pela integração tanto do conhecimento do funcionamento da natureza como um todo, como da multitude de sentimentos, emoções e intuição que fazem parte do ser humano tanto da consideração pelo outro como daquela por si mesmo; do mundo humano como do mundo animal, vegetal e mineral; do presente como do futuro, do indivíduo como da Terra e do Cosmo..... A alma aparece representada em cada palavra: a dor da qual se está falando pode ser compartilhada, a verdade que afirma é uma verdade inegável que transcende qualquer necessidade de comprovações. O infortúnio das plantas, dos animais e dos minerais, impossibilitados de se expressarem ao entendimento humano, está epresentado naquela fala.

Assim, a carta traz viva, em cada uma de suas palavras, a alma que a

elas corresponde trazendo à luz uma verdade, com uma força de expressão tal, que a racionalidade objetiva ou o rigor científico, por mais precisos e avançados que sejam, não detêm. Uma fala assim constituída de alma, pela força da verdade oculta em cada palavra, parece impossível deixar de tocar, a não ser alguém que se encontre demasiadamente distante da brecha de onde emergiu essa fala, distante enfim de sua natureza essencial para conseguir ser tocada. Com isto não estou propondo uma volta ao paleolítico, mas tentar lembrar a existência de outras formas de apreensão e compreensão da realidade que transcorre por uma via diferente daquela do processo de conhecimento científico, ou ainda, da época que traz como marca o excepcional avanço tecno-científico e que, no entanto, não é capaz de expressar de modo abrangente e fiel as leis objetivas que regem todo o universo de coisas existentes.

10. Imagens das miríades de ciclos de transmutações

Do mesmo modo como a expectativa de vida de um ser humano situa-se em torno de 50 a 70 anos e a de uma mariposa em torno de dias, o potencial latente do Planeta Terra também deve, numa outra escala, ter o seu tempo de plenificação e fenecimento. A vivência da passagem de sucessivas fases evolutivas encontra-se implícita no processo de plenificação das potencialidades de cada coisa que tem na sua base os infindáveis ciclos de desabrochamentos e retornos à origem. A cada segundo encontra-se processando-se em nós uma infinidade de nascimentos, mortes e renascimentos. A morte, no sentido estrito da palavra, significa, também, uma passagem para a fase seguinte da evolução. A esse propósito, Jung (1984c) diz que:

"Se há uma existência consciente após a morte, parece-me que ela se situaria na mesma direção que a consciência da humanidade, que possui em cada época um limite superior mas variável. Muitos seres humanos, no momento de sua morte, não só ficaram aquém de suas próprias possibilidades, mas sobretudo muito distantes daquilo que outros homens ainda em vida tornaram consciente, daí sua reivindicação de adquirir, na morte, esta parte da consciência que não adquiriram em vida.(...) O grau de consciência atingido, qualquer que seja ele, constitui, ao que me parece, o limite superior do conhecimento ao qual os mortos podem aceder. Daí a grande significação da vida terrestre e o valor considerável daquilo que o homem leva daqui "para o outro lado" no momento de sua morte. É somente aqui, na vida terrestre, em que se chocam os contrários, que o nível da consciência pode elevar-se. Essa parece ser a tarefa metafísica do homem - mas sem *mythologize* (sem "mitologizar") apenas pode cumprir parcialmente. O mito é o degrau intermediário inevitável entre o consciente e o inconsciente" (pp.268-270)"

A vivência daquela morte que encerra em si a possibilidade do

surgimento de novas formas manifestas, mediante o retorno acrescido de uma evolução constituindo a pré-condição para o desabrochamento das potencialidades latentes, constitui a base da existência, continuidade e evolução da "semente universo". Assim, aquele que ao morrer não tiver plenificado as suas potencialidades mediante vivência das inúmeras passagens (inerentes, por ex., à individuação) das quais a vida é constituída, não terá conhecido o bem-estar que a plenificação proporciona, nem terá contribuído com o desenvolvimento do "rumo apontado pela natureza".

O desenvolvimento de todas as coisas encontra, portanto, o seu fundamento na mutação, desenvolvimento e retorno à origem. Cada virtual potencialidade energética, composta de pares de opostos, ao plenificar-se em forma dotada de corporeidade, mediante integração e síntese de matéria e energia, ao mesmo tempo que sofre uma transmutação, retorna no final do seu desenvolvimento, ao manancial de onde partiu, porém, acrescida de uma evolução. Com esse retorno, reinicia um novo ciclo de enformação da latente potencialidade, destituída de corporeidade porém dotada do princípio vital, em forma de matéria dotada de vida; e, de transformação da matéria, antes "inerte", em matéria dotada de vida. O ciclo dos materiais nos oferece a imagem dessas transmutações e retornos às formas cada vez mais evoluídas a partir da mesma energia e matéria.

Fluindo num continuum desde a fonte mais remota⁽⁷⁵⁾ para as formas cada vez mais plenas, vislumbro o percurso da "semente Universo" análogo ao da trajetória da vida de um ser humano: da pré-infância à infância; da infância à adolescência; desta à maturidade seguida da velhice e finalmente o esgotamento do sopro vital como base e possibilidade de renovação e evolução. A fase da curva evolutiva da "semente universo" que hoje se vive significa o mais avançado estágio em relação às fases anteriores, da etapa

(75) Cf. referido na nota (4)

de desenvolvimento em direção ao sentido imanente ao Tao, `a "Eternidade" (76). Desse processo, o Homem, dotado de consciência e criador de cultura, parece ser o mais recente dado derivado das miríades de ciclos de mortes e renascimentos, a derradeira manifestação das potencialidades latentes na escala do desdobramento do Universo `as formas cada vez mais plenas.

Dessas colocações, ocorre-me uma seqüência de imagens.

Ela começa com a imagem do vazio pleno (fig.8), tal como aparece na parte "VIII.A Infinitude Vazia", do texto esotérico chinês Hui Ming Ging, o Livro da Consciência e da Vida, de Liu Hua Yang, sobre o processo de plenificação do si mesmo:

Fig.8: Imagem do Vazio Pleno

"Sem começo, sem fim,
Sem passado, sem futuro,
Um clarão de luz circunda o mundo do espírito.
Esquecemo-nos uns dos outros, puros, silenciosos, vazios e onipotentes.
O vazio é atravessado pelo brilho do coração celeste.
Lisa é a água do mar e a lua se espelha em sua superfície.
Apagam-se as nuvens no espaço azul; lúcidas, cintilam as montanhas.
A consciência se dissolve em contemplação.
Solitário repousa o disco da lua." (77)

Essa imagem é alusiva `a natureza do estado de espírito de quem levou a cabo o processo de plenificação de sua potencialidade latente ou que trouxe os conteúdos antes invisíveis `a formas dotadas de matéria e vida; bem como `a natureza de um ecossistema clímax. Mas é, sobretudo, a imagem daquela enteléquia que a tudo abrange: o universo atemporal, anterior `a cisão em pares de opostos, o princípio vital invisível, inescrutável, insondável que atua e rege a tudo e a todos, também denominado Tao, Eterno, Energia Primordial,

(76) Cf. referido nota (1)

(77) P. 134 da mesma fonte citada na nota (41)

Espírito, Deus e que vem à forma manifesta envolto na matéria. A imagem das duas realidades é constituída de natureza idêntica, isto porque a imagem da primeira é mera expressão manifesta dessa outra.

Segue-se o universo das representações daquele plano da realidade que se mostra apenas por intermédio de "máscaras", constituídas de imagens, deuses, símbolos, mitos. Em outras palavras, refiro-me aos arquétipos da

Eternidade, segundo Borges(s/d), os mais antigos, em ordem ascendente, "a Diferença, a Igualdade, o Movimento, a Quietude e o Ser" (p.21), e, segundo a idéia taoísta, o Yin e o Yang. Ocorre-me representar esse universo com a imagem de um círculo pleno de bordados pontilhados (Fig.9)

Fig.9: Representação do universo arquetípico, "máscaras" da Eternidade

Depois, a imagem do universo manifesto, constituído de "força", forma e matéria, num espetáculo coreográfico de som, imagem, cor, forma, linha, volume, decorrente da descida da energia isenta de dualidades ao domínio temporal, e o rompimento desta em pares de opostos estabelecendo a base para a emergência das formas manifestas mediante integração e síntese desses pares de opostos (78). O circuito de surgimento das formas sem conteúdo e dotadas de "força", em formas manifestas, tem aí o seu início, já que as expressões que as antecedem são constituídas de imagens dotadas de "força" mas destituídas de corpo. Assim, o mundo natural visível, audível, palpável, constitui a primeira forma manifesta daquele universo invisível. E a natureza vegetal, a manifestação mais próxima e diretamente conectada a esse universo tal como o bebê à sua genitora. Ocorre-me representar esse universo com a imagem de um

círculo pleno de encorpados pontos ligados uns aos outros numa rede interdependente.(Fig.10)O campo de conexão entre ambos os universos,isto é,entre aquele que intermedeia a fonte última de vida e o mundo vegetal, estende-se por quase toda a extensão deste(Figura:11).Talvez por isso, a

Fig.10: Representação do mundo vegetal extensamente permeado pelo universo que intermedeia(arquetípico)a fonte última de vida

Fig.11:Imagem da extensão do campo de conexão entre o mundo vegetal e o universo que intermedeia(arquetípico) a fonte última de vida.

a natureza constitua a maior fonte de inspiração da Arte e da Ciência,na sua atividade de desvelamento.Como já disse, ambas se encontram na busca da expressão ou do desvelamento daquilo que se encontra subjacente `as formas manifestas.Não é por acaso que se denominam "imortais" as obras que alcançam captar e fixar aspectos da realidade que jamais perece:a Eternidade. Entre o caráter imanente `a energia original e o mundo natural,o vegetal,em primeira instância, há uma ligação tão direta que um é a expressão fiel do outro.A natureza reproduz ,de modo direto,os princípios inerentes `a Consciência Objetiva,esta permeia e pulsa em toda a extensão daquela. A realização do princípio masculino-Céu e do princípio feminino-Terra não encontra,aí, nenhuma contradição.A energia vem `a matéria ,e esta docilmente lhe dá forma.A imagem desse universo é a do mundo constituído de forma,força e matéria,como representação mais direta e próxima da energia originária, intermediada apenas pelo universo das representações destituídas de corporeidade.(Figura:11)A distância existente entre ambos é

tão pouca quanto a de um ser que ainda não se diferenciou de sua genitora.

Aos movimentos mais livres e independentes dos animais, associo uma fase de desenvolvimento semelhante à de uma criança que já se desloca sem tanta dependência do plano da Consciência Objetiva como têm as plantas, entretanto encontram-se ainda estritamente limitados pelos seus princípios. Pode não constituir expressão tão direta e dependente da fonte originária como o vegetal, mas o seu modo de viver, reproduzir-se e desenvolver-se, ainda é expressão direta do universo das representações da realidade última. Segundo Jung (1987), a dança das abelhas na busca, encontro e comunicação da fonte de alimento, é expressão das representações arquetípicas. Ao mesmo tempo, já se percebe no mundo animal presença de indícios de elementos inerentes à fase subsequente da evolução, ou seja, percebem-se fagulhas de atributos que já pertencem ao campo da consciência, tais como determinados aspectos relacionados a uma certa capacidade dissimulativa, emotiva, inteligente e criativa, análogos aos do ser humano. Imagino que a consciência tenha-se derivado apoiada nesse patamar de evolução.

Numa alusão à presença, no velho, de germes do novo, e à presença, no novo, de resquícios do velho, reporto-me a determinados aspectos do comportamento inerentes a certos primatas (*Leontopithecus rosalia*) que se encaixam de modo coerente e com sentido a certos aspectos essenciais dos mitos sobre a gênese humana e das culturas não tecnológicas. Peres (1986), no seu trabalho sobre custos e benefícios da defesa territorial, em 10 (dez) áreas de ocupação territorial circular dos Micos Leão Dourado (*Leontopithecus rosalia*) da Reserva Biológica de Poço d'Antas, no Estado do Rio de Janeiro, desenvolvido no período de 1984 a 1985, (79) observou que:

"O grupo raramente usa as áreas próximas ao centro, passando a maior parte do tempo nas zonas intermediárias ou periféricas ao

(79) Peres, C.A., "Costs and Benefits of Territorial Defense in Golden Lion Tamarins, *Leontopithecus rosalia*", University Of Florida, USA, 1986.

núcleo central. E usa menos ainda, se eles têm que minimizar, direta ou indiretamente, as interações competitivas com outros grupos. O grupo ficou mais distante do núcleo central durante os conflitos de longo alcance e de cara a cara, do que quando não estavam em conflito, tornando aquele aspecto mais significativo do que em outras ocasiões (Kolmogorov-Smirnov, two sample test, $Z=6.76$, $p < 0,001$). Um resultado não surpreendente já que as zonas de conflito localizam-se no espaço periférico" (p.101).

Diz ele que, ao testar

"... se a ocorrência de conflitos em qualquer dia afetava a centralidade do grupo no seu espaço territorial; as distâncias médias da centralidade nos dias de conflito não foram significativamente diferentes daqueles dias sem conflito (Ancova, 1984: $f=3.27$, $df=1,26$, $p=0,08$; 1985: $f=0,037$, $df=1,51$, $p=0,85$, fig. 2-17). Contudo as distâncias máximas do núcleo central, (isto é, a maior distância do núcleo central) nos dias de conflito em 1985 foram significativamente maiores do que naqueles dias sem conflito (Ancova, 1984: $f=0,02$, $df=1,25$, $p=0,9$; 1985: $f=4,83$, $df=1,50$, $p=0,033$). Em ambos os anos, o grupo ocupava, preponderantemente, o espaço periférico, tanto nos dias de conflito como nos dias sem conflito." (p.101)

A forma circular de ocupação territorial; a permanência dentro de um certo limite espacial, para o qual voltam, mesmo depois de inúmeras incursões ao campo externo a ele; e a não aproximação (não transgressão) do espaço central, evocam respectivamente: a reprodução do arquétipo do universo⁽⁸⁰⁾; um certo temor de despregar do regaço seguro daquele que o guia e protege, a Consciência Objetiva; o caráter sagrado do centro⁽⁸¹⁾ como elo de ligação com o primordial, ao qual o mundo vegetal encontra-se integralmente conectado, tal como o bebê à mãe.

(80) O mandala cf. citado na nota (36) e figura (4) do capítulo I, constitui uma representação do universo.

(81) O sentido etimológico da palavra "centro", cf. citado na nota (32) nos remete à zona livre de polaridade, atributo da instância primordial de existência, a raiz original.

Associo à não transgressão do núcleo central do território, a advertência de Deus expressa no Gênesis para que o Homem não comesse do fruto da árvore, especificamente, do núcleo do jardim, e não de qualquer parte dele; o significado atribuído ao centro, em certas culturas arcaicas, como o local por onde a energia primordial desce ao domínio temporal; bem como o significado atribuído, em certas comunidades tribais aos postes sagrados como representações de ponto de conexão com o primordial. Quero dizer com isto que a relativa mobilidade e independência dos animais, implicando um certo afastamento da matriz faz com que a conexão com esta seja estritamente observada pela submissão a um certo controle expresso pela não extrapolação dos limites e, principalmente, pela não transgressão do centro nuclear, este

Fig. 12: Ponto luminoso no centro da imagem da figura: 11, a representação do primeiro sinal de independência do mundo manifesto da matriz originária e, a diminuição do campo de conexão com esta.

símbolo da zona sagrada que permite a conexão com aquele plano da realidade que provê a vida de vida. Esse estágio de manifestação, ocorre-me representá-lo com a imagem de um ponto luminoso no centro do círculo da imagem correspondente à natureza da fase anterior de desenvolvimento, representando o início da aparição de um ponto independente da matriz originária, porém sendo ainda vasto o campo que permite a conexão com ela. A natureza desse ponto luminoso é idêntica à daquela que representa o universo primordial. (Fig. 12) Finalmente ocorre-me a imagem da ampliação daquele ponto luminoso

independente da matriz originária, representando o universo da possibilidade do poder de exercício de réplica desta, ou seja, da possibilidade humana de criação, e portanto uma autonomia maior dela, mas também a diminuição do campo de possibilidade de conexão com a fonte que propicia a vida. Ao

primeiro estágio desse desenvolvimento, associa os povos arcaicos, e ao segundo, o Homem contemporâneo. Os primeiros, embora o campo da conexão com a matriz originária não seja através de um elo natural tão amplo, como ocorre com o mundo vegetal e animal, mantêm a conexão com ela através do universo simbólico. O vínculo não é perdido mediante representação simbólica dos elos naturais de conexão. O conhecimento e a manipulação desse universo simbólico permitem a eles manterem-se ligados à raiz nutricia. Inúmeros indícios de substituição do elo natural de conexão por um elo simbólico de conexão, como o totem; a lareira com a chaminé no centro da habitação voltado para o Céu; a pirâmide, cujo ápice indica o ponto a partir do qual a energia primordial desce ao domínio temporal; as árvores espíritos, guias da comunidade, levam-me a realizar as articulações acima estabelecidas. Quero com isso dizer que o Homem primitivo não se encontra mais totalmente à mercê da natureza, mas o conectar-se com o princípio que rege a natureza constitui um dos aspectos mais relevantes de

Fig. 13: Ampliação do ponto luminoso de independência da matriz originária e diminuição da extensão do campo de conexão com ela, representando o primeiro estágio da humanidade

sua cultura. Grande parte de suas ocupações consiste de atividades sagradas no sentido de harmonizar-se com os princípios que regem a natureza, de cuja harmonia depende a sua sobrevivência individual e a do grupo. Trata-se de uma radical mudança qualitativa no modo como ele se vincula com o primordial: a de uma ligação natural para uma simbólica, cultural. O distanciamento dos animais do primordial, provocado pela sua relativa distância e autonomia deste, é minimizado com a preservação de centros territoriais como elos de conexão com o sagrado. O aguçamento da distância dos povos primitivos do primordial é minimizado pelo símbolo, que propicia essa conexão. Este estágio de

desenvolvimento, ocorre-me representá-lo com a mesma imagem da fase anterior porém com o ponto luminoso central, simbolizando a aparição do ponto inicial independente da matriz originária, ampliado e a concomitante diminuição da extensão do campo de conexão com ela. (Figura:13)

O distanciamento do Homem moderno com relação à matriz já se faz sentir até mesmo com relação àquele universo que, por representação, permite a conexão com a fonte da vida. Significa aquele que transgrediu a advertência de "não comer do fruto da árvore do meio do jardim" (Genesis), ou seja, de não violar a área sagrada que promove a ligação entre o mundo invisível e o visível. De acordo com o exposto anteriormente, as conseqüências nefastas decorrentes do advento da consciência parecem estar com isso relacionadas. A advertência contra a transgressão do princípio vital refere-se sempre ao perigo da tendência da consciência à autonomia e o risco de seu afastamento da fonte originária da vida. Por mais desdobramentos que o universo venha a sofrer, a fonte a partir da qual flui a vida, em última instância, reside naquela origem mais remota.

É no conhecimento dessa realidade que se fundam as inúmeras advertências presentes nas mitologias e escrituras sagradas. O afastamento dos princípios inerentes a essa realidade encerra o perigo do domínio da ordenação egóica, unilateral, típica da consciência subjetiva. E com isso o comprometimento do desenvolvimento em direção ao "rumo apontado pela natureza", dado que a condição básica que propicia esse desenvolvimento reside na integração e síntese dos pares de opostos, típica do universo que transcende a dualidade. Certas tribos em estrita observação das leis que regem o universo, submetem os meninos a ritos de iniciação quando estes começam a mostrar fortes sinais de desobediência, o que de certa forma expressa o exercício do controle de certas manifestações de natureza egóica/pessoal (unilateral) e de autonomia e despregamento do princípio isento de dualidade. As culturas milenares expressam também o conhecimento dessa trama invisível de princípios que regem o desenvolvimento do universo,

e a identificação do correto posicionamento do ser humano no todo, bem como o modo de ele manter-se conectado ao fio por onde flui a vida.

A autonomia com relação à matriz originária torna-se cada vez maior a cada avanço do estágio de desenvolvimento da vida, porém mais reduzido o campo capaz de promover a conexão entre o universo invisível e o visível. Assim o amplo campo de conexão existente entre o mundo vegetal e a matriz originária, com a progressiva autonomia provocada pelo sucessivo desabrochar dos conteúdos latentes da "semente universo", no caso do Homem, reduziu-se ao "ínfimo" (porém portador em escala microcósmica de todos os códigos do macrocosmo) espaço do si-mesmo, como contraparte ao grau de independência dele em relação à fonte da vida. O processo de individuação, como processo para a aproximação de si-mesmo refere-se a essa conexão. Assim, no estágio atual do desenvolvimento, a autonomia e a independência com relação a mão segura da eternidade são incomparavelmente maiores

Figura 14: Ampliação do ponto luminoso independente da matriz originária e redução do espaço de conexão com ela a **self**, representando a sociedade moderna.

comparadas às fases anteriores, no entanto a área que possibilita a conexão com a raiz é também infinitamente menor, se comparada à da natureza vegetal, ou mesmo à da cultura arcaica. A área da consciência do Homem moderno é bem maior do que a dos povos primitivos, mas a sua expansão trouxe também a autonomia e o despregamento do primordial e a conseqüente crise de desenraizamento. Dessas colocações, ocorre-me, para a fase atual do desenvolvimento, representá-la com a mesma imagem da fase

anterior, porém com o ponto luminoso independente da matriz originária ainda mais ampliado, e mais restrito ainda o espaço de conexão com ela. (Figura: 14)

Na escala da civilização, é como se estivéssemos participando do início

do processo pela passagem a uma fase mais adulta. Sinto que hoje vivemos os primórdios dessa passagem, e esta não se realiza isenta de violentas crises. Sabe-se que o ato de evoluir não está imune de dor e crise, portanto, julgo natural tamanha crise por que passa a civilização atual. É parte integrante dos ritos de passagem ou do amadurecimento dos indivíduos, passar pela vivência de extrema dor. Parece que é nesse gênero de crise que a sociedade como um todo está atualmente mergulhada. O seu amadurecimento passa pela vivência individual da dor do amadurecimento.

Mesmo que o indivíduo ignore que a crise pela qual passa ele próprio, a sociedade e as instituições massificadoras e reacionárias ao chamado da época e antagônicas aos processos individuadores, reside nessa passagem, ou melhor, na não realização das passagens necessárias, já existem no seio desta época, os germes do nascimento da fase subsequente. É a Ciência que revê seus pressupostos fincados na racionalidade unilateral e caminha para se unir com determinadas vertentes do conhecimento relativo ao plano da realidade subjacente à forma manifesta; é a ampliação dos processos propiciadores de desenvolvimento da individualidade; é o crescimento dos movimentos pela paz, os quais encerram no seu sentido essencial, o conjunto de significados inerentes àquele território livre de polaridade por onde flui a renovação e o desenvolvimento da vida; todos esses germes do novo constituem, em última instância, esforços para situar o curso dos acontecimentos naquele território, referido por Eliot como "... o ponto imóvel do mundo giratório, onde movimento e repouso estão juntos, o centro onde o movimento do tempo e a imobilidade da eternidade estão juntos" (82), em outras palavras, naquela estreita brecha por onde flui a vida. O fortalecimento e a ampliação desses germes do novo talvez resultem no favorecimento do processo que dá passagem ao

(82) Idéia resgatada por Moyers, num trecho da entrevista com Campbell, ao tocar no significado do Centro, in *O Poder do Mito*, São Paulo, Palas Athena, 1990, p. 228; e referências complementares na nota (36) do Capítulo I.

ingresso, no tempo, de seres mais adultos, integrados, inteiros e responsáveis pelos próprios atos, pensamentos, intenções e falas. Afinal, a vida só flui a partir de uma única fonte, e o desenvolvimento da consciência subjetiva é condição para que se procedam desenvolvimentos posteriores em direção ao sentido para o qual caminha a Eternidade.

Em termos especificamente individuais, o Homem em profunda crise de desenraizamento e busca de conexão com a raiz, e sem apoio da sociedade para essa busca, talvez nem suspeite que o ponto de conexão encontra-se mais próximo dele do que ele possa imaginar: o "poste sagrado", o elo de ligação com o primordial encontra-se dentro dele próprio. A possibilidade da volta à raiz processa-se a partir dele mesmo. O Homem carrega dentro de si um ponto de natureza idêntica ao da energia originária. Ele detém em si mesmo as condições de estabelecer a conexão com o primordial. Eu me refiro ao processo de individuação, cujo significado, como já vimos, consiste no encontro de si mesmo. Refiro-me também à idéia budista de que Deus se encontra dentro de cada um, cuja meta consiste em estabelecer a conexão com Ele; à idéia taoísta de que Homem e Cosmo são regidos pelo mesmo princípio, e o Homem carrega dentro de si, em escala microcósmica, um centro energético à semelhança do centro cósmico de energia; à idéia e a prática de aikido, cujos treinamentos têm como meta a harmonização do centro de energia microcósmica, o ponto Um, Ki, de cada indivíduo, com o centro de energia cósmica, o Ki do universo.

Na ausência de meios adequados para a moderna sociedade promover a conexão com o princípio vital e a existência da vital necessidade do "chão" que propicia essa conexão, abre-se um campo para supostos propiciadores de amparo aos indivíduos. O Estado, os Partidos aparecem como provedores dessa carência, a cuja aparência muitos se atrelam como substitutos do "chão" que não encontraram em si mesmos. Só que essas instituições não podem propiciar aquele gênero de conexão ao qual venho me referindo, pois elas se encontram assentadas e orientadas pelos princípios do mundo da

dualidade, da unilateralidade e das aparências, e não pelos das essências. Elas conduzem, portanto, à massificação e não à individuação; ao individualismo e não à individualidade. O indivíduo singular, aí, não tem chances de desabrochar, mesmo porque um ser individuado, no seu seio, encerra um perigo à ordem estabelecida nessa base. O indivíduo aí não pode representar a si mesmo, ao contrário, deve estar convertido numa 'entidade numérica' (Jung), sem expressão singular, identificado com o poder, cargo, partido, e ser capaz de, a partir de sua nulidade (e por isso mesmo) representá-los, expressá-los, emprestando-lhes a voz, o pensamento, o corpo e a alma.

Somente aquele apoio que propicia a integração e síntese dos pares de opostos, a partir do trabalho do indivíduo sobre si mesmo, pode conduzir ao terreno livre de polaridade. Aquele que superar a necessidade de amparos institucionais (sem contudo negá-los ou destruí-los) e encontrar o apoio em si mesmo terá em suas mãos a chance de fazer desabrochar as suas virtuais potencialidades, de ampliar a consciência. Portanto discriminar-se como entidade singular e resgatar a sua função útil no Todo, ligar-se à fonte a partir da qual todas as coisas pulsam e se desdobram em formas visíveis, audíveis, palpáveis, e sem necessidade de "vampirizar" vitalidade alheia para continuar existindo. Essa é uma realidade que, dia a dia, mais se amplia: percebo, constato, sinto e vejo crescerem os movimentos sensíveis à dinâmica e aos princípios que se encontram subjacentes à matéria. E não é sem razão que aludem a esse fenômeno a vivência da realidade do terceiro milênio, rumo à ampliação cada vez maior da consciência, até que, quem sabe num dia da Eternidade, veremos todos os conteúdos inconscientes indiferenciados virem à luz de modo discriminado, limpo, sem confusões e projeções identificadas. Para esse ser individuado, que alcança plenificar as suas potencialidades latentes, sob o mesmo princípio que rege o cosmo, sem no entanto perder ou deixar de ampliar a sua mais recente aquisição (a consciência), ocorre-me a imagem de um círculo de natureza igual à do vazio primordial (Figura: 8), como representação daquele que conseguiu realizar o seu

sentido metafísico.

Whitman(s/d),a partir de sua experiência de iluminação, compôs em 1853 ou 1854,poema em homenagem a esse novo Homem, o qual transcrevo abaixo.Na ocasião ele contava com 34 ou 35 anos,idade que coincide com aquela por volta da qual, Jung constatou a ocorrência da vivência do fenômeno de morte e renascimento de um novo estado de consciência.

CANTO A MIM MESMO

"Creio em você , minha alma, o outro que sou não deve rebaixar-se a você,
e você nao deve ser humilhada ao outro.

Gaste o tempo comigo sobre a relva,liberte a parada de sua garganta,
não pretendo palavras,nem músicas ou ritmos, nem hábito ou leitura, nem mesmo o melhor,
somente a bonança aprecio, o zumbido de sua voz modulada.

Presto atenção como trocamos planos em junho, tal como em certa manhã transparente de verão;
como você acomodou a sua cabeça obliquamente sobre meus quadris e,
suavemente , voltou-se para mim,

e abriu a blusa de meu peito , mergulhando a língua em meu coração desnudo
e ainda , penetrando nele, tocou a minha barba, depois agarrou meus pés.

Rapidamente ,levantou-se e estendeu-se em volta de mim a paz e a
alegria que ultrapassam todo o argumento da Terra;

sei que a mão de Deus é a mais antiga mão de mim mesmo,

sei que o Espírito de Deus é o mais antigo irmão de mim mesmo,

e que todos os homens são também meus irmãos , e que as mulheres são minhas irmãs e meus
amores,

e que a quilha da Criação é o Amor"(*)

(* Segundo Monteiro(1984),o fragmento foi traduzido conforme se encontra em Richard Maurice BUCKE,Cosmic Consciousness,pp 227-8;in Monteiro,I.,Walt Whitman,Martín Claret,1984,p.176)

Conforme Monteiro(1984):

"Um êxtase perfeitamente luminoso,quando ele pode contemplar o velho homem(o velho ego,velho ser,homem natural de Paulo de Tarso,homem carnal) sendo desalojado da habitação corpórea,e dando lugar ao novo homem(homem -Eu,homem-Espírito) ". Uma perfeita homenagem ao novo homem , o homem -Eu, o homem-Espírito, aquele do terceiro milênio que já desponta em nosso final de século , nascido da luta contra o homem -ego.Aquele que não está mais dividido entre as egoidades e o Eu,e não pode mais servir a "dois senhores", tampouco estabelecer a comunhão entre as luzes e

as trevas" (pp 176- 177)

Mas para que ocorra a "novidade de vida", como diz Monteiro(1984), "é necessário que o homem-Espírito vença a batalha contra o homem-ego". Quem sabe, num dia da Eternidade, o pequeno círculo vazio idêntico ao do vazio primordial que cada Homem carrega dentro de si, se amplie a tal ponto que chegue a coincidir com o grande círculo vazio macrocósmico.(Figura:15) Talvez então, a maturidade da "semente universo" tenha chegado a um estágio bastante avançado do seu processo de desabrochamento.

Fig. 15: Dentro de cada Homem a imagem do círculo de natureza vazia
idêntica à do círculo do centro de energia cósmica

CAPITULO III

DILEMA CONTEMPORANEO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

"Se colocarmos em lugar de uma pessoa a sociedade moderna geral, ela sofrerá de dissociação psíquica, isto é, de um distúrbio neurótico. Diante disso, de nada adianta se um partido a puxa obstinadamente para a direita e um outro do mesmo modo, para a esquerda (...)o médico precisa estabelecer um relacionamento com os dois lados da personalidade de seu paciente, pois somente assim poderá recompor o homem em sua integridade e não se ater apenas a um dos lados, reprimindo o outro. Isso o paciente fez sempre, porque a cosmovisão moderna não lhe deixa outra alternativa. Em princípio, sua própria situação individual é a mesma que a coletiva. Ele é um microcosmo social que reflete em pequena escala as características da grande sociedade ou, ao contrário, o indivíduo é a menor unidade social a partir da qual resulta, por acúmulo a dissociação coletiva." (Jung, 1988a, p.34).

1. Preliminares

"Se adquiríssemos uma consciência igualmente planetária de que toda separação repousa sobre a cisão psíquica entre os opostos, então teríamos descoberto um ponto de apoio. Se, porém, os impulsos tão pequenos e pessoais da psique individual continuarem a não receber nenhuma importância, como foi o caso até hoje, eles se aglutinarão, numa escala incomensurável, nas associações de poder e movimentos de massa que fogem a qualquer controle racional e, por melhor que seja a tentativa de controle, jamais poderão resultar em boa coisa. Todos os esforços diretos nesse sentido não passam de espalhafato em que os seus gladiadores encontram-se possuídos pela ilusão" (Jung 1988a, p.46).

O modo como o problema contemporâneo passa, aqui, a ser circunscrito, parte daquilo que considerarei "essência e origem do problema fundamental do Homem de hoje e, portanto, da civilização e do ambiente". Ou seja, parte da questão da tendência humana à cisão e unilateralidade e da sua dificuldade em trazer as partes compartimentadas à unidade.

Essa tendência e dificuldade humana, por constituir essência de uma abrangente questão, permeia todos os setores da vida onde incide e repercute a ação do Homem, prenhe dela. E, tendo sido reduzida a uma essência nuclear, tornou-se passível de ser abordada, sob infindáveis ângulos.

Os vários aspectos da realidade educacional, por exemplo, ao refletirem nitidamente, como já vimos, essa tendência e dificuldade humana, permitem que os diversos aspectos da Educação, bem como da formulação do conceito e da prática de Educação Ambiental, sejam articulados e tomados sob a ótica daquilo que considerarei o problema fundamental do Homem e da civilização moderna.

Quero, com isso, dizer que tanto os diversos aspectos do dilema contemporâneo como os da Educação Ambiental constituem partes de uma só

unidade. E que pensar em Educação Ambiental implica necessariamente, a tentativa prévia de identificar e compreender a essência do problema atual e de constituir uma cosmovisão para, com base nela, elaborar uma proposta de trabalho.

Atribuo `a cosmovisão aquela visão de mundo e de vida desenvolvida no capítulo anterior do presente trabalho, a qual se presta de fundamento e referência `a leitura tanto dos dados básicos de Ecologia, como da essência do dilema contemporâneo. A concepção de Educação Ambiental que aqui se formula toma, da mesma forma, esse fundamento e perspectiva como referência. Deriva, em última instância, daquelas reflexões, mas também integra o resultado do desenvolvimento de diversos cursos de Educação Ambiental por mim ministrados, durante os quais efetivei contínuas verificações desse fundamento. A reunião dos dados dos diversos aspectos envolvidos no trabalho, numa unidade coerente permitiu, ao final, constituir uma determinada concepção de Educação Ambiental. Nela delineio alguns pressupostos que possam servir de referência ao desenvolvimento de um trabalho que procura aliar numa só unidade o conceito, a prática e a vivência. Portanto, participam desta concepção um determinado modo de ver e conceber o mundo e a vida; a leitura, dentro de uma perspectiva arquetípica, do dilema contemporâneo, da Educação e das informações básicas de Ecologia; e as apreciações resultantes das vivências ocorridas durante a averiguação desses dados, em diversos cursos de Educação Ambiental.

2. Universo humano de miragens e conceito de Educação Ambiental

"...o homem ocidental corre o risco de perder por completo as suas sombras e se identificar totalmente com a sua personalidade fictícia e o mundo com a imagem abstrata do racionamento científico. Assim lhe é tirado o chão debaixo dos pés. Seu oponente espiritual e moral, tão real quanto ele, é arrancado de seu próprio peito para habitar o outro lado geográfico da linha de separação que agora não é mais expressão de uma medida política e policial externa e sim algo bem mais ameaçador, a saber, a cisão entre o homem consciente e o inconsciente. O pensar e sentir perdem a sua polaridade interna e, quando a orientação religiosa se torna ineficaz, nem mesmo um Deus pode controlar as funções psíquicas liberadas. (Jung, 1988b, p38)"

Jung (1988b) achava que o europeu, o Homem branco em geral, por estar demasiadamente dentro dele mesmo, não se encontra, absolutamente, em condições de avaliar a disposição do seu próprio espírito. Assim, em "Aspectos do Drama Contemporâneo", expressou que sempre teve o desejo de contemplar o Homem europeu com outros olhos, nem que fosse por uma única vez. E o conseguiu, através das estreitas relações que pôde estabelecer com homens exóticos, durante as inúmeras viagens que realizou. A partir dessa perspectiva, Jung (1988b) vislumbrou no Homem europeu, um ser: "nervoso, apressado, intranquilo, instável, e, do ponto de vista do homem exótico, possuído pelas idéias mais desvairadas sem prejuízo de seu talento e energia, o que o faz sentir-se superior" (p.32). Através da descrição de um chefe indígena pueblo sobre os únicos brancos que conhecera (os americanos), Jung reconheceu, no Homem branco, as características típicas de um possesso. Isso não lhe provocou nenhum espanto, porque ele reconhecia, no ser, sem igual em toda a história da humanidade, da vitalidade original da natureza pelo Homem como estava ocorrendo, íntima relação com aquele fenômeno observado.

Irei explicitando melhor essa colocação na medida em que irei

constelando, em seu redor, dados e reflexões análogos. Assim, inicialmente, esse fato estava em estreita relação com o exacerbado desenvolvimento unilateral da consciência e distanciamento do território a partir do qual toda a vida flui, que provoca no Homem uma forma de ser e estar no mundo equivocada. Ou seja, segundo Jung (1984b), esta derivava da defasagem entre o desenvolvimento da qualidade moral do indivíduo e o da consciência: "A dessacralização de nossa época tão profana é devida ao nosso desconhecimento da psique inconsciente e ao culto exclusivo da consciência" (p.49), que gera uma postura orientada por uma miragem, em substituição ao seu real caráter.

Desconectado de sua origem, de acordo com Jung (1988a), o Homem "entra sem perceber, num mundo de conceitos em que substitui, em larga escala, a verdadeira realidade pelos produtos de sua atividade consciente" (p.37). Assim, é natural que as relações atreladas a uma miragem pré-concebida sejam antagônicas às aquelas fundadas no modelo universal (arquétipo), nos princípios inerentes à Consciência Objetiva, dentre os quais o princípio de integração e síntese dos pares de opostos constitui a base de todo o florescimento das potencialidades virtuais e continuidade da vida.

A crise pela qual passa a civilização atual significa o acúmulo dos conteúdos inconscientes (potencialidades virtuais) negados, não plenificados por gerações e gerações que não tiveram a coragem ou meios de realizá-los, plenificá-los, vivê-los. Tal como o arquétipo Wotan, esses conteúdos, ao permanecerem tanto tempo desatualizados, acabam por constelar, em seu redor, desatualizados conteúdos análogos, formando um mega complexo de conteúdos energéticos, prestes a irromper a qualquer momento. A sensação de ameaça e de fim das coisas talvez resida na iminência do irromper desse mega complexo energético. Por se tratar de conteúdos de natureza energética, eles não se esgotam a não ser através de sua realização. E isso só pode ocorrer na medida em que cada um dos conteúdos puder ser reconhecido, assumido e vivido, de tal forma que cada conteúdo energético possa cumprir o seu sentido. A compreensão do que isso significa e a mudança efetiva do indivíduo em vista dessa compreensão podem constituir o início do

restabelecimento do equilíbrio entre a consciência e o inconsciente. Mas, enquanto isso não ocorre, a compensação da exacerbada unilateralidade, por ser constituída de essência energética, acaba por se manifestar (mesmo que o indivíduo esteja impossibilitado de avaliar a sua própria disposição espiritual), projetando-se onde e quando aparece a oportunidade simbólica de manifestação, seja nos outros, nas coisas ou nas circunstâncias. Estará gritando, em forma de sintomas nervosos, "loucuras", somatizações, emaranhado de situações não solúveis, desorientação, mundo natural desfigurado, relações autoritárias, ou em forma de catástrofes, tal como a imagem da água que sai em avalanche ao rebentar o dique que a represava. A compensação dessa exacerbada unilateralidade acaba por transpirar por todos os poros do tecido social, composto por indivíduos, que as sensíveis "antenas" da época, representadas pelos espíritos de artistas, cientistas, sábios, pessoas que não perderam o vínculo com as raízes mais primordiais, acabam por captar e traduzir, através das verdadeiras expressões criativas, descobertas e visões antecipadas, para a ampla maioria, a compreensão da origem da essência do problema humano.

Segundo Jung (1988a), o Homem teria condições de abandonar experimentos perigosos como a fissão nuclear e deixar de se precaver contra esse inimigo, caso ele reconhecesse que o mal que projeta num inimigo externo, mora dentro dele mesmo, e pudesse assumi-lo e integrá-lo. O fato é que não adianta julgar a "loucura" alheia, se a "loucura" reside em si mesmo; não adianta culpar o outro ou perseguir o seu opressor, pois o dado mais real reside na projeção do que existe dentro de si próprio.

Os filmes *Koyaanisqatsi* e *Powaqqatsi*, este último, cujo significado na língua Hopi quer dizer "uma entidade, um modo de vida de consumo da força vital de outros seres como base para a manutenção de sua própria vida" (1), de Godfrey Reggio, traz um conjunto de imagens da natureza profanada pelo Homem, expressando a

(1) In, legenda final do filme: "from the Hopi language, PO-WAQ-QA-TSI, (Powaq=sorcerer; qatsi=life), an entity a way of life that consumes the life forces of other beings in order to further its own life"

realidade como consequência do estado em que se encontra o Homem atual, aquele que, desconectado da fonte que o provê de vida, sorve, por onde flui, a energia, para continuar existindo, e nos lega as desoladoras imagens da natureza, destituídas de vida. Como diria Jung (1988a):

"Os deuses não só abandonaram sua morada celeste e planetária ou se transformaram em demônios ctônicos, mas seu exército, que no tempo de PARACELSO ainda perambulava alegremente pelas montanhas, florestas e moradas humanas, também ficou reduzido, cientificamente, a um resto lamentável, que por fim desapareceu. Desde tempos imemoriais, a natureza teve uma alma. Pela primeira vez agora vivemos em uma natureza inanimada e secularizada. (p.32)"

Certos aspectos do filme "O Caçador de Andróides", de Ridley Scott, expressam, da mesma forma, a projeção da própria realidade humana contemporânea. Aspectos como a autonomia e a preponderância dos "replicantes" em relação ao seu criador, o Homem, e o impulso destrutivo dos mesmos na obtenção daquilo que lhes permitia manter-se em vida, fizeram-me vislumbrar a projeção simbólica da própria realidade humana.

Como já expus, a seiva nutricia flui daquela realidade atemporal mais remota. O Homem, ao desconectar-se dela e estabelecer autonomia com relação a essa fonte de vida, além de provocar toda sorte de desequilíbrios, precisa, para continuar existindo, sorver essa energia, por onde ela estiver fluindo, menos do próprio desconectado. Assim, a imagem do caçador de andróides parece simbolizar a força domesticadora necessária da natureza, para enfrentar o "replicante", o Homem que distanciando-se da origem e dos princípios que promovem a vida, faz valerem as leis criadas por ele próprio, e sorve da energia alheia para continuar existindo. O significado do 'vampirismo' nada mais é do que a representação dessa realidade. Esse fato constitui a expressão mais direta do problema do Homem contemporâneo e, portanto, da Civilização e do Ambiente, isto é, da tendência humana à cisão e unilateralidade, a qual leva o Homem a distanciar-se dos princípios inerentes

a Consciência Objetiva(Psique Objetiva),e o faz supor que o comando de todas as coisas cabe a Psique Subjetiva.

É como se todas as coisas existentes compusessem um grande mosaico vivo ,do qual somos um sopro no tempo e um microgrão no espaço, conectados a uma Grande Consciência que sabe e rege a tudo, mesmo antes da manifestação,imprimindo as regularidades cíclicas que mantêm o universo inteiro de vida, em permanente renovação ,repartição, continuidade e evolução para as formas cada vez mais complexas.Refiro-me ao princípio que confere a morte a condição de possibilidade de renovação e prosseguimento do curso da vida para além da etapa onde se encontrava no momento de sua morte. Esse princípio,como se sabe,encontra-se subjacente a toda existência cíclica do mundo natural(ciclo biogeoquímico,cadeia alimentar,fluxo de energia).Ele propicia a renovação,redistribuição e reciclagem de toda a matéria, assegura o florescimento de novas vidas e mantém a vida em permanente vida: a impermanência possibilitando a permanencia de vida.Esse princípio se estende em toda a extensão da vida, da qual fazem parte o Homem e a Cultura. Campbell(1990)afirmou,a esse propósito,que:

"É próprio da tradição cartesiana pensar na consciência como algo inerente a cabeça , como se a cabeça fosse o órgão gerador de consciência .Não é.A cabeça é um órgão que orienta a consciência numa certa direção ou em função de determinados propósitos.Mas existe uma consciência aqui, no corpo .O mundo inteiro,vivo,é modelado pela consciência.Acredito que a consciência e a energia são a mesma coisa ,de algum modo .Onde você vê, de fato, energia de vida ,lá está a consciência.O mundo vegetal, com certeza,é consciente.E,ao viver no campo , como aconteceu comigo quando criança, você pode ver toda uma série de consciência vegetal,assim como existe uma consciência animal, e nós partilhamos de ambas. Quando você ingere certas comidas , a bÍlis sabe se existe aí algo que exige a participação dela.Esse processo todo é consciência. Tentar interpretá-lo em termos simplesmente mecânicos não funciona" (p.15).

Essas leis,por exemplo,segundo o I Ching :

"...não são externas `as coisas, mas constituem a harmonia de movimento inerente `as mesmas.É por isso que os corpos celestes não se desviam de suas órbitas e que todos os fenômenos da natureza ocorrem com regularidade precisa .O mesmo acontece na sociedade humana;prevalecem somente as leis enraizadas no sentimento do povo, enquanto que as leis que o contradizem provocam apenas ressentimento" (p.71).

Mas o Homem moderno está perdendo por completo a relação com esse universo de princípios.

As palavras,por exemplo,no momento em que foram criadas, constituíam decodificação,expressão e extensão dessas leis para o universo humano, de tal forma que cada palavra,na sua origem, tinha o poder de manter os homens irmanados de acordo com o mesmo princípio que rege a natureza. Entretanto, hoje,como diz Jung(1988a),"a palavra que, originariamente era mensagem da unidade dos homens e de sua união na figura de um grande Homem, passa a constituir, em nossa época, fonte de suspeita e desconfiança"(p.35).

Ao tentar formular,dentro dessa perspectiva, uma concepção de Educação Ambiental,torna-se impossível deixar de retomar o significado conferido `as palavras no momento de sua criação. Desse modo,a definição do seu conceito começa reportando-se `a origem mais remota da palavra,a fim de resgatar o sentido conferido a ela , no ato de sua criação,e retomar o mundo de significados daquele universo subjacente a todas as coisas:a natureza, o Homem e a Cultura.

De fato,ao retornar `a origem das palavras,constato que elas,nos primórdios de sua criação,tinham a intenção de veicular o significado da natureza essencial de cada coisa ordenada cosmicamente. O significado inerente a cada uma delas encontrava-se em estreita relação com os mesmos princípios que regem a natureza. Os antigos se esforçavam para designar correta e exatamente, através delas,a essência de cada coisa, a fim de esclarecer e orientar a posição e a conduta do Homem de acordo com a ordem cósmica, conferindo,desse modo, poder `as palavras,na ação.

(Normand,1985). Assim, o Homem e a Natureza permaneciam ligados sob um mesmo princípio e universo de sentido e significado,sem contradições.

Nesse sentido, a cultura consiste no acúmulo das compreensões realizadas acerca do universo subjacente às formas manifestas,cuja tradução mais próxima encontra-se expressa nos mitos,símbolos, ritos, expressões criativas.E na medida em que esse universo nunca se mostra ou se faz comunicar diretamente,os antigos estabeleceram uma linguagem baseada em símbolos ,imagens,sons, números e seus simbolismos para que a comunicação com o universo do indizível fosse possível(I Ching).

Algumas escritas erigidas como tradução e expressão dos princípios inerentes à realidade isenta de polaridade,propiciam a conexão entre esse universo e o mundo humano. Normand (1985)diz que:

"Atualmente, só existem no mundo três linguas sagradas,cada uma das quais dotada de uma inspiração de base diferente.Uma língua é definida como sagrada quando não pode ser limitada;suas combinações são infinitas(2).A língua chinesa é uma dessas três formas; sua base é estabelecida sobre o pensamento-imagem e sua expressão escrita se traduz por uma utilização horizontal e vertical do espaço gráfico. A língua sânscrita, igualmente sagrada, fundamenta-se no som, e é escrita de modo horizontal. A terceira é o hebraico , cuja base é numérica; seus caracteres eram traçados verticalmente antes da deformação da escrita quadrada. Essas tendências gerais influem consideravelmente sobre os modos de expressão, denotando diferenças de caráter que repercutem em todos os níveis da vida cotidiana."(pp.31/32)

O Ideograma,por exemplo,cujo sistema é baseado em imagens,tem o poder de conservar, até os dias atuais ,o significado destinado a cada palavra no momento de sua criação.Desse modo permite traduzir,pela

(2) Acho oportuno registrar aqui o caráter infinito tanto do sagrado como do símbolo. Este último,por ser portador da capacidade de representar o universo atemporal,tem como característica essencial as mesmas qualidades daquele universo,isto é,a totalidade,a infinitude.A nota(33) do capítulo I discorre

imagem, aqueles princípios de ordem espiritual(energética)que afinal regem todo o universo. No ideograma chinês *governar* (王), por exemplo, significa "o que liga três planos:céu,terra e homem." (3)O significado imanente a essa palavra é de ordem transcendental.O estabelecimento da ligação entre os três planos é possível de ser realizado a partir do território isento de polaridade, portanto,somente por aquele que detém em si a capacidade de transcender o universo das polaridades, ou seja,de deixar de lado os interesses unilaterais e egóicos.Esta palavra,com o significado que vem colado `a sua imagem, tentou traduzir ao universo humano,no ato de sua criação,o princípio espiritual inerente `a realidade isenta de dualidade.O atributo dessa palavra é análogo ao da essência imanente `as palavras "justiça", "verdade", "integridade", "amor". Assim constato que a imoralidade da grande parte dos governantes dos dias de hoje expressa o seu distanciamento e rompimento com o sentido primordial (espiritual, moral)destinado `a palavra "governar".

Ao perguntarmos a partir de onde o Homem extraiu essa significação, Wilhelm(1983), na Introdução ao I Ching nos lembra que:

"Os homens santos e sábios,estando em contato com aquelas esferas mais elevadas,têm acesso a essas idéias através de uma intuição direta,e, assim,podem intervir de maneira decisiva nos acontecimentos no mundo .Desse modo , o homem está ligado ao céu,ao mundo supra-sensível das idéias, e `a terra, o mundo material das coisas visíveis, formando com eles a tríade dos poderes primordiais"(p.10)

Através desses Homens superiores, a escrita foi sendo constituída nos seus primórdios como fiel tradução do universo do sagrado.A sua tradução sistematizada propiciava a compreensão da natureza e do significado desse universo aos Homens e possibilitava-lhes,neste mundo,manterem-se

(3)Extraído do artigo "Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a poesia", de Ernst Fenollosa,in Ideograma,organização de Haroldo de Campos,tradução de Heloysa de Lima Dantas,São Paulo,Cultrix,1986.p.155)

integrados `a matéria e ao espírito(energia; princípio vital) numa unidade indissociável.

Assim, Natureza, Homem e Cultura constituíam partes integrantes e interdependentes de um mesmo princípio,de uma mesma trama, harmonicamente integrados,sem contradição entre Natureza e Cultura.As civilizações surgiram como "reproduções de imagens ideais arquetípicas"(I Ching), como representações do universo objetivo. E a Cultura(o Homem)só pode continuar viva e portando algum significado, na medida em que permanecer conectada `a essência de onde ela deriva .

O mundo profano de hoje desconhece aquilo que os nossos ancestrais captaram,decodificaram,cristalizaram ao longo de milênios,em forma de memória cultural compreensível para a ampla humanidade. É testemunho desse saber o modo como se estabelecem as relações entre os homens e a natureza,nas sociedades ricas em mitologias e portadoras de uma cosmovisão que integra Homem e Cosmo.

Pertencem também a esse plano de realidade, tanto o processo de individuação, cuja meta,segundo Jung(1990)"não é outra senão o despojar o si mesmo dos invólucros falsos do persona, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais" (p.50), como a experiência iniciática que conduz o Homem,sem sacrifício da consciência e da cultura,`a origem de todas as origens,inclusive do mais remoto significado de cada uma das palavras.

O Oriente, de um modo geral, parece ter o privilégio de contar com uma cultura cuja escrita,da forma como foi estabelecida, tem o poder de conservar inalterada, mesmo varando milênios,e de rememorizar a essência daquilo que se pretendeu significar no ato de sua criação.

A estas formas de cultura capazes de traduzir o universo que se mostra apenas simbolicamente e de trazer os homens conectados `a fonte primordial de vida, chamo de culturas vivas.Destas fazem parte a sabedoria,as metáforas, as parábolas,as imagens,os símbolos,os quais são prenes de conteúdos capazes de dotar a vida de sentido e significado.

Numa civilização como a nossa,a forma da escrita não tem a capacidade

de reter e remeter, de imediato, ao sentido original das palavras, e nos conduz, inevitavelmente, ao ato mecânico de reunião de letras isoladas, sem significados e ao distanciamento do sentido para o qual elas foram constituídas no momento de sua criação.

Na ausência de uma escrita capaz de refletir de imediato o mundo das significações, retomar a expressão "Educação Ambiental" a partir do sentido etimológico de suas palavras, constitui, dentro da presente perspectiva de trabalho, uma necessidade básica.

Ao procurar definir o seu conceito, nela encontro associados dois outros: o da palavra "Educação" e o da palavra "Ambiente." A compreensão distinta de cada uma delas, estará de algum modo, definindo a do conjunto "Educação Ambiental".

A palavra "educação", etimologicamente, significa propiciar o florescimento de algo que já está dentro da pessoa, de modo virtual, em estado nascente, e não encher de conhecimentos um recipiente vazio (Hall e Nordby, s/d, p.72). Desse modo, ela encontra-se intimamente relacionada à valorização e à plenificação das potencialidades inerentes a cada indivíduo. Isto é, relaciona-se com o desenvolvimento de sua essência singular, que o torna um ser único e diferente dos demais e, por isso mesmo, pode lhe conferir capacidade de ser Um, função útil no Todo.

A palavra "ambiental" nos remete à idéia daquilo que envolve os seres e coisas, tanto do meio natural como do meio transmutado pelo ser humano. Remete-nos à matriz onde ocorrem as relações entre os seres e o meio bio-físico-químico. Remete-nos também à atmosfera, de outra ordem, tal como a de ambiente hostil, calmo, alegre, triste ou amigável. Ou ainda, a um universo interior, psíquico, inerente a cada um de nós, um macrocosmo em miniatura, regido pelo mesmo princípio.

A concepção filosófica, teórica, metodológica e prática de Educação Ambiental que se elabora a partir da compreensão das palavras "educação" e "ambiente", empreendida dentro desta cosmovisão, integra necessariamente, referências tais como:

- a urgente necessidade do ser humano retornar ao princípio que rege o universo;
- a necessária compreensão de que o processo de individuação, como aquele que leva à constituição de indivíduos singulares, propicia o estabelecimento de relações de reciprocidade, cooperação, complementação, e, portanto, contribui para a emergência, reprodução, manutenção e continuidade de vida para as formas cada vez mais evoluídas;
- o respeito às diferenças e a integração destas num todo interdependente e inter-relacionado;
- a articulação dos conceitos à prática, de acordo com a realidade específica de cada indivíduo, num determinado espaço e tempo;
- a compreensão da dinâmica que rege o universo, numa escala que vai da ínfima e impartível mônada até o cosmo de infinita dimensão;
- a passagem do nível conceitual ao concreto, mediante harmonização da ampla compreensão teórico-filosófica e prático-vivencial de Educação Ambiental de perspectiva arquetípica;
- a consciência da existência e a compreensão dos princípios inerentes àquele universo subjacente ao mundo manifesto como aquele que a tudo e a todos anima e os traz conectados harmonicamente numa grande trama cósmica;
- a realização da leitura e compreensão dos dados básicos de Ecologia dentro de uma perspectiva arquetípica.

3. O "lugar" a partir do qual "fala" o Homem moderno e o "lugar" a partir do qual se propõe a fazer Educação Ambiental

"Manter os homens unidos através de papel, de selo ou pela compulsão não se justifica./Somente os mantém unidos aquilo que os congrega por um princípio vital,/assim como acontece com os membros do corpo ou as fibras das plantas" (Whitman)(4)

Ao nos determos no modo como se dá a educação numa sociedade primitiva, veremos que a formação dos indivíduos encontra-se voltada para assegurar o florescimento do caráter inerente a cada um. Ela ocorre de acordo com os princípios da Consciência Objetiva e com a finalidade de o indivíduo integrar-se e harmonizar-se a eles. Junqueira(1979) relata em seu trabalho que, entre os Índios de Ipavu, a rigor, os pais satisfazem a vontade dos filhos, durante a primeira infância. E o fazem mesmo que isso implique deixar de lado aquilo que se encontram fazendo: "Suas vontades são ordens e seu choro um alarme que denuncia a carência de amor e atenção"(p.89). Há um conceito de pais bons como sendo aqueles que não gritam e nem batem nos filhos, dão-lhes comida regularmente, não deixam que chorem. A correção (conter a braveza e a desobediência), por exemplo, é aplicada como um remédio e não como castigo. Por volta dos 7 anos, iniciam o aprendizado por imitação das tarefas pertinentes a seu sexo. É no período que vai da infância à adolescência que se obtêm as qualidades decorrentes de uma educação correta, da qual são atributos a paciência, a firmeza e o carinho. E, finalmente, na adolescência, ocorre a reclusão, durante a qual se aprendem os ofícios e vivencia-se o rito de passagem da infância para a auto-responsabilidade da vida adulta. Assim se forma, concretamente, um modo de ser e estar no mundo.

A formação da criança, numa primeira fase, ocorre de modo a assegurar

(4) in Monteiro I..Walt Whitman. O Profeta da Liberdade. São Paulo Martin Claret. 1984 p. 157.

que a potencialidade de cada uma, expressa por vontades e desejos, flua, manifeste-se e afirme-se livremente. Num segundo momento, quando certos aspectos que atribuo ao ego, como a "desobediência" (tomo-a como sinal de manifestação da tendência humana à unilateralidade egóica) começam a se acentuar, o indivíduo é submetido ao rito de iniciação⁽⁵⁾. É remetido ao território livre de polaridade, onde se processa o nascimento de um ser adulto, responsável pelos seus atos e capaz de ser Um e, portanto, útil na comunidade. Em outras palavras, é reconduzido à vivência de um processo, através do qual se dá a integração dos conteúdos conscientes e inconscientes, modernamente denominado individuação. Não é por acaso que esses ritos de iniciação têm como característica básica a transformação do menino em homem, o nascimento de uma pessoa capaz de responder e assumir as responsabilidades por si mesmo e, portanto, apta para ser membro responsável de uma comunidade. Se permanecesse identificado com os pais, estaria delegando a responsabilidade de seus atos a eles, como é comum na nossa sociedade um adulto ainda estar tentando ser obediente, por substituição ou extensão, ao pai, ao Estado, ao partido político.

Resgatadas, as singularidades, toda uma comunidade, sem perder a cultura acumulada, pode passar a ser regida pelo mesmo princípio que rege o mundo natural e a viver sem oposição entre a natureza e a cultura. A educação básica, nessa cultura, consiste, portanto, em integrar o que vai se constituindo culturalmente ao mundo natural. Isto é, encontra-se voltada para capacitar o Homem a trazer o natural e o Cultural integrados sob um amplo princípio, unindo-os sob uma única ordenação, a cósmica.

Sabemos que o processo de retorno ao princípio sélfico, propiciado pelo

(5) Segundo Campbell (1990) "Essa transformação é uma preocupação básica na vida ritual dos povos. Ainda hoje a enfrentamos. É o problema de transformar crianças desobedientes, que apenas expressam impulsos ingênuos da natureza, em membros da sociedade. Isso demanda um trabalho exaustivo. Aqueles povos não podiam aceitar ninguém que não seguisse as regras. A sociedade não podia sustentá-lo. Eles o matavam" (p.87)

rito de iniciação significa o nascimento de um novo ser, e isto não pode ter lugar sem que ocorra a morte do estado em que ele se encontra para um outro, o que significa a inevitável passagem por vivências extremamente dolorosas, impossíveis de não marcá-lo para o resto da vida. Campbell (1990), acerca do ritual de circuncisão entre os aborígenes, descreve:

"Então os meninos são levados para fora , para o chão sagrado dos homens , e submetidos a duras experiências -circuncisão, subincisão, beber sangue humano, e assim por diante.(...) Enquanto isso se dá , encenam-se episódios mitológicos, dos grandes mitos.(...) Ele foi arrancado da infância, seu corpo foi marcado de cicatrizes, a circuncisão e a subincisão foram cumpridas, agora ele tem o corpo de um homem .Não há como voltar `a infância, depois de um espetáculo desses"(p.85)

Esse tipo de conhecimento e vivência integrada se perdeu na história da civilização ocidental, desconheço exatamente quando. As literaturas que tratam do assunto localizam o seu rompimento no período após a Idade Média. Assim diz Jung (1988a):

"De há muito que a visão medieval tão salutar do homem como microcosmo, como um diminutivo, por assim dizer, do grande cosmo, se tornou obsoleta, embora a longa distância da psique enquanto instância de apreensão do mundo e dele dependente , pudesse ter desenvolvido ainda melhor essa visão. Enquanto essência psíquica, o homem não só traz impressa dentro de si a visão do macrocosmo , como possui, de modo inerente , a capacidade de recriá-la sempre de novo numa medida ainda mais abrangente. O homem contém em si as correspondências do vasto mundo , graças `a sua atividade consciente e reflexiva, de um lado, e de outro, graças `a sua natureza instintiva hereditária , arquetípica que o insere no ambiente. Seus impulsos o prendem e o separam do macrocosmo, dado que suas ambições e desejos o arrastam para as mais variadas direções. Desse modo , ele está sempre em contradição consigo mesmo e só muito raramente consegue imprimir um objetivo único `a sua vida- o que em geral , implica na repressão penosa de outros lados de sua essência." (p.28).

A consciência foi se expandindo, sem que ela fosse concomitantemente sendo reconduzida ao princípio que em última instância, tem o poder de mantê-la viva. Parece que é nesse fato que reside toda a sorte de desequilíbrio do qual participamos e o qual presenciamos atualmente.

Harmonizar-se com as relações de natureza universal significa estar de acordo com os princípios inerentes à Consciência Objetiva e não com os princípios inerentes à Consciência Subjetiva. A primeira, cujo centro diretor é o **self**, é abrangente e integra tanto os processos psíquicos inconscientes como os conscientes. São de sua natureza a objetividade, a imparcialidade, a inteireza, a integração, por isso é denominada Consciência Objetiva. A segunda, cujo centro diretor é o **ego**, abrange apenas uma parte da psique, derivada e dependente da primeira. É parcial, unilateral, pessoal, por isso é denominada Consciência Subjetiva.

Nessa diferenciação, mais precisamente no lugar a partir de onde o indivíduo se relaciona (centro egóico) consigo próprio, com os seus semelhantes e com a natureza, reside o problema do Homem e, portanto, da Civilização e da Natureza.

Quando o princípio inerente à natureza se estende às relações entre os homens, estabelecem-se a mesma serenidade, imparcialidade, receptividade, harmonia e objetividade que nela existem. Mas quando o Homem se desconecta da raiz, origem de todas as coisas, reduz-se a miragens de si mesmo em substituição à realidade de sua condição.

Com o advento da consciência, emergiu um princípio unilateral, paralelo ao princípio original, criando um tênue limite entre ambos. A única instância capaz de manter o Homem sem contradição com as suas duas condições, ou seja, com o aspecto natural e o cultural, ficou reduzida a uma brecha estreita como o fio da navalha. Entretanto a extrema sutileza desse limite, não resistindo ao caráter prepotente do princípio inerente à consciência, apenas um derivado daquele que rege, em última instância, tanto a Natureza como o Homem favoreceu o desenvolvimento da preponderância e autonomia daquele dando assim lugar ao acirramento do antagonismo entre a

natureza e a cultura,obstruindo o acesso ao Homem originário harmônico com o grande cosmo.

A consciência,tal como aparece no Homem é uma aquisição sua,única. Constitui uma condição de Ser.Sem ela não pode haver mundo como tal, porque ele só existe enquanto reflexo da psique consciente (Jung) . Portanto, não se trata de desvencilhar-se dela,mas sim, de superar o dilema da conciliação entre o consciente e o inconsciente, e de trazer o primeiro sob o comando deste último.

A cisão é um princípio inerente à reprodução, desenvolvimento e continuidade da vida neste mundo temporal.No entanto,a evolução não pode ocorrer sem a ocorrência da integração,síntese e mutação de cada uma das partes cindidas,para uma nova coisa. A reordenação do desequilíbrio provocado pela desconexão do Homem com as suas raízes,passa,pois,pela integração dos conteúdos alienados pelo exacerbado desenvolvimento da consciência.Mas aí, também reside a sua dificuldade maior.

A natureza caminha sob o princípio que integra e transmuta os pares de opostos, parece desconhecer a unilateralidade típica do ser humano. Mas ao Homem,não mais unicamente natureza guiada pela mão que rege o universo e,tampouco, podendo permanecer sob o território das unilateralidades que bloqueia e rompe o fluxo da vida, resta-lhe encontrar aquela estreitíssima fenda a partir da qual é possível, sem a perda da consciência,a sua aquisição mais recente,continuar conectado ao mesmo princípio que rege a natureza.Issso significa que o indivíduo precisa,neste mundo das polaridades, encontrar e situar a sua vida no território isento de dualidade e de unilateralidade.Esta é a única instância capaz de integrar os pares de opostos e fazer emergir,fenecer e renascer cada uma de suas virtuais potencialidades,através da mutação.Trata-se,como já dissemos nos capítulos anteriores,do encontro e compreensão da idéia do "caminho do meio",da concepção budista;do sentido expresso em Matheus capítulo 7,versículo 13 e 14 ;do mandala, representação da totalidade psíquica cujo acesso ao seu centro o "salão de jade e de ouro puro" é

cercado de muralhas e proteções para defender a sagrada e pura área de qualquer impureza;da meta implícita nos princípios e treinos de aikido, de conduzir o indivíduo a alcançar um estado de espírito que possibilite atingir o objetivo sem que seja necessário mudar a configuração na qual ele se encontra;do significado da sabedoria,como tradução das leis que regem o universo,expressa em forma de parábolas;do sentido expresso no I Ching de retorno à essência que cada ser porta em si,de modo original.

Trata-se igualmente da idéia junguiana de individuação cujo sentido é idêntico ao expresso nessas diversas idéias.Seu processo é análogo ao da Alquimia na transformação do metal ordinário em puro ouro.Ambas lidam com processo de infinitas destilações, coagulações, sínteses,depurações voltadas à transmutação do material impuro para o de mais absoluta pureza, isto é, para a natureza essencial indivisível. É o processo de aproximação do **self**, região livre de polaridade; de realização do si-mesmo;de auto-conhecimento; de compensação do conflito entre o interior e o exterior; de integração dos conteúdos conscientes e inconscientes.O encontro dessa região e a vivência dos processos que ali se realizam parecem, enfim, constituir o sentido humano de vida mas também a sua dificuldade e desafio maior.

Colocar a questão fundamental da atualidade nesses termos significa confessar a intenção de colocar o trabalho de Educação Ambiental em harmonia e sob os princípios que regem a natureza. Significa a necessária delimitação e caracterização do "território" no qual residirá o trabalho de Educação Ambiental para que, sem renunciar a este mundo, ou deixar de trazer esse aspecto discriminado,possa não entrar em cumplicidade ou colaborar no reforço da tendência dominante.O que,traduzido ao universo do humano,significa encontrar e trilhar o estreito caminho, tal qual a lâmina de uma navalha, único território no qual é possível ao Homem manter-se

conectado ao princípio vital sem que isso venha a acarretar perda do que já fora conquistado (consciência). Isto implica a necessária abordagem, em primeiro lugar, do trabalho do indivíduo sobre si-mesmo e o seu entorno. Cada indivíduo com o respectivo entorno que ocupa, deve constituir aqui, potencialmente, sujeito e lugar de trabalho, de tal maneira que ambos passem a tornar-se realidades concretamente tangíveis e transformáveis e não projeções de mirabolantes intenções equivocadas que nunca saem do papel, pensamento, intenção ou discurso. Trata-se da realização da leitura e do trabalho sobre si mesmo e sobre o lugar onde cada um está situado. Isto significa cada um tomar o processo de auto-conhecimento e restauração de si-mesmo como parte integrante do trabalho de conhecimento e restauração da natureza e do entorno.

4. Individuação como contraponto ao dilema contemporâneo e Educação Ambiental

"A soma de um milhão de zeros não chega a gerar um. Tudo depende, portanto, exclusivamente, da condição do indivíduo singular"(...), e somente aquele que se encontra tão organizado quanto a massa, pode opor-lhe resistência. Estou inteiramente convencido de que essa afirmação parece incompreensível para o homem de hoje. De há muito que a visão medieval tão salutar do homem como microcosmo, como um diminutivo se tornou obsoleto..."(Jung, 1988a, pp.26/28)

Jung(1984) disse que o processo de individuação só se inicia, efetivamente, quando o indivíduo começa a tomar consciência de seus aspectos mais infernais e horrendos; começa a defrontar-se com o seu éter mais celestial, bem como com as vísceras mais terrenas e profanas que porta em si, de modo inalienável; começa a reconhecer sua própria "sombra", mas também a sua iluminação. Isto é, começa a apurá-los, integrá-los e transmutá-los em lugar de negá-los ou ignorá-los. Esta é a condição para o indivíduo se aproximar da região livre de polaridade; do seu caráter essencial; do "salão de jade e ouro puro"; da mesma fonte que anima toda a natureza.

Para que não ocorressem mal-entendidos acerca de uma questão tão essencial como a individuação, Jung(1990) tentou estabelecer uma clara distinção entre o conceito desta e o de individualismo. Por **individuação**, entende o florescimento das virtuais potencialidades,

"a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. A singularidade de um indivíduo não deveria ser compreendida como uma estranheza de sua substância ou de seus componentes, mas sim como uma combinação única, ou como uma diferenciação gradual de funções e faculdades que em si mesmas são universais"(pp.48/9).

E por **individualismo**, o acento e ênfase deliberada "a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas". (pp.48-9) Isto é, a realização movida unicamente por interesses pessoais, onde cada um dos atos não reverte numa troca ou complemento com o outro, e portanto não estabelece uma cooperação no conjunto. É assentada em princípios que revertem todos os atos em "benefício" de si próprio, uma vez que tem a apropriação e o acúmulo que bloqueiam o fluxo que permite fluir a vida, como características fundamentais. Das relações assentadas nesse princípio, nenhuma evolução pode ser gerada, já que o desenvolvimento só ocorre a partir da integração e síntese das diferenças. Vale dizer que representa o princípio da morte, não daquele que traz o renascimento, o fundamento para a continuidade e evolução da vida.

A conexão com o princípio da vida pressupõe o indivíduo como unidade diferenciada (individuada), resultado de um longo processo de sucessivas integrações e sínteses de diferenças complementares. Nisso reside a base para que os conteúdos sem forma venham às formas manifestas em cor, movimento, som, volume, densidade, cheiro numa coreografia viva de formas cada vez mais complexas. É nisso também que consiste o fundamento para que um indivíduo venha a expressar as potencialidades que de fato lhe conferem singularidade, e como Um, ser capaz de participar de uma relação de cooperação e complementação no Todo. Em outras palavras, estou me referindo à importância vital do autoconhecimento. E mesmo quando os conteúdos latentes vêm às formas manifestas, nós nos conhecemos muito pouco.

Comparado ao avanço científico e tecnológico, o do autoconhecimento, ainda encontra-se na pré-história. O Homem moderno, tal como a mente primitiva de *participation mystique* (Lévy Bruhl), de que ele fala com tanto ar de superioridade, funciona irremediavelmente preso no universo das miragens, projetando o que ignora de si próprio nos outros, objetos e instituições, obstruindo, assim, o acesso à sua realidade, mesmo a mais imediata.

O grande obstáculo que o impede de libertar-se desse universo irreal é, como já assinalamos, o fato do indivíduo pouco conhecer-se a si mesmo e, portanto, viver no mundo de projeções. A própria sociedade, fundada em princípios unilaterais, traz seus membros reduzidos a uma indiferenciação massificada. Para ela a identidade individuada constitui uma grande ameaça, pois contraria o fundamento no qual se encontra assentada. Ficam aí o dilema e a dificuldade individual para o Homem resolver dentro de si um problema universal. Ele não encontra nenhum ponto de apoio, dentro da própria sociedade, ao contrário, todo o seu sistema ideológico, político, econômico, social e estrutural, constituem arsenal capaz de anular a individualidade e transformá-lo num número abstrato da estatística e de uma organização. Trata-se de um eficiente processo que se inicia na família, estende-se à escola fundamental, continua na Universidade e domina todos os setores dirigidos pelo Estado. O indivíduo singular, nessa arena, não tem importância alguma (Jung).

Ao nos determos sobre o estado em que se encontra a educação na nossa sociedade, mesmo grosso modo, constatamos que o processo educativo, tanto do lado da formação dos educadores como do lado dos educandos, ocorre em direção oposta à do sentido conferido à palavra "educação" no ato de sua criação. A base educativa é estabelecida por determinadas ordenações de caráter eminentemente massificador, como o do Estado, que aí está para manter uma certa ordem cindida e compartimentada:

"Em lugar da essência singular concreta, surgem nomes de organizações e, no ápice desse processo, o conceito abstrato do Estado, enquanto princípio da realidade política. (...) O sentido e a finalidade da vida individual (a única vida real) não repousa mais sobre o desenvolvimento individual mas sobre uma razão de Estado, imposta de fora para dentro do homem, ou seja, na objetivação de um conceito abstrato cuja tendência é colocar-se como a única instância de vida. A decisão moral e a conduta de vida são, progressivamente, retiradas do indivíduo (...) Quanto mais o indivíduo se enfraquece, mais se agarra ao poder estatal, isto é, mais se entrega espiritualmente à massa. E do mesmo modo que a

Igreja , o Estado ditatorial exige entusiasmo, abnegação e amor , cultivando o necessário temor `a semelhança do temor de Deus que as religiões exigem ou pressupõem(...)mina de tal forma as bases do indivíduo que, não reconhecendo seus direitos e sua força espiritual ,rouba o próprio fundamento metafísico de sua existência .Não há mais lugar para a decisão ética do homem singular, apenas para a comoção cega de uma massa obnubilada, onde a mentira passa a constituir o princípio próprio das ações políticas(...)Na verdade,o Estado representa uma camuflagem para todos os indivíduos que sabem manipulá-lo(...)A doutrina do Estado, aparentemente onipotente,é manipulada em nome da razão do Estado pelos representantes mais altos do governo que concentram em si todo o poder"(Jung,1988a,pp.6,12,13,7,8)

O Estado, a Igreja e a Ciência,como partes integrantes de uma ordenação abstrata ,juntos reproduzem a idéia dominante e decidem,em última instância,a formação de indivíduos de acordo com ela:

"Para um julgamento científico, o indivíduo constitui uma mera unidade que se repete indefinidamente e pode ser igualmente expresso por uma letra ou um número.Para a compreensão, o homem em sua singularidade consiste no único e no mais nobre objeto de sua investigação , sendo necessário o abandono de todas as leis e regras que, antes de tudo, se encontram no coração da ciência.(...) Uma formação em princípio científico baseia-se essencialmente, em verdades científicas e em conhecimentos abstratos que transmitem uma cosmovisão irreal,embora racional, em que o indivíduo como fenômeno marginal não desempenha nenhum papel.Mas o indivíduo, com um dado irracional,é o verdadeiro portador da realidade, é o homem concreto em oposição ao homem ideal ou "normal" irreal, ao qual se referem as teses científicas"(Jung,1988a,p6)

A estrutura e a forma de organização do ensino,compartimentadas e sem conexão entre as diferentes áreas do conhecimento,nas quais é promovida a educação;o modo como se organizam e socializam as informações;a ausência de relação entre a singularidade individual,a realidade imediata e o todo,

expressam a realidade do que acabamos de expor:

"A consequência da pronunciada tendência individualista resultante de nosso desenvolvimento mais recente consiste no surgimento cada vez maior de um contra-ataque compensatório do homem coletivo cuja autoridade se impõe de antemão pelo peso da massa humana. Por isso não é de se admirar que predomine hoje um tom de catástrofe como se uma avalanche viesse rolando e ninguém fosse capaz de contê-la. O homem coletivo ameaça sufocar o indivíduo sobre cuja responsabilidade repousa, em última instância, toda obra humana. A massa como tal é sempre anônima e irresponsável. Os chamados líderes (Führer) são os sintomas inevitáveis de um movimento de massa." (Jung, 1988a, p.51)

Nos quadros da sociedade dessacralizada e massificadora, quem decidir colocar um termo a esse conflito, pela raiz, terá então "tudo contra si: a autoridade intelectual, moral e religiosa vigentes" (Jung, 1984b, p.35). E poucos são os que se dispõem a fazê-lo, pois consiste numa das tarefas mais difíceis que um indivíduo pode tomar em suas mãos durante o curso de sua vida. Aqueles que se dispuserem a fazê-lo "trilharão tal caminho por uma coação interna, para não dizer pelo sofrimento, pois esse caminho é como o fio da navalha" (Jung, 1990, p.113). Mas, "Somente aquele que se encontra tão organizado em sua individualidade quanto a massa, pode opor-lhe resistência." (Jung, 1988a, p.28).

Entretanto, em meio a essa carência de meios para a participação da garantia e continuidade da vida, a própria vida acaba forçando o indivíduo a procurar, por si só, um ponto de apoio interno, ou seja, a sua individualidade, como contraponto ao total desamparo externo e a conseqüente participação na trama cósmica. Talvez consista num processo muito mais penoso do que a passagem pelos ritos de iniciação promovido pelas sociedades portadoras de uma cosmovisão. No entanto, se o indivíduo moderno conseguir essa conexão por si só, talvez ele esteja conseguindo um nível muito mais avançado, superior, maduro e independente em relação aos indivíduos das demais etapas da civilização pelas quais a humanidade já passou. (Jung) Em termos de etapa do processo civilizatório, talvez seja a primeira vez que os

indivíduos estejam se vendo diante de um tempo em que se apresenta a oportunidade de começar a caminhar com o ponto de apoio interno. Aquele que antes encontrava a mão segura da natureza ou da sociedade simbólica (sociedades primitivas), agora se vê assustado diante da imperiosa necessidade de caminhar por si só, sem retaguarda de uma mão segura. Mesmo o que parece lhe servir de amparo na nossa sociedade, o Estado por exemplo, constitui antítese do que contribui para o processo de remeter o indivíduo a si mesmo. Por mais que tente se iludir com a "mão" do Estado e das instituições, estes mostram, a cada dia que passa, não representarem aquela "mão segura" que guia. A nossa época significa a passagem da situação daquele que depende de um outro para caminhar, para o caminhar independente.

A época parece nos convidar para uma grande interiorização como preparação à passagem para um outro estágio de evolução dentre inúmeras pelas quais a humanidade deve passar.

Como já disse anteriormente, ao acompanhar durante um certo período a metamorfose de diversas borboletas, pude observar as sucessivas fases pelas quais passam, de ovo a lagarta, desta a pupa, de pupa a borboleta. Durante esse período, há, inicialmente, um intenso movimento voltado para fora, de busca de alimento e armazenamento de energia para dispor dela na elaboração da crucial fase de metamorfose da pupa à borboleta. Com a cessação do movimento externo, tem início o movimento voltado ao processo interno de transformação. A concentração exigida nessa fase é de tal ordem que elas ficam totalmente imobilizadas. Toda a energia acumulada nas fases anteriores é disposta para essa elaboração interior. Mesmo assim, poucas conseguem transmutar-se. Além da ameaça das condições externas de vida, as reações químicas internas que envolve a passagem de um estado a outro, parecem tão drásticas que muitas delas derretem, literalmente. Aquelas que conseguem reunir as condições para suportar a "dor" da passagem e os acasos fortuitos com que a vida lhes contempla, renascem borboletas e partem para prosseguir o rumo conectado à trama cósmica, à

vida. Inúmeros outros fatores devem estar envolvidos nesse fenômeno, mas ficou evidente que esse trágico acontecimento ocorria, justamente, na sua fase de radical transformação para o desabrochar do ser que é, uma borboleta em sua plenitude.

Dessas observações vislumbrei um paralelo com o movimento típico da segunda metade da vida dos indivíduos, o qual Jung alude à necessidade de busca e florescimento de sua singularidade essencial, ou seja de retorno à sua origem. Da mesma forma como a borboleta coloca à disposição toda a energia que consegue acumular na sua fase de intenso movimento de busca de sobrevivência, para o processo interno de formação daquilo que lhe confere singular identidade, o Homem, mesmo sem se dar conta disso, encontra-se submetido ao mesmo princípio, portanto, a vivência do fenômeno dessa passagem encontra-se, na vida, arquetipicamente configurada. Neste sentido, Jung (1984a) afirma:

"O que a juventude encontrou e precisa encontrar fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si(...) A passagem da manhã para a tarde é uma inversão dos antigos valores. É imperiosa a necessidade de se reconhecer o valor oposto aos antigos ideais, de perceber o engano das convicções defendidas até então, de reconhecer e sentir toda a resistência e mesmo a inimizade do que até então julgávamos ser amor..." (p.67)

Como nos ritos de iniciação, a passagem é marcada por uma dor tão grande que é impossível o indivíduo não sair dela transformado para um outro estado, o de adulto. A vivência do processo de individuação não ocorre sem dor e poucos conseguem alcançar a outra margem transmutados.

A marca da época em que vivemos remete-nos à passagem análoga. Não é de se admirar que a sociedade viva uma enorme crise. Isto me parece um claro sinal de convite a uma interiorização para elaborar internamente tudo o que a humanidade expandiu até agora. Uma tal transformação passa pelo aniquilamento de muitos seres. Somente aqueles que conseguirem realizar essa passagem poderão tomar o curso de suas vidas nas mãos e ao mesmo

tempo, manter-se conectados à trama cósmica, ao princípio vital, do qual, todas as coisas são derivadas. De outro modo acabam por se reduzir à nulidade da massa geral, que para poder se manter em vida, precisa recorrer à "vampirização", a marca da contemporaneidade.

Na perseverança daquela realização julgo residir a possibilidade do início da constituição de uma nova cultura: a que encerra em si a possibilidade de trazer reunidas a natureza e a cultura sob um mesmo princípio. O sentido da existência humana só pode ser dignificado na medida em que pudermos estar em conformidade com o princípio vital que mantém a todos integrados numa trama inter-relacionada e harmônica "rumo à direção apontada pela natureza".

Reconheço, como afirmou Jung (1988a), que:

"A tarefa que se impõe em nossa época deve ser qualificada de quase impossível. (...) Está dirigida sobretudo aos líderes e instâncias de influência que dispõem de necessária inteligência para compreender a situação de nosso mundo. (...) não se trata de simples compreensão intelectual mas, sobretudo, de uma conclusão moral (...) a natureza não é tão pródiga com seus dons a ponto de dar, por exemplo, a uma grande inteligência também o dom do coração (...). Um capítulo especialmente penoso é precisamente a falta de integração entre sentimento e intelecto que, na experiência dificilmente se compatibilizam. (...) Pode-se apenas, no melhor dos casos tentar esclarecer a situação psicológica do mundo de maneira que também os míopes consigam vê-la e exprimi-la em determinadas palavras e conceitos audíveis mesmo para os mais surdos." (p.43)

Dentro dessa ótica, é difícil imaginar uma efetiva mudança, caso não se adquira a consciência da origem essencial do problema contemporâneo e a disposição firme de cada um iniciar a mudança a partir de si próprio. A começar pela tentativa, por exemplo, de integrar o pensamento, a fala e o gesto num só ato; de resgatar o significado das palavras, como "integridade", "sinceridade", "liberdade", "princípios éticos", "coerência", "dignidade", "criatividade", no momento em que elas foram criadas e integrá-lo nos

próprios pensamentos, intenções, palavras e gestos.

Nessa perspectiva, a Educação Ambiental aparece tomando a natureza como "pretexto", para, a partir dela e com ela, trabalhar também a questão fundamental do Homem de hoje: a de ensaiar o resgate de sua integridade comprometida e o distanciamento de si mesmo, como tarefa preliminar e intrínseca a qualquer outra atividade que se pretenda realizar.

Essa ótica traz implícita a tentativa de integrar tanto a realidade do Ser, associada a uma certa forma de ver e conceber o mundo e a vida, como a de Estar, relacionada à condição concreta de vida de cada um. Por um lado, a realidade do Ser, agrega-se o importante conceito de Individuação. Este conceito lidera a constelação das demais referências complementares e nos remete à essência daquilo que se encontra subjacente ao desenvolvimento regular, integrado e harmônico da natureza: a capacidade de expressão e afirmação da singularidade inerente a cada coisa que a compõe, como princípio que reside na base do estabelecimento das relações de troca, complemento e cooperação, rumo a um sentido e formas cada vez mais complexas, do qual Homem e Cultura, objetivamente, não se encontram dissociados, pelo contrário, são parte integrante do mesmo princípio que propicia e permite a existência da vida. Por outro lado, considerando que cada uma das coisas existentes no universo integra-se ao Todo estabelecendo trocas e complementaridades, graças à capacidade de expressão e afirmação de sua singularidade, numa dinâmica sincrônica em direção ao "rumo apontado pela natureza", esses atributos e o conceito de sincronicidade estarão associados à identificação e a leitura do lugar a partir do qual o indivíduo "fala".

5. Aspectos do dilema contemporâneo e referências básicas em Educação Ambiental

"Hoje, temos que reaprender o antigo acordo com a sabedoria da natureza e retomar a consciência de nossa fraternidade com os animais, a água, e o mar." (Campbell, 1990, p. 33)

"Os lugares formam a trama elementar do espaço. Associando os lugares às suas funções, a actividade humana, o mais significativo factor da relação para estabelecer uma classificação, poderemos falar de lugares para habitar, para trabalhar, para trocar, para circular, para jogar, etc. Por estes lugares se localizam os homens e as suas coisas, que adquirem, como acção, as propriedades do lugar onde se encontram: a cidade, o campo, o caminho, as casas, a oficina, a escola, a praça, a encruzilhada, ..." (O espaço pedagógico, 1983, p. 46X6)

Ao realizar a leitura da realidade objeto do presente trabalho, a partir da perspectiva delineada ao longo desta explanação, uma vez mais, nela se verificou refletida a essência do problema contemporâneo. E caso queiramos conduzir os trabalhos no sentido de provocar mudanças substanciais no comportamento do indivíduo em relação ao seu entorno, acredito que esses desdobramentos requeiram ser efetivamente integrados e trabalhados no processo educativo.

A prática da Educação Ambiental, reproduzindo a natureza daquela tendência central à cisão, aparece também compartimentada. Realiza-se, preponderantemente, como privilégio ou atribuição de determinadas áreas do conhecimento ou setores da Sociedade, do trabalho, da ocupação(7).

(6) in, 1.a casa/o caminho da casa-escola/a escola, Espaço Pedagógico, diversos autores, Porto/Portugal, Afrontamento, 1983.

(7) Referências na mesma fonte citada na nota (3) do capítulo I

Entretanto, se considerarmos que a configuração interligada de cada um dos elementos da natureza em uma só unidade, cada qual com uma especificidade e função útil no Todo, é a que propicia existência e continuidade de vida em todo o Planeta, é de bom senso reconhecer que a questão ambiental é uma questão que diz respeito a cada um daqueles que o habita. Segundo a ótica a partir da qual o "milagre" da vida foi abordado no capítulo I, Cosmovisão e Ecologia, não há como deixar de afirmar que o cuidado com a Terra diz respeito a todos que dela recebem a possibilidade de existir em vida, não pode vir a se constituir privilégio ou responsabilidade de determinados setores ou de uma classe de indivíduos da sociedade.

Esse pressuposto leva, necessariamente, a uma indagação elementar, porém básica: a de como tem sido a postura de cada um dos moradores na sua única, minúscula e finita morada espacial. Apesar de toda arrogância e vaidade dos seus habitantes, a Terra assemelha-se a um ínfimo grão de poeira gravitando no espaço em torno do Sol, ao qual estamos agarrados. E como se sabe, não existe, ao menos no nosso sistema solar, outro lugar com as condições mínimas - de pressão, temperatura, oxigênio, umidade, calor, luz -, requeridas à nossa sobrevivência, para o qual possamos nos mudar. Tomar conhecimento da dimensão a que a vida humana se encontra circunscrita nos leva, necessariamente, à reflexão sobre a forma como os homens têm modificado e intervindo em tudo que pertence à Terra, a qual, apesar de todo o avanço tecnológico e científico, funciona sob princípios embora precisos, flexíveis e harmônicos, extremamente delicados e frágeis a manuseios arbitrários. Nesse sentido, a questão ambiental passa a integrar, necessariamente, a referência de que ela deve ser trabalhada em qualquer esfera da vida e por todas as pessoas que estiverem interessadas na garantia de sua própria existência. O exercício da Educação Ambiental diz respeito a cada cidadão do Planeta, independente de sua categoria econômica, social, política, institucional, ocupacional ou de sua formação educacional.

qual falamos" passa a constituir o princípio básico para a identificação e definição do campo, objeto e fim do trabalho de Educação Ambiental de cada indivíduo. Cada lugar, independente do lugar que nos é reservado formal ou institucionalmente, pode, assim, se constituir lugar para se fazer Educação Ambiental. Pode ser a casa, o quarto, escola, a rua, o local de trabalho, a praia, o bairro, o quarteirão, a praça ou o jardim, ou seja, onde quer que cada um se encontre situado num determinado tempo. Isso possibilita a cada um participar do esforço pela preservação da natureza e pela melhora da qualidade do meio, a partir e dentro do seu campo habitual de atividades e de acordo com a sua possibilidade, necessidade e vontade. Cada indivíduo em si, de acordo com o caráter, limites e possibilidades de sua realidade pessoal e social, pode vir a constituir-se, espaço e recurso humano em potencial para o trabalho de transformação de ambientes e de relacionamentos. No caso do ensino institucionalizado, por exemplo, não é necessário limitar-se a prática a uma disciplina ou a uma área do conhecimento, pelo contrário, a Educação Ambiental pode ser trabalhada em qualquer das disciplinas, séries ou graus de ensino(8). Essa referência permite estabelecer um contraponto ao predomínio de uma visão de Educação Ambiental centrada em Biologia e carente de uma abordagem integrando o natural, o cultural e o individual numa só unidade; a tendência em transformar a Educação Ambiental em uma disciplina ou associá-la à área de Ciências; a tendência em compartimentar a Educação Ambiental em setores estanques ou torná-la uma sobrecarga ou tarefa adicional à atividade regular de cada um; ao predomínio de uma aprendizagem fundada em assimilação mecânica, explicação analítica e reprodução simples da produção alheia, desvinculada da realidade concreta na qual cada indivíduo se encontra inserido. Aquela referência pode conferir à Educação Ambiental um caráter interdisciplinar, holístico e acima de tudo,

(8) O livro indicado na nota (3) da Introdução, "Educação Ambiental: Guia do professor de I e II Graus", de Matsushima K. et al, 1987, SMA/Cetesb, SP., traz uma proposta de Educação Ambiental nesse sentido.

vivencial. Permite o reconhecimento, a valorização e a otimização do lugar ao qual se pertence, além de tornar cada projeto real e exequível, contrapondo-se ao atrelamento do Homem moderno a mirabolantes miragens de si mesmo. Favorece o exercício de cada um apropriar-se de sua singularidade e torná-la viva, segundo a sua condição de vida e não segundo o papel que lhe é conferido apenas formalmente.

Essa referência apóia de certo modo o processo de o indivíduo vir a se constituir. Uma função útil no Todo, portanto, a reaproximação do Homem daquele princípio que rege a natureza. Aquele que propicia o estabelecimento de relações de cooperação com a emergência, reprodução, manutenção e continuidade da vida para formas cada vez mais evoluídas. Abre a possibilidade do exercício de o indivíduo poder colocar-se sob princípio análogo ao que rege a natureza: o da expressão e afirmação da singularidade como base para o estabelecimento das relações que colaboram para o prosseguimento do rumo apontado por ela. Ou seja, abre a possibilidade da tentativa de exercício do resgate humano de si mesmo e a recondução de suas partes compartimentadas à unidade. Nisto encontra-se implícito o exercício de integração entre a vida e a ciência; a teoria e a prática; o pensamento e o gesto; a potencialidade individual e a realidade da vida; o conhecimento e a vivência; o individual e o coletivo; o prazer, o útil e o necessário; a singularidade latente e a singularidade manifesta. O reconhecimento de si-mesmo e a leitura do "lugar" a partir de onde cada indivíduo "fala", levam necessariamente à convergência da identidade específica do indivíduo e a do seu entorno. Qualquer atividade que venha a ser desenvolvida nessa confluência pressupõe a integração do modo próprio de cada um ser, atuar, falar, considerar o coletivo e o entorno, portanto, dota-a de sentido.

Na realidade, esse aspecto que acaba de ser colocado estabelece contraponto a um dos outros aspectos dos desdobramentos da essência do problema contemporâneo, ou seja, o do predomínio dos valores e mecanismos voltados para massificar e zerar as unidades individuais em detrimento do

processo capaz de conduzir o indivíduo ao encontro consigo mesmo; ao florescimento da essência original de cada um; ao fluir e à afirmação das diferenças e singularidades de cada pessoa; a constituir-se Um, base para o estabelecimento das relações de reciprocidade e complementaridade, necessário ao prosseguimento do rumo apontado pela natureza. Essa referência permite, pois, tocar na importante questão do distanciamento do Homem contemporâneo das suas raízes primordiais; de si próprio; do significado conferido às palavras no momento que elas foram criadas. Distanciamento ao qual associamos a perda de nossa própria identidade, aquela original e criativa que, em última instância, constitui o nosso único ponto de apoio interno, para que possamos nos colocar no mundo, sem nos perdermos a nós mesmos.

É nesse sentido que se tenta, na instância deste trabalho, introduzir, concomitantemente, atividades que favoreçam ou auxiliem a aproximação das partes compartimentadas e a conexão da palavra proferida com o seu sentido primordial. Ou seja, exercitar o tocar e o resgatar da unidade original, da inteireza perdida ou comprometida de cada indivíduo: lá onde podemos ser fortes ante os hábitos e os atos subjugadores do autoritarismo, do poder e da ignorância (ausência de Sabedoria); lá onde ninguém subtrai a ninguém por representar a expressão da unidade indivisível que cada ser porta em si de maneira única, e se a cada uma destas fosse permitido existir livremente, a reunião delas poderia compor um rico, bonito e harmonioso mosaico das diferenças e singularidades.

Contudo, não se trata de tomar em mãos, neste espaço e caráter de trabalho, o processo de individuação. Este constitui, em si, uma complexa tarefa que deve ficar nas mãos de especialistas dedicados unicamente a essa questão. Nesta instância de trabalho, tenta-se, tão somente, estabelecer uma abordagem integradora capaz de, ao menos, levantar a suspeita da existência do fenômeno da cisão e unilateralidade típica do Homem moderno; favorecer o desenvolvimento da percepção, mediante exercícios voltados à leitura e discriminação da cisão existente entre o

real e a aparência, o pensamento e o gesto, o discurso e o ato, as intenções veladas e as expressas; criar um espaço destinado ao exercício inicial da busca da recondução à unidade das partes cindidas e compartimentadas do ser humano. No fundo, trata-se de abrir espaço para o exercício da percepção da essência do problema contemporâneo, manifesta nele mesmo, no outro e nas configurações reveladas num determinado tempo e espaço, e, se possível, transportar essa percepção ao nível dos gestos através de pequenas ações de caráter transformador. Isto me pareceu possível, próximo, plausível e exequível na medida em que eu adotasse como referência nuclear do desenvolvimento dos trabalhos a **"leitura do lugar a partir do qual cada qual fala"**.

O que importa inicialmente aqui é o exercício da expressão das potencialidades inerentes, de modo inalienável, a cada indivíduo como base para o estabelecimento de relações cooperativas, complementares e interdependentes. Esta referência encontra-se orientada no conhecimento de que a capacidade de cada um dos elementos da natureza expressar e afirmar a sua especificidade constitui a base da formação da grande trama, onde cada coisa é dotada de um sentido para si própria e para o conjunto, garantindo, dessa forma, a existência e continuidade da vida. Nesse sentido, cada indivíduo tem no mundo externo, a oportunidade para que parte do seu ser seja representada e expressa em uma atividade produtiva. Não importa se a de faxineiro, estadista, engenheiro, parlamentar, artista ou aviador. Nesse exercício fica implícito a possibilidade de integração do pensamento à fala e ao gesto; da percepção à ação.

A apropriação do Ser e Estar de cada indivíduo, passa, desse modo, a constituir referência nuclear de vivência e prática em Educação Ambiental. Cada indivíduo, com as suas potencialidades e os diversos papéis que ocupa na vida, congrega inúmeros lugares. Cada um deles encerra, sem que lhe seja formalmente outorgado, espaço potencial de trabalho com Educação Ambiental e unidade capaz de congregar a totalidade mais ampla. Se cada indivíduo, independente do grau de escolaridade, idade, profissão, cargo,

formação ou local de moradia, passa a constiur aquela unidade nuclear independente, passa naturalmente, a contribuir para o estabelecimento do funcionamento do conjunto. Se essa referência se incorpora "a vida de cada um, a sua prática possibilita, em princípio, ampliar e abranger todo o Planeta. Não precisamos nos restringir a "permissões" institucionais ou formais para praticarmos educação ambiental. Basta estarmos no Planeta para que qualquer "lugar" possa se tornar um "espaço" para se praticar educação ambiental. Dispensando o condicionamento a um setor, formação ou ocupação, qualquer lugar que ocupe um indivíduo na sociedade pode ser permeado por uma prática que contribua para a melhora da qualidade do entorno. O objeto de trabalho que esse "lugar" propicia pode ser o quarto onde dormimos, a sala de aula, o local do prédio onde moramos, o alimento e os medicamentos que ingerimos, o material de higiene que usamos, a energia que consumimos, o jardim da casa, o quarteirão ou o bairro, a cozinha, a calçada do bairro, o local onde trabalhamos, o local onde nos divertimos ou descansamos... Quanto mais lugares e papéis forem permeados por essa idéia e prática, tanto maior será a superfície do mosaico de interfaces de lugares.

Contudo, essa colocação não significa negar ou opor-se à existência de instâncias institucionais específicas para o desenvolvimento da Educação Ambiental. Significa, no entanto, que restringir-se a essas instâncias específicas é como resolver a questão ambiental por um mero decreto. Não podemos esquecer o princípio sobre o qual se encontram assentadas a existência e a continuidade da vida: elas não ocorrem por uma decisão humana ou por um decreto. Tampouco se pode esquecer que o Todo é formado pela reunião de vários Um, e que a postura de cada indivíduo tem influência decisiva no Todo. Senão acaba por reproduzir-se novamente aquela tendência massificadora, refletida em projetos de englobar inúmeros indivíduos sem identidade, e por esquecer-se que a ação transformadora de cada diferença e singularidade individual pode compor o mosaico do Todo pelo princípio da complementaridade e cooperação. Ação que está de acordo

com o princípio de ordenação da natureza. Como já expus anteriormente, é inerente à ordenação dominante conduzir o indivíduo ao distanciamento cada vez maior de sua realidade mais próxima e aproximá-lo da elaboração de miragens de soluções. Muitos projetos de ampla resolução são muitas vezes incompatíveis com os gestos de quem os propõe. Estes, muitas vezes, sequer possuem a solução dos seus problemas mais imediatos como o da qualidade de sua alimentação, o do ambiente de seu quarto, de sua escola, de seu prédio. O pressuposto sobre o qual venho falando desde o início deste item pode trazer, também, cada indivíduo à sua realidade mais imediata e exeqüível e não a mirabolantes e ineqüíveis intenções. Sabe-se que muitas vezes os problemas mais imediatos e tangíveis sequer são mencionados, entretanto elabora-se uma infinidade de propostas e projetos distantes da real exeqüibilidade, que nunca chegam a ser concretizados. Seria muito mais real e sábio, se cada pessoa pudesse fazer um gesto em direção à melhora da qualidade do meio ambiente a partir da sua realidade específica. Em outras palavras, estou querendo dizer que a questão da educação humana para o meio nos remete necessariamente a uma questão de postura. Uma postura capaz de trazer em si a coerência entre o pensamento, a fala e o gesto. Vejo a prática de educação ambiental fundada sobre esse princípio. Assim, o mais importante aqui é ter-se em conta que qualquer lugar é lugar para se fazer educação ambiental; que qualquer indivíduo é portador da possibilidade de fazer educação ambiental.

Ao se propor a leitura e a transformação concreta da realidade de cada indivíduo, coloca-se, de um lado, a necessidade de suprir as pessoas, independente da sua ocupação, formação, categoria social, de um certo conhecimento básico em Ecologia e Educação Ambiental, dentro de uma visão integradora de mundo e de vida; e de outro, de introduzir atividades que lhes permitam desenvolver o exercício da percepção de si, do outro e do entorno.

Cabe dizer que, nessas necessidades, encontram-se implícitos outros aspectos do problema essencial, ou seja, a insuficiência de informações básicas de Ecologia e Meio Ambiente e a tendência em dispô-las de maneira

compartimentada e especializada, segundo a racionalidade científica, e não integrada a uma cosmovisão unitária; e a dificuldade humana em identificar e estabelecer o "lugar" a partir de onde cada qual "fala", relacionada a uma frágil percepção de si, do outro e do entorno.

O reconhecimento do primeiro aspecto, implica, inicialmente, suprir essa carência de conhecimento com um programa de informação e de formação básica nas questões ambientais, adequado ao ofício e à instância onde cada um se encontra situado, a fim de subsidiar o exercício da cidadania ambiental. Dentro da perspectiva adotada neste trabalho, o fundamento desse conhecimento consiste, como não poderia deixar de ser, em entender o mistério mais arcaico da vida: o princípio que nos propicia a cada instante o espetáculo da eclosão, existência e continuidade da vida, movimento, beleza e harmonia em toda a extensão cósmica, infinita, palpável e impalpável. Entender esse princípio é fundamental, pois ele, apesar de presentificar-se em tudo e em todos, por ser imperceptível aos olhos do profano Homem, é alvo de sua intensa e extensa violação, o que tem provocado enormes desequilíbrios nele próprio e em tudo que o cerca. Nesse sentido, as informações das quais carece o Homem, necessitam, de alguma forma, traduzir o universo dos princípios inerentes ao plano da realidade que rege, em última instância, a natureza. Ao querer compreender as leis e regularidades inerentes à Natureza e a todos os acontecimentos, faz-se necessário integrar os conhecimentos adquiridos, tanto pelo rigor científico nas diferentes áreas do conhecimento, como pela vida.

A referência a nível da transmissão das informações é a da tentativa de integrar o conhecimento articulado e sistematizado nos capítulos anteriores e, em parte neste, ao conhecimento vivenciado de cada indivíduo. Essa referência permite, de certa forma, estabelecer um contraponto à tendência em tornar soberano o conhecimento científico, e em fazer preponderar a variável explicação analítica e a racionalidade, na transmissão dos conhecimentos, em detrimento do saber que se adquire mediante a compreensão e a vivência. A Ciência é pois, aqui, colocada como instrumento

de apoio à Formação Teórica e Prática em Educação Ambiental, e como veículo de um fundamento maior, expresso na forma como a vida, o mundo, os dados de Ecologia e Educação Ambiental são aqui concebidos. Os dados básicos de Ecologia e Meio Ambiente são dispostos como parte integrante de uma cosmovisão unitária, numa clara alusão à existência da correlação entre todos os elementos que compõem o universo, do qual a Natureza, o Homem e a Cultura participam como uma só unidade.

Essa colocação, por sua vez, nos remete à idéia do Todo Primordial, algo muito profundo, essencial e real, porém de extrema sutileza na sua manifestação. Como se sabe, esse universo só se faz comunicar indiretamente. O fato pede, então, a integração de linguagens que constituem seu universo de representações. Nesse sentido uma das referências consiste na introdução de diferentes conhecimentos e linguagens que estrapolem os da Ciência e os da Técnica, tais como a imagem, a intuição, a arte e os recursos sensoriais e corporais como instrumentos primordiais à prática de Educação Ambiental. Isto permite estabelecer, de certa forma, um contraponto ao outro aspecto do problema inerente à sociedade regida pelo universo da racionalidade, isto é, o da frágil utilização de linguagens e instrumentos da Psique Objetiva, do Inconsciente. Esse reconhecimento implica a necessária inserção do trabalho de percepção sensorial e corporal nas atividades de percepção de si-mesmo, do outro e do entorno; nos programas de observação das regularidades dos processos que regem a natureza e nos programas de estudos individuais, a fim de colaborar para diminuir a distância existente entre as partes compartimentadas do Ser e aproximar o indivíduo da sua essência singular.

Essa referência constela, naturalmente, o elemento sócio-afetivo, como contraponto à ausência de relações de caráter afetivo e ao esvaziamento dos valores e dos princípios de caráter ético, nos relacionamentos e nos ambientes e processos de trabalho. Permite estabelecer um vínculo afetivo com o lugar onde cada um se encontra e o exercício da liberdade de, a partir desse lugar, efetuar transformações. Assim, através da inclusão de elementos

como a compreensão,a confiança,a emoção,a liberdade,a dignidade,a integridade,o respeito,a necessidade,a coerência,a verdade,o princípio,o sentido ,a ética,a sinceridade... abre-se a possibilidade para tocarmos socialmente naquilo que consideramos problema fundamental do Homem de hoje: o da cisão psíquica e distanciamento de si próprio e das suas raízes primordiais.

Com essa colocação,voltamos`a questão que deu início a este trabalho. Retomá-la é uma necessidade decorrente do fato de estar acontecendo uma compartimentação na vida do indivíduo que o leva a um distanciamento de si mesmo e de suas percepções mais imediatas; e do fato de considerar essa cisão e distanciamento como os principais responsáveis pelo estado de coisas que vivenciamos e presenciamos na atual civilização a que pertencemos, principalmente no que se refere aos relacionamentos entre os homens e destes com o meio circundante.São característicos desse ordenamento que consagra e reproduz esse estado de ser e estar humano o autoritarismo, o uso do poder, a manipulação, a compartimentação, a coisificação, a produção e a reprodução de mecanismos que bloqueiam o fluir da personalidade total e a aproximação de cada indivíduo de si mesmo.O predomínio dos hábitos autoritários e a utilização dos recursos e linguagens do poder no estabelecimento de relacionamentos,ao contribuir para a reprodução e a sedimentação das relações baseadas em desconfiança e polarizadas em apropriadores e apropriados, dominadores e dominados,bem como para o distanciamento da possibilidade de cada um poder se apropriar e produzir-se a si mesmo,fazem com que a integridade, a autenticidade, a individualidade e a criatividade percam a sua fertilidade e a possibilidade de existir. Nesse sentido,a criação de ambientes e relacionamentos baseados em confiança e comportamentos não autoritários,para neles desenvolver os trabalhos de informação básica,de percepção sensorial e corporal e atividades práticas de Educação Ambiental, constitui importante referência.Nela encontra-se,novamente,a possibilidade do exercício de processos que contribuam para provocar ao menos a suspeita da existência

de caminhos que favorecem o indivíduo a aproximar-se de si próprio e colaborar, desse modo, com o florescimento e a afirmação da diferenças e singularidades individuais. Visto dessa forma, o campo aberto pela Educação Ambiental nos acena com a possibilidade de ensaiarmos integrar nas atividades o trabalho sobre a questão fundamental do Homem de hoje, ou seja, a sua fragmentação, a compartimentação, a divisão entre o pensamento, o gesto e a fala, que o conduzem a uma relação desarmoniosa consigo próprio, com o outro e com o seu entorno.

Nessa perspectiva, atuar na Natureza e com os elementos que dela fazem parte nos proporciona o vôo de amplitude holística raramente permitido: a totalidade do indivíduo pode ser suspeita de existir; pode ser ensaiada, tocada, lembrada, despertada, vivida, exercitada e partilhada consigo próprio, com o outro e com o meio circundante num incessante movimento. Possibilita integrar o meio natural e o cultural, o divino e o profano, o pessoal e o supra-pessoal, a sabedoria e a ciência, a técnica e a emoção, as possibilidades e os limites, num ato único, circunscrito num determinado espaço e tempo.

Utopia? Não, com certeza. Pois se se evidencia a existência de correspondência dos problemas existentes no mundo contemporâneo com a cisão psíquica do Homem moderno, já é muito. Será mais ainda se se inocula a suspeita de que a resolução de uma grande parte desses problemas reside na recondução das partes cindidas à unidade, e que essa unidade essencial existe em cada um de nós e está disponível para que possamos dar início à essa recondução, em algum ponto da trajetória de nossa vida. Poderá levar décadas para se processá-la, poderá recorrer-se a uma diversidade de recursos, mas a simples tomada de conhecimento desse fato, de se ser tocado por ele e de se passar a exercitar o descondicionamento de alguns dos elementos que nos afastam dessa unidade original, já é o bastante.

Fundamentalmente são estas as referências que se decantaram como as mais significativas, no decorrer do processo de estudo, reflexão e verificação em cursos de Educação Ambiental, e que passei a adotar para nortear os

trabalhos, tanto teóricos como vivenciais e práticos de Educação Ambiental, objeto de trabalho do capítulo seguinte.

CAPITULO IV

VIVÊNCIA E PRÁTICA DE UMA CONCEPÇÃO TEÓRICO-FILOSÓFICA

proposta de um sistema de trabalho de formação em Educação Ambiental

"Um sistema de trabalho sugere que, seguindo um esquema de procedimento, podemos juntar informações e experiência suficientes para emergir com uma nova compreensão do meio com o qual trabalhamos. Aqueles que trabalham no teatro com sucesso têm seus modos de produzir resultados; consciente ou inconsciente, eles têm um sistema. Em muitos professores-diretores altamente habilitados, isto é tão intuitivo que eles não têm fórmula. Quantas vezes, assistindo a uma demonstração ou a uma conferência sobre teatro pensamos: "As palavras estão corretas, o princípio está correto, os resultados maravilhosos, mas como poderemos fazer isto?" (Spolin, 1963, p.17)

1. Preliminares

A integração das partes `a unidade constituindo uma das incessantes buscas deste trabalho,reflete-se,aqui,quando tento expor um método que me permita proporcionar um modo de vivenciar e praticar as idéias essenciais inerentes `a uma visão unitária de mundo,de vida e de Educação Ambiental.

Na realidade,os aspectos teórico-filosóficos e os prático-vivenciais foram se configurando sincronicamente, num processo de um ir constituindo reciprocamente o outro.Eles são resultados, de um lado,de insights,estudos e reflexões sobre alguns fatos da vida e do processo de trabalho com Educação Ambiental e a articulação destes com os dados das diversas formulações teóricas já existentes.E de outro lado,de buscas e verificações de instrumentos e métodos que foram se mostrando como os mais adequados para traduzir essa concepção,os quais foram se revelando no decorrer da prática de ensino de Educação Ambiental(1).

(1)A oportunidade que tive de participar de inúmeros encontros e cursos de Educação Ambiental,com trabalhos dentro de uma perspectiva arquetípica,objeto desta tese, proporcionaram-me a chance de ir revendo e chegando a uma concepção teórico-filosófica,bem como a um sistema de trabalho que me permitisse constituir um modo de vivenciar e praticar de modo cada vez mais próximo `as idéias essenciais dessa concepção e sistema de trabalho.Os resultados que obtive com o desenvolvimento dos últimos cursos: 30 horas de curso de extensão universitária em "Educação Ambiental:teoria e vivência",no Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo,no Município de Piracicaba,Estado de São Paulo,em 1990; 45 horas de curso de "Educação Ambiental:alternativas metodológicas",no curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino da Geografia,do Departamento de Geociências,da Universidade de Passo Fundo,no Município de Passo Fundo,Estado do Rio Grande do Sul,em 1991;16 horas de curso de "Educação Ambiental",no curso de Especialização em Saúde Pública-Módulo de Saúde Ambiental",do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual de Campinas,no Município de Campinas,no Estado de São Paulo,em 1991, apontaram-me terem eles se constituído numa das traduções prático-vivencias mais próximas dessa ampla concepção .Reporto-me a eles para ilustrar certas passagens do trabalho,com fragmentos de suas experiências e resultados.

Os dados dos aspectos teórico-filosóficos e prático-vivenciais, apesar de formarem uma só unidade, foram dispostos em partes apenas para facilitar a sua elaboração de forma racional e didática. Os dados do primeiro aspecto preponderam nos capítulos I, II, III.

Neste capítulo, desenvolve-se o modo como se pode chegar à compreensão, à vivência e à prática das idéias essenciais presentes nos capítulos anteriores. Mesmo que neste preponderem os aspectos prático-vivenciais, os aspectos teórico-filosóficos participam dele como inextricável parte do processo de trabalho como um todo. Em virtude de este modo de trabalhar ter-se apresentado como um processo sistematizável, acabei por considerá-lo esboço de um sistema de trabalho. Considerando o modo como ele se desenvolveu e para facilitar o seu uso, organizei-o em forma de um roteiro de desenvolvimento de um curso de formação em Educação Ambiental.

De acordo com uma das idéias básicas da filosofia que serve de fundamento a esse sistema, a de privilegiar e favorecer o florescimento das singularidades individuais, o que aqui passa a ser exposto não pode ser adotado como um modelo ou esquema rígido de "instruções a serem seguidas a risca". Mesmo porque, o que tento comunicar, é uma organização racional constituída de fragmentos da intensa e longa vivência; por maior que seja o esforço para comunicá-la, aquilo que foi vivenciado, refletido, estudado, pesquisado e concluído, é impossível de ser repassado na integridade viva da experiência. Esta vai, inexoravelmente, deteriorando-se, ao longo do processo de fixação e transferência para uma forma possível de comunicação. Assim, é necessário que essas "instruções" sejam tomadas como subsídios para a reprodução, a partir de um modelo de experiência, de novas experiências dotadas de vida própria. É fundamental, ainda, que esse processo de trabalho seja previamente vivenciado por aquele que pretenda aplicá-lo. Somente nessa medida, as idéias essenciais inerentes a esta perspectiva de trabalho poderão ser reproduzidas, sem que as qualidades que lhe conferem identidade própria se percam ou se desvirtuem demasiadamente. É dentro desse espírito

que a proposta de um processo de trabalho de formação em Educação Ambiental, aqui apresentada, deve ser compreendida.

Isto posto, desponta uma inquietante, porém fundamental questão : a de como transformar em textos instrucionais, algo que se processa no calor do convívio, das trocas carregadas de emoção, das reflexões e dos gestos que emergem e solicitam ser trabalhados no imediato do Aqui e Agora.

Há aqui o exercício de uma tentativa. A tentativa de transformar fragmentos de um conhecimento e experiência prática vivenciada, em dados de apoio para subsidiar a criação de novas experiências. Assim, reafirmo que eles devem ser tomados apenas como exemplo de uma experiência possível, a partir das quais cabe a cada usuário encontrar um modo próprio de desenvolver o seu trabalho e transformá-lo em uma nova experiência viva. O que se propõe, no entanto, é que a essência, os conceitos, os pressupostos que dão identidade a esta concepção de trabalho sejam apreendidos, integrados, vivenciados, praticados e multiplicados.

2. Sistema de trabalho

2.1. Idéia global

O TODO é a identidade primeira deste Sistema de Trabalho. As partes que o compõem são interligadas entre si pelos conteúdos e significados que portam e pela relação que cada uma tem com as outras. Por ser portador dessa característica, requer ser comunicado de uma só vez. A imagem aparecendo como a melhor forma de assim fazê-lo, expresso-o por intermédio de uma figura (Figura: 1). A partir dela, descrevo a idéia do todo e das partes que compõem o Sistema. Este consiste de uma **tarefa preliminar (A)** e **4 (quatro) dinâmicas** distintas e interdependentes de trabalho:

a) A **criação de ambientes e relacionamentos baseados em confiança e não assentados no autoritarismo e no poder (A)** desponta como tarefa preliminar às etapas e processos regulares do trabalho. Ela constitui a base e o "fluido" no qual se circuncrevem os processos de trabalho que visam a integração da compreensão; das linguagens que ultrapassam as fronteiras da ciência e da técnica; da sabedoria e posturas éticas; da unidade entre a teoria e a prática, entre o pensamento e a ação, entre a intenção e o gesto, entre o corpo e a mente, entre o conhecimento que se adquire através da ciência e o saber que se adquire mediante a vivência; da expressão e afirmação das singularidades e diferenças individuais. É nesse ambiente que se desenvolvem os quatro módulos distintos, porém interdependentes, de trabalho.

b) Dentro desse ambiente, o trabalho inicial consiste na reflexão sobre o **dilema contemporâneo** e a formação de uma **cosmovisão**. E o desenvolvimento, nesse contexto, da compreensão dos **dados básicos de Ecologia** e da formulação de uma **concepção de Educação Ambiental (dinâmica-1)**

FIGURA 1: IDEIA GLOBAL E COMPONENTES DO SISTEMA DE TRABALHO

c) As **atividades de aquecimento, percepção sensorial, corporal e ambiental(dinâmica-2)**,paralelas aos trabalhos da dinâmica anterior, entram como contraponto ao trabalho intelectual; como desdobramento da idéia de que corpo e mente são partes de uma só unidade; como meio auxiliar `a criação de ambientes afetivos e `a aproximação das partes compartimentadas do Ser `a unidade e como aquecimento e ponte para o desenvolvimento da dinâmica de trabalho seguinte,entre outros.

d) As **atividades de conhecimento, expressão e transformação do meio** e a escolha de uma **atividade prática transformadora da realidade,(dinâmica-3)**segundo as condições de espaço, tempo, desejo, necessidade e possibilidade de cada pessoa,constitui trabalho do terceiro processo.O princípio norteador dessa escolha é a referência "o lugar a partir do qual falamos"(formação, ocupação, local de trabalho,o quarto,a casa, os trajetos da casa à escola,o jardim do prédio onde se mora, o quintal, o terraço etc).Como complemento dessa atividade,têm lugar,fora das sessões regulares de trabalho, **atividades individuais de pesquisa , estudo, aprofundamento do tema de interesse específico**. As sessões diárias, ocupadas até então pela atividade de formação de idéias e de aquecimento, percepção sensorial,corporal e ambiental passam a ser divididas com a de conhecimento, expressão e transformação da realidade objeto de trabalho e as de estudos individuais.

e) A última dinâmica de trabalho é constituído de exposição dos resultados de **trabalhos individuais e depoimentos e síntese das idéias essenciais vivenciadas ou apreendidas intelectualmente. (dinâmica-4)**. As reafirmações,modificações e complementações em torno de cada uma das apreciações e comentários sobre o material exposto,bem como os depoimentos e comentários de síntese avaliativa do curso dão lugar ao processo de resgate e fixação das principais idéias e vivências experienciadas e a formação de uma composição mosaicada de diferentes

apreensões.

Cada um dos processos de trabalho acima descritos, apesar de estarem dispostos de maneira separada, desenvolvem-se numa certa seqüência evolutiva, porém de modo simultâneo, interativo e interdependente, de forma que a unidade entre a Teoria e a Prática seja constantemente observada.

2.2. Carga horária total e por sequência de atividades

A experiência indicou que as idéias essenciais inerentes a este trabalho podem ser transmitidas, mesmo num espaço de tempo reduzido de uma palestra de uma hora, com troca de idéias, ou no de um curso de 8 ou 15 horas. Mas se quisermos que algo de consistente venha efetivamente a ter início, isto é, que a semente encontre um solo com as condições mínimas para a sua germinação, a experiência aponta para um processo de trabalho com um mínimo de 45 ou 60 horas. Ao cabo delas, pode-se dizer que um "ponto" de possibilidade de **início** de alguma coisa passa a se formar. Entretanto, a carga horária necessária depende, também, da extensão e do grau de profundidade que se quer atingir, bem como da abertura, grau de interesse e envolvimento dos participantes e da natureza da realidade a ser trabalhada. Para aqueles que se encontram em busca de um caminho de compreensão para as indagações mais profundas, mesmo num curto espaço de tempo, fica sempre um fragmento de algo significativo.

A carga horária total de 45 ou 60 horas pode ser distribuída, respectivamente, em períodos de 3 ou 4 horas diárias, numa frequência, de preferência, de uma ou duas vezes semanais, totalizando 7,5 ou 15 semanas consecutivas de trabalho. Esta distribuição horária e intervalar favorece a possibilidade de cada um processar em si uma extensa e intensa gama de informações e vivências que emergem a cada sessão de trabalho. Contudo, se não houver condições de assim se distribuí-la, pode-se concentrá-la em uma semana de 6 ou 8 horas diárias ou duas semanas de 3 ou 4 horas diárias. Cada sessão de trabalho pode ser constituída de 50 minutos de atividade e 10 minutos de intervalo, ou proporcionar-se um intervalo maior a cada duas sessões. Isso depende da necessidade do grupo, na ocasião.

Até a metade, aproximadamente, do processo global de trabalho as sessões iniciais, duas ou três conforme a carga horária diária, são destinadas ao trabalho de **formação teórico-filosófica** (Cosmovisão, Papel do

Sujeito e do Objeto na Ciência,Dilema Contemporâneo,Dados Básicos de Ecologia,Concepção de Educação Ambiental).As últimas sessões,ou a última, conforme a carga horária diária,são destinadas a **atividades de aquecimento,percepção sensorial,corporal e ambiental**.Estas atividades podem ser também realizadas no momento de fadiga mental dos participantes,ou de acordo com as necessidades de cada grupo.

A partir da metade,aproximadamente, do curso,tem início o desenvolvimento dos trabalhos de **escolha do objeto de trabalho**,a partir da "**leitura do lugar a partir do qual falamos**" e de **conhecimento, expressão e transformação do meio**.Estes passam, então, a participar, equitativamente,do tempo diário, que até então era ocupado pelos trabalhos de formação teórico- filosófica e de aquecimento, percepção sensorial, corporal e ambiental. Paralelamente, cada um organiza e desenvolve, fora das sessões regulares de trabalho, **atividades individuais de pesquisa , estudo e aprofundamento dos temas de interesse específico**.

No penúltimo dia de trabalho,mantidas apenas as sessões de aquecimento, percepção sensorial,corporal e ambiental,tem lugar a **apresentação dos resultados dos trabalhos individuais**.

O última dia de trabalho é destinado a **depoimentos,comentários e síntese das idéias e vivências essenciais experienciadas**.

A forma como cada um dos processos de trabalhos pode ser desenvolvida constitui matéria do item seguinte.Ela representa a tentativa de tecer o fio que possa servir de referência `a condução das diversas etapas e processos dos trabalhos.

3. Desenvolvimento das Etapas e Processos do Trabalho de Formação em Educação Ambiental

3.1.0 trabalho preliminar(A)

estabelecimento de ambiente e relacionamentos baseados em confiança e não assentados em autoritarismo e poder

"A linguagem e as atitudes do autoritarismo devem ser constantemente combatidos quando desejamos que a personalidade total emergja como unidade de trabalho" (Spolin, 1963. p.7)

Como já expus anteriormente, um importante aspecto deste trabalho reside no reconhecimento, de um lado, da existência de uma estreita relação entre o fenômeno da integração das partes à unidade, a capacidade de cada elemento da natureza expressar e afirmar a sua especificidade e a possibilidade de existência, florescimento e continuidade da vida. E de outro lado, no reconhecimento de que o problema fundamental do Homem de hoje e, portanto, da civilização e do ambiente, reside na divisão entre o que ele pensa, fala e age, oriunda de sua cisão interna, e no reconhecimento de que o ordenamento sobre o qual se encontra assentada a moderna sociedade é voltado à redução das possibilidades de florescimento das singularidades individuais, portanto, contrário ao princípio que propicia, afinal, a vida.

A respeito dessa questão humana, o predomínio de relações baseadas em desconfiança e polarizadas em apropriadores e apropriados, dominadores e dominados, oriundas, em grande parte, dos hábitos autoritários e da utilização dos recursos e linguagens do poder, constitui um dos aspectos que mais colaboram para a nulificação da essência viva de cada indivíduo.

É nesse sentido que a introdução de atividades e princípios que favoreçam a integração das partes compartimentadas, tem, nesta filosofia e

sistema de trabalho, papel fundamental. A perspectiva integradora deste trabalho acenou com a possibilidade de favorecer o fortalecimento de uma tendência contrária à cisão, unilateralidade e dificuldade humana em trazer as partes compartimentadas à unidade.

Foi neste contexto que o estabelecimento de ambiente e relacionamentos baseados em confiança e comportamentos não autoritários despontou como tarefa preliminar. Ele representa o solo e o fluido propício para receber e apoiar o trabalho cujo foco reside no apoio ao florescimento e afirmação das diferenças e singularidades individuais, como parte integrante do trabalho pela restauração da natureza, isto é, do princípio da vida.

A introdução das atividades de aquecimento, percepção sensorial, corporal e ambiental, bem como a integração das variáveis, tais como: a compreensão ao lado da explicação; o saber que se adquire mediante a vida ao lado do conhecimento científico; a intuição ao lado do pensamento; a vivência prática ao lado da vivência teórica constituem alguns dos elementos que favorecem a criação desse ambiente e relacionamentos, bem como a aproximação das partes distanciadas. Os aspectos teórico-filosóficos vêm elucidar, fundamentar e dotar de sentido a referida questão.

Assim, o que importa, inicialmente, é a criação de condições e dinâmicas que favoreçam a possibilidade de expressão das potencialidades inerentes a cada indivíduo. Estas constituem a base da ocorrência de desdobramentos das relações de natureza cooperativa, complementar e interdependente e, conseqüentemente, contribuem para a formação e expressão da grande trama arquetípica, onde cada coisa é dotada de um sentido para si própria e para o conjunto.

Isto posto, seguem-se algumas **recomendações**, no sentido de indicar certos pré-requisitos mínimos necessários à criação desse espaço e relacionamentos e apoiar a sua organização e condução:

A. espaço físico

- a.1. É favorável que a sala tenha um espaço razoável para abrigar 10 a

15 pessoas que possam se movimentar livremente ;um chão onde todos possam sentar-se, correr e deitar-se;condições para a projeção de diapositivos e transparências (tomadas, telas, cortinas escuras); uma lousa(com giz e apagador) onde cada uma das colocações individuais possa ir sendo registrada.

B. constituição do grupo

- b.1. É aconselhável que o número de componentes do curso não seja mais de 15(quinze). Os diálogos, as reflexões e as trocas são fundamentais.Assim, um número que ultrapasse o estabelecido dificulta os trabalhos.
- b.2. O grupo pode ser composto por pessoas adultas de diferentes classes sócio-econômicas,formações,ou ocupações,porém de faixa etária e nível de escolaridade similares.A idéia é a de que cada pessoa, a partir de sua história de vida, tem algo a dizer sobre qualquer um dos temas. E que a questão ambiental,em princípio, diz respeito a todo cidadão, independente de sua categoria social ou econômica,e é possível participar dela,na medida em que a referência "o lugar a partir do qual falamos" (casa, trabalho, sala de aula, bairro...),constitui o princípio norteador da escolha e desenvolvimento de uma atividade prática de Educação Ambiental.
- b.3. Cada participante traz consigo uma manta para nela se sentar, meias, cartolina, papel de desenho, lápis 6B, pincel atômico de diversas cores, cola, tesoura.No decorrer do curso,outros materiais que forem se fazendo necessários irão sendo solicitados,integrados e utilizados

C.coordenação do trabalho

- c.1. Ao lidar com uma multitude de sutis elementos e processos, uma consideração importante passa a se fazer necessária em relação `aquele que coordena o processo de trabalho.É essencial que

o coordenador tenha uma identidade com a concepção filosófica e metodológica do trabalho como um todo; uma qualidade sensível e íntegra; um gostar e querer; uma formação multidisciplinar, de preferência na confluência entre a ambiental e as humanas; uma vivência prática. Tais requisitos devem estar de tal modo incorporados no coordenador que os pressupostos básicos que orientam os trabalhos possam dele fluir, ao lidar com cada situação que emerge no decorrer do processo de trabalho, de modo natural e sem divisões entre o pensar e o agir, entre a intenção e o gesto. Contudo isso não quer dizer que o coordenador, bem como os integrantes do grupo, devam se enquadrar num único modo de ver, pensar e agir. O respeito à singularidade constitui a primeira qualidade desta concepção. O que estou querendo expressar é que o desenvolvimento de um trabalho exige a existência de um eixo seguro capaz de acolher as diferenças, sem que aquele que o coordena se perca. Nesse sentido, é necessário que os conteúdos inerentes aos aspectos teórico-filosóficos, princípios ético-filosóficos e prático-metodológicos tenham sido previamente trabalhados e assimilados.

- c.2. As idéias essenciais desta ampla concepção devem estar presentes em todos os momentos do trabalho. Portanto, a vivência prévia deste processo de trabalho bem como a reflexão e a familiaridade com os mesmos são imprescindíveis, para que os seus conteúdos e significados possam fluir em cada momento que a situação solicitar, de modo espontâneo, nas palavras e nos gestos daquele que o coordena.
- c.3. O respeito para com o acordo e para com o desacordo em relação às idéias colocadas tem igual importância no processo de trabalho: a expressão singular de cada um é essencial para que a vivência de cada pessoa possa ser resgatada e inserida nos trabalhos. O entrecimento da ciência com a vida, da compreensão com a

explicação são de grande importância.

D. lembretes úteis

Alguns lembretes mostram-se úteis na criação e desenvolvimento de ambiente e condutas. Assim, seguem-se alguns:

- d.1. a história de cada pessoa é rica em experiências e informações. O singular e o diferente nada têm a ver com o certo ou errado. Saber receber e respeitar as peculiaridades de cada pessoa é um princípio. Saber aprender com elas é outro.
- d.2. Um conceito, uma lei, uma teoria podem ser expressos de diferentes formas, sem que isto os invalide, o que não significa permitir, distanciar ou distorcer aquilo que a exatidão da Ciência está pretendendo comunicar. A idéia é a da confluência do conhecimento que se adquire através da Ciência com o Saber que se obtém mediante a vida, na compreensão e assimilação de um determinado conhecimento.
- d.3. Ver com os nossos próprios olhos, andar com as nossas próprias pernas devem constituir um esforço constante. O autoritarismo é um poderoso agente amputador de nossos membros e sentidos para passarmos a ser "guiados" com os membros e sentidos alheios. Grande parte desta proposta de trabalho é voltada à presentificação (o trazer de volta) de nossos sentidos, no sentido de trazê-los à percepção das coisas tais como elas são.
- d.4. Perceber e discriminar o real da aparência nos propicia caminhar rumo à essência, à verdade enquanto desvelamento. Decodificar cada idéia, cada enunciado científico, também nos aproxima da essência pela compreensão.
- d.5. Trabalhar as vontades a partir dos limites, possibilidades, necessidades de cada um e não a partir das infladas expectativas ou vontades, é um princípio.
- d.6. Podemos perceber melhor o outro e o entorno, na medida em que

percebermos melhor a nós mesmos.

- d.7. Geralmente reproduzimos aquilo que somos. Na educação criativa e científica é fundamental a noção da verdade enquanto desvelamento.
- d.8. O ser total deve participar dos trabalhos de Educação Ambiental. A correspondência entre o interno e o externo é fundamental.
- d.9. Perceber a verdade enquanto desvelamento implica decifrar, ler e discriminar as intencionalidades veladas, as cisões entre o discurso e o ato, as intenções e o gestos, o pensamento e a ação.
- d.10. Em Educação Ambiental é imprescindível integrar a vivência e a prática a um fundamento científico e à criatividade.
- d.11. Assim como a Ecologia estuda as leis que regem a natureza, a Sabedoria, "discerne as leis imutáveis presentes em todos os acontecimentos" (I Ching ,pg.30).
- d.12. A integridade, a coerência, a postura, a dignidade, bem como o reconhecimento do nosso lado "negro" são componentes importantes dos nossos princípios ético-filosóficos. Nunca somos apenas uma coisa ou outra, somos a afirmação e a negação, o belo e o feio, o celestial e o tenebroso, a grandeza e a mediocridade. Reconhecê-los, saber lidar com esses aspectos e integrá-los constituem um grande passo rumo ao nosso auto-conhecimento.
- d.13. Aprender a atravessar o território dos lobos sem ser devorado constitui um exercício de vida.
- d.14. Exercitar e criar possibilidades que possam nos levar à criação própria e à aproximação de nós mesmos é um princípio que deve ser trabalhado constantemente.
- d.15. Promover e reproduzir atitudes que levem à ruptura de hábitos autoritários devem ser um cuidado constante.

Dentre muitas outras idéias que podem ir-se constituindo referências, ao longo do contato com as idéias expostas no trabalho como um todo e

no decorrer das vivências.

É nesse tipo de espaço físico e espiritual que este sistema de trabalho passa a ter lugar. O trabalho de **formação teórico-filosófica** constitui o processo inicial que abre os demais.

3.2. O processo de formação teórico-filosófica(Dinâmica I)

A passagem da perspectiva multidisciplinar à arquetípica e holística e O papel do sujeito e do objeto na Ciência(temas do cap. I do presente trabalho);Cosmovisão e Ecologia(temas do cap. II); Dilema contemporâneo e concepção de Educação Ambiental(temas do cap. III).

O processo de formação teórico-filosófica consiste em propiciar a compreensão e o desenvolvimento das idéias essenciais presentes ao longo deste trabalho,sobretudo nos capítulos I,II e III.

Não se trata de uma simples transmissão de dados de um determinado conhecimento.Além de esse processo de formação ocorrer,concomitante ao de criação de ambiente e relacionamentos não autoritários com todos os cuidados sutis que este implica,integra uma gama de outros processos distintos de trabalho que se entrelaçam,complementar e interdependente-mente,por estarem envolvidos num só fim.

A fim de integrar os diversos cuidados,fins e processos de trabalho implicados no desenvolvimento desta dinâmica,estabeleci algumas referências capazes de catalisar,ao seu redor,grande parte dos referidos aspectos num só processo de trabalho.Estas referências,por sua natureza,passaram a constituir o eixo condutor do desenvolvimento desta dinâmica de trabalho.

A primeira delas consiste em situar o trabalho de formação de idéias na **confluência do conhecimento que se obtém através do rigor científico** e do **saber que se adquire mediante a vida**.Isto é, cada uma das idéias essenciais a serem trabalhadas devem ser desenvolvidas de modo integrado às colocações individuais,a respeito de cada uma delas.Isto traduz o cuidado para não se trabalharem as informações teóricas, conceituais ou filosóficas,de modo acabado,pronto ou fechado.Traduz também o intuito de desenvolver cada uma das idéias essenciais a serem trabalhadas,no sentido de compor um rico mosaico de diferentes linguagens

e pontos de vista, mediante entrelaçamento dos dados da Ciência, das diferentes vivências e percepções individuais e das diferentes manifestações de intuição, razão e emoção das pessoas envolvidas no trabalho. A idéia básica consiste em integrar o conhecimento científico ao modo singular de cada um ver e conceber uma dada realidade, conceito ou idéia. E redirecioná-lo à tradução rigorosa do sentido dado pela Ciência, quando esse modo singular estiver de alguma forma distorcendo aquele sentido. Mas deixando clara, por outro lado, a idéia de que valer-se de diferentes formas e linguagens para expressar uma idéia ou uma teoria científica não significa distorcê-las, ao contrário, este procedimento confere a elas amplitude e riqueza, sem que isso implique adulterar o conteúdo científico inerente a cada uma. Uma idéia essencial pode ser expressa de diferentes maneiras, o coordenador deve saber discerni-las.

Uma outra referência é a **condução circular e seqüencial do processo de trabalho**. Cada idéia que emerge para ser trabalhada é tomada sob uma perspectiva nuclear e essencial e considerada um potencial constelador de outras idéias. A partir e em torno de uma idéia inicial, introduzida pelo coordenador, pelo grupo ou pela configuração de uma dada situação, o trabalho transcorre no sentido de catalisar ao seu redor os diversos aspectos que dela participam. A reflexão, formulação e expressão de idéias e conceitos, numa seqüência evolutiva em torno de cada idéia essencial e a sua disposição em tramas possibilitam a formação mosaicada cada vez mais aprofundada e completa dos temas. Propiciam, ao mesmo tempo, a realização de um trabalho cúmplice com a dinâmica inerente à natureza, tais como a da epigenesia e a da interdependência existente entre todos os elementos que a integram. Os próprios temas constituintes deste trabalho foram se configurando num bordado arquetípico de entrelaçamento interdependente e circular dos aspectos que as compõem, a partir de algumas idéias essenciais e nucleares. Algumas delas foram, por exemplo: a existência de um plano da realidade isento de dualidade, cujos princípios são responsáveis pela existência e continuidade de todas as formas de

movimento e de vida existentes no universo; o fenômeno, de um lado, da cisão em pares de opostos, e de outro, da integração e síntese dos pares de opostos a um novo estado, como um dado inerente ao desenvolvimento da vida nas formas cada vez mais plenas; a essência do problema do Homem de hoje e, portanto, da civilização e do meio ambiente, derivar, em última instância, da tendência humana à unilateralidade e a sua dificuldade em trazer as partes cindidas à unidade. Qualquer uma destas idéias, por estarem conectadas a uma mesma essência, permite compor a idéia do Todo. Assim, o processo de formação teórico-filosófica como um todo, pode começar a partir de uma idéia inicial ou de qualquer um dos aspectos que integram o presente trabalho. Qualquer um deles é capaz de provocar desdobramentos em direção à composição e ao aprofundamento dos Temas e do Todo. Dessa maneira, qualquer um dos amplos temas pode ser abordado, a partir de um ponto qualquer, de uma idéia essencial.

Desenvolvimento do trabalho a partir de uma idéia inicial

A **FALA** aqui, constitui instrumento primordial. Com ela caminha-se progressivamente para a compreensão e o aprofundamento de uma concepção teórico-filosófica, cujos aspectos básicos se encontram sumariamente pontuados em forma de pressupostos básicos (capítulo III), a fim de nortear o desenvolvimento do sistema de formação prática e vivencial em Educação Ambiental.

Esta FALA é a fala de dentro que se exterioriza. Ela é a forma de comunicação mais utilizada, entretanto a fala que pede uma água para saciar a sede é diferente daquela que se articula para se expor uma idéia, uma lembrança, um desejo, uma necessidade que ultrapassa os limites estritos da necessidade vital. Ao ensaiarmos organizar, relembrar, atualizar, questionar, encontrar uma forma adequada para encadear o pensamento e lidar com as emoções que vêm ligadas ao ato de comunicar o pensamento diante dos outros, um esforço enorme passa a se concentrar. Mas, ao mesmo tempo, começa a abrir-se um mundo de janelas. A principal delas é a janela

do mundo interior. Esvaziamo-nos e um novo espaço se abre para outras experiências. Ampliamo-nos com as experiências dos demais. E, a partir desta fala, passa-se a se estabelecer uma comunicação com o mundo, com o outro. A história, a singularidade de cada um passa a ter um lugar no mundo. A solidão de cada ser humano passa a ser menor. Pela fala, assim vista, abre-se uma porta para o mundo, para os outros e em direção a si-mesmo.

Como início de um trabalho que se circunscreve naquele ambiente e relacionamentos, pode-se começar pela **apresentação de cada pessoa**, dentro de um ritmo tranquilo, para que a fala de um possa entrar na fala do outro e progredir, entretecendo vivências, idéias e conceitos. Na apresentação, cada um dá a conhecer "por que está aqui", "quais as suas perspectivas, seus desejos e necessidades". Os encontros começam, então, a se configurar, cada pessoa segundo o seu ritmo e modo próprio de se expressar. Cada expressão, ao lado das demais, passa a formar um mosaico colorido de diferentes colocações. Uma referência passa a se configurar a partir do indivíduo para si próprio, para o outro, para um lugar e seus significados.

A seguir, suavemente, faz-se uma ponte entre o Vivencial e a Ciência, tornando, desse modo, o processo de aquisição do conhecimento menos árido, mais vivo. O fato expressivo lembra, valoriza, socializa e compartilha a existência e o pensar de cada indivíduo, enriquecendo dessa forma o conjunto das expressões. Cada esforço de expressão permite exteriorizar o que se tem guardado há muito tempo na memória e abrir espaço para a entrada e a conexão com novos dados. Possibilita viver as diferenças e as singularidades. Permite assimilar vivencialmente os conteúdos de cada um dos assuntos abordados. Permite rever os conceitos pessoais e, sem negá-los, redirecioná-los ou enriquecê-los na medida em que vão emergindo outras expressões. O conjunto das expressões individuais passa a constituir um rico "material" que permite chegar a uma série de compreensões dotadas de sentido e compor amplos temas.

Para começar, podemos recorrer a observações e comentários de uma

determinada situação real e concreta, dos resultados de uma atividade prática, ou ainda, a partir de trechos de textos.

A forma como as pessoas se encontram dispostas na sala de aula constitui bom exemplo de "gancho" para desencadear o início do processo.

Num dos cursos(2), projetei, concomitantemente, duas imagens: uma, quadrangular (figura:2), com indivíduos dispostos dentro de um quadrado, um atrás do outro, e fora dele um indivíduo, numa representação de uma disposição de uma sala de aula convencional; e outra, circular (figura:3), com indivíduos em círculo, dispostos um de frente para o outro, numa representação de uma configuração alternativa. Sem tecer quaisquer comentários prévios sobre as figuras, ao convidar cada um a fazer as suas colocações a respeito do que evocavam as imagens, demos início ao exercício das expressões originais de cada participante. A estrutura circular evocou integração, igualdade, harmonia, movimento, universo isento de polaridade, estrutura mandálica(3)...e a quadrangular evocou rigidez, separação, exclusão, dominação, paralisação. Cada uma dessas imagens e idéias representava material propício a reflexão. A partir do aprofundamento e

Figura 2: estrutura quadrangular

Figura 3: estrutura circular

(2) Procedimento adotado no curso de "Educação Ambiental", desenvolvido no "Curso de Especialização em Saúde Pública-Módulo de Saúde Ambiental", promovido pelo Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual de Campinas, em 1991.

(3) Referências na nota (36) do Capítulo I

ampliação desse material, o processo, lenta e paulatinamente, passou a progredir para a idéia da totalidade psíquica não dividida e, depois, para a idéia da psique dividida. Esta permitia, ao mesmo tempo, conectar os diversos aspectos inerentes ao dilema contemporâneo, os quais foram sendo aprofundados e ampliados, dentro da mesma dinâmica. E assim, sucessivamente, cada uma das idéias que ia emergindo, ia se conectando às demais. Paulatinamente, sem que as informações tivessem sido passadas de modo acabado e fechado, os conteúdos inerentes às amplas temáticas foram se compondo numa trama mosaicada de diferentes expressões.

Pode-se, também, começar desenvolvendo uma atividade de desenho. Todos com o mesmo tipo de material, como papel e lápis ou aquarela. Pede-se que cada um faça, separadamente, em primeiro lugar, o desenho de um lugar de fácil acesso e por onde passa habitualmente mas com o qual não tenha necessariamente um apreço especial; depois, o de um lugar, também de acesso fácil mas com que tenha um forte vínculo afetivo. A seguir, pede-se que cada um visite esses locais e depois os redesenhe de memória. E, finalmente, pede-se para fazer como tarefa de casa desenhos desses mesmos lugares, *in loco*. Na aula seguinte, expõem-se todos os desenhos, e sem

Fig. 4.1: Desenho, de memória, do local por onde passa regularmente, mas com o qual não tem vínculo especial. (Dora*/91)

(*) De acordo com norma de procedimento que orienta a elaboração da tese, os nomes das pessoas que figuram identificando os respectivos desenhos são pseudônimos.

previamente, quaisquer comentários sobre eles, convida-se cada um dos participantes a expressar o que lhe evocam os desenhos realizados. Ao aplicar esse procedimento em alguns cursos(4), foi sensível a diferença de

(4) Procedimento adotado nos cursos: "Educação Ambiental: teoria e vivência", desenvolvido no

traço, volume, composição, vigor, que se fez mostrar entre os desenhos de lugares com os quais não tinham vínculo afetivo (figuras: 4.1, 5.1, 6.1) e os de lugares com que tinham vínculo afetivo (Desenhos: 4.2, 5.2, 6.2), para aqueles que os desenharam. Essas qualidades e diferenças tornam-se ainda mais sensíveis, quando comparados aos desenhos realizados de memória, depois de uma visita aos locais desenhados, sem (5.3, 6.3) e com vínculo afetivo (5.4, 6.4). E mais sensíveis ainda, quando os mesmos são desenhados *in loco* (4.3, 5.5, 6.5 e 4.4, 5.6, 6.6). Presença de vitalidade, vigor de traços, riqueza de

Fig. 5.1: Desenho, de memória, do local por onde passa regular- detalhes, formas mais mente, mas com o qual não tem um vínculo especial. (Ana*/90) "arredondadas" e

(cont.nota(4)) Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo/SP(1990);e, "Educação Ambiental: alternativas metodológicas", desenvolvido no Departamento de Geociências, da Universidade de Passo Fundo/RS(1991).

Fig.6.1: Desenho, de memória, do local por onde passa regularmente, mas com o qual não tem um vínculo especial. (Gil*/90)

calorosas", marcaram os desenhos de lugares com que se tinham vínculos afetivos. E mais marcantes ainda quando o desenho constituiu expressão direta da realidade (*ir loco*) e não de lembranças. Após essas e outras observações, podem-se começar a reflexão, o desenvolvimento e o aprofundamento de uma idéia e caminhar, lenta e paulatinamente, por exemplo, para a idéia do distanciamento do Homem de sua origem primordial, depois ampliar para os aspectos do dilema contemporâneo. E

até compor os vários aspectos pertinentes às amplas temáticas.

Pode-se começar, também, a partir de trechos de textos (5) como:

"É próprio da tradição cartesiana pensar na consciência como algo inerente à cabeça, como se a cabeça fosse o órgão gerador de consciência. Não é. A cabeça é um órgão que orienta a consciência numa certa direção ou em função de determinados propósitos. Mas existe uma consciência aqui, no corpo. O mundo inteiro, vivo, é

(5) Procedimento adotado em diversos cursos de Educação Ambiental, conforme nota (1)

Fig. 4.2. Desenho, de memória, do lugar por onde passa regularmente e com o qual tem um vínculo especial. (Dora/91)

modelado pela consciência. Acredito que consciência e energia são a mesma coisa, de algum modo. Onde você vê, de fato, energia de vida, lá está a consciência. O mundo vegetal, com certeza, é consciente. E, ao viver no campo, como aconteceu comigo quando criança, você pode ver toda uma série de consciência vegetal, assim como existe uma consciência animal, e nós partilhamos de ambas. Quando você ingere certas comidas, a bilis sabe se existe aí algo que exige a participação dela. Esse processo todo é consciência. Tentar interpretá-lo em termos simplesmente mecânicos não funciona" (Campbell, 1990, p.15)

O desenvolvimento do trabalho ocorre sob o mesmo procedimento. Isto é, cada uma das idéias ressaltadas do texto é tomada a partir da perspectiva nuclear e essencial. Todos lêem o mesmo texto para que todos saibam do que está se tratando e dele poderem participar. Ao se estimular a expressão de cada um a respeito do tema do qual trata o texto, surgem, espontaneamente, inúmeros comentários. Para que não haja deturpação do sentido do texto, o trecho em torno do qual gira cada comentário é identificado, destacado e lido textualmente. Toma-se, inicialmente, um dos comentários como idéia essencial e, a partir dele, caminha-se em direção à sua reflexão e compreensão, e não à sua análise. Entender, articular com idéias e vivências afins ou análogas é a referência. A gama de informações que vai emergindo no espaço aberto às colocações pessoais é conduzida para o processo de discussão, comentário, eliminação de dúvidas, ampliação, compreensão, redirecionamento e aprofundamento de cada idéia emergida. Cada uma delas constela uma infinidade de outras. Todas as demais colocações destacadas

Fig. 5.2. Desenho, de memória, do lugar por onde passa regular

mente e com o qual tem um vínculo especial. (Ana/90)

serem trabalhados. O coordenador deve ser responsável pelas articulações e sínteses que o grupo não consiga realizar, bem como conduzir a dinâmica dos trabalhos de tal modo que as colocações sejam sempre pertinentes à idéia nuclear em questão, para que não se fuja do assunto ou ocorra desvirtuamento da idéia essencial. A intenção é a de complementar, ampliar, associar, aprofundar, nuclear, e não a de dispersar. Para isso, o coordenador deve ter integrado em si o conteúdo da concepção filosófica e metodológica de tal forma que, ao articular os dados que emergem no calor do convívio, aquele possa fluir naturalmente.

Como prosseguimento ao processo de trabalho rumo à integração cada vez maior de cada uma das idéias inerentes a cada um dos temas, cada novo assunto abordado segue o mesmo procedimento: com base em textos ou por

do texto são trabalhadas do mesmo modo e formando um mosaico, sem compartimentações com as anteriores. A organização e a articulação das idéias permitem abranger grande parte dos aspectos que integram os temas a

outro meio, fazem-se emergir as compreensões individuais e, numa sequência evolutiva e em forma de tramas, promove-se a articulação das idéias emergidas, no sentido de tecer um panorama global das informações, sem compartimentações e sem que seja de maneira acabada e fechada.

Fig. 6.2. Desenho, de memória, do lugar por onde passa regularmente e com o qual tem um vínculo especial. (Gil/90)

5.3

Além disso, pelo caráter inter e multidisciplinar de cada um dos temas, tem-se a intenção de, ao longo do curso, realizar amplas conexões entre a ciência e a sabedoria; entre a razão e a emoção; entre a arte e a técnica; entre a racionalidade e a espiritualidade; entre o pensamento e a palavra; entre o gesto e a palavra; entre a micro e a macro dimensão, e assim sucessivamente, para que todo um conjunto de ensinamentos possam ser trabalhados, de modo inteiro. Dessa maneira, o que se propõe é a possibilidade de se ultrapassarem as fronteiras da pura memorização e reprodução mecânica das informações recebidas.

A evolução do trabalho, no sentido de ampliar e aprofundar cada um dos seus aspectos, depende da participação de cada um dos integrantes, do tempo disponível, do modo como o trabalho é conduzido e da qualidade dos textos de apoio selecionados. Cabe ao coordenador programar o grau de profundidade e a extensão que se quer alcançar.

Dada a extensão, a profundidade e a complexidade de cada um dos assuntos a serem tratados, é requisito primeiro da proposta metodológica que cada participante pesquise, estude e amplie o que cada assunto evoca de essencial. Com base nessa recomendação o coordenador deve processar

Fig.5.3. Desenho do mesmo local referido na fig.5.1, feito após visita ao lugar (Ana/90)

os trabalhos de ampliação das informações, através da condução a hábitos de estudos e pesquisas individuais de complementação e aprofundamento de cada idéia essencial. RETER EM SI O TODO, A PARTIR DA ESSENCIA, constitui, aqui, a principal referência.

Fig. 6.3. Desenho do mesmo local referido na fig. 6.1, feito após visita ao lugar. (Gil/90)

A seguir, passemos às **Atividades de Aquecimento, Percepção Sensorial, Corporal e Ambiental**, a serem desenvolvidas em todas as últimas sessões diárias de trabalho, ou quando a atividade mental necessitar ser compensada por uma atividade física.

Fig. 5. 4. Desenho do mesmo local referido na fig. 5. 2, feito após visita ao lugar. (Ana/90)

Fig. 6. 4. Desenho do mesmo local referido na fig. 6. 2, feito após visita ao lugar. (Gil/90)

Fig. 4.3. Desenho do mesmo lugar referido na fig. 4.1, feito *in loco* (Dora/91)

Fig.5.5.Desenho do mesmo lugar referido na fig.5.1, feito *in loco*(Ana/90)

6.5.

Fig. 6.5. Desenho do mesmo lugar referido na fig. 6.1, feito *in loco*. (Gil/90)

Fig. 4.4. Desenho do mesmo lugar referido na fig. 4.2, feito *in loco* (Dora/91)

Fig.5.6.Desenho do mesmo lugar referido na fig.5.2, feito *in loco*(Ana/90)

Fig.6.6. Desenho do mesmo lugar referido na fig.6.2, feito *in loco* (01/90)

3.3. Atividades de aquecimento, percepção sensorial, corporal e ambiental. (Dinâmica 2)

" É necessário olhar toda a vida como se fôssemos crianças, a perda dessa possibilidade vos exclui daquela de exprimir de modo original"
(Matisse, 1953)

Quantas vezes não nos surpreendemos totalmente alheios ou cegos ao que ocorre em nosso entorno mais imediato? Quantas vezes já não dirigimos o nosso olhar para algo ou alguém e não pudemos, naquele momento, ver? Quantas vezes já não estivemos totalmente surdos à fala do outro?

Decerto os nossos sentidos encontravam-se, na ocasião, adormecidos, esquecidos, presos ou apropriados pelas circunstâncias, idéias ou desejos alheios a nós mesmos, criando uma distância entre a realidade e a nossa apreensão da mesma. Trata-se da ocorrência da defasagem entre o real e a aparência, a intenção e o gesto, o pensamento e a fala. É deste modo distorcido que o nosso contato com o meio ambiente ocorre muitas vezes.

Ao longo da vida, os nossos sentidos vão, por inúmeras circunstâncias, distanciando-se de sua função original. A nossa capacidade de entrar em contato com as coisas tais como elas são e de maneira única vai, paulatinamente, sendo substituída pela maneira como o outro e a sociedade quer que vejamos, sintamos e nos comportemos. Começamos a duvidar de nossas próprias percepções e a destituir os nossos recursos sensoriais do seu papel de mediador do mundo interno com o mundo externo. E, desse modo, passamos a fornecer um solo propício para que o autoritarismo e o poder exerçam autoridade, no sentido de que as nossas vontades, criatividade e autodeterminação sejam submetidas às de outros, a ponto de permitirmos ser "conduzidos" com os membros e cabeças alheias. E, uma vez instalada essa condição, passamos a clamar pela liberdade, já sem saber como e nem por onde resgatá-la.

Sabendo que as brincadeiras infantis integram, exercitam e desenvolvem, num só ato, a intuição, o raciocínio, a atenção e a espontaneidade, e considerando que elas permitem favorecer a aproximação entre a intenção e o gesto, o pensamento e a ação, a emoção e a expressão, resolvi integrá-las entre as atividades de aquecimento, percepção sensorial, corporal e ambiental. Constituídas de atividades simples e lúdicas, elas devem ser manifestas segundo a forma e a capacidade expressiva de cada um. A idéia é de propiciar indícios de exercícios de liberdade de se estar no mundo de modo mais espontâneo e íntegro. Quero dizer, de colaborar, para desenvolver, mesmo que irrisoriamente, a possibilidade de retorno à capacidade de ver e sentir as coisas tais como elas são e de resgatar a nossa maneira própria de perceber, sentir e conceber a vida e o mundo.

Ao lado dessas brincadeiras, são sugeridos certos exercícios voltados à harmonização, relaxamento e recomposição da energia vital.

Esses trabalhos de presentificação dos sentidos, juntamente com o de formação de idéias na confluência do conhecimento que se adquire através da Ciência e da Vivência, proporcionam uma combinação dos esforços de atenção, concentração e agilidade corporal. Reforçar e ampliar o exercício dos recursos sensoriais, corporais, emocionais e mentais, vêm a favorecer, ainda mais, o esforço pelo resgate da percepção de si, do outro e do entorno e a aproximação do pensamento, do gesto e da fala. Ambos os processos de trabalho, além de constituir um ponto de apoio à criação de ambientes e de relacionamentos baseados em confiança e hábitos não autoritários, encontram-se ainda integrados a um outro propósito, ou seja, o de formar a base das atividades práticas de conhecimento, expressão e transformação do meio, durante o qual se desenvolve o exercício da criatividade e da produção própria, objeto do próximo item.

É dentro dessa perspectiva que as atividades de percepção sensorial, corporal e ambiental devem ser desenvolvidas, em todas as últimas sessões diárias de trabalho ou nos intervalos de uma fadiga mental.

Os exercícios mais elementares de aquecimento nos auxiliam no desenvolvimento dos demais. Assim, podemos iniciar pela atividade de uns conhecerem os outros, de maneira pessoal, sensível, lúdica e próxima. Do conhecimento simples do nome, podemos passar aos jogos de memorização do nome e destes, para a memorização dos vários aspectos inerentes a cada pessoa. Da memorização de nomes, podemos passar ao conhecimento da história de vida, e assim sucessivamente, conforme o elenco de jogos sugeridos.

A cada novo dia de trabalho, podem-se repetir alguns jogos do dia anterior e introduzir outros novos, numa escala progressiva de complexidade. Com a evolução dessas atividades, os gestos também vão-se ampliando e aprofundando, até que a mobilidade do corpo como um todo torna-se mais completa. Ao final das atividades, pode-se praticar a respiração abdominal e torácica dirigida, a fim de se estabelecer uma ordenação interior, numa representação de fechar e guardar o que se vivenciou no dia e se estabelecer um limite entre esta realidade e a retomada da vida externa.

Ao se esgotarem essas atividades, numa linha contínua, passa-se sutilmente a uma outra esfera de atuação: a da relação concreta com as coisas do mundo externo, ou seja, a dos exercícios de conhecimento, expressão e transformação do meio, objeto de trabalho do próximo item.

Um conjunto de temas de trabalho, cada qual com uma série de atividades, é apresentado, a seguir, a título de sugestão(6). As atividades devem ser tomadas apenas como referência e material de apoio, para que, a partir delas, cada um possa elaborar suas próprias atividades.

(6) Grande parte dos exercícios aqui propostos foram elaborados a partir das atividades vivenciadas no curso de Especialização em Teatro e Dança da ECA/USP - 1988/89.

Sugestão de Atividades segundo Tema:

Tema 1-Apresentação das pessoas e a memória imediata

Apresentar-se, conhecer e familiarizar-se com o nome do outro é fundamental para as identificações e interações. Conhecer-se de maneira lúdica, calorosa e pessoal aproxima uns aos outros, de maneira descontraída.

É bom lembrar as várias brincadeiras tradicionais e de infância que permitem o apresentar-se uns aos outros. Vão aqui algumas idéias.

Atividade 1.1-O meu nome, o nome do outro

Sentados em roda, a brincadeira pode ser iniciada espontaneamente (sem se apontar quem vai iniciar) por qualquer um que queira começar. Este canta o verso abaixo e passa para o seu companheiro do lado acenando-lhe que quer saber o seu nome. Este outro, de igual maneira, canta o verso e passa para o outro companheiro do seu lado, e assim sucessivamente, até que todos estejam apresentados.

O meu nome é

Prá vocês eu vou dizer

O meu nome é

E o seu, quero saber?

Atividade 1.2-O meu nome e o daquele que me antecedeu

Sentados em roda, alguém, espontaneamente, inicia o jogo. Este diz o seu nome. Em seguida, o vizinho diz o seu e repete o daquele que o antecedeu. O companheiro vizinho diz o seu e repete o daqueles que o antecederam. A brincadeira termina quando todos estão apresentados.

Atividade 1.3-O meu nome e os daqueles que me antecederam

Num procedimento semelhante ao da apresentação anterior, aquele que se apresenta diz o seu nome, repete o daquele(s) que o(s) antecederam(ram) e reafirma o seu antes de passar para o outro.

Atividade 1.4-Corre e passa o nome

Sentados em roda, alguém se levanta espontaneamente, grita o seu nome, sai correndo em volta do círculo externo e bate no ombro de um dos companheiros. Este levanta imediatamente, grita o seu nome e repete o mesmo procedimento daquele que o antecedeu. E assim sucessivamente, até que todos estejam apresentados.

Atividade 1.5-Lembrar o nome da pessoa ao meu lado

Depois de apresentados, pode-se passar à brincadeira de relembrar os nomes. Um de cada vez, cada um vai lembrando o nome do seu vizinho.

Atividade 1.6. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 2-Olhar para ver o outro

As atividades correspondentes a este tema podem ser úteis para os trabalhos de desenvolvimento do sentido da visão, da percepção do outro, da memória, da atenção.

Atividade 2.1-Como te retenho na memória

Após um certo tempo de trabalho com as atividades iniciais de aquecimento e de apresentação, sentam-se todos em roda e, sem que se tenha realizado exercício dirigido de cada um olhar o outro, começa-se com um de cada vez, espontaneamente, descrevendo o seu vizinho desse dia (estabelece-se, se vizinho do lado direito ou do lado esquerdo): o nome, as vestes, o cabelo, os acessórios, o jeito.

Atividade 2.2-As cores que retive do outro na memória

Divide-se o grupo em pares. Cada componente do par, sentado um de frente do outro, observa-se mutuamente por alguns minutos. Viram-se ambos de costas e um relata ao outro os detalhes das cores que reteve do outro na memória. Ambos de frente novamente, completam-se os detalhes que passaram despercebidos no primeiro momento.

Atividade 2.3-Os detalhes das vestes do outro que retive na memória

Aos pares, um de frente para o outro, observam-se, mutuamente, as vestes e os complementos um do outro. Viram-se de costas e cada um introduz algumas modificações nessas vestes e complementos (podem ir-se introduzindo as modificações de maneira progressiva: a primeira vez de apenas um detalhe, depois, de dois, depois de três). Ambos de frente novamente, cada um tenta descobrir as modificações introduzidas pelo parceiro, por exemplo: a mudança do anel do dedo direito para o esquerdo, o jeito do cabelo, etc.

Atividade 2.3. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 3- Esquentar e descontraír

Um aquecimento precedendo qualquer atividade corporal é bom. Ele ajuda a soltar o corpo, favorecendo o fluir das ações de forma mais ágil e espontânea. Pensando nisso, selecionei algumas atividades. Elas são, também, úteis para serem intercaladas entre atividades corporais, entre atividades corporal e intelectual, ou entre atividades intelectuais.

Atividade 3.1 -Siga o chefe

De pé, em roda, uma pessoa sai do círculo e só entra quando chamada pelo grupo. Enquanto isso, no círculo, combina-se quem vai ser o chefe que introduzirá e modificará os movimentos que o resto do grupo vai seguir. A pessoa que sai deve descobrir quem está comandando o jogo. Podem-se dar 3 chances. Descoberto o chefe, este sai para adivinhar quem será o chefe da próxima rodada. Várias modalidades de brincadeiras podem ser inventadas a partir deste princípio.

Atividade 3.2- Imitando o gesto do outro

Com procedimento semelhante ao do jogo anterior, o grupo imita tudo o que uma pessoa do grupo vai fazendo: mancar, dar grito, ficar de estátua, rir, jogar-se no chão, chorar, esbravejar.

Atividade 3.3. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 4 -Os nossos sentidos

Antes de entrarmos no trabalho sobre os sentidos, propriamente dito, podemos fazer uma pequena atividade introdutória. Lápis e papel na mão, fica-se alguns minutos em silêncio para que todos possam colocar em calma a mente, o coração e os sentidos e, assim, refletir. Em seguida, cada um faz a lista dos seus sentidos de percepção, segundo a ordem de

importância dada por si a cada um deles. Medita sobre cada um dos sentidos e compara-o com a lista dos demais, de modo que cada pessoa possa se colocar e refletir sobre cada um dos sentidos e, particularmente, sobre os sentidos que foram colocados nos primeiros planos. Isso ajuda a pessoa a conhecer um pouco mais de si mesma.

Tema 4.1-Silêncio para ouvirmos os sons

Quanto sons chegam a cada segundo até os nossos ouvidos e nem nos damos mais conta deles! Se não estivermos atentos, parecem irrelevantes. Só nos damos conta do seu "tamanho", ao "pararmos" para ouvi-los atentamente.

Atividade 4.1.1-Ouvindo e discriminando os sons e as sensações que eles nos causam.

Deitados, todos ficam por algum tempo em silêncio para ouvir tudo. Cada um concentra a sua atenção para captar todos os sons que puder ouvir. Concentra-se para perceber e discriminar os sons, a distância das fontes sonoras, o tipo de barulho, o barulho de longe, o de perto, o de dentro de si, e as sensações por eles despertadas. Relata e troca experiências com os companheiros do grupo de trabalho. Pode-se desenvolver uma série de exercícios semelhantes, utilizando-se do trajeto que se faz para ir para casa, para a escola, para o trabalho, ou realizando experiências em diversos locais tais como o quarto, a rua, o restaurante, o parque, a escola.

Atividade 4.1.2 -Procurando a origem dos sons

O som pode ser aquele produzido pelo Homem ou aquele produzido pela natureza. Podem-se fazer exercícios para distinguir as fontes sonoras e para estabelecer a relação de sensações provocadas por cada fonte sonora. Em silêncio, presta-se atenção a todos os ruídos que vêm do mundo exterior e tenta-se "viajar" no encalço de sua origem. Em grupo, cada um relata a relação que pôde fazer entre os tipos de sons captados, a sua relação com a fonte emissora, e as sensações por eles despertadas. Podem-se fazer vários exercícios em casa ou em outros lugares.

Atividade 4.1.3 -Da fala do outro o que eu ouvi?

Formam-se grupos de duas ou mais pessoas. Cada grupo presta atenção a um diálogo (de uma aula, de um filme ou de um noticiário) depois, cada um do grupo comenta o que ouviu e reteve na memória, sobre o mesmo diálogo. Recomendar vários exercícios "de casa".

Atividade 4.1.4 - VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 4.2 - O Tato e a sensação corpórea e palpável do mundo

É através do tato que percebemos e decodificamos a sensação corpórea, concreta e palpável de todas as coisas tangíveis do mundo, as sensações do viscoso, do seco, do áspero, do poroso, do liso, do aveludado são por ele dadas. Outros recursos sensoriais podem vir a somar-se para completá-lo mas é o tato que nos dá a medida da concreta materialidade.

Atividade 4.2.1 - A sensação corpórea dos elementos que compõem o meio físico que me circunda.

Pode-se levantar e começa-se a andar, movimentar-se, circular, deitar-se e sentir com o tato o ambiente e os elementos que o compõem. Depois pode-se novamente exercitar o sentir e situar-se através do tatear, perceber. Para finalizar a atividade trocam-se as experiências e se as expressam através das palavras, gestos, desenhos ou através da escrita.

Atividade 4.2.2 - A sensação provocada por cada elemento tateado.

O exercício anterior pode ser prolongado mediante a vivência aprofundada de cada elemento tateado. As sensações provocadas por cada elemento podem ser aprofundadas e detalhadas. Os resultados da experiência podem ser expressos através de palavras, gestos, desenhos ou através da escrita.

Atividade 4.2.3. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 4.3 O sabor e a rota dos alimentos

É o sentido do paladar que discrimina aquilo que ingerimos. Hoje em dia, são tantos os artifícios que mascaram o conteúdo daquilo que ingerimos que, muitas vezes, o paladar nem sinaliza mais o que o corpo está recebendo. Reavivá-lo, sentindo, prestando atenção e discriminando cada elemento que ingerimos, possibilita levar esse sentido mais próximo de sua função original.

Atividade 4.3.1-Sentindo o sabor dos alimentos

Numa das refeições que se tenha ocasião de fazer sem pressa, deve-se observar cuidadosamente o que se está ingerindo. Prestar atenção no arranjo do prato, nas cores, formas, composição de cada alimento, origem de cada um deles, o modo como foi preparado, os ingredientes colocados, o sabor que tomou o alimento pronto, a sensação do mesmo na boca, até a sua chegada ao estômago. Deve-se sentir a mastigação, o sabor, o ponto do bolo alimentar que o organismo solicita e acompanhar a sua rota até o estômago. A seguir, a pessoa tenta descrever todas as sensações despertadas. Sugere-se fazer a experiência com diversos tipos de alimentos: líquidos, sólidos.

Atividade 4.3.2. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 4.4-O Olfato

Este sentido constitui uma sentinela que nos possibilita discernir o aroma agradável do desagradável, ou perceber os sinais de deteriorização ou de frescor. Atualmente, são tantos os estímulos que chegam até o olfato que, muitas vezes, já nem lembramos mais o aroma de um gramado fresco, de um ar não poluído, de uma pele não comprometida com o odor do cigarro. Voltar a exercitar este sentido com maior atenção é um exercício para desenvolver as suas funções originais.

Atividade 4.4.1 -Os odores que passaram hoje pelo meu olfato.

Presta-se atenção a todos os cheiros que chegam até o nariz, num determinado dia ou momento do dia. Relacionam-se os odores à fonte, à substância emissora e à sensação por eles provocada. Depois, relata-se e trocam-se experiências.

Atividade 4.4.2. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 5-O que eu conheço do meu corpo e de cada uma de suas partes ?

Há alguma coisa mais primordial, para nós, do que o nosso próprio corpo? A resposta seria, certamente, não. No entanto, nós nos surpreendemos ao constatar que dele nada sabemos. Desconhecemos a sua estrutura, os mecanismos de seu funcionamento, a sua linguagem. Por isso, a intenção, aqui, encerra a tentativa de uma primeira aproximação com o nosso corpo.

O conhecimento já sistematizado sobre a sua estrutura, e os recursos sensoriais de que dispomos, constituem os nossos guias. O objeto de trabalho é o nosso próprio corpo.

O intuito é começar a estabelecer um contato com ele por mínimo que seja, para assim começarmos a senti-lo, percebê-lo, descrevê-lo e depois expressarmos todo o percebido e sentido.

Atividade 5.1-O corpo humano, o meu corpo.

Deitados, podemos começar a tomar o primeiro contato com o nosso corpo:

- Tocando-o, sentindo-o, cheirando-o, olhando-o. E depois percebendo como ele é no conjunto, de que partes é constituído, como cada uma das partes se articula com as demais e com o todo;
- Tocando e sentindo detalhadamente cada uma das partes do corpo ou de uma eleita para ser trabalhada;
- Sentindo a textura, o formato, a consistência;
- Percebendo como são a sua articulação, o seu movimento e as sensações de cada uma das partes tocadas;
- Descobrimos o sentido inerente a cada forma, movimento e textura de cada uma das partes do corpo;
- Fazendo um relatório livre de tudo que se observou, percebeu, sentiu, imaginou e desenhando no verso da folha o respectivo corpo com todas as observações realizadas;
- Expressando todo o percebido através do próprio corpo, da fala ou através de outros meios de expressão.

Sem induzir, e num clima onde todos se sintam à vontade, conduzem-se os trabalhos para que todos possam expor os resultados das incursões realizadas pelo corpo. E depois, trabalha-se o conjunto das expressões. Pela afirmação das singularidades, diferenças e semelhanças, caminha-se para a elaboração de um rico mosaico de descobertas.

Atividade 5.2-Tocando e sentindo cada parte do meu corpo.

Cada parte do nosso corpo pode ser transformada em uma atividade. Um atlas do corpo humano pode servir de instrumento de apoio ao trabalho corporal (o "Esqueleto Humano" de R.M.H. McMinn, da editora Manole, fornece-nos um mapa detalhado do esqueleto humano em tamanho natural).

Escolhe-se uma parte do corpo humano. Suponhamos que sejam os pés. A própria pessoa começa a trabalhá-los, um de cada vez (define-se previamente se o esquerdo ou o direito):

- Toca e sente cada dedo, cada unha, cada articulação, cada osso, cada dobra. Toca e

massageia bastante o pé inteiro. É bom sentir a sua textura, consistência, temperatura, cheiro.

- Depois sente a diferença em relação ao lado que não foi trabalhado.

- Em seguida, a pessoa põe-se em contato com o chão para andar, circular e sentir a diferença. Compara novamente com o lado não trabalhado.

- Fazem-se comentários.

- E finalmente, deita-se novamente e completa a atividade, trabalhando agora sobre o lado que não tinha sido tocado.

Atividade 5.3-Tocando e sentindo as partes do corpo.

Seguindo o mesmo procedimento, elege-se uma outra parte do corpo e, gradativamente, vão-se introduzindo as outras partes, até cobrir o corpo todo. Incorpora-se, paulatina e lentamente, cada parte do corpo. Um dia a perna, outro dia o joelho, outro a coxa, outro a perna toda. Depois a mão, as costas, a cabeça. Trabalha-se também o abdome, o tórax, o pescoço, as costas, a cabeça, o rosto, a bacia. A atividade sempre consiste em tocar, sentir e perceber a estrutura interna a partir da forma externa. Depois de trabalhado o corpo todo, volta-se a trabalhar, como no início, o corpo como um todo. Uma vez travado o conhecimento e o contato com todas as partes do corpo, podemos começar a trabalhar os limites que discriminam o nosso corpo, os do ambiente que nos envolve.

Atividade 5.4. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 6-Percebendo e sentindo o mundo que nos envolve

6.1. Atividade básica

Após o trabalho corporal em si, começa-se a sair um pouco dele e passa-se a sentir o corpo em contato com os elementos exteriores mais imediatos. Começa-se sentindo tudo o que se encontra em contato com a pele. Esta estabelece o limite entre o corpo e o mundo externo. Começa-se pelos pés. Sem fazer uso das mãos, sente-se tudo o que estiver em algum contato com os pés: as meias, o sapato, o chão sob a sola dos pés. Em seguida, sentem-se as outras partes do corpo: a perna sendo roçada pelo tecido de uma saia, ou envolvida numa calça cujo tecido tem uma determinada textura e provoca uma certa pressão; a orelha que porta um brinco; os dedos que portam os anéis; o peito e as costas envolvidos por uma camisa; o cós da saia ou um cinto que prende a cintura; a calça que pressiona os quadris e o ventre; os elásticos que prendem os cabelos... Sente-se tudo o

que esteja em contato com a pele. Sente-se a atmosfera que envolve a pele. Experimentam-se todas as sensações e depois se as relata, expressando-as através de gestos, desenhos ou por escrito...e aprecia-se a riqueza das percepções emergidas no conjunto.

Tema 7-Sentindo e brincando com a "substância" que nos envolve.

(Exercícios apoiados na "Substância do Espaço" de Viola Spolin, "Improvisação para o Teatro", p.73).

NOTA: Pode-se utilizá-lo, sempre, como atividade de aquecimento antes das atividades de percepção sensorial, corporal e ambiental, ou como atividade relaxadora entre as diversas atividades teóricas e práticas.

Atividade básica 7.1.

Todos de pé, começam a circular para sentir e explorar todo o espaço. Cada um explora-o ao máximo, dando "substância" a essa atmosfera que o envolve. Entra em relação com essa "substância" que não tem nome e nunca foi antes experimentada. Explora todo o espaço, sentindo essa "substância". Sente-a, toca-a, move-a, molda-a com todas as partes do corpo. Ela está presente em todo lugar: a tudo impregna. Sente-a em todas as partes do corpo: cabelos, pés, mãos, cotovelos, barriga, quadris. Entra em total contato com ela; funde-se com essa "substância". Em seguida, toma-a e faz com ela movimentos de ondas e constrói objetos. Constrói um túnel e passa por dentro dele, sai dele, volta por ele. Desmancha-o e constrói uma outra coisa enorme, depois outras menores. Brinca com os elementos construídos, constrói um tobogã, sobe e desce por ele, envolve-se e dilue-se na "substância". Agora deixa que a "substância" penetre em si, em todo o corpo. Deixa que a "substância" o carregue, deixa-se levar por onde ela o quiser levar; entrega-se totalmente a ela. Agora carrega-a e brinca com ela. Toma-a e faz o que quiser com a "substância" que o envolve. Devagarinho, volta à posição do não movimento e prepara-se para as atividades dirigidas.

Atividade básica 7.2.

Outra sugestão de atividade, dentro da temática aquecimento e relaxamento: pode-se exercitar a percepção do não movimento. De pé, todos colocam-se em movimento no ritmo de um fotograma. De olhos fechados, cada um começa a sentir o braço que se levanta lentamente até uma altura que cause desconforto. Depois começa a perceber as sucessivas etapas do movimento de descida. Começa a abaixar o braço lentamente, sentindo cada etapa do movimento de descida. Sempre, em ritmo de fotograma, repete o

movimento, várias vezes e em diferentes posições. Ao final, cada um comenta o que sentiu, como foi a experiência.

Atividade básica 7.3.

Uma outra modalidade de atividade de aquecimento consiste em todos começarem a circular e a sentir todo o corpo na substância que os envolve. Sentem a substância atravessar o corpo, e este varar a substância. Agora, imaginam uma bola de vôlei. Tomam-na e começa a jogar vôlei em ritmo normal, depois mais rápido e depois lentamente. Alternadamente, repetem o exercício inúmeras vezes. Depois introduz-se a noção de peso nessa bola de vôlei: todos sentem e jogam a bola de um peso normal, depois 100 vezes mais pesada, em seguida, 200 vezes mais pesada; voltam a senti-la com peso normal, e depois, 200 vezes mais leve, 100 vezes mais leve ... Todos comentam o que sentiram, como foi a vivência.

Atividade básica 7.3. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 8-Falando através do corpo

O que mais importa aqui é o fato expressivo, singular e único de cada um, e não, se o resultado foi "bom" ou "mau". Não existem regras para indicar o certo ou o errado, aprovação ou desaprovação. Cada um é portador de uma maneira própria de imaginar, sentir e pensar. Com ela, cada um deve se expressar através do corpo. Cada um observa as expressões e os gestos das pessoas em todos os lugares, desenvolve a atenção e tenta expressar através do corpo as observações realizadas.

Atividade 8.1-Falando com os pés (mãos, olhos, boca).

Esta atividade consiste em cada um contar algo, expressar uma situação vivenciada, mostrar um fato ou elaborar uma coreografia com os pés. Pode ser mostrada só ou em par. Dá-se um pequeno tempo para um ensaio e depois cada um se apresenta, um de cada vez. A cada apresentação a platéia comenta o que o "ator" tentou passar, e depois o "ator" comenta o que tentou mostrar. Estendem-se os exercícios para as mãos, olhos, nariz, boca, face, cabeça, corpo.

Atividade 8.2-Representando uma imagem presenciada ou vivenciada

Em círculo, um de cada vez, todos representam um fato vivenciado ou presenciado no dia. Primeiro a pessoa diz o seu nome e depois representa/mostra. Quando

todos tiverem representado, o que cada um mostrou é imitado por um outro. Depois, cada gesto imitado é comentado por aquele que o representou primeiro. Os gestos que não tiverem sido imitados devem sê-lo, até que todos as representações sejam feitas. Ao terminar as imitações e os comentários, cada pessoa que representou o fato vivenciado ou presenciado, mostra-o novamente.

Atividade 8.3-Expressando corporal e verbalmente uma imagem presenciada ou vivenciada.

Com o mesmo procedimento do exercício anterior, a pessoa representa e em seguida acrescenta uma frase sintetizando o ato. Uma pessoa do grupo escolhe uma representação de um outro e imita-o ao fazê-la. Aquele que foi imitado comenta a imitação. E assim, sucessivamente, até que todos tenham sido imitados e comentados. Depois, cada pessoa que representou o fato vivenciado ou presenciado, repete-o.

Atividade 8.4. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 9-Jogos tradicionais

Atividade 9.1-Mocinhos da Europa

Divide-se a turma em 2 grupos, em fileiras, numa distância mínima de uns cinco metros e virados um de frente para o outro. Um grupo (A) representa/mostra um objeto e o outro (B) adivinha qual é o objeto que está sendo mostrado na representação. Dão-se alguns minutos para que o grupo (A) se reúna e decida o objeto que vai mostrar. Depois, voltam-se à posição de fileira. Os membros da fila deslocam-se, cantando o refrão abaixo (A), em direção à fila (B). Estes respondem com os seus refrões abaixo:

(A) Somos 3 mocinhos que viemos da Europa

(B) O que vocês vieram fazer?

(A) Viemos trazer muita coisa bonita

(B) Então mostrem o que trouxeram

O grupo (A), representa então o objeto. E o grupo (B) deve adivinhar o objeto que ele representou.

Desloca-se a brincadeira para representar:

UM LUGAR

UM ADJETIVO

UM SENTIMENTO

UM VERBO NO INFINITIVO

Atividade 9.2 -Vivo/Morto (siga o chefe)

Todos em círculo. Um membro do grupo passa espontaneamente a comandar o movimento alternado de agachar e ficar em pé. A ordem "morto", todos devem agachar e a de "vivo", ficar em pé. O chefe, com o propósito de confundir, pode dar a ordem "morto", e ele próprio, permanecer em pé. Os comandados não podem deixar de cumprir a ordem. Ao errar, o companheiro da brincadeira deve sair da roda. O jogo termina quando todos estiverem fora da roda.

Atividade 9.3 -Rala traseira

Todos de pé e em movimento. Um companheiro é indicado para tocar na traseira dos outros. Aquele que tiver a sua traseira tocada sai do jogo. Cada um faz o que pode para não ser tocado na traseira: senta-se, encosta na parede. Mas não vale ficar parado por muito tempo. Precisa ficar andando. A brincadeira termina quando todos saem do jogo.

Atividade 9.4 -A galinha, o pintinho e o lobo

Marcam-se 3 círculos no chão. No primeiro círculo fica uma pessoa (a galinha); no segundo, uma outra (o lobo) e no terceiro, representando os pintinhos, ficam várias pessoas. A galinha, com o seu "cocorococó", chama os pintinhos. Estes, atendendo ao seu chamado, começam a passar de seu círculo para o da galinha. O lobo, que está sempre atento, sai do seu círculo e tenta agarrar os pintinhos nessa travessia. O pintinho que for agarrado transforma-se em um lobo. Este novo lobo, na próxima chamada da galinha, soma-se ao lobo velho para tentar agarrar os outros pintinhos. E assim, sucessivamente, até que todos os pintinhos estejam transformados em lobos.

Atividade 9.5-Siga o movimento (Siga o chefe)

Todos de pé, sem que seja necessário eleger alguém, todos começam a se movimentar. Alguém introduz novos movimentos, e estes vão sendo seguidos pelos outros. Os movimentos vão surgindo e modificando-se, sem nem se perceber de onde e nem quando. Todos acompanham e participam ativamente da evolução, tornando os movimentos homogêneos e harmônicos. Na mesma modalidade, pode-se denominar uma pessoa para que comece o movimento e o resto vai acompanhando as modificações e as evoluções dos movimentos que ela fizer.

Tema 10. "Mostrar" objetos, onde, quando, dificuldade,

Atividade 10.1-Mostrar um "objeto que está entre duas pessoas"

Esta atividade é feita aos pares. A tarefa consiste em cada par combinar e expressar corporalmente um "objeto que está entre duas pessoas". Uma vez definido o que mostrar, ensaia-se alguns minutos. Depois os pares, um de cada vez, mostram o objeto. Ao final de cada apresentação, a platéia comenta-a. O par que representou comenta, por sua vez, o que vivenciou, sentiu e estava mostrando. Uma infinidade de objetos podem ser imaginados. Por exemplo: a bola que o casal bate, a colcha que o casal costura, o casal que anda na chuva. Trabalha-se com diversos outros objetos.

Esta modalidade de atividade pode ser desenvolvida, incorporando-se outros elementos no jogo: por exemplo objeto entre objetos em movimento.

Atividade 10.2 -Mostrar "algo" e "onde" com os pés

Divide-se o grupo em pares. Improvisa-se uma cortina de tal maneira que apenas os pés fiquem à mostra. Cada par combina antes o que vai mostrar (algo e onde) com os pés. Ao final de cada apresentação, a platéia comenta aquilo a que assistiu e os que se apresentaram também fazem os seus comentários. Ao final de todas as apresentações, todos fazem um círculo para o comentário final do que vivenciaram, sentiram, acharam. A atividade deve evoluir para as mãos, pernas.

Atividade 10.3-Mostrar uma dificuldade com um objeto pequeno

Organiza-se a turma em palco e platéia. Dão-se alguns momentos para que cada um possa pensar no objeto que vai mostrar. Mostra por exemplo, "uma dificuldade com um objeto pequeno" como enfiar linha na agulha. A cada apresentação a platéia faz comentários sobre o que viu e sentiu. Aquele que representou dá, em seguida, o seu depoimento. E assim sucessivamente até que o último companheiro tenha apresentado a sua "dificuldade com um objeto". Ao final faz-se uma roda e cada um comenta o que viu, o que achou, o que sentiu, o que vivenciou.

Atividade 10.4 -Mostrar "fazendo o que"

Inicialmente, todos como platéia; dentre eles, um, espontaneamente, se dirige ao palco e começa a mostrar, fazendo "o que". A esse "fazendo o que", outras pessoas vão-se agregando e incorporando outros gestos, porém acessórios a esse "fazendo o que", para o ir transformando num "fazendo o que" coletivo. Cada um comenta sobre a idéia que fazia do "o que" inicial, o que achou, como foi para si o processo de evolução do "fazendo o que" individual para o "fazendo o que" coletivo. Os que representaram dão também os

seus depoimentos. A brincadeira evolui para mostrar "o que", "o que e onde"

Atividade 10.5. VER RECOMENDAÇÃO NA PAGINA 273

Tema 11. Liberação e Harmonização da Energia, e Relaxamento

Certas atividades proporcionam, de modo especial, o relaxamento das tensões e ansiedades. Ao propiciarem a redistribuição e harmonização da energia, estabelecem uma certa calma interior, a qual por sua vez favorece a atividade reflexiva e o fluir sem bloqueios da energia em diversas outras atividades. Propiciam, ainda, a realização de trabalhos dentro de um compasso equilibrado. Recomenda-se esta atividade no início das sessões, entre uma sessão e outra, no momento de fadiga mental, e ao se finalizar a última sessão de trabalho.

Atividade 11.1. Harmonização da Energia e Relaxamento através da Respiração Abdominal e Torácica.

Na região do abdome, aproximadamente três dedos abaixo do umbigo, situa-se o nosso centro energético, manancial de toda a força, o Ki. Este ponto é o ponto Um, Tan Den, em japonês, e "funciona como o centro físico do corpo, armazenando e distribuindo a energia para todo o organismo" (Cançado, 1991 p. 121). De natureza idêntica à daquela do Ki universal, manancial e origem de todas as coisas existentes no mundo, tocá-lo e estimulá-lo com a respiração, significa "tocar" esse manancial de energia. Esse "tocar" favorece a obtenção da força e calma típica da natureza. Tan Den bloqueado significa congestionamento da região abdominal e conseqüente tensão interna e fraqueza, pois a energia não flui de modo satisfatório para as regiões (centro emotivo, intelectual, criativo...) que a estão solicitando.

De pé, com as pernas ligeiramente afastadas, ou deitado, se houver condições de assim fazê-lo, encontrar um ponto de apoio onde possa sentir o corpo instalado de modo confortável. Em seguida, localizar com os polegares o ponto Um e mantê-lo pressionado levemente, somente para senti-lo. A seguir soltar todo o ar do corpo, limpar a mente e começar a inspirar (neste ato deve-se pensar somente em coisa belas, em ganhos, gratidão...) devagar e profundamente, projetando todo o ar para o ponto Um. Segurar a respiração por alguns segundos e depois expirar (neste ato, deve-se expelir todo pensamento negativo, raivas, invejas, frustrações...) devagarinho. De modo compassado e profundo, repetir esta respiração inúmeras vezes.

Depois de algum tempo deste exercício,num outro dia ,introduzir uma outra modalidade de respiração abdominal .Com o mesmo procedimento inicial,depois de localizado o ponto Um,manter esse ponto no "coração", isto é, senti-lo permanentemente. Sincronizar o movimento respiratório com o dos braços. Inicialmente,com os polegares no ponto Um,na medida em que se vai soltando(expelir o negativo) o ar do corpo,vão-se abrindo também os braços . Em seguida,sincrônico ao movimento de inspiração(pensar e sentir de modo positivo),com o ar sendo projetado para o ponto Um,os braços e os polegares voltam lentamente `a posição inicial; segurar um pouco a respiração e repetir o exercício várias vezes .

Realizar o mesmo exercício com a respiração torácica. Esta dispensa que o polegar fique conectado ao ponto Um.Porém os demais procedimentos são os mesmos. Os movimentos dos braços partem da região torácica e voltam para a mesma.Praticar sempre ambas as respirações: sempre que praticar a abdominal,praticar também a torácica.

11.2.Para Harmonizar a Energia interior(7)

"Este exercício é denominado Rei-Do que significa em japonês "movimento do espírito".Seu objetivo é produzir um maior relaxamento físico e mental,removendo tensões e harmonizando o movimento interno do corpo.Na posição SEIZA(sentados sobre os calcanhares)pende lentamente a cabeça para a frente até tocar o peito com o queixo,em seguida para trás,para a esquerda e para a direita relaxando o mais possível.Logo após,girar a cabeça formando um círculo bem aberto no sentido horário e depois anti-horário .Mover então a cabeça `a vontade em todas as direções e finalmente alternar em movimentos rápidos para a esquerda e para a direita,libertando a mente até que o movimento se torne totalmente espontâneo."

11.3.Para Captar a Energia das Plantas(8)

"O poder curativo das plantas pode ser assimilado de outras formas que os chás conhecidos.Existem dois exercícios para captar o magnetismo proveniente das árvores:

1. Sentar ao pé de uma árvore encostando toda a coluna vertebral em seu tronco, beneficiando especialmente o sistema nervoso.
- 2.De pé,a meio metro de uma árvore ,encostar apenas o peito no tronco,para fortalecer o sistema neuro-vegetativo, contribuindo para as funções respiratórias ,digestivas e genitais."

Atividade 11.4 .VER RECOMENDACAO NA PAGINA 273

RECOMENDAÇÃO PARA TODOS OS TEMAS E ATIVIDADES

As atividades que aqui foram indicadas constituem mera sugestão e roteiro de desenvolvimento de exercícios por Temas de Atividades. Esta sugestão deve ser enriquecida, ampliada e inovada mediante criação e inclusão de outras atividades. A experiência de cada um constitui uma rica fonte de informações. Inúmeras literaturas sobre o assunto poderão orientar a criação de novos exercícios. A esse respeito, considero úteis os livros de Alexander (1983), Fux (1983), Koudela (1984), McMinn (1987), Miranda (1987), Montagu (1988), Spolin (s/d), Tohei (1983), Cançado (1991).

Uma vez alcançado um certo estágio de desenvolvimento nos trabalhos de formação teórico-filosófica e de percepção sensorial, corporal e ambiental, passa-se à introdução de **Atividades de Conhecimento, Expressão e Transformação do Meio**, para serem desenvolvidas paralelamente `aqueles.

3.4. Atividades de conhecimento, expressão e transformação do meio (Dinâmica 3)

Esta dinâmica trata da escolha e do desenvolvimento de atividades práticas de Educação Ambiental. Essa escolha é norteada por idéias como: a de que o cuidado com o Planeta Terra diz respeito a cada cidadão que nele mora, independente de sua formação, ocupação, raça ou credo; a de integrar, de um lado, a necessidade, a possibilidade e o desejo daquele que vai desenvolver a atividade, e de outro, a realidade específica na qual o mesmo se encontra circunscrito; a de centrar o trabalho em atividades transformadoras e realmente exeqüíveis.

Integrar essa gama de referências exigiu a definição de um parâmetro que fosse capaz de abranger o Todo a partir da essência. A **"leitura do lugar a partir do qual falamos"** emergiu como essa possibilidade, pois, centrada no indivíduo e no seu entorno, permite integrar tanto os limites, as possibilidades e as necessidades do indivíduo como os limites, as possibilidades e as necessidades da realidade concreta na qual cada um se encontra inserido.

O reconhecimento de si mesmo e o da realidade concreta à qual cada indivíduo pertence, passam, assim, a constituir o parâmetro para a definição e o desenvolvimento de atividades práticas de Educação Ambiental. A própria pessoa e o local onde ela dorme, descansa, trabalha, se diverte, se alimenta, são a referência. O abrangente conceito de ambiente que engloba tanto o ambiente interior como o exterior passa, aí, a ter oportunidade de ser vivenciado e praticado, mediante a consideração das singularidades físicas e psicológicas, bem como a das especificidades da realidade concreta de cada um.

O parâmetro **"leitura do lugar a partir do qual falamos"** permite, pois, abranger o Todo a partir da menor unidade essencial. Com isso é possível transferir a cada cidadão a parte da responsabilidade que lhe cabe no cuidado com o Planeta Terra, tal qual num "bordado" típico da estrutura

arquetípica, onde a totalidade única é composta a partir de partículas microscópicas.

O trabalho reside, pois, na crença e valorização do indivíduo, no possível e no exequível, para que de fato algo, por ínfimo que seja, possa ser efetivamente realizado, concluído, transformado, de modo a poder contribuir efetivamente com o Todo.

A idéia consiste em situar a prática educativa na estreita brecha onde os aspectos essenciais de um indivíduo possam ser integrados no desenvolvimento de uma atividade, sem que, para isso, seja necessária uma mudança da configuração da realidade na qual ele se encontra⁽⁹⁾. Se o trabalho se encontra firmemente assentado na essência do indivíduo, estabelece-se um solo seguro onde uma atividade possa ser realizada, mesmo que o movimento dominante da sociedade esteja voltado para a nulificação da individualidade.

A ocupação profissional e o auto-conhecimento têm, com esse parâmetro, papel decisivo na escolha da atividade. Mas isto não significa que se deva condicioná-la a uma determinada formação, ocupação, instituição, ou a interesses de ordem estritamente pessoal. A tentativa consiste em centralizar o trabalho no eixo sélfico⁽¹⁰⁾, território da valorização das potencialidades individuais e reais possibilidades com que a vida nos contempla e, por isso mesmo pode-se conferir às ações dele oriundas utilidade e sentido no Todo. E não, centralizá-lo no eixo egóico, território dos valores unilaterais e pessoais, por isso mesmo não podendo vir a se constituir útil no Todo.

Assim, a própria vida passa a constituir material de trabalho. E como a

(9) O treinamento em Aikido "...consiste em não procurar atingir o objetivo em detrimento do parceiro, mas atingi-lo com ele, deixando a energia fluir livremente e unificar-se à dele. Atingir o objetivo sem nada atrapalhar e sem mudar aquilo que não precisa ser mudado, eis o respeito pela liberdade" (Di Villadorata, s/d, p.32)

(10) Referências na nota (27 e 28) da Introdução

vida de cada um encerra inúmeros papéis, em algum deles a pessoa deve se sentir mais localizada e próxima de sua identidade. Cada indivíduo é portador de inúmeros papéis (mãe, aluna, pesquisadora, moradora de um bairro ou edifício, educadora), e, em alguns, ele encontrará um espaço e motivo para concretizar algo lhe pertence essencialmente.

Isto significa que cabe a cada integrante decidir, de acordo com a sua realidade, necessidade, desejo e possibilidades específicas, o seu objeto e fins do trabalho. Não importa se aquele que irá desenvolver uma prática de Educação Ambiental, seja uma dona de casa, um professor, um artista, um membro da sociedade amigos de bairro, um estudante, um morador de um condomínio, etc. O fato é que qualquer lugar, ocupação, formação permite constituir-se lugar para esse exercício. Se for um professor, será natural que ele queira conciliar os trabalhos de Educação Ambiental com o seu campo de trabalho. Se, um membro de uma associação de amigos do bairro, talvez ele possa introduzir alguma melhora na qualidade ambiental do seu bairro. Vejamos, por exemplo, no caso de um professor de Matemática; se ele estiver desenvolvendo as quatro operações fundamentais no seu programa, poderá passar exercícios de cálculo da área verde ou de contagem de número de árvores existentes em toda a área da escola, compará-la à área verde mínima recomendada pela ONU e dar início efetivo à arborização. Um professor de História poderá trabalhar as diversas formas de relacionamento que o Homem vem estabelecendo com a natureza ao longo das diversas formações sócio-econômicas, compará-las ao modo como o homem tem se relacionado com a natureza na civilização atual e tentar trabalhar, na prática, algumas intervenções transformadoras. Um morador de um bairro com baixa densidade de área verde poderá tomar iniciativa no sentido de aumentá-la. Uma dona de casa poderá ficar atenta à qualidade dos alimentos utilizados na preparação diária das refeições, poderá realizar levantamento quanto à sua origem, composição, tempo de conservação e tentar introduzir mudança efetiva nos hábitos alimentares. Um parlamentar poderá trabalhar no sentido de contribuir para uma legislação que proteja melhor a natureza e

o meio. Assim, podemos estender a prática de Educação Ambiental a cada cidadão, independente da sua posição sócio-econômica, política, funcional ou ocupacional.

Nortear-se por esse parâmetro permite ao indivíduo transformar a percepção e o pensamento em atos efetivos, e não permanecer preso a impedimentos, pensamentos e projetos mirabolantes que nunca saem do discurso. Por paradoxal que pareça, a função transcendente reside, justamente, nesse concreto, próximo, palpável e exequível, que permite integrar e transformar a realidade pertinente a cada um. Cada qual, com sua grandeza e a amplitude de seu entorno, poderá abarcar ações efetivamente mais ou menos abrangentes, mas isso não significa que o menor é o mais insignificante. Se cada singularidade é única, não há termo de comparação. Uma obra de arte, se realmente for expressão criativa, não há como ser classificada de melhor ou pior. Um Cezanne tem o seu valor absoluto na mesma escala em que tem um Picasso, não há termo de comparação. O que pode ocorrer são afinidades ou não de gostos, as quais, em última instância, derivam de uma apreciação individual, singular.

A conexão do exercício de reconhecimento e aproximação da essência singular de cada indivíduo à sua realidade específica permite que as atividades possam vir a se constituir expressões de seu ser. Além de propiciar a oportunidade de escutar e reconhecer a sua identidade, cada pessoa passa a poder escolher uma atividade de Educação Ambiental adequada a si mesma e ao seu campo de existência, sem sentir-se limitada, sobrecarregada, ou fora de sua esfera de atuação. A possibilidade de apropriar-se da própria realidade em mãos, independente do papel formal que lhe é conferido, passa a se formar.

Esta ótica solicita que o ser total (sentidos, intuição, memória, conhecimento, emoção) participe da atividade. As informações sobre Cosmovisão e Ecologia, Dilema Contemporâneo e a Concepção de Educação Ambiental, bem como as Atividades de Percepção Sensorial, Corporal e Ambiental que vêm sendo trabalhadas, devem ser articuladas como apoio e

referência e integradas. O Todo deve convergir para que a escolha e o desenvolvimento da atividade :

- sejam a expressão original de quem a realiza;
- tenham um fundamento científico;
- possuam uma ligação afetiva;
- possam ser expressas plasticamente ou provocar uma transformação.

Esse procedimento pode ocasionar, inicialmente, uma certa estranheza. Mas à medida em que cada um vai tomando contato consigo próprio e conectando-se com o que lhe pertence de potencial, único, real, necessário e possível, uma abertura vai se fazendo para si, para o outro e para o entorno. Ao contrário do que provocam as mirabolantes e inexequíveis idéias, uma sensação de que o real e o possível encontram-se bem próximos de si passa a ter lugar. Uma liga vai se formando com a realidade objeto de trabalho. É o início da formação da liberdade de afirmar a sua singularidade, sem que para isso seja necessário um "local" ou uma "permissão".

Os exercícios de leitura e transformação da realidade objeto de trabalho podem ser iniciados a partir de entornos mais imediatos, menores e acessíveis. Pode ser, por exemplo, um quarto, uma sala de aula, o espaço da escola como um todo, o espaço da própria casa, o quarteirão da residência, o quarteirão da escola, um parque, um jardim ... e , paulatinamente, irem-se introduzindo outros entornos maiores, mais distantes e mais complexos até chegar ao Município, País, Mundo, ao espaço onde se situa o planeta Terra. O trabalho pode se constituir, também, de observação de parte dos processos da natureza que estabelecem certas regularidades asseguradoras da existência de vida e de se tentar estabelecer compreensão e uma certa harmonia com elas. Pode se centrar, também, na observação de um componente específico do meio e em tentar equacionar ou minimizar um problema ou um incômodo percebido durante esse esforço de leitura do entorno. Ou ainda, centrar-se na observação dos movimentos da natureza que serão, depois, expressos corporal ou plasticamente.

O apoio da Ciência para tais realizações é fundamental. A observação

de atividades mediante vivências, junto com os dados da Ciência e da Sabedoria constituem uma fonte para essas aprendizagens. Qualquer espaço pode vir a se constituir um local potencial para elas.

O objeto de trabalho deve ser adequado ao nível de escolaridade, idade, ocupação, necessidade de cada pessoa que o desenvolve. Para alguns é possível solicitar trabalhos em pequenos entornos; para outros é possível evoluir lentamente, de entornos simples a mais complexos; e ainda, para outros, é possível começar de imediato, em entornos mais complexos e distantes.

A duração de cada atividade depende de sua complexidade e fins e da disponibilidade e progresso da pessoa envolvida.

Isso exposto, relato abaixo **o processo e os resultados** que obtive com uma experiência que foi-se fazendo espontaneamente com a **ocupação e transformação de um terraço de apartamento situado no coração da cidade de São Paulo (Bexiga)**, lugar onde resido:

"Quando me mudei para o apartamento onde resido atualmente, em pleno centro da cidade de São Paulo, fiquei encantada com o seu anexo: um terraço a céu aberto e uma espécie de estufa, de 12 m² cada, num total de 24 m². Estes encontravam-se vazios e áridos, sem nenhuma vegetação.

Na ocasião, outubro de 1987, era primavera, mas, nos seus dias mais quentes, o terraço, de puro concreto, era insuportável de tanto calor.

O ruído do intenso tráfego da Avenida Nove de Julho vinha dos fundos do prédio e chegava diretamente ao interior do apartamento e lá permanecia de forma latente. Isso era muito aborrecedor.

O olhar lançado a partir do terraço encontrava-se com uma multiplicidade de formas geométricas, compostas de janelas, paredes e viadutos de frio concreto. Por mais que eu procurasse algo de caloroso na paisagem, o seu monocromático cinza me provocava sensação de frieza e dureza.

Idealizei um terraço pleno de verde para tornar, primeiramente a vista, a partir do interior do apartamento e do próprio terraço, mais agradável. Pensei também em obter um clima mais ameno, bem como em amortecer um pouco o ruído que chegava de modo tão direto. Planejei uma forma de povoar o terraço. Desenhei os formatos, os tamanhos e as disposições dos recipientes. Procurei recipientes e plantas que se adequassem melhor aos limites do espaço. Aos poucos foram chegando as jardineiras e os vasos. Eles foram sendo cuidadosamente preparados: furos na base para escoar a água, suportes para

permitir o escoamento das águas, impermeabilização por dentro e verniz por fora. Depois que os recipientes estavam dispostos nos lugares, foram chegando as terras adubadas. Em seguida, realizei várias incursões aos locais onde pudesse encontrar variadas plantas e, assim, escolher aquelas que melhor se adequassem ao local e aos tamanhos dos recipientes. Aos poucos os recipientes foram sendo ocupados por arbustos, trepadeiras, ervas medicinais e verduras: figo (*Ficus sp*), café (*Coffea arabica*), pitanga (*Eugenia uniflora*), azaléia (*Rhododendron indicum*), bambus (*Família Palmae*), eucalipto (*Eucalyptus sp*), palmeira (*Areca triantha*), amora (*Morus nigra*), arruda (*Ruta sp*), guiné (*Petiveria sp*), espada de São Jorge (*Sansevieria sp*), lírio do Amazonas (*Eucharis grandiflora*), jasmim-estrela (*Trachelospermum jasminoides*), uva (*Vitis sp*), maracujá (*Passiflora edulis*), babosa (*Aloe vera*), madressilva (*Lonicera sp*), melissa (*Melissa sp*), erva cidreira (*Cymbopogon sp*), couve (*Brassica oleracea*), rúcula (*Eruca sativa*), tomate (*Lycopersicum esculentum*), cebolinha (*Allium cepa*), salsa (*Petroselinum sp*), manjerição (*Ocimum sp*), boldo (*Peumus boldus*), pimenta vermelha (*Capsicum sp*), hortelã (*Mentha sp*), etc..... Pouco a pouco o verde foi tomando corpo, até formar, hoje, num período de quatro anos, um terraço com um denso verde. (foto: 7)

Fig.7: Terraço Verde; no centro, tela de proteção às pupas

Ao povoar o terraço de plantas, ele começou a constituir-se de outras vides. Os pardais, que nem ousavam aparecer no terraço, começaram a surgir e a pousar lá. Primeiro um, depois outro e agora, vários. Canários de peito amarelo (foto: 8), atraídos pelas flores de manjerição e melissa também passaram a ser visitantes habituais. Dois bebedouros fizeram deles hóspedes permanentes. Estes, familiarizados com o local, circulam hoje também no interior do terraço fechado. Ultimamente o terraço

Fig.8: pássaro cinza de peito amarelo

tem recebido de manhã bem cedo, um beija-flor enorme de cor preto-azulada. Um outro dia, lá pousou um bem-te-vi (Foto:9)

Fig.9: bem-te-vi

Fig.10: Ficus (*Ficus sp*) enfileirados nas laterais do terraço

paisagem que descansa a vista, alegra o espírito e ameniza os desagradáveis ruídos.

Se estou cansada ou perturbada, deito-me sob as árvores. A vista a partir desse ângulo provoca-me a nítida sensação de que me encontro em plena floresta (foto:11), e isto ajuda-me a recompor e harmonizar as minhas energias.

Os ficus (*Ficus sp*) enfileirados nas laterais do terraço (foto:10) que ao chegarem mediam um metro e meio, hoje, mesmo já tendo sido desbastados uma vez, atingem cerca de três metros. Eles me oferecem sombras refrescantes, uma

Fig.11: Deitada sob a relva,a visão de uma densa floresta

Os bambus(*Familia Palmae*),colados à janela do quarto que dá para o terraço(foto: 12),

Fig.12. Vista do terraço a partir da janela do quarto

sintéticas de sua estrutura. Em noites de luar, a grande janela de vidro deixa entrar uma cálida luz, mesclada às alongadas e tênues sombras dos arbustos e trepadeiras que se esparramam por todo o chão e parede e me proporciona embalar no sono, mergulhada

Fig. 13: manjeriço (*Ocimum sp*)

Fig. 14: melissa (*Melissa sp*)

no espetáculo dos reflexos cintilantes de cada uma das folhas, em pleno coração da cidade de São Paulo!

As flores de manjeriço (*Ocimum sp*), de melissa (*Melissa sp*) e de jasmim-estrela (*Trachelospermum jasminoides*), (foto: 13, 14, 15) exalam um perfume tal que

Fig. 15: jasmim-estrela (*Trachelospermum jasminoides*)

me faz imaginar que o apartamento se encontra em meio a um campo de flores. Os galhos dessas trepadeiras se desenvolveram de tal maneira que chegaram a forrar parte das

Fig. 16: Franja verde ao redor da janela

Fig. 17: erva cidreira (*Cymbopogon sp*)

paredes e formar grossas franjas na parte superior da porta e da janela (foto: 16).

Para atender 'a minha vontade ou para servir de bálsamo às minhas indisposições, encontro à mão a erva cidreira (*Cymbopogon sp*), p boldo (*Peumus boldus*) e melissa (*melisa sp*). É um prazer servir aos amigos chá de ervas colhidas na hora, ou presentear os vizinhos com ervas que se colhem no terraço (foto: 17)

Necessitando de um tempero, com apenas

algumas passas, colho, como num "passe de mágica", pimenta vermelha (*Capsicum*

sp), hortelã (*Mentha sp*), manjericão (*Ocimum sp*), salsinha (*Petroselinum sp*) ou cebolinha (*allium cepa*), no frescor de uma planta viva. Uma couve (*Brassica oleracea*) (foto: 18) colhida na hora tem um sabor e um valor incomparáveis: é uma delícia, é um prazer.

Durante o inverno, observo os botõezinhos de flores de pitanga inchando e inchando. Quando o inverno termina, assisto a um espetáculo sem igual: com o desabrochar de suas flores, a árvore fica inteirinha branca (foto: 19.1, 19.2) e me faz imaginá-la coberta de neve! Junto,

Fig. 18. Pé de couve (*Brassica oleracea*),
ao fundo, manjeriço (*Ocimum sp.*)

para o meu espanto, apareceram inúmeras espécies de abelhas (foto:20.1,20.2), para colher o néctar e o pólen das flores e ao mesmo tempo polinizá-las. Assisto ao espetáculo da dança das abelhas (em pleno centro da cidade de concreto!). Ao final desse raro espetáculo, ainda tenho, a cada primavera/verão, a felicidade de colher pitangas (foto:21), poucas, porém extraordinárias, ao lado dos frutos das amoreiras e das parreiras (fotos:22,23).

Neste mesmo espaço, pude, ainda, acompanhar uma série de postura de ovos e metamorfose de diferentes espécies de borboletas e mariposas (fotos:24,25). Pude observar as borboletas amarelinhas (*ascia monuste orseis*, depositando seus ovos nas tenras folhas de rúculas. Pude acompanhar, desenhando e

aquarelando (Fig. 1,2,3, do cap.1), as etapas do seu processo de metamorfose. Com esse acompanhamento pude adquirir conhecimentos de Biologia. Aprendi, também, que as

Fig. 19.1: Pitangueira (*Eugenia uniflora*) em flores (detalhe).

Fig.19.2.: Pitangueira (*Eugenia uniflora*) em flor

Fig.20.1

e

20.2: Abelhas

borboletas da espécie papilio apreciam as plantas de odores mais fortes. Por isso, a arruda do terraço passou a constituir um suporte para elas colocarem, com frequência, os seus ovos. Este fato permitiu-me acompanhar, por várias vezes, os processos de suas metamorfoses (fotos: 26.1, 26.2, 26.3, 26.4, 26.5, 26.6, 26.7, 26.8, 26.9, 26.10, 26.11, 26.12, 26.13, 26.14, 26.15, 26.16, 26.17) e perceber as diferenças dos padrões biológicos de uma espécie para outra. Por mais "horrendas" que as lagartas me parecessem no início, um vínculo afetivo passou a se fazer com o hábito de acompanhá-las de perto. Ao final, já as amava enormemente. Despertaram em mim um sentimento de querer protegê-las dos implacáveis acontecimentos da natureza que as colocavam tão frágeis. O que aprendi com essa vivência, certamente nunca esquecerei.

Fig.21: Fruto da pitangueira (*Eugenia uniflora*)

Fig.22: Amora (*Morus nigra*)

Pude verificar o surgimento de outros pequenos animais rastejantes e voadores (fotos:27,28), dentre eles, a proliferação de diversas pragas (fotos: 29.1,29.2), mas também o surgimento de inúmeros insetos (foto:30.1.30.2) que as devoravam, num claro indício da existência do princípio da vida e da morte. Não sei de onde eles vinham, tampouco como "tomavam conhecimento" da

existências dessas plantas, já que cada espécie de animal parecia vir exatamente ao substrato vegetal adequado a ela (o papilio, por exemplo, só deposita os ovos nas folhas de arruda), além do mais, o terraço fica no terceiro andar de um prédio que se situa no centro da cidade. Não pude classificá-los e aprofundar-me nas especificidades de cada um, mas acredito que cada um daqueles que veio parar no terraço deve ter surgido, atraído por uma configuração que certamente lhe confere um lugar segundo a especificidade do seu existir. Digo isso porque pude constatar, com a floração das plantas, que, sem nem sabermos de onde e nem como, apareceram em profusão

Fig.23.Primeiros "sinais" da fruta Uva (*Vitis sp*)

perfeita conexão existente entre a vinda das

inúmeras espécies de abelhas para colher o néctar e o pólen e polinizar as flores, cumprindo com precisão natural a parte que lhes cabe realizar para assegurar a continuidade da vida e das espécies no Planeta! Ao inocularmos um princípio de vida, outras vidas a ele relacionadas passam a se aproximar, associar, consorciar, como num processo de catalisação, engendrando um processo que leva à reconstituição do TODO!

Numa escala maior, pude verificar a conexão existente entre a dinâmica presente neste minúsculo espaço, os ciclos biológicos e os planetários. Pude perceber melhor a relação existente entre a época das chuvas e o ciclo das estações do ano e da vida das plantas. Percebi a

alimentarem-se e alimentarem a outros, e a perpetuação da espécie polinizada; entre o dar frutos e a sua propagação mediante a nutrição dos pássaros com esses frutos; entre a fertilização do solo mediante os dejetos produzidos pelos animais e a restituição, ao solo, dos minerais essenciais à fotossíntese,

Fig.24: Dione juno

Fig.25: família HesperIIDae

Fig.26: As diversas fases de metamorfose da borboleta

26.1....depositando os ovos

26.2.ovos sobre a folha de arruda

26.3. ovo maduro

26.4.nascimento da lagarta

26.5.o primeiro alimento da lagarta: a casca do ovo

26.6.....alimentando-se das folhas

26.7.desenvolvimento da lagarta:1

26.8.desenvolvimento da lagarta:2

26.9.desenvolvimento da lagarta:3

26.10.desenvolvimento da lagarta:4

26.11.desenvolvimento pleno da lagarta

26.12.sinais da forma futura,a pupa

26.13.preparando-se para transformar-se pupa

26.14.a primeira fase da pupa

26.15.pupa bem formada

26.16.borboleta em vôo livre

26.17..... rastro da antiga
condição

propiciando um novo ciclo de vida .Percebi, enfim, neste minúsculo espaço que todas as coisas são dotadas de sentido e encontram-se em relação umas com as outras: a natureza animada e inanimada, num só jogo, com as suas "regras" precisas e harmônicas. Uma amostra de ciclos em perpétuo movimento estava ali mostrando a presença da base do reestabelecimento de nova vida. Nessa experiência, presenciei novamente a expressão e afirmação da singularidade como a base que propicia a manutenção da dinâmica que mantém todos os elementos em perfeita complementaridade e conectada a uma trama e um sentido maior."

F.27:pequenos animais rastejantes...e

F.28: voadores

F.29.1.pragas

F.29.2:pragas

F.30.1.devorador de pragas

F.30.2.devorador de pragas

A partir dessa minúscula "experiência" verificável, pude constatar a existência de um código invisível mantendo todos os seres e coisas relacionados entre si numa trama, direção e sentido maior, dos quais todos nós participamos. A essa configuração que emerge do "invisível", como coagulações em torno de um modelo pré-existente e regida por um princípio que transcende o nosso entendimento, Jung deu o nome de Arquétipo em Si, e de Sincronicidade à dinâmica a ele imanente. Pude, assim, conferir a existência de um princípio que possui em si a potencialidade latente do universo, bem como o princípio da vida e da morte.

Ao refletir sobre essa trama onde cada elemento e cada movimento se ligam complementarmente a outros, pude vislumbrar a possibilidade de uma bela recuperação da natureza e do ambiente na cidade ou em qualquer outro lugar, com o desencadear, em cada ponto "morto", deteriorado ou árido do planeta, de um princípio de vida! Isso constitui, de acordo com a concepção deste trabalho, sem sombra alguma de dúvida, uma prática de Educação Ambiental.

Assim, dentre todos os conhecimentos, alegrias e descobertas que essa vivência me proporcionou, posso ressaltar, sem desqualificar as demais, que o seu ponto alto foram as observações que me permitiram conferir a existência de um princípio de vida e de morte, muito maior do que qualquer coisa que possa ser pensada, e que rege a vida como um todo, inclusive as relações e os acontecimentos da esfera do humano. É a existência, por exemplo, do positivo e do negativo; da luz e da treva; do princípio da vida que restitui e faz recompor outras vidas em direção à uma totalidade; do princípio da morte que faz recompor outras mortes, válidos tanto para a esfera da natureza como para a esfera do humano. Depreendi, pois, dessa vivência, que a natureza e a cultura se encontram profundamente relacionadas e regidas pelo mesmo princípio e que, se o modo ocidental de se obter um conhecimento é proporcionado pela Ciência, o Oriente o proporciona pela Sabedoria:

"Assim como o poder luminoso representa a vida, o poder obscuro e sombrio representa a morte. No outono, quando cai a primeira geada, o poder de escuridão e do frio começa a manifestar-se. Depois dos primeiros indícios, os sinais da morte irão se multiplicando gradualmente, até que chegue o rígido inverno com seu gelo. O mesmo acontece na vida. A decadência surge, ao início sugerida através de sinais apenas perceptíveis, para em seguida se avolumar até a chegada da dissolução final. Porém na vida podem-se tomar precauções, se houver atenção aos primeiros sinais de decadência, evitando-a a tempo" (I.Ching, p.35)"

Essa compreensão provocou-me, evidentemente, um crescimento. E crescimento significa transformação. Uma fração daquela síntese pela união dos pares de opostos, dando lugar ao novo, ocorreu-me internamente. Achei extraordinário vivenciar todos esses fenômenos, processos e insights, num minúsculo espaço em torno de 12 metros quadrados. Um simples gesto, num exíguo espaço do próprio lugar onde moramos, estudamos, trabalhamos ou passeamos nos proporciona a possibilidade dessas vivências.

Um terraço árido ou uma porção de terra inaproveitada podem ser trabalhados e transformados em fontes de saber e em espaços agradáveis e úteis. Podem constituir-se campo e materiais para aprendizados científicos, reflexões, e aportar inúmeras descobertas e insights capazes de nos levar a substancial transformação e crescimento pessoal. Um pedaço de quintal ou um terraço de apartamento podem ser transformados em espaços para se vivenciar e adquirir certos conhecimentos sobre a natureza e operar transformações no ambiente interno e externo do indivíduo.

Muitas vezes pensamos que o verdadeiro conhecimento está apenas relacionado à sua classificação, que para sabermos, por exemplo, de um animal, de uma pedra ou de uma planta basta reconhecê-los e nomeá-los adequadamente. Mas isso constitui um vício que nos impede de entrarmos em contato mais próximo e íntimo com os elementos da natureza, e de extrairmos conhecimento deles (Pujol/Nadal, 1983). É claro que precisamos saber nomeá-los, mas é primordial que o vivenciemos antes, sem esquemas

rígidos da prévia classificação científica (Pujol/Nadal, 1983).

Em se tratando de um trabalho com o entorno e a natureza, precisamos reaprender a sentir, com todo o vigor dos nossos sentidos, as coisas que se encontram ao nosso redor. Precisamos voltar a perceber os sons, as cores, os movimentos que vibram na natureza, em cada momento da observação. Precisamos reaprender a captar a beleza da plasticidade do voo de uma ave, do som e movimento de uma correnteza, da "explosão" de tons de cores das flores e folhas. Se vivermos plenamente cada experiência, mesmo que não saibamos nomear cada coisa devidamente, será difícil esquecê-las. Assim, cada lugar pode constituir-se um lugar de aprendizado e transformações. Este é o espírito da proposta deste trabalho.

Vivemos plenamente a experiência e, aos poucos, vamos entrando em contato com os seus nomes em livros, perguntando ou pedindo orientação a alguém que saiba, (no caso de alunos, aos professores, aos pais) e assim vamos adquirindo conhecimentos e completando os nossos registros. A partir de então, vamos aprofundando as observações acerca de cada elemento e discriminando as diferenças, por exemplo, entre uma planta e outra; entre um solo e outro; entre uma paisagem e outra; entre um animal e outro; entre um ambiente que provoca mal-estar e outro que proporciona bem-estar.

Apresento, a seguir, um elenco de sugestões de atividades de conhecimento, expressão e transformação do meio que podem ser experienciadas, a fim de fornecerem familiaridade com o caráter da proposta. As atividades iniciais constituem mero exercício de aquecimento dos sentidos, mas são úteis como exercícios preliminares ao desenvolvimento propriamente dito das atividades práticas de Educação Ambiental. Os demais constituem exemplo de atividades de conhecimento, expressão e transformação do meio, possíveis de serem desenvolvidas. Elas são apresentadas de uma forma genérica e sem uma estruturação rigorosa, por constituírem mera sugestão e referência. A experiência vivenciada no terraço do apartamento, relatada anteriormente, pode constituir um exemplo de detalhamento que uma dessas atividades pode ter. Entretanto, aquele que

consulta as sugestões deve, a partir delas, criar novas atividades, próprias e adequadas à sua realidade. O aprendizado deve ocorrer mediante esforço de criatividade e descoberta, espírito de pesquisa e vivência e superação das dificuldades.

SUGESTOES DE TEMAS E ATIVIDADES

Tema 1- Leitura perceptiva do entorno (sala de aula, quarto, casa, jardim)

Atividade 1.1. Percebendo, sentindo e expressando o lugar onde me encontro neste momento

É necessário criar, preliminarmente, um ambiente propício à concentração e à percepção, a fim de preparar os sentidos e o corpo; perceber, sentir e refletir requer silêncio.

Como material, bastam o lápis e o papel. Pode-se utilizar aquarela, têmpera, lápis de cor, colagem. Os registros podem ser manuscritos, datilografados, impressos, desenhados, expressos corporalmente.

- Inicialmente, começa-se observando tudo que se vê, ouve, cheira. Observa-se a estética e a higiene do lugar
- Depois relaciona-se com o ambiente e com os elementos que o compõem, tocando-os
- A partir do ponto onde a pessoa se encontra, pode-se estender a visão para o horizonte mais longínquo e colocar o sentido audição atento aos ruídos, até onde ele possa alcançar. Experimenta-se fazer o mesmo com os outros sentidos.
- Após se observar, perceber, sentir, descrever e expressar, compartilham-se com o grupo as percepções, sensações experienciadas de agradável, desagradável, belo, feio, confortável, desconfortável, salubre, insalubre.

Atividade 1.2.- Seguindo e descobrindo a origem das coisas que se encontram no ambiente.

Com a mesma idéia de preparar os sentidos e o corpo para perceber, sentir e refletir. Cria-se um ambiente propício à concentração e à percepção. Depois de algum momento de silêncio, pode-se começar a perceber e a sentir todo o ambiente e os elementos que lá estão. E depois, faz-se o exercício de "siga a rota da origem das coisas" para cada objeto, fato ou fenômeno percebido do ambiente em que a pessoa se encontra. Se for uma mesa de madeira, por exemplo, pode-se imaginar e investigar a sua origem; a espécie de madeira da qual ela foi feita; a sua forma de extração e transformação de madeira para mesa; o tipo de transporte utilizado nas sucessivas etapas até chegar ao local; a maneira como foi serrada e comercializada.

- Completa-se a experiência com pesquisas, entrevistas, estudos.

- Ordenam-se todas as observações e, depois, pode-se realizar reflexões, sentir-se a problemática, emitir opiniões, gestos, falas e relatar de forma escrita, plástica, dramática ou qualquer outra que se encontrar para se expressar o experienciado.

- Aprecia-se o conjunto dos conteúdos e expressões.

Paulatinamente vão-se introduzindo outros entornos, tais como: o corredor da escola, a escola como um todo, o quarto, o quintal da casa, o banheiro da casa. Recomenda-se ficar-se atento à diversidade e especificidade dos elementos que compõem cada entorno e ligar cada uma das partes ao todo e à origem de sua existência.

Atividade 1.3.-Seguindo e descobrindo a ligação existente entre todas as coisas

Uma série de atividades que permitem estabelecer "ligações" entre todas as coisas existentes à nossa volta podem ser elaboradas e vivenciadas. Pode-se começar a exercitar viagens rumo à origem de cada um dos elementos. Depois, fixa-se em um elemento, elegendo-se qualquer coisa que esteja à frente e começa-se a discorrer por questionamentos como: "de onde veio?", "como foi feito?", "qual foi o percurso realizado para chegar até aqui?". Após essa "brincadeira", tenta-se constituir cada etapa do seu processo de transformação até chegar às mãos do Homem. Convém começar com os elementos mais simples como:

- alimento animal: o bife que ingeri hoje no almoço.
- alimento vegetal: o refogado de escarola que acompanhou o bife no almoço.
- Vestimenta: a camiseta que estou usando.
- Objetos como lápis, caneta, cinzeiro
- Objetos como carro, casa

Descreve-se o processo de transformação de cada elemento e identificam-se as intervenções feitas pelo Homem em cada uma das etapas do seu processamento: pode-se estabelecer um ciclo do processo, nomear, descrever a origem e relatar de maneira própria e criativa.

Essas atividades também requerem pesquisa e apoio da Ciência.

Uma infinidade de atividades podem ser criadas e desenvolvidas sem que sejam condicionadas a uma determinada formação, ocupação, espaço ou instância institucional.

Tema 2-Observando, sentindo, compreendendo e expressando a natureza

2.1. Uma infinidade de atividades podem ser elaboradas a partir dessa temática. Abaixo segue um exemplo.

Quanta plasticidade, luz, som e movimentos comporta a natureza! O espetáculo é diário e

tão constante que nem o reconhecemos mais! Tentemos resgatá-lo através da observação, compreensão e representação.

Escolhe-se o lugar onde desenvolver a atividade. Lá, cada um se incumba de observar determinados elementos e aspectos da natureza. Depois, recorre a pessoas que entendem daquelas observações, tenta entender as razões de suas peculiaridades (cor, movimento, cheiro, forma, textura). Dentro de alguns dias, prepara um relatório ou uma coreografia com as observações realizadas e apresenta-o ao grupo.

No caso de uma coreografia, pode-se mostrar o movimento do mar, de uma folha, de um bicho, de uma tempestade, de uma árvore... Cada um deve representar sem o uso de palavras, mostrando o elemento observado de tal forma que os outros possam identificá-lo. Pode-se recorrer a cores e objetos para expressá-lo, o fundamental é mostrá-lo corporalmente. A cada apresentação fazem-se os comentários de todo o processo de trabalho e das observações. Aquele que representou repete o ato, comenta o que estava tentando mostrar e fornece os resultados da pesquisa realizada para compreender aquele elemento observado.

No caso de um relato, a apresentação pode ser mais detalhada em termos de dados, desde a organização, as razões da escolha do local, divisão das tarefas, observações, descobertas e conclusões a que se chegou, as sensações experimentadas (medos, alegrias, espantos, entusiasmos, tristezas, cansaços...). A forma de apresentação pode ser um simples relatório, ou ser constituída de fotos, slides, desenhos.

Tema 3-Reconhecendo ,entendendo,transformando e aprendendo com o ambiente e a natureza.

Atividade 3.1.Uma série de atividades podem ser organizadas em torno desta temática. Abaixo segue exemplo de um modo de desenvolvê-la.

A idéia, aqui, reside na observação, estudo e pesquisa do Meio e da Natureza, seguidos de transformação ou expressão dessa realidade objeto de trabalho. Fazem parte das atividades o perceber, sentir e descobrir com calma cada uma das forma, cor, odor, textura, volume, consistência, movimento, adequação ou inadequação de cada um dos elementos do campo e objeto de trabalho. Cada percepção, cada descoberta ou sensação experimentada deve ir sendo registrada ,através da escrita, do desenho, da coleta de material com a indicação do lugar onde foi encontrado, quando e em que condições foi encontrado. Detalhes como a hora, o tempo, a temperatura que fazia na ocasião da incursão na natureza, também fazem parte da atividade.

Pode-se, também, eleger um elemento dinâmico da natureza como foco de observação, e nele concentrar-se a atividade de identificação e conhecimento dos processos que estabelecem regularidades à natureza, e as inter-relações harmônicas existentes entre

os elementos que a compõem. Observam-se, estudam-se, pesquisam-se, tentam-se compreender, descobrem-se e registram-se os processos em verificação. Desenha-se, fotografa-se, grava-se, coleta-se material e faz-se um minucioso relatório. Elaboram-se hipóteses, reflexões, alia-se a teoria à prática, expressa-se o observado em forma de uma produção criativa e concreta. Esse foco pode estar centrado numa árvore, animal, parte de uma árvore. Por exemplo:

- Pode-se adotar uma planta e dar início à observação e acompanhamento das inúmeras alterações que vão ocorrendo com ela, tenta-se relacioná-las a estações do ano, época das chuvas, temperatura, luminosidade. Podem-se identificar os fatores de crescimento; descrever-se o processo de queda das folhas, florescimento, polinização, a forma de propagação da espécie. Pode-se fazer a leitura e tentar compreender as razões para que uma flor, semente ou folha tenha um determinado formato, peso, cheiro, cor. Pode-se ainda, estudar e refletir sobre todas as coisas que ela propicia para o ser humano e para as outras plantas e animais e tudo o mais que estiver relacionado com aquela planta adotada.

- Numa escala menor podem-se acompanhar as diversas fases de metamorfose das borboletas segundo as diferentes espécies.

Essas atividades específicas requerem sempre o apoio da Ciência, a aliança entre a teoria e a prática, desenvolvimento de propostas individuais de estudos e pesquisas e orientação de pessoas que entendam do assunto.

Tema 4- Leitura perceptiva do quarteirão (da casa, da escola)

Organizar-se e munir-se preliminarmente dos materiais, equipamentos, providências e atitudes necessárias à condução da atividade. Nesta atividade não é aconselhável a participação de crianças com pouca idade, pois ela requer uma certa capacidade de autodomínio, sentido espacial, nomear os elementos que compõem o meio "quarteirão", e uma certa familiaridade com os códigos do mundo externo para se poder circular com segurança e desenvoltura. Primeiro estabelecer um contato com o quarteirão como um todo. Os sentidos, lápis e caderno constituem os instrumentos de trabalho.

Começar a observar tudo o que se puder ver, sentir, ouvir, cheirar e tocar. Anotar tudo o que for observando, em forma de desenho (croquis), escrita ou gravações. Elementos dinâmicos como o tráfego, pessoas e animais também constituem elementos a serem trabalhados nesta atividade. De igual modo, são objetos de trabalho a observação e a pesquisa das personalidades locais, da disposição e tipo das edificações comerciais, industriais, e de serviços, dos espaços verdes, do solo, do tipo de vegetação existente, das áreas de lazer, etc.

Se o quarteirão se referir ao local de residência, colocar a residência daquele que realiza o trabalho, em destaque. Destacar os elementos mais significativos do quarteirão. Observar, sentir, refletir, descrever, elaborar um relatório consistente (observação detalhada, pesquisa, estudo) e expressá-lo criativamente em forma de redação, pinturas, maquetes, por intermédio do corpo.

Estabelecer um dia para apresentar os resultados, organizando-se o evento de tal maneira que todos possam mostrar os seus trabalhos. Apreciar o conjunto das expressões, ligar cada trabalho a outro e formar um mosaico. Comentar e viver cada uma das experiências. Aliar o que se observou de modo crítico a uma ação, a um gesto, por menor que seja, para a sua melhora. Tentar não ficar apenas com as constatações. Tentar fazer algo de concreto para melhorar o entorno pesquisado. A idéia é a de que todos se esforcem para aproximar o pensamento e a intenção ao gesto, num ato concreto. Pode-se estender as atividades para a praça, a rua, o bairro, a cidade, o parque, o jardim, o caminho da casa à escola, o município.

Para subsidiar a elaboração de novas atividades, apresento a seguir uma série de 10 (dez) idéias temáticas:

Tema 5: Sugestão de idéias temáticas

1. Projeto de paisagismo (no local da residência, da escola, do trabalho)
2. Percebendo e aprendendo com a natureza: observação com os sentidos e a sua expressão com o corpo.
3. A questão da limpeza e da coleta do lixo (da rua, do quarteirão, do bairro, da rua da escola)
4. O ar que respiramos na cidade: como ele está e o que posso fazer para melhorá-lo?
5. A minha alimentação: o que sei dela? Como saber e melhorá-la?
6. Conhecendo e melhorando o ambiente (da sala de aula, do quarto, da casa, do local de trabalho)
7. A ONU recomenda 12 metros quadrados de área verde por habitante: a quantas anda o verde do meu bairro, do local onde estudo? E o que posso fazer?
8. O tom da minha cidade, como ele poderia ser? Vamos percebê-lo e expressá-lo?
9. O que está ocorrendo com as nossas matas e florestas? Vamos averiguar, conhecer e vivenciar? E o que posso fazer por elas?
10. O que está ocorrendo com os animais do Pantanal e das outras Matas e Florestas? Vamos averiguar, conhecer e vivenciar. O que posso fazer por eles?

Ainda, a consulta a inúmeras literaturas sobre o assunto poderão subsidiar, orientar e apoiar a criação de novas atividades. A esse respeito considero úteis os livros de Caniato (1985), Carneiro/ Leite/ Malpique (1983), Durrel (1989), Fernandez (s/d), Matsushima (1987), Pujol/ Nadal (1983), além de outros que se encontram na Bibliografia deste trabalho.

A partir dessas sugestões e da referência o "lugar a partir do qual falamos", pode ser criada e desenvolvida uma série de atividades práticas de conhecimento, expressão e transformação do Meio.

Antes de se ir a campo, é necessário estabelecer-se com clareza o objeto do trabalho e o que se quer realizar de concreto no campo. É necessário planejar cada detalhe do trabalho com antecedência, estabelecendo-se com minúcia, o roteiro, o lugar onde se vai desenvolver o trabalho de campo, o material e contatos necessários, o momento de ir, os equipamentos necessários, os cuidados especiais a serem tomados, a pesquisa prévia que se fizer necessária, o tempo requerido para as atividades como um todo. Esse planejamento é importante, pois é a partir dele que se estabelecerão as atividades e o ritmo de cada etapa do trabalho. É bom estabelecer-se um ritmo tranquilo que dê tempo para que cada gesto possa ser realizado de modo inteiro. Nada deve ser organizado e realizado com pressa. É conveniente consultarem-se as pessoas que poderão contribuir para esse planejamento, bibliografias que venham a apoiar, auxiliar e orientar a atividade que se deseja desenvolver. As atividades poderão ser desenvolvidas individualmente ou em grupo. Nas escolas deverão transcorrer sob orientação dos educadores.

3.5. O trabalho final(Dinâmica 4)

exposição de trabalhos individuais e síntese avaliativa do processo de trabalho.

Os dois últimos dias do curso são destinados ao processo final de trabalho, constituído de dois distintos momentos. O primeiro ocorre no penúltimo dia, em que tem lugar a exposição dos resultados de trabalhos desenvolvidos por cada um dos integrantes do curso. O segundo momento ocorre no último dia do curso, quando se desenrolam os depoimentos, representações e comentários individuais sobre todo o processo vivenciado.

O intuito é o de avaliar o processo de trabalho como um todo e reafirmar as principais idéias e práticas vivenciadas. O momento dessas finalizações é, também, o momento de expressão e afirmação das singularidades individuais.

A exposição dos trabalhos possibilita socializar a produção e aplicação prático-vivencial de um conhecimento, além de provocar um enriquecimento recíproco entre os diferentes trabalhos. Ao final das exposições, forma-se um mosaico composto de diferenciados processos e resultados de trabalho, ou acabar-se por se constituir um só projeto congregando diferentes atividades.

A seguir, apresento alguns exemplos de propostas de projetos e resultados de atividades, os quais emergiram orientados a partir de certos pressupostos em Educação Ambiental, tais como: "leitura do lugar a partir do qual cada um fala"; aproximação do pensamento à fala e ao gesto; caráter exequível e criativo do projeto. Estes exemplos constituem fragmentos de resultado de experiências desenvolvidas em diversos cursos de vivência teórica e prática em Educação Ambiental, notadamente daqueles(11) onde

(11) Idem a nota(1)

melhor consegui traduzir, na prática, a ampla concepção teórica, filosófica e metodológica de trabalho:

Projeto "Tornar agradável o lugar onde moro, trabalho e estudo"

Maria*, ao proceder a escolha de uma atividade de Educação Ambiental mediante a "leitura do lugar a partir do qual fala", lembrou uma série de aspectos inerentes a si mesma e a sua vida e relatou que é "professora de Geografia e Estudos Sociais do ensino de primeiro grau, casada, mãe de 4 (quatro) filhos, esposa, mora numa vila afastada do centro, divide as tarefas domésticas com os filhos e uma empregada, não abre mão da responsabilidade e provisão da casa, mesmo que esta tarefa lhe deixe pouco tempo para os estudos e cuidados pessoais, é organizada e responsável, tem amor às coisas que faz, gosta de estar em casa e na escola, é reservada, tem bom relacionamento com vizinhos, colegas, alunos e pais de alunos, mesmo que não seja dada a visitas e "bate-papos" em torno de chimarrão."

A seguir, observou que "em qualquer uma das situações podem-se fazer pequenas ou grandes constatações diárias que merecem atenção no sentido de encontrar formas objetivas e concretas para sua melhoria. Dentre essas constatações figuram como atividades: cuidado com as roupas pessoais; uso racional da água e luz; separação, acondicionamento e colocação do lixo; limpeza da calçada; solução para o problema do lixo no terreno baldio ao lado de sua residência; limpeza e conservação da sala de aula, do pátio, de outras dependências do prédio, do uso higiênico dos banheiros, as quais podem ser transformadas em tarefa de todos e não apenas dos serventes."

A partir dessa leitura, Maria se definiu por uma proposta de trabalho com o objetivo orientado para "tornar mais agradável o local de moradia, de estudo ou de trabalho e despertar as pessoas envolvidas para o fato de que cada uma é o primeiro agente responsável por esta atuação". O seu fundamento é o de que "a solução dos grandes problemas ambientais passa primeiro pela solução das questões que se encontram próximas a cada indivíduo e na idéia de que cada um constitui agente capaz de modificar, a partir de sua própria modificação, e eliminando a idéia de que as coisas são difíceis, distantes e um problema do outro". A partir dessas colocações, propôs iniciar a prática a partir da casa, a começar pela

(*) Conforme norma de procedimento que orienta a elaboração da tese, as pessoas que figuram nos respectivos projetos ou atividades são identificadas por pseudônimos.

"separação, acondicionamento e colocação do lixo"; e da escola, começando pela "...limpeza e conservação da sala e demais dependências. Em casa, pensou em começar "...esclarecendo e orientando a separação do lixo"; e na escola, em começar tomando-a "...como um "pedaço" de sua própria casa, limpando-a por si e pelos colegas que merecem um local limpo e aproveitando as oportunidades para expandir essa idéia. "E finalmente propôs "...acompanhar e estimular, observando, discutindo e reforçando os progressos".

Atividade: "cuidado com o alimento"

Kleber, dentro da idéia de aproximar o pensamento à fala e ao gesto, e, orientado pela referência "leitura do lugar a partir do qual falamos", começou considerando que "a qualidade de vida encontra-se intimamente relacionada com a do alimento que se consome, pois este, ao ser ingerido, transforma-se em energia, e esta em trabalho, recreação." E, que "...hoje, com a alta industrialização de alimentos, estes passaram a conter grande quantidade de conservantes e produtos químicos em geral, ocorrendo o mesmo até com os alimentos não industrializados, como verduras e frutas, que hoje estão contaminadas com produtos químicos prejudiciais ao homem. A escolha dos alimentos que consumimos, frente a essa situação, tornou-se cada vez mais importante. E os integrais indicam, nesse sentido, uma melhor qualidade." Em vista disso, escolheu como atividade transformadora "...a confecção de um bolo de mel com produtos integrais tais como farinha, canela, açúcar mascavo, cravo, leite, ovos e manteiga, simples, porém de grande significado na busca de uma alimentação mais saudável.", trouxe o bolo, no último dia do curso, para ser compartilhado com todos os seus integrantes. Essa atividade, além de unir, num só ato, as considerações acerca da qualidade da atual alimentação e a tentativa de melhorar a sua qualidade, congregou em seu redor, diversos pressupostos de Educação Ambiental, trabalhados ao longo do curso. Um processo de trabalho se afirmou em idéias, e estas puderam ser transformadas em gesto, vivência, socialização e repercussão sobre os demais integrantes que partilharam do gesto.

Projeto: "Contribuição à questão ambiental a partir do trabalho consigo mesmo"

Ariete, ao definir-se por uma atividade prática de Educação Ambiental, voltou-se a um trabalho sobre si-mesma como parte do trabalho com o outro e com o entorno. Iniciou a "leitura do lugar a partir do qual falamos", refletindo: "Sou um ser humano único, formado por uma estrutura física, intelectual e espiritual em busca da felicidade, ou melhor, do caminho que possa levar a viver e conviver harmonicamente. Acredito que, como ser, devo realizar-me e contribuir sempre para a evolução do todo. Fisicamente sou formada por uma estrutura óssea, músculos, nervos, órgãos, sentidos... que me permitem a estruturação para o intelectual e espiritual. Psicologica e espiritualmente, tenho uma bagagem ainda pequena porém estou sempre curiosa e sensível em busca do aperfeiçoamento. Acredito que sou o resultado de toda a energia que consigo captar e irradiar. Acredito também que somos o resultado das opções que realizamos e que cada opção representa uma privação. Busco com muita força de vontade a perfeição porém percebo que encontro muitos entraves." A partir dessa reflexão, decidiu-se por um pré-projeto de Educação Ambiental. Ele consistiria em "ampliar a visão do mundo (cosmovisão), pessoal e familiar (...). Começaria tentando"... clarear a visão de: quem sou eu?, por que estou aqui?, como posso buscar o meu caminho, e como posso contribuir para com o Todo?", e em atuar na "...esfera pessoal e familiar". A tentativa concreta de iniciar esse processo de trabalho consistiria em "...retomar o material trabalhado, buscar mais subsídios para ampliar e aprofundar as questões trabalhadas, treinar habilidades e rever atitudes"

Atividade: "Educação Ambiental a partir de poemas e quadras"

Mariano ateve-se a um aspecto específico do curso: o da integração de linguagens que ultrapassam a fronteira da Ciência e da técnica. Utilizando-se da forma de expressão que emerge daquela região isenta de polaridade uniu num só ato, o pensamento, o gesto, a fala, a natureza, o entorno e as pessoas que freqüentam o Parque. O seu projeto consistiu na "fixação de poemas e quadras da literatura brasileira sobre o assunto, em cartazes, nos troncos das árvores do Parque da Esalq, com o intuito de

fazer com que o leitor se transportasse para um espaço transcendental e soltasse todo o seu sentimento interior, a partir de uma concepção poética do assunto. "A execução do projeto consistiu em "localizar árvores situadas em pontos estratégicos, onde a visibilidade do cartaz ficasse inevitável, fazendo com que o leitor, invadido pela curiosidade, lesse espontaneamente os poemas e quadras e absorvesse, de forma natural, com uma posterior reflexão do poema, o qual ficaria na memória, ajudado pela beleza do Parque". O processo de aproximação das pessoas e a repercussão, nelas, do gesto, não foi verificado, mas vários integrantes não puderam passar indiferentes ao fato: perceberam os cartazes fixados; o gesto foi comentado. Não se sabe como e nem por que ou por quem, "dos cartazes fixados, não restou um sequer".

Projeto: "Remoção do Lixão Localizado no Terreno Baldio da Rua Onde Moro"

Ao desembocarmos no processo de escolha de uma atividade de Educação Ambiental, Marilu decidiu-se pelo trabalho de remoção de um depósito de lixo localizado num terreno baldio na área fronteira à sua casa que afeta, tanto a si mesma, como sua família, e é passível de ser executada. Dentre os diversos papéis que desempenha na vida, desde o de ser "primeira filha de uma família de 5, casada há 24 anos, mãe de 3 (três) filhos, esposa, professora, até o de assessora da direção onde trabalha", centrou a escolha da atividade nos papéis relacionados à sua família, ao local onde mora.

O trabalho seria desenvolvido começando pela sensibilização a fim de provocar uma progressiva participação. Pensou como primeira etapa do trabalho a "distribuição de mensagens sugestivas nas casas das vizinhanças, por um período de uma semana." Numa segunda etapa em "organizar uma rodada de chimarrão no jardim de sua casa, a fim de integrar os vizinhos para discutir as ações apropriadas para a solução e a conservação da área". E, finalmente, poderia se "constituir uma "guarda" para controlar o local com os meninos e meninas daquela rua".

Projeto: "Contribuição ao Resgate da Praça de Minha Infância"

Célio, a partir de uma motivação sócio-afetiva e da vivência de um processo de aquisição de conhecimentos, tenta escolher uma atividade prática de Educação Ambiental capaz de integrar uma série de pressupostos trabalhados durante o curso. "O objeto escolhido foi uma praça situada no bairro do Cambuci, em São Paulo. Localiza-se perto do lugar onde morei na infância e moro atualmente. Quando criança, era o local de minha recreação. Hoje, é um local de passagem, quase obrigatória, para chegar a minha casa. Ao descrever a situação em que se encontra hoje, percebo que faltam árvores em lugares onde existiam anteriormente; falta grama em vários pontos da praça; há presença de plantas (*Agave* sp, *Phoenix* sp) não indicadas para o local (por ser uma praça de pequena dimensão, as crianças entram em contato com essas plantas que possuem espinhos e podem provocar ferimentos; falta uma organização paisagística; há presença de equipamentos danificados, tais como brinquedos, areias sem tanques, pérgola e bancos quebrados; falta manutenção, tais como limpeza, podas, capinas, cortes...". O significado dessa escolha recai no "envolvimento afetivo com a praça (significado emocional). E da necessidade da cidade de São Paulo de áreas verdes e, principalmente, de manter as já existentes, para minimizar os problemas que o ecossistema urbano, artificialmente sustentado, gera". A partir de então visualizou como início do trabalho: "entrar em contato com a administração regional (AR-Se) através de carta, expondo a situação da praça e pedindo medidas para esta colocar-se em sintonia com a sua função. Esta função é determinada pela Lei 7688, de 30/12/71, da própria Prefeitura do Município de São Paulo, segundo a qual: "(...) considera-se área verde de propriedade pública ou particular, delimitada pela Prefeitura com o objetivo de implantar ou preservar arborização e ajardinamento visando assegurar condições ambientais e paisagísticas, podendo ser parcialmente utilizada para a implantação de equipamentos sociais". O artigo 42 da mesma Lei enquadra a praça citada como objeto da ação: "De domínio público considera-se: a) área para recreação infantil, com ou sem, 'play-ground' e com, no mínimo, 2000 m²(...)"

Nessa atividade encontram-se contempladas as referências: "leitura do lugar a partir do qual falamos"; a exequibilidade do projeto; a unidade entre o individual e o coletivo, a vida e a ciência e a técnica.

Finalmente, para encerrar o processo de trabalho, estabelece-se um espaço, no último dia do curso, para depoimentos, representações e comentários acerca daquilo que ficou de essencial para cada indivíduo. A idéia é a de, por um lado, pontuar os aspectos tanto positivos como negativos que emergiram como significativos no decorrer do trabalho, a fim de proceder a sua avaliação e revisão. E por outro, a de averiguar o grau de compreensão, assimilações, modificações, dificuldades e crescimentos que possam ter ocorrido com cada um dos integrantes, bem como, pontuar e reafirmar os principais aspectos dos conteúdos estudados, praticados e vivenciados ao longo do curso. Isso permite constatar e "tomar pé" dos processos ocorridos tanto no universo dos integrantes do curso como daquele que o coordenou, e meditar sobre eles, o que é importante para ambos os lados.

Num clima que permita considerar os ritmos e os "jeitos" específicos de cada um, abre-se um espaço para que cada pessoa possa expressar as vivências e idéias que lhe foram mais significativas. Deve-se permitir um tempo para que cada um possa, dentro de ritmos próprios, organizar e elaborar dentro de si uma forma de comunicar-se. Não é necessário apressá-los e nem tomar a iniciativa para "quebrar o silêncio". Natural e paulatinamente, vão emergindo uma multiplicidade de diferentes apreensões e formas de expressão, desde comunicação oral a escrita e corporal. Cabe ao coordenador garantir o fluir das comunicações, estabelecer os limites, realizar as conexões entre as diferentes falas, completar as falas sem descaracterizar o sentido de cada uma delas.

O coordenador deve conduzir o trabalho de tal forma que todas as apreensões possam vir à tona com facilidade. A integração de todas as apreensões, desde resistências, dificuldades, facilidades, tristezas, frustrações, ganhos, perdas, alegrias, a espontaneidades, permite obtermos um perfil o mais completo possível do processo de trabalho desenvolvido.

As vivências e apreensões isoladas e pessoais, quando relacionadas a conceitos e pressupostos norteadores da ampla concepção, devem ser

reduzidas mediante abstração à essência e transformadas em realidades universalmente partilháveis. Isso, certamente, favorece reconhecer o estranhamento da singularidade há muito alienada e resgatá-la, do mesmo modo que permite avaliar o quanto a vivência e a prática de alguns pressupostos delineados teórica, filosófica e metodologicamente valeram ou foram compreendidos e assimilados, e reafirmá-los.

Confirmando a validade, a compreensão e a assimilação dos diversos pressupostos trabalhados ao longo do curso, tive a ocasião de verificá-los permeados em inúmeros depoimentos. Selecionei trechos de alguns, os quais apresento e passo a comentar.

Depoimentos como:

"...não sei se vocês perceberam que, com essas aulas, a gente se uniu mais, se conheceu mais... Entrosou, o grupo se entrosou. Uma das coisas que me tocou é que a turma se uniu, não ficou mais em grupos isolados... começou a falar com quem a gente não conversava antes... E não é porque o curso era intensivo, porque a gente teve tempo, mas faltava isso que ela fez. Ela fez a gente "parar", porque a gente não parava. Ia para um lado, ia para o outro e se reunia em grupinhos fechados. Acho que ela conseguiu fazer o grupo inteiro se tocar, pelo menos naquelas brincadeiras. Aquilo lá é bom, é saudável. Para mim me fez muito bem. Não sei o que os outros acharam, mas praticamente acho que todos sentiram né." (Maria, 1991);

ou

"...poucas pessoas faltaram às aulas. Era bom estar aqui. Assim de nós estarmos preocupados com o nosso corpo, com o nosso físico, aquelas aulas descontraídas... Tem duas coisas que tu deixaste e que vou levar de muito bom, que é uma coisa que se debate como é importante na nossa sociedade o Ter e não o Ser. Então para mim, sempre o Ser é que é o fundamental, mas como o Ter é assim tão presente... como é importante o ter... então há um conflito, e sinto esse conflito mesmo com os alunos que a gente sente nas salas de aula... (Mariana, 1991);

ou ainda,

"Hoje é quinta-feira!" Isso era bom. Isso ocorria com essas aulas. A gente nunca saía às 5 horas. Ficava até 18,30 horas, aí começava a arrumar a sala. Era super-prazeroso. Era um "tesão". Sempre saía com alguma coisa das sessões. Não li muitos textos mas gostei" (César, 1990)

mostram a presença de certos aspectos dos pressupostos básicos de Educação Ambiental. Eles confirmam, particularmente, a importância do desenvolvimento preliminar de ambientes e relacionamentos baseados em confiança e não assentados no autoritarismo, bem como a das atividades voltadas à integração concomitante dos trabalhos corporal e espiritual, afetivo e intelectual.

A importância dos trabalhos voltados à formação de uma Cosmovisão e concepção de Educação Ambiental aparece na fala de Anita, quando ela assim se expressa:

"No começo, levei um susto com o programa, ficou uma confusão. Mas depois o contato com o assunto foi bom. Me levou a uma melhor reflexão sobre a conduta, a transformação do homem. A questão ambiental está nos chamando cada vez mais a essa problemática, e a melhor maneira de trazer o homem a isso é por essa ótica mesma de degradação do homem, da natureza... não é uma relação meramente técnica, é também humana, pessoal.. (Anita, 1990)

A importância dada ao processo de trabalhos voltados à percepção, valorização, respeito as diferenças e singularidades individuais; à reflexão e formulação de uma visão de mundo, vida e Educação Ambiental; à coerência, como desdobramento da idéia de trabalhar a aproximação das partes cindidas a unidade, têm sua confirmação em inúmeros depoimentos, dentre os quais, neste que segue:

"Gostaria de acrescentar ainda que acho que foi bastante entrosado. Primeiro tentei anotar no caderno, no começo da aula, mas foi um impasse. Eu acho que foi muito bom... muito bom. De repente fiquei o tempo todo relacionando o que se fez aqui com a minha parte profissional e percebi o quanto é importante o que foi falado aqui de valorizar aquela bagagem, aquela experiência de vida que cada um traz, né. Aí você vê que tem alunos diferentes, que tem diferentes idades. Então é importante você valorizar o que ele é, o que ele sabe, o que ele foi juntando na vida. E, claro, resgatar isso, nunca deixar de lado isso, e acrescentar. Outra coisa que para mim foi de fundamental importância é esse tempo que nos foi dado para que a gente pudesse formular um pensamento em cima de que cada um tem um ritmo, né? Então não foi só palavra, não foi só isso, então foi vivenciado. Para mim o que foi fundamental foi essa postura, que ela não só falou coisa morta, aí uma linguagem morta, a gente sente que aquilo é vivenciado. Aquela postura, aquela coisa cheia de vida que dá sustentação." (Graça, 1991).

O depoimento abaixo, de Celina, reafirma a importância que existe em: tomar-se, num processo de trabalho, a Vida e a Ciência constituindo uma só unidade; integrar-se a variável compreensão nas práticas vivenciais e no processo de formação de idéias; ou ainda, em adotar-se a referência "lugar a partir do qual falamos" para a escolha e desenvolvimento de atividades práticas, e a idéia de se favorecer o florescimento das potencialidades inerentes a cada indivíduo:

"...de tudo isso que foi apresentado aí foi muito mais além, quer dizer, não sei se está certo colocar assim, aumentou até o nível da consciência que a gente se deu consciência das coisas, da vida...Então, para mim, foi realmente uma experiência de vida, realmente. Talvez eu não saiba por no papel, em termos de conceituação e coisa e tal, não posso falar de nada, mas eu entendi, né, realmente foi...E esse contato que realmente aconteceu, sem dúvida foi muito. E a vida, realmente, se as pessoas dessem importância de se conhecer, de se saberem, do que fazer, de pôr o pé no chão...Porque acho que o professor, claro, ele tem que ter conhecimento mas as vezes ele tem o conhecimento, mas ele se isola tanto nele de conhecer as coisas, e fica com aquela preocupação, e não interpreta essa linguagem do aluno, então fica aquela bagagem dele cada vez mais, e ele a pensar mais e mais pra ele, e aquilo termina isolando ele. Mas se ele lida com as pessoas, com os alunos e coisa e tal, fica aquela separação. Agora, o que tu fizeste, foi nos ouvir, pegar ali o caminho e conseguiu então ter posição de onde a gente estava, analisar respostas, fazer a ligação em termos do que quis colocar, então fiquei feliz nisso. Deu chão mesmo, e ao mesmo tempo que a gente como pessoa, a gente se localizou...se situou..." (Celina, 1991)

Esforços empenhados no sentido de levar `a compreensão, reflexão, calma, tem uma positiva confirmação em trechos de diversos depoimentos como:

"Trouxe uma tranquilidade." (Célio, 1990);

"Trouxe uma mudança de muita fala para uma maior introspecção. Foi bom para acalmar, estabilizar, deixando as coisas acontecerem por si só..." (Sandra, 1990).

A idéia de sentir alcançada a meta com a mera inoculação da suspeita de que o problema fundamental do Homem moderno reside na sua cisão e dificuldade em trazer as partes compartimentadas `a unidade, cuja superação

passa necessariamente pela vivência de um longo, lento e penoso processo que conduz à integração das partes, foi encontrada em depoimentos como:

"Não dá para parar aqui, já vinha percebendo, mas agora preciso procurar outros meios..." (Lúcia, 1990);

"...parece que é uma coisa que veio a... que aflorou durante toda a semana... Não é a dificuldade do texto... é que estávamos acostumados com os nossos textos e não parávamos para pensar nisso aí..." (Helena, 1991);

Certos depoimentos, como o de Dora, abaixo confirmaram-me a intenção de que o encerramento de um circuito de trabalho, simbolizado pela sessão final de depoimentos avaliativos, representava, aqui, apenas a possibilidade começar um novo circuito. Cada um dos que participaram dos trabalhos como um todo tem condições para vir a constituir-se representante do início de um novo circuito:

"Mas como disse a colega, temos uma vida pela frente. É um material que já está dando conflito na minha casa. A minha irmã quer ficar com ele para ler antes que eu, que eu vou embora hoje né, e eu quero eu ler antes... Para mim foi ótimo... Do curso ficou uma semente que foi o caminho a percorrer, a certeza, a segurança, o meu interior, a energia, a lei maior, enfim o todo e principalmente eu." (Dora, 1991)

E, finalmente, a idéia de estabelecer a compreensão e a formação de uma Concepção de Mundo, Vida e Educação Ambiental, a partir do respeito às diferenças e singularidades individuais e do entretecimento do conhecimento que se adquire através da Ciência e do Saber que se adquire mediante a vivência, foi expressa no seguinte trecho de um relato

"...você iniciou colocando e os outros todos foram colocando... Parece que foi fechando o pensamento dos outros, né. Quem falou foi realmente porta-voz, eu me senti assim. Eu já acho que todos disseram o que eu pensava também... Deu para fazer uma ponte tanto com a minha vida doméstica como com a minha vida profissional. Eu acho que há tanto a ser feito realmente no dia a dia. Realmente nesse sentido veio formar uma consciência. Acho que a gente tem que começar pela gente, pelas pessoas da família da gente, pela casa, pelo local onde a gente trabalha..." (Márcia, 1991)

Vieram inerentes aos trechos de depoimentos acima apresentados, indícios de que a forma como os cursos foram desenvolvidos, encontrou eco nos alunos e propiciou aos mesmos iniciarem-se na compreensão e vivência de uma concepção teórico-filosófica e prático-vivencial de Educação Ambiental, objeto de trabalho e proposta desta Tese. Nela explico os fundamentos dessa proposta, os seus princípios e pressupostos norteadores, bem como o método e as técnicas que se mostraram mais próximos daquilo que tenho buscado ao longo do trabalho de estudo, reflexão e verificação na prática de ensino.

Entretanto, considero importante novamente assinalar que as formulações teóricas e as práticas aqui apresentadas devem ser tomadas apenas como sugestões, referências ou material de apoio, para que cada usuário possa dele fazer uso e, a partir dele, dar início a um trabalho próprio e criativo, mantendo-se flexível a cada situação e caráter, tanto daquele que faz uso dele, como da realidade a ser trabalhada. Tornar este material um receituário ou um esquema rígido e fechado significa ir contra a própria proposta, pois tolhe e inibe as possíveis iniciativas, buscas e expressões singulares que cada indivíduo possui em si de maneira original.

A apropriação simples ou a reprodução mecânica da criação alheia, nos desterram da nossa própria memória, idéia e sentido do processo que nos conduz à liberdade de produzirmos a nós mesmos. Tornar familiar, aprofundar e ampliar o conteúdo e o sentido de cada uma das colocações aqui feitas, transportá-las à vida e inocular o germe que possa dar início à compreensão do processo que pode nos conduzir a nós mesmos no turbilhão da vida e conectar essas aquisições ao ofício de cada um, já é muito. E, nessa medida, posso considerar alcançada a principal finalidade de minha proposta. Finalidade esta que se limita, em última instância, a tocar e inocular a compreensão e a possibilidade de reprodução da idéia subjacente a esta proposta, como início de um árduo e complexo processo cujo desenvolvimento ocupa o trajeto de toda a existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o trabalho como um todo e tentar tecer as últimas considerações, deparo-me com uma enorme dificuldade de síntese e tradução daquilo que se foi formando num processo que em si reconhece apenas o que ocorre no Aqui e Agora. A mesma dificuldade com a qual me defrontei no início do trabalho repete-se no seu término. A dificuldade inerente ao primeiro momento era a da impossibilidade de estabelecer antecipadamente aquilo que só se constitui à medida que se vai revelando e, agora, a da impossibilidade de repetição, na íntegra, daquilo que só se mantém inteiro no instante de sua viva manifestação.

A essência subjacente a essas dificuldades é a questão central do método deste trabalho. Elas derivam do fato de o trabalho ter enveredado por uma perspectiva de natureza arquetípica no sentido de que, segundo Jung (1987) é inerente à natureza dos arquétipos a sua aparição na matéria formada, apenas como princípios reguladores de sua formação, ou seja, a possibilidade de reconstruir o projeto primitivo da imagem primordial, somente por conclusão, quer dizer, após o término da obra de arte. Nesse sentido, as palavras finais constituem, numa certa medida, manifestações dos conteúdos antes latentes nas palavras iniciais. Através do desdobramento dos conteúdos latentes destas, os quais foram ocorrendo ao longo do trabalho, percebo que há, nesta derradeira fase, um reconhecimento mútuo entre a forma latente e a manifesta. Este fato relativiza de certa forma a dificuldade deste momento, pois ele permite que eu finalize o trabalho discorrendo sobre alguns aspectos desse reconhecimento mútuo.

Assim, no início deste, intrigada com a persistência da inocuidade do pensamento dissociado da fala que não se transmuta em gestos transformadores da realidade, ao tentar compreender esse fenômeno encontrei, na sua base, a tendência humana à cisão entre o pensamento, a

fala e o gesto, a unilateralidade e a dificuldade em trazer as partes compartimentadas à unidade. A estreita relação existente entre essa tendência e grande parte dos problemas humanos e da violação da natureza pelo homem, fez-me tomá-la como a questão em torno da qual residia a essência do dilema contemporâneo, tornando-se, desse modo, o núcleo inicial a partir do qual o trabalho passou a nortear-se e a desenvolver-se.

Ao ir ao encalço do que me motivava a investigação, acabei deparando com o mistério mais profundo e arcaico de um universo constituído arquetipicamente. Os princípios e os arcaicos motivos de recondução das partes à unidade eram inerentes a esse plano da realidade. Nas culturas que concebem homem e cosmo como uma só unidade, eles eram integrados e vividos como a questão básica da vida, isto é, que imprime sentido à vida e permite a ela manter-se permanentemente viva e evoluir para as formas cada vez mais plenas. O processo de transmutação de um estado a outro, mediante união e síntese das partes, constituía a base de todo o funcionamento e evolução do universo. Esse processo era responsável tanto pela dinâmica da natureza como da psique. Podíamos percebê-lo, por exemplo, no processo da fotossíntese, na dinâmica dos ciclos biogeoquímicos bem como no processo da individuação e na vivência dos ritos de passagem. Portanto, a essência do problema do homem moderno residia, em última instância, no rompimento deste com os princípios inerentes a esse plano da realidade, na perda da ancestral raiz que o derivou e lhe permite manter-se em vida. Em outras palavras, residia na não integração e na não vivência dos princípios, que propiciam a renovação e o desenvolvimento harmônico do Universo. E como consequência, esse distúrbio se desdobrava no desfiguramento da natureza, como prolongamento do desfiguramento do homem unilateral. A crise com a qual nos defrontamos hoje, estava, assim, estreitamente relacionada com o afastamento do homem daquele conhecimento apreendido, integrado e vivenciado em toda sociedade portadora de uma cosmovisão que concebe homem e cosmo regidos sob um único princípio.

Uma vez clara a existência da relação entre a desconexão com esses princípios e o dilema contemporâneo, não tinha como deixar de situar o trabalho de Educação Ambiental dentro de uma perspectiva holística e arquetípica. Não era mais possível tratar uma questão tão grave e essencial como a da violação, de modo velado, dos princípios que regem a possibilidade de sobrevivência e de existência de toda a vida no Planeta, sem integrar esse conhecimento e direcionar o esforço, na tentativa de harmonizar o trabalho com eles.

Entretanto, justamente aí passavam a se instalar grandes dificuldades. A primeira, oriunda da ausência, na nossa sociedade, de familiaridade com esse universo de princípios, os quais, banidos dos seus diversos campos de atuação, aparecem estranhos e incompreensíveis aos olhos do profano, regido pelos princípios da unilateralidade.

Depois, a dificuldade de tradução e transmissão daquilo que se vai formando nas miríades do Aqui e Agora, ao se pretender constituir um método de trabalho. A persistente advertência para que o produto deste trabalho venha a se constituir apenas num exemplo de uma experiência possível e subsídio à criação e transformação de novas experiências dotadas de vida própria representou um esforço voltado para tentar minimizar o problema que a utilização mecânica do método provoca.

A grandeza, profundidade e complexidade desse outro plano da realidade eram tamanhas que pude reconhecer a minha micróscopica dimensão. No nível deste trabalho, poderia, quando muito, apenas resvalar o mistério desse incomensurável Universo. Mas, ao mesmo tempo, o encontro com o conhecimento desse Universo acabou adquirindo, para mim, um significado tão profundo e abrangente que passou a ultrapassar, consideravelmente, o cumprimento da exigência acadêmica. O intuito de estabelecer a compreensão daquelas questões implicadas na idéia inicial para depois encontrar os fundamentos de uma prática de Educação Ambiental acabou se transformando na busca de princípios norteadores de minha própria vida e da questão universal da relação homem/natureza. Mas isto, longe de supor

que eu tenha adquirido conhecimento e sabedoria necessários para tratar de uma questão tão profunda, ampla e complexa, significou a impossibilidade de deixar de situar a Educação Ambiental no campo que permita realizar essa ampla compreensão. Assim, estabeleci alguns limites das possibilidades tangíveis e nela circunscrevi a sua compreensão bem como as articulações entre os diversos conhecimentos que implicavam essa ótica de trabalho. Mesmo com essa delimitação, resvalava com os limites do humano diante da perfeição desse Universo. Reafirmar o caráter incompleto do trabalho e tentar estabelecer alguma medida concreta foi um esforço voltado para minimizar as deficiências. Desse modo, tentei organizar a bibliografia consultada, segundo a sua utilização em cada um dos itens dos capítulos, a fim de facilitar a complementação de cada um dos assuntos tratados.

Aliar o conhecimento teórico à prática de Educação Ambiental era uma outra necessidade implícita à idéia inicial. O intuito desta era compreender aqueles fenômenos em torno dos quais julgava residir o problema fundamental do homem moderno e, portanto, da civilização e do ambiente, a fim de constituir amplos e sólidos fundamentos e retornar ao campo de Educação Ambiental alicerçada em princípios e pressupostos que me permitissem situar e nortear os seus trabalhos teórico-prático-vivenciais. Diante da complexidade da questão que passei a abordar, esse intuito limitou-se à elaboração de pressupostos básicos em Educação Ambiental dentro de uma visão arquetípica e holística e à tentativa de integrar, ao lado do trabalho de formação teórico-filosófica, algumas atividades prático-vivenciais que de certa forma me pareciam favorecer a aproximação das partes compartmentadas do homem e o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental exequíveis e transformadoras. Mas, em momento algum, julguei que elas viessem representar a superação de um problema tão universal e secular como o da divisão do homem entre o consciente e o inconsciente. Isto constitui tarefa de especialistas para a qual não me encontro, de forma alguma, apta. A minha intenção residiu em

apenas resvalar na realidade do fenômeno da divisão presente em cada um de nós, a partir do meu campo específico de atuação. Nesse sentido, percebi, permeados nos projetos, atividades e depoimentos individuais que emergiam no decorrer do desenvolvimento de cursos de Educação Ambiental por mim ministrados que, centrando o processo de trabalho dentro dessa perspectiva, a "verdade" mais arcaica, calada na profunda natureza de cada Ser, era sutilmente tocada. Tomei esses indícios como expressão das finalidades imprimidas inicialmente no trabalho. Entretanto, considerei-os apenas sinais dos germes iniciais de algo que em si é inerente à vida inteira. Portanto, o circuito que aqui chega a um termo evoca a imagem de um círculo semi-aberto em espiral, significando com isso que um percurso que neste momento se encerra representa apenas o início de uma outra etapa de trabalho, este entendido como o do indivíduo sobre si-mesmo, em relação ao outro e ao entorno, cujo cultivo e amadurecimento para as formas cada vez mais ampliadas e aprofundadas constitui trabalho da existência inteira.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Os livros e artigos aqui consultados encontram-se organizados em ordem alfabética e segundo a sua utilização em cada um dos itens dos capítulos do presente trabalho. Este critério foi adotado em vista daquela referência que imprime ao trabalho o caráter de "não esgotado, tanto quanto a sua extensão como quanto a sua profundidade", expresso no capítulo I, para assim facilitar a complementação, a ampliação e o aprofundamento de cada uma das colocações feitas, aqueles que tenham interesse em realizá-los.

CAPITULO I. INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

1. História do percurso de uma "aventura arquetípica"

Da perspectiva multi e interdisciplinar à arquetípica

01. **AIKIDO** Jornal da Associação Central de Aikido, São Paulo, Ano I, nº 2, Fevereiro/89.
02. BORGES, J.L. (1953) **História da Eternidade** (tradução de Carmen Cirne Lima), Rio de Janeiro, Globo, 3ª ed., s/d, 110p.
03. CAMPBELL, J. (1988) **O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
04. CAPRA, F. (1975/83) **O TAO da Física** (tradução de José Fernandes Dias), São Paulo, Cultrix, 1984, 260p.
05. DI VILLADORATA, M.N. (1973) **Aikido** (tradução de Micheline Christophe), Rio de Janeiro, Record, s/d, 214p.
06. GONÇALVES, R.M. (org.) **Textos Budistas e Zen Budistas**, São Paulo, Cultrix, 2ª ed, s/d, 238p.
07. HEIDEGGER, M. (1969) **O Fim da Filosofia ou a Questão do Pensamento** (tradução de Ernildo Stein) São Paulo, Duas cidades, 1972, 111p.
08. ——— **Conferências e Escritos Filosóficos** (tradução de Ernildo Stein), São Paulo, Abril Cultural, 1979, 302p.
09. HOLANDA FERREIRA, A.B. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ª ed, 16ª impressão, 1986, 1838p.
10. **I CHING** (1956) **O Livro das Mutações** (tradução do chinês para o alemão, de Richard Wilhelm e de Alayde Mutzenbecher e Gustavo A. C. Pinto para o português), São Paulo, Pensamento, 1983, 527p.
11. JACOBI, J. (1957) **Complexo, Arquétipo, Símbolo na Psicologia de C.G. Jung** (tradução de Margit Martincic), São Paulo, Cultrix, s/d, 170p.
12. JUNG, C.G. (1974a) **Presente e Futuro** (tradução de Márcia de Sá Cavalcante), Petrópolis,

Vozes, 1988a, 56p.

13. _____ (1971a) **O Espírito na Arte e na Ciência** (tradução de Maria de Moraes Barros), Petrópolis, Vozes, 2ª ed., 1987, 140p.
14. _____ (1971b) **Sincronicidade** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 3ª ed., 1988c, p109.
15. _____ (1971e) **O Eu e o Inconsciente** (tradução de Dora Ferreira da Silva), Petrópolis, Vozes, 8ª ed., 1990, 166p.
16. _____ (1971c) **A Dinâmica do Inconsciente** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 1984a, 588p.
17. _____ (1964) **O Homem e seus Símbolos** (tradução de Maria Lúcia Pinho), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987, 316p.
18. JUNQUEIRA, C. **Os Índios de Iapavú**, São Paulo, Atica, 1979, 3ª ed. 111p.
19. LAO TSE (s/d) **Tao te king, o livro do sentido e da vida** (tradução e Introdução de Norberto de Paula Lima), São Paulo, Hemus, 1983, 181p.
20. MATSUSHIMA, K. **"Projeto de Educação Ambiental para o Ensino de I Grau"**, São Paulo, Cetesb, publicação apostilada, 1984.
21. _____ (et alii) **"Educação Ambiental: guia do professor de I e II graus"**, São Paulo, SMA/Cetesb (edição piloto), 1987, 288p.
22. _____ (coord.) **"Programa de Educação Ambiental"**, São Paulo, Cetesb, publicação apostilada, 1983.
23. _____ **"Propostas Alternativas de Projetos de Educação Ambiental nas Escolas"**, São Paulo, Cetesb, publicação apostilada, 1984.
24. NORMAND, H. (1985) **Os Mestres do TAO, Lao-Tzu/Lie-Tzu/Chuang-Tzu** (tradução de Maria Stela Gonçalves), São Paulo, Pensamento, s/d, 188p.
25. ODUM, P. E. (1963) **Ecologia** (tradução de Kurt G. Hell), São Paulo, Pioneira, 1977, 3ª ed., 201p.
26. PIAGET, J. (1964) **A Formação do Símbolo na Criança** (tradução de Alvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica), Rio de Janeiro, Zahar, 3ª ed., 1978, 370p.
27. SAOTOME, M. **Aikido: Nature et Harmonie**, Paris, Sedirep, 1985.
28. **Tendências de la educación ambiental** (1977), Mayenne, Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 2ª ed., 1979, 275p.
29. TOHEI, K. **Ki Sayings**, Tokyo, Ki no Kenkyukai H.Q. (The Ki Society), 1973, 21p.
30. VON FRANZ, M. L. (1964) **O Processo de Individuação**, Jung, C. G. (Org.), O Homem e seus Símbolos (tradução de Maria Lúcia Pinho), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987, 316p.

2. A Propósito do Sujeito e do Objeto na Ciência

01. BONO, E. **Ecologia e Política à Luz do TAO**, Rio de Janeiro, Record, 1982, 413p.

02. BYINGTON, C. A Ciência Simbólica, Epistemologia e Arquétipo. Uma síntese holística da busca do conhecimento objetivo e esotérico, **Junguiana**, 1987, 5, 5-23
03. HEIDEGGER, M. (1969) **O Fim da Filosofia ou a Questão do Pensamento** (tradução de Ernildo Stein) São Paulo, Duas Cidades, 1972, 111p.
04. HOLANDA FERREIRA, A.B. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ªed, 16ª impressão, 1986, 1838p.
05. JUNG, C.G. (1971a) **O Espírito na Arte e na Ciência** (tradução de Maria de Moraes Barros), Petrópolis, Vozes, 2ªed., 1987, 140p.
06. _____ (1971c) **A Dinâmica do Inconsciente** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 1984a, 588p.
07. _____ e WILHELM, R. (1971d) **O Segredo da Flor de Ouro, Um Livro de Vícios Chinês** (tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy), Petrópolis, 2ªed., 1984b, 142p.
08. LAO-TSE (s/d) **Tao Te King, o livro que revela Deus** (tradução e notas de Huber Rohden), São Paulo, Alvorada, 6ª ed. ilustrada, 1987, 203p.
09. MEZAN, R. (1982) **Sigmund FREUD, A Conquista do Proibido**, São Paulo, Brasiliense, 3ªed., 1983, 116p.
10. TORRANO, J. **Teogonia, A Origem dos Deuses** (estudo e tradução do Hesíodo) São Paulo, Roswitha Kempf, 1986, 160p.
11. VON FRANZ, M.L. (1980) **Alquimia, Introdução ao Simbolismo e à Psicologia** (tradução de Alvaro Cabral), São Paulo, Cultrix, s/d, 248p.

CAPITULO II. COSMOVISAO E ECOLOGIA

a unidade entre a Natureza, o Homem e a Cultura

1. Preliminares

01. BORGES, J.L. (1953) **História da Eternidade** (tradução de Carmen Cirne Lima), Rio de Janeiro, Globo, 3ªed., s/d, 110p.
02. CAMPBELL, J. (1988) **O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
03. JUNG, C.G. e WILHELM, R. (1971d) **O Segredo da Flor de Ouro, Um Livro de Vícios Chinês** (tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy), Petrópolis, 2ªed., 1984b, 142p.

2.0 plano da realidade atemporal, isento de dualidade

01. BORGES, J.L. (1953) **História da Eternidade** (tradução de Carmen Cirne Lima), Rio de Janeiro, Globo, 3ªed., s/d, 110p.
02. CAPRA, F. (1975/83) **O TAO da Física** (tradução de José Fernandes Dias), São Paulo,

Cultrix, 1984, 260p.

03. HOLANDA FERREIRA, A.B. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Botafogo, Nova Fronteira, 2ªed, 16ª impressão, 1986, 1838p.
04. **I CHING** (1956) **O Livro das Mutações** (tradução do chinês para o alemão, de Richard Wilhelm e de Alayde Mutzenbecher e Gustavo A. C. Pinto para o português), São Paulo, Pensamento, 1983, 527p.
05. JUNG, C.G. (1971a) **O Espírito na Arte e na Ciência** (tradução de Maria de Moraes Barros), Petrópolis, Vozes, 2ªed., 1987, 140p.
06. _____ (1971c) **A Dinâmica do Inconsciente** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 1984a, 588p.
07. LAO TSE (s/d) **Tao te king, o livro do sentido e da vida** (tradução e Introdução de Norberto de Paula Lima), São Paulo, Hemus, 1983, 181p.
08. NORMAND, H. (1985) **Os Mestres do TAO, Lao-Tzu/Lie-Tzu/Chuang-Tzu** (tradução de Maria Stela Gonçalves), São Paulo, Pensamento, s/d, 188p.
09. **OS UPANISHADES—A sabedoria espiritual e a imaginação romântica dos Hindus** (Tradução, da versão inglesa, de Inês Busse), Portugal, Europa-América, s/d, 115p.
10. RIFKIN J. e HOWARD T. (1980) **Entropy: A New World View**, USA, Bantam, 1981, 297p

3. A descida da energia original ao domínio temporal

01. CAMPBELL, J. (1988) **O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
02. LAO TSE (s/d) **Tao te king, o livro do sentido e da vida** (tradução e Introdução de Norberto de Paula Lima), São Paulo, Hemus, 1983, 181p.
03. NORMAND, H. (1985) **Os Mestres do TAO, Lao-Tzu/Lie-Tzu/Chuang-Tzu** (tradução de Maria Stela Gonçalves), São Paulo, Pensamento, s/d, 188p.
04. JUNG, C.G. e WILHELM, R. (1971d) **O Segredo da Flor de Ouro, Um Livro de Vida Chinês** (tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy), Petrópolis, 2ªed., 1984b, 142p.

4. Da potencialidade latente à forma manifesta

01. CAMPBELL, J. (1988) **O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
02. **I CHING** (1956) **O Livro das Mutações** (tradução do chinês para o alemão, de Richard Wilhelm e de Alayde Mutzenbecher e Gustavo A. C. Pinto para o português), São Paulo, Pensamento, 1983, 527p.
03. JACOBI, J. (1957) **Complexo, Arquétipo, Símbolo na Psicologia de C.G. Jung** (tradução de Margit Martincic) São Paulo, Cultrix, s/d, 170p.
04. JUNG, C.G. (1974b) **Aspectos do Drama Contemporâneo** (tradução de Márcia C. de Sá

Cavalcante), Petrópolis, Vozes, 1988, 96p.

05. MATSUSHIMA K. et al. **"Educação Ambiental: guia do professor de I e II graus"**, São Paulo, SMA/Cetesb (edição piloto), 1987, 288p.
06. PIAGET, J. (1964) **A Formação do Símbolo na Criança** (tradução de Alvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica), Rio de Janeiro, Zahar, 3ª ed., 1978, 370p.
07. RAMADE, F. (1974) **Eléments D'Ecologie Appliquée**, Paris, McGraw-Hill, 1976, 522p.

5.0 masculino e o feminino, o mais arcaico par de opostos complementares

01. I CHING (1956) **O Livro das Mutações** (tradução do chinês para o alemão, de Richard Wilhelm e de Alayde Mutzenbecher e Gustavo A. C. Pinto para o português), São Paulo, Pensamento, 1983, 527p.
02. JUNG, C.G. (1973) **Símbolos da Transformação** (tradução de Eva Stern), Petrópolis, Vozes, 1989, 2ª ed., vol. V, 544p.
03. NORMAND, H. (1985) **Os Mestres do TAO, Lao-Tzu/Lie-Tzu/Chuang-Tzu** (tradução de Maria Stela Gonçalves), São Paulo, Pensamento, s/d, 188p.
04. RAMADE, F. (1974) **Eléments D'Ecologie Appliquée**, Paris, McGraw-Hill, 1976, 522p.
05. RODRIGUES S.A. **Destruição e Equilíbrio: o homem e o ambiente no espaço e no tempo**, São Paulo, Atual, 1989.

6. Função transcendente, mutação e epigenesia: princípios básicos do desenvolvimento

01. I CHING (1956) **O Livro das Mutações** (tradução do chinês para o alemão, de Richard Wilhelm e de Alayde Mutzenbecher e Gustavo A. C. Pinto para o português), São Paulo, Pensamento, 1983, 527p.
02. JUNG, C.G. (1971c) **A Dinâmica do Inconsciente** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 1984a, 588p.
03. _____ (1971e) **O Eu e o Inconsciente** (tradução de Dora Ferreira da Silva), Petrópolis, Vozes, 8ª ed., 1990, 166p.
04. NORMAND, H. (1985) **Os Mestres do TAO, Lao-Tzu/Lie-Tzu/Chuang-Tzu** (tradução de Maria Stela Gonçalves), São Paulo, Pensamento, s/d, 188p.
05. ODUM, P.E. (1963) **Ecologia** (tradução de Kurt G. Hell), São Paulo, Pioneira, 1977, 3ª ed., 201p.
06. PIAGET, J. (1964) **A Formação do Símbolo na Criança** (tradução de Alvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica), Rio de Janeiro, Zahar, 3ª ed., 1978, 370p.

7. A plenificação da singularidade: sucessão ecológica e individuação

01. JUNG, C.G. e WILHELM, R. (1971d) **O Segredo da Flor de Ouro, Um Livro de Vida Chinês** (tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy), Petrópolis, 2ª ed., 1984b, 142p.

02. KLEIN, R.M. Ecologia da Flora e Vegetação do Vale do Itajaí, in, **Sellowia**, 1980, 32, 163-389
03. Matisse, H. Il faut regarder toute la vie avec des yeux d'enfants, **Unesco**, 1953, 10, vol.VI.
04. ODUM, P.E. (1963) **Ecologia** (tradução de Kurt G.Hell), São Paulo, Pioneira, 1977, 3ª e d., 201p
05. PIAGET, J. (1964) **A Formação do Símbolo na Criança** (tradução de Alvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica), Rio de Janeiro, Zahar, 3ªed., 1978, 370p.
06. RAMADE, F. (1974) **Eléments D'Ecologie Appliquée**, Paris, McGraw-Hill, 1976, 522p.

8. Reciclagem e retorno `a origem: a chave dos desdobramentos da vida a partir da mesma quantidade de energia e matéria.

01. CHARBONNEAU, J.P. et al. (1977) **Enciclopédia de Ecologia**, São Paulo, E.P.U./Edusp, 1979, 479p.
02. JUNG, C.G. e WILHELM, R. (1971d) **O Segredo da Flor de Ouro, Um Livro de Vida Chinês** (tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy), Petrópolis, 2ªed., 1984b, 142p.
03. MATSUSHIMA K. et al. **Educação Ambiental: guia do professor de 1º e 2º graus**, São Paulo, SMA/CETESB, 1987.
04. NORMAND, H. (1985) **Os Mestres do TAO, Lao-Tzu/Lie-Tzu/Chuang-Tzu** (tradução de Maria Stela Gonçalves), São Paulo, Pensamento, s/d, 188p.
05. ODUM, P.E. (1963) **Ecologia** (tradução de Kurt G.Hell), São Paulo, Pioneira, 1977, 3ª e d., 201p
06. OMS, **Criteres de Qualité de l'Air et Indices Relatives aux Polluants de l'Atmosphere Urbaine**, Geneve, OMS, Rapport nº506, 1972.
07. RAMADE, F. **Ecotoxicologie**, Paris, Masson, 1977, 205p.
08. _____ (1974) **Eléments D'Ecologie Appliquée**, Paris, McGraw-Hill, 1976, 522p.
09. SHIMIZU G.Y. The Water, Die Wasser, L'Eau, L'Acqua, La Agua, A Agua, in, **Informe Agro-ecológico**, 1991, 2, 2-5
10. SUPREN, **Recursos Naturais, Meio Ambiente e Poluição**, Rio de Janeiro, SUPREN, vol.VII, 1977, 458p.
11. TUNDISI, J.G. (coord.). **Glossário de Termos Usuais Em Ecologia**, São Paulo ACIESP, 1980, 159p.
12. Apontamentos das disciplinas do curso de pós-graduação em Ciências do Meio Ambiente: Lycence Spéciale Interfacultaire en Environnement, Bruxelles, ULB- Université Libre de Bruxelles, 1977-1979 (Matérias: Eléments Constitutifs de l'Environnement Physique (prof. Picciotto); Eléments Constituants d'Environnement Animal (prof. Deligne); Les Organismes-Evolution du Vivant (prof. Van Mol); Population (prof. Pastels); L'Ecosysteme (prof. Geloux); Méthodes et Techniques de Combat et Prévention aux Polluants (prof. Wollast)

9. "Consciência", o dado mais recente da vida

01. BRUNA, J. **Teatro Grego** (seleção, introdução, notas e tradução direta do grego), São Paulo, Cultrix, s/d, 189p.
02. CAMPBELL, J. (1988) **O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
03. GURDJIEFF, G.I. (1974) - **Encontro com Homens Notáveis, série De Todo e de Todas as Coisas** (tradução de Eleonora Leitão de Carvalho) São Paulo, Pensamento, s/d, 296p.
04. HILLMAN, J. (1978) **Estudos de Psicologia Arquetípica** (tradução de Pedro Ratis e Silva) Rio de Janeiro, Achiamé, 1981, 234p.
05. JAFFÉ, A. (1983) - **O Mito do Significado na obra de C.G. Jung** (tradução de Daniel Camarinha da Silva e Dulce Helena Pimentel da Silva), São Paulo, Cultrix, 1986, 171p.
06. JUNG, C.G. (1971e) **O Eu e o Inconsciente** (tradução de Dora Ferreira da Silva), Petrópolis, Vozes, 8ª ed., 1990, 166p.
07. MEZAN, R. (1982) **Sigmund FREUD, A Conquista do Proibido**, São Paulo, Brasiliense, 3ª ed., 1983, 116p.

10. Imagens das miríades de ciclos de transmutações

01. BORGES, J.L. (1953) **História da Eternidade** (tradução de Carmen Cirne Lima), Rio de Janeiro, Globo, 3ª ed., s/d, 110p.
02. CAMPBELL, J. (1988) **O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
03. JUNG, C.G. e WILHELM, R. (1971d) **O Segredo da Flor de Ouro, Um Livro de Vida Chinês** (tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy), Petrópolis, 2ª ed., 1984b, 142p.
04. _____ (1964) **O Homem e seus Símbolos** (tradução de Maria Lúcia Pinho), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987, 316p.
05. _____ (1961) **Memórias, Sonhos, Reflexões** (tradução de Dora Ferreira da Silva), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984c, 6ª ed., 360p.
06. MONTEIRO, I. **Walt Whitman: Profeta da Liberdade**, São Paulo, Martin Claret, 1984, 253p.
07. NORMAND, H. (1985) **Os Mestres do TAO, Lao-Tzu/Lie-Tzu/Chuang-Tzu** (tradução de Maria Stela Gonçalves), São Paulo, Pensamento, s/d, 188p.
08. PERES, C.A. **Costs and Benefits of Territorial Defense in Golden Lion Tamarins, *Leontopithecus rosalia***, University Of Florida, USA, 1986, 134p.
09. VON FRANZ, M.L. (1980) **Alquimia, Introdução ao Simbolismo e à Psicologia** (tradução de Alvaro Cabral), São Paulo, Cultrix, s/d, 248p.

10. **BÍBLIA SAGRADA** (1982) - Tradutores diversos, Petrópolis, Vozes, 11ª ed., 1985, 1548p.
11. **A DOCTRINA DE BUDA** (1966) - Tokyo, Bukkyo Dendo Kyokai, 3ª ed., 1982, 609p.
12. **HOLANDA FERREIRA, A.B. Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Botafogo, Nova Fronteira, 2ª ed., 16ª impressão, 1986, 1838p.

CAPÍTULO III. DILEMA CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

1. Preliminares

01. **JUNG, C.G. (1974b) Aspectos do Drama Contemporâneo** (tradução de Márcia C. de Sá Cavalcante), Petrópolis, Vozes, 1988b, 96p.
02. _____ (1974a) **Presente e Futuro** (tradução de Márcia de Sá Cavalcante), Petrópolis, Vozes, 1988a, 56p.

2. Universo humano de miragens e conceito de Educação Ambiental

01. **CAMPBELL, J. (1988) O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
02. **CAMPOS H. (Org.) Ideograma** (tradução de Heloysa de Lima Dantas), São Paulo, Cultrix, 1986, p. 155.
03. **HALL, C.S. e NORDBY, V.J. Introdução à Psicologia Junguiana** (tradução de Heloysa de Lima Dantas), São Paulo, Cultrix, s/d, 122p.
04. **I CHING (1956) O Livro das Mutações** (tradução do chinês para o alemão, de Richard Wilhelm e de Alayde Mutzenbecher e Gustavo A. C. Pinto para o português), São Paulo, Pensamento, 1983, 527p.
05. **JACOBI, J. (1957) Complexo, Arquétipo, Símbolo na Psicologia de C.G. Jung** (tradução de Margit Martincic), São Paulo, Cultrix, s/d, 170p.
06. **JUNG, C.G. (1974a) Presente e Futuro** (tradução de Márcia de Sá Cavalcante), Petrópolis, Vozes, 1988a, 56p.
07. _____ e **WILHELM, R. (1971d) O Segredo da Flor de Ouro, Um Livro de Vida Chinês** (tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy), Petrópolis, 2ª ed., 1984b, 142p.
08. _____ (1971c) **A Dinâmica do Inconsciente** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 1984, 588p.
09. **NORMAND, H. (1985) Os Mestres do TAO, Lao-Tzu/Lie-Tzu/Chuang-Tzu** (tradução de Maria Stela Gonçalves), São Paulo, Pensamento, s/d, 188p.

3.0 "lugar" a partir do qual "fala" o Homem moderno e o "lugar" a partir do qual se propõe a fazer Educação Ambiental

01. **CAMPBELL, J. (1988) O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.

02. GURDJIEFF, G.I. (1974) - **Encontro com Homens Notáveis**, série De Todo e de Todas as Coisas (tradução de Eleonora Leitão de Carvalho) São Paulo, Pensamento, s/d, 296p.
03. JUNG, C.G. (1974a) **Presente e Futuro** (tradução de Márcia de Sá Cavalcante), Petrópolis, Vozes, 1988a, 56p.
04. _____ (1971c) **A Dinâmica do Inconsciente** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 1984, 588p.
05. JUNQUEIRA, C. **Os Índios de Iapuvu**, São Paulo, Atica, 1979, 3ª ed. 111p.
06. MONTEIRO, I. **Walt Whitman: Profeta da Liberdade**, São Paulo, Martin Claret, 1984, 253p.

4. Individuação como contraponto ao dilema contemporâneo e Educação Ambiental

01. JUNG, C.G. (1974a) **Presente e Futuro** (tradução de Márcia de Sá Cavalcante), Petrópolis, Vozes, 1988a, 56p.
02. _____ (1971e) **O Eu e o Inconsciente** (tradução de Dora Ferreira da Silva), Petrópolis, Vozes, 8ª ed., 1990, 166p.
03. _____ e WILHELM, R. (1971d) **O Segredo da Flor de Ouro, Um Livro de Vida Chinês** (tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy), Petrópolis, 2ª ed., 1984b, 142p.
04. _____ (1971c) **A Dinâmica do Inconsciente** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 1984, 588p.

5. Aspectos do dilema contemporâneo e referências básicas em Educação Ambiental

01. CAMPBELL, J. (1988) **O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
02. CARNEIRO, A., LEITE, E., MALPIQUE, M. **O Espaço Pedagógico: 1.ª casa/o caminho da casa-escola/a escola**, Porto/Portugal, Afrontamento, 1983, 233p.
03. MATSUSHIMA K. et al, **Educação Ambiental: guia do professor de 1ª e 2ª graus**, São Paulo, SMA/CETESB, 1987

CAPÍTULO IV. VIVÊNCIA E PRÁTICA DE UMA CONCEPÇÃO TEÓRICO-FILOSÓFICA proposta de um sistema de trabalho de formação em Educação Ambiental

1. Preliminares

01. SPOLIN V. (1963) **Improvisação Para o Teatro** (tradução de Ingrid Dormien Koudela), São Paulo, Perspectiva, 1987, 349p.

2.0 Sistema de Trabalho

01. SPOLIN Y. (1963) **Improvisação Para o Teatro** (tradução de Ingrid Dormien Koudela), São Paulo, Perspectiva, 1987, 349p.

3. Desenvolvimento das Etapas e Processos de Trabalho de Formação em Educação Ambiental

3.1.0 Trabalho Preliminar: estabelecimento de ambiente e relacionamentos baseados em confiança e não assentados em autoritarismo e poder

01. I CHING (1956) **O Livro das Mutações** (tradução do chinês para o alemão, de Richard Wilhelm e de Alayde Mutzenbecher e Gustavo A. C. Pinto para o português), São Paulo, Pensamento, 1983, 527p.
02. SPOLIN Y. (1963) **Improvisação Para o Teatro** (tradução de Ingrid Dormien Koudela), São Paulo, Perspectiva, 1987, 349p.

3.2. Dinâmica 1: Formação Teórico-Filosófica: A passagem da perspectiva multidisciplinar à arquetípica e holística; O papel do sujeito e do objeto no Ciência; Cosmovisão e Ecologia; Dilema Contemporâneo e Concepção de Educação Ambiental

01. CAMPBELL, J. (1988) **O Poder do Mito** (tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo, Palas Athena, 1990, 242p.
02. JUNG, C.G. (1964) **O Homem e seus Símbolos** (tradução de Maria Lúcia Pinho), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987, 316p.
03. VON FRANZ, M.L. (1964) **O Processo de Individuação**, Jung, C.G. (Org.), O Homem e seus Símbolos (tradução de Maria Lúcia Pinho), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

3.3. Dinâmica 2: Atividades de aquecimento, percepção sensorial, corporal e ambiental

01. CANÇADO, J. DO-IN, **Livro dos primeiros socorros**, São Paulo, Ground, 1ª vol., 27ª ed, 1991, 125p.
02. DI VILLADORATA, M. N. - **Aikido**, Rio de Janeiro, Record, s/d, 214p.
03. FUX, M. - **Dança, Experiência de Vida**, São Paulo, Summus, 1983, 142p.
04. ALEXANDER, G. **Eutonia, um caminho para a percepção corporal**, São Paulo, Martins Fontes, 1983, 196p.
05. KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**, São Paulo, Perspectiva, 1984, 155p.
06. MATISSE, H. Il faut regarder toute la vie avec des yeux d'enfants, **Unesco**, 1953, 10, vol. VI.
07. Mc MINN, RMH et al **Esqueleto humano**, São Paulo, Manole, 1987, 9p.
08. MIRANDA, N. - 200 jogos infantis, 10ª ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1987, 294p.
09. MONTAGU, A. **Tocar, o significado humano da pele**, São Paulo Summus, 1988, 427p.

10. PIAGET, J. (1964) **A Formação do Símbolo na Criança** (tradução de Alvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica), Rio de Janeiro, Zahar, 3ª ed., 1978, 370p.
11. SPOLIN, Y. - **Improvisação para o teatro**, São Paulo, Perspectiva, 349p.
12. TOHEI, K. - **Ki sayings**, The ki Society, Tokyo/Japan, 1973, 21p
13. _____ (1978) - **Le Ki dans la vie quotidienne** (traduction Bernard Duban et André Larein) - Paris, Maisnie, 1983, 158p.

3.4. Dinâmica 3: Atividades de conhecimento, expressão e transformação do meio

01. CANIATO, R. **Projeto de Ciência Integrada: Textos e Atividades**, 2ª ed. vol. 1, **A Terra em que Vivemos**, Campinas, Papirus, 1985, 72p.
02. CARNEIRO, A., LEITE, E., MALPIQUE, M. **O Espaço Pedagógico: 1.a casa/o caminho da casa-escola/a escola**, Porto/Portugal, Afrontamento, 1983, 233p
03. MORGAN, R. **Enciclopédia das Ervas e Plantas Medicinais** (Colaboração e adaptação Silvia Branco Sarzana). São Paulo, Hemus, s/d, 555p.
04. DURRELL, G., DURRELL, L. - **O naturalista amador**, São Paulo, Martins Fontes, 2ª ed., 1989, 314p.
05. **Enciclopédia de Plantas e Flores**, São Paulo, Abril Cultural, 2ª ed., 1972, 204p.
06. FERNANDEZ, CASTANON et al - **Proyecto Experimental - Area Ciências de la Naturaleza**, Espanha, PEAC, p. 176.
07. JOLY, A.B. - **Botânica**, São Paulo, Nacional/Edusp, 1975, 777p.
08. JUNG, C.G. (1971e) **O Eu e o Inconsciente** (tradução de Dora Ferreira da Silva), Petrópolis, Vozes, 8ª ed., 1990, 166p.
09. _____ (1971c) **A Dinâmica do Inconsciente** (tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB), Petrópolis, Vozes, 1984a, 588p.
10. MATSUSHIMA K. et al, **Educação Ambiental: guia do professor de 1º e 2º graus**, São Paulo, SMA/CETESB, 1987.
11. PACINI A., MASINI G. - **SOS Para o Planeta Terra**, Salamandra, 4ª ed., 1978, 48p.
12. PUJOL, J. & NADAL, M. - **Cuadernos de la naturaleza**, V. 1, 2, 3, Barcelona, Blume, 1983.
13. MIDDAS. **Sara Middas South of France, a Sketch Book**, New York, Workman, 1990, 148p.

3.5. Dinâmica 4: Trabalho Final: exposição de trabalhos individuais e síntese avaliativa do processo de trabalho

CONSIDERAÇÕES FINAIS

01. JUNG, C.G. (1964) **O Homem e seus Símbolos** (tradução de Maria Lúcia Pinho), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987, 316p.